

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

HENRIQUE CARVALHO FIGUEREDO

**A FILOSOFIA DA HISTÓRIA EM ARTHUR C. CLARKE: UMA
RELAÇÃO SINGULAR COM O TEMPO HISTÓRICO NO ÂMAGO DA
ERA ESPACIAL (1951-1962)**

Belo Horizonte

2023

Henrique Carvalho Figueredo

**A FILOSOFIA DA HISTÓRIA EM ARTHUR C. CLARKE: UMA
RELAÇÃO SINGULAR COM O TEMPO HISTÓRICO NO ÂMAGO DA
ERA ESPACIAL (1951-1962)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: Ciência e Cultura na História.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Attila Marcelino.

Belo Horizonte

2023

907.2 Figueredo, Henrique Carvalho.
F475f A filosofia da história em Arthur C. Clarke [manuscrito] :
2023 uma relação singular com o tempo histórico no âmago da era
 espacial (1951-1962) / Henrique Carvalho Figueredo. - 2023.
 216 f.
 Orientador: Douglas Attila Marcelino.

 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
 Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
 Inclui bibliografia.

 1.História – Teses. 2. Clarke, Arthur Charles, 1917-2008.
 3.História – Filosofia - Teses. I. Marcelino, Douglas Attila.
 II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de
 Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

"A filosofia da história em Arthur C. Clarke: uma relação singular com o tempo histórico no âmago da era espacial (1951-1962)"

Henrique Carvalho Figueredo

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Prof. Dr. Douglas Attila Marcelino - Orientador
UFMG

Profa. Dra. Aline Magalhaes Pinto
UFMG

Prof. Dr. Henrique Estrada Rodrigues
PUC-Rio

Belo Horizonte, 16 de março de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Aline Magalhaes Pinto, Professora do Magistério Superior**, em 17/03/2023, às 14:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Douglas Attila Marcelino, Professor do Magistério Superior**, em 18/03/2023, às 09:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Henrique Estrada Rodrigues, Usuário Externo**, em 20/03/2023, às 12:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2126814** e o código CRC **9656DE4B**.

AGRADECIMENTOS

Simultaneamente ao começo dessa longa trajetória que agora se encerra, se iniciou também algo muito mais importante e duradouro, a relação com o amor da minha vida, a mulher que deu sentido a todos os meus esforços, Ana Cristina. Seria injusto citar o nome de qualquer pessoa aqui antes de falar de você. Te agradeço, portanto, porque sem você, meu bem, todo o sofrimento até aqui seria em vão, pois eu não poderia realizar agora o que nesse processo se mostrou meu grande objetivo, viver ao seu lado. Seu senso de humor, seu apoio, seu carinho e seu amor me mantiveram forte até aqui. É um privilégio dividir a vida com você. Te amo mais que tudo, muito obrigado.

Devo muito também a meu orientador, Douglas. Seu cuidado, apoio, gentileza e paciência desde nossos primeiros contatos ainda na graduação me deram confiança para não ter medo de errar, não desistir mesmo quando a ideia dessa pesquisa era só uma vaga intuição. Eu não poderia ter tido um orientador mais brilhante e preparado que você.

Também não poderia ter chegado tão longe sem meus filhos, Totoro e Hannah, que me despertaram diariamente uma felicidade tão genuína, um amor tão grande, que jamais pensei ser possível sentir por seres tão pequenos.

Agradeço também aos professores Henrique Estrada e Aline Magalhães, por terem aceito participar da minha banca. A contribuição de vocês na qualificação foi crucial para os rumos deste trabalho. Gostaria de citar também a importância de todos os meus professores da graduação, os quais em maior ou menor grau, eu devo o desenvolvimento das minhas ideias. Os alunos do curso de História têm muita sorte de tê-los à disposição.

É fundamental fazer menção a FUMP, que durante os meus dias na graduação forneceu um apoio financeiro sem o qual essa dissertação não existiria, pois eu nem mesmo teria me formado. A UFMG como uma universidade pública com o apoio dessa instituição garantiu minha inclusão no ambiente acadêmico.

Sou eternamente grato aos muitos amigos que acompanharam e compartilharam tantos momentos nesse longo caminho, iniciado oito anos atrás. Quando cheguei em Belo Horizonte aos 18 anos para cursar História, eu não tinha ninguém com quem contar, e vocês me acolheram. Nunca me esquecerei disso. Davi, Lucas, Gabriel Schunk, Karina, Vanessa, João Batista, Mateus e Carol, vocês são parte importante dessa dissertação.

Não poderia esquecer de forma nenhuma da pessoa que me incentivou no momento em que eu mais precisava de um rumo. Talvez você não saiba, mas sem o seu apoio, Gustavo, eu nunca teria conseguido fazer faculdade. Você foi, é, e sempre será meu amigo mais importante, um irmão a mais que a vida me presenteou.

Por fim, gostaria de agradecer a minha família, que deu um suporte essencial, sem o qual eu não teria tido nenhuma chance. Especialmente minha mãe, Ilenilda, que teve uma vida muito dura para garantir que não faltasse nada em nossa casa. Não foi fácil, mas toda a força que eu tenho hoje para prosseguir apesar de tudo, eu devo a você. Dedico essa dissertação também a minha irmã, Stefânia, que além de ter me dado todo o amor que podia, sendo uma segunda mãe, foi a primeira pessoa a acreditar na minha inteligência.

Muito obrigado a todos vocês!

Quanto mais radical é a rejeição de tudo o que veio antes, maior é a dependência relativamente ao passado.
(Paul Connerton, Como as sociedades recordam. 1999)

Acima do Centro da Terra, passei pelo Sétimo Portão e sentei-me no Trono de Saturno. (Edward Fitzgerald – O Rubáiyát de Omar Khayyám)

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de análise a escrita ficcional e não ficcional de Arthur C. Clarke, mais especificamente aquela produzida entre o início de sua carreira e o início da Corrida Espacial (1951-1962). Buscamos examinar a possível existência de uma filosofia da história disposta ao longo da produção textual que constituía o projeto político e intelectual desse escritor em um contexto que singularizava suas ideias. Para tal, analisamos as obras *The Exploration of Space* (1951), *Prelude to Space* (1951), *The City and the Stars* (1956) e *Profiles of the Future: An Inquiry into the Limits of the Possible* (1962). Nas fontes selecionadas, alguns elementos narrativos - comumente presentes no modo como as filosofias da história da modernidade elaboraram o tempo histórico - foram mapeados a partir de uma preocupação com a persistência da relação com o tempo histórico sustentada pela filosofia do progresso, identificada de forma ressignificada no período estudado. Elementos como uma concepção de história, de finalidade histórica, de dinâmica histórica, de motor da história, de natureza humana, de agência histórica e de presente, passado e futuro, guiaram a presente investigação. Analisamos como esses elementos foram apropriados por Clarke a partir das especificidades de seu contexto linguístico e social. Para isso, relacionamos a atuação intelectual do autor com as características da expressão de suas ideias em cada obra, levando em conta a inserção social de cada uma e seu tipo. Obtivemos assim, uma imagem historicizada da produção discursiva de Clarke que revela a tradição de elaboração do tempo histórico a qual ele deu vazão ao propor seu projeto, apesar de suas intenções verbalizadas. Tal projeto, a partir dos recursos linguísticos disponíveis e das demandas sociais de seu contexto, visou uma transformação do mundo que, em sua tradução discursiva, expressou uma filosofia da história otimista e cientificista da humanidade.

Palavras-chave: Arthur C. Clarke; Filosofia da História; Progresso; Futuro; Conquista do Espaço.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the fictional and non-fictional writing of Arthur C. Clarke, more specifically that produced between the beginning of his career and the beginning of the Space Race (1951-1962). We seek to examine the possible existence of a philosophy of history arranged throughout the textual production that constituted this writer's political and intellectual project in a context that singled out his ideas. To this end, we analyze the works *The Exploration of Space* (1951), *Prelude to Space* (1951), *The City and the Stars* (1956) and *Profiles of the Future: An Inquiry into the Limits of the Possible* (1962). In the selected sources, some narrative elements - commonly present in the way in which the philosophies of the history of modernity elaborated historical time - were mapped out based on a concern with the persistence of the relationship with historical time sustained by the philosophy of progress, identified in a new way in the studied period. Elements such as a conception of history, historical purpose, historical dynamics, the engine of history, human nature, historical agency and the present, past and future, guided the present investigation. We analyze how these elements were appropriated by Clarke based on the specificities of his linguistic and social context. For this, we relate the author's intellectual performance with the characteristics of the expression of his ideas in each work, taking into account the social insertion of each one and its type. We thus obtained a historicized image of Clarke's discursive production that reveals the tradition of elaboration of historical time which he gave vent to when proposing his project, despite his verbalized intentions. Such a project, based on the available linguistic resources and the social demands of its context, aimed at a transformation of the world that, in its discursive translation, expressed an optimistic and scientific philosophy of humanity's history.

Keywords: Arthur C. Clarke; Philosophy of History; Progress; Future; Conquest of Space.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo I - A formação intelectual primária	
Início da trajetória	28
Quadrinhos e revistas	31
Olaf Stapledon e David Lasser	36
A construção de um escritor	40
A Guerra	44
A Associação Interplanetária Britânica	47
A ficção	59
Ficção científica	64
Capítulo II - O projeto político e intelectual	
Astrocultura e astrofuturismo	74
O Contextualismo Linguístico e seus limites	78
As primeiras publicações importantes	85
A Exploração do Espaço	91
Os meios e os fins	97
Prelúdio ao espaço	103
Os construtores do futuro e o historiador	114
Capítulo III - A elaboração do tempo histórico	
As filosofias da história	121
Parte final de <i>Prelude to Space</i>	139
Arnold Toynbee	143
A Cidade e as Estrelas	154
Depois da cidade, as estrelas	165
Capítulo IV - O futuro a qualquer custo	
Perfil do Futuro	173
O Renascimento histórico	183
Considerações Finais	196
Bibliografia	211

Introdução

Arthur Charles Clarke (1917–2008), nascido nas redondezas de Minehead na Inglaterra, é reconhecido como um dos maiores escritores de ficção científica da história, junto a nomes como H. G. Wells, Júlio Verne, Isaac Asimov, entre outros. Durante seus 91 anos de vida, Clarke publicou por volta de 100 livros, vendendo milhões de cópias mundo afora, principalmente nos Estados Unidos e no Reino Unido. Suas publicações foram numerosas e de tipos variados, principalmente ficção científica, mas também literatura de divulgação científica, ensaios, artigos científicos e muitas outras obras não ficcionais de difícil categorização. Clarke, além de ter sido um dos mais importantes escritores do gênero, também era um cientista, ainda que não de carreira. Em 1934, já era membro da *British Interplanetary Society*¹ e, em 1948, se formou com honras em física e matemática no *King's College* de Londres.

Antes disso, em 1945, Clarke publicou um artigo intitulado *Extraterrestrial Relays*, no qual estabeleceu os princípios da comunicação via satélite de órbita geoestacionária (TEIXEIRA, 2010, P. 42). Essa realização foi levada a cabo somente 20 anos depois, sendo a base para o funcionamento dos televisores atualmente.² Enquanto isso, o autor inglês já escrevia ficções científicas, tendo publicado de forma mais relevante nas décadas de 1950 e 1960. Nesse período, ocorria a Corrida Espacial, que decorreu de 1957 com o lançamento do *Sputnik 1*, até 1975, com o projeto cooperativo entre os EUA e a URSS, denominado *Apollo-Soyuz*. Esse período foi crucial para a atuação intelectual desse escritor e para o recorte temporal desta pesquisa. Do lado norte americano, Clarke, que já publicava textos sobre exploração espacial desde 1946, começou, em 1969, a participar ativamente também das transmissões das missões Apollo pela emissora de TV CBS. Além disso, com sua produção, o escritor difundiu fortemente a ciência e o sonho espacial para seus leitores de ficção, instigando, por exemplo, engenheiros e físicos, “atraídos para essas carreiras em parte por serem entusiastas da ficção científica” (SOUZA, 2006, p. 19).

¹ A Sociedade Interplanetária Britânica, fundada em Liverpool em 1933 por Philip E. Cleator, é a mais antiga organização de defesa das questões relacionadas ao espaço no mundo. Seu objetivo é apoiar e promover a astronáutica e a exploração espacial.

² Mesmo sem a patente da invenção, em 1982, Clarke ganhou o prêmio Marconi, o maior prêmio da área de comunicações. Além disso, hoje em dia, a órbita de 42.000 quilômetros de altura em que ficam esses satélites é chamada de Órbita Clarke.

Essa faceta educativa e inspiradora, que influenciou as carreiras de muitos escritores de ficção científica e ajudou na construção do gênero de modo mais geral, foi marcante em boa parte da história dessa literatura. No caso de Clarke, como explicou Robert Poole, havia algo além disso, um objetivo como intelectual que evoluiu para um projeto de “‘construir uma filosofia da astronáutica’ que iria indicar ao público as implicações da viagem espacial” (2012, p. 4).³ Desde o começo de sua trajetória como escritor, no final da década de 1940, ele buscava construir em suas zonas de influência uma corrente de pensamento em prol de um objetivo central: a “conquista do espaço”. Desde seus primeiros escritos publicados, essa meta era considerada uma continuidade natural da dinâmica da história humana (CLARKE, 1959, p. 37). Seu trabalho como divulgador científico passava, portanto, pela capacidade de se colocar e expor seus escritos como não meramente ficcionais para um público que em grande parte identificava a ficção científica à falsidade, algo comum para outros tipos de ficção também, mas muito forte entre aqueles que cresceram lendo as histórias de *cowboys* espaciais e *Flash Gordon*, entre outros. Por isso, Clarke demonstrou durante sua carreira uma certa insistência na importância de seus escritos serem instrutivos e cientificamente confiáveis.

Sua atuação intelectual como divulgador científico foi tão relevante que, por grande parte de sua carreira na ficção científica, Clarke foi mais conhecido como presidente da *British Interplanetary Society*⁴ do que como escritor, mesmo com todas as suas publicações de ficção nas décadas de 1950 e 1960. O livro *The Exploration of Space* (1951),⁵ por exemplo, um livro técnico de divulgação científica sobre a astronáutica, que não é uma das obras mais famosas do autor, vendeu mais de 375 mil cópias somente nos EUA, sendo traduzido para oito línguas além do português, o que indica o amplo alcance de Clarke escrevendo obras não ficcionais.⁶ E, como se sabe, sua ficção teve ampla difusão social principalmente nos EUA e na Inglaterra, sobretudo após o lançamento do livro e do filme *2001: A Space Odyssey* (1968).

Dessa época até o começo da década de 1950, quando Clarke começou a publicar ficção em grande quantidade, muitas histórias repetiam fórmulas de aventuras de outros gêneros, como o *western* ou o romance policial, apenas substituindo os aspectos desses

³ Tradução minha: “was ‘to construct a philosophy of astronautics’ which would foster public awareness of the implications of space travel.”

⁴ Essa organização será referida como BIS muitas vezes na dissertação, visando uma maior fluidez em algumas partes da escrita.

⁵ Essa obra será referida durante toda a dissertação por seu nome em português, *A Exploração do Espaço*, oriundo da tradução de 1959 do livro.

⁶ Esses dados foram retirados da edição de 1959 da editora Edições Melhoramentos e, portanto, provavelmente indicam números menores do que de fato foi o alcance desse livro.

gêneros pelas características dessa literatura. A ficção científica de Arthur Clarke, assim como alguns outros representantes da *hard Science fiction*, possuía uma linguagem clara e didática e não poupava o leitor de uma fundamentação cuidadosa e conceitualmente detalhada de artefatos e fenômenos que aparecem em suas histórias. A *hard science fiction* “pressupõe a existência de um universo ordenado, cujas leis são constantes e passíveis de descoberta”, isto é, um tipo de literatura que se propõe como limitada pelo rigor da ciência (ALLEN, 1976, p. 21). O gênero da ficção científica sempre foi utilizado como forma de examinar a relação entre ciência, tecnologia e sociedade, tanto como fonte inspiradora que orienta a direção do desenvolvimento científico, quanto como forma de popularização e divulgação de ideias científicas.

Normalmente, as ideias de Clarke, presentes em obras ficcionais ou não, foram vinculadas ao campo da divulgação científica, do qual ele de fato fazia parte (SOUZA, 2006, p. 19), ou interpretadas como expressões utópicas (NUNES, 2012, p. 3), o que não deixa de ser verdade também. A ficção científica como gênero sempre abarcou um conjunto diversificado de ideias que ganharam grande atenção, normalmente em detrimento do desenvolvimento minucioso de personagens. Além disso, muitas interpretações, arvoradas na conceituação de Roland Barthes sobre mitologia, leem a ficção científica como uma espécie de “Mitologia Moderna” (TEIXEIRA, 2010, P. 59), devido ao caráter da elaboração das tramas. Contudo, para além dessas visões, e especificamente no caso de Clarke, identificamos também, entremeada em todo o seu trabalho intelectual e político, um tipo de filosofia da história não sistematizada e, muitas vezes, subjacente ou camuflada em seu pensamento. Em seus numerosos trabalhos, Clarke lidou com diversos assuntos de ordem técnica, sobretudo acerca da astronáutica,⁷ assim como as tradicionais tópicos da ficção científica, como “viagens no tempo, telepatia, dimensões paralelas, alienígenas, teletransporte, inteligências artificiais” (TEIXEIRA, 2010, P. 46), entre outras. No entanto, diferentemente dos outros escritores de ficção científica de sua época - a chamada *Golden Age*⁸ - Clarke produzia a maioria de suas obras, ficcionais ou não, em torno de uma questão fundamental: o sentido da trajetória humana.

Como apontam Rabkin (1977), Reid (1997) e Marigny (2005), é um traço de suas obras que a humanidade seja um objeto central de preocupação e que uma certa

⁷ Ciência que trata da construção e operação de veículos projetados para viajar no espaço interplanetário ou interestelar.

⁸ A *Golden Age* foi o período no qual o gênero conquistou o reconhecimento da crítica, abrindo espaço no mercado e explorando seu potencial como plataforma para a expressão de ideias. (TEIXEIRA, 2010, p. 20).

ambiguidade de uma evolução humana ao mesmo tempo racional e mítica seja um dos temas centrais. (PIASSI, 2011, p. 8).

Mesmo que os autores da *Golden Age* em geral enxergassem o futuro e o progresso como sinônimos, entendendo a história como uma flecha que corta o tempo em direção ao progresso humano (TEIXEIRA, 2010, P. 32), Clarke parece ter ido além, o que suscitou o interesse em pesquisá-lo separadamente. Por detrás do que aparenta ser um futurismo ingênuo, reside uma metanarrativa disposta de forma intertextual em várias obras desse escritor, composta por muitos elementos básicos do que se identifica como filosofias da história clássicas, ressignificados em um diferente formato. Não é novidade a afiliação da ficção científica ao utopismo tecnológico que Howard Segal identificou como uma característica persistente do pensamento norte-americano (SEGAL, 1985, p. 4). Entretanto, defendemos existir uma construção intelectual mais elaborada no pensamento de Clarke, mais precisamente descrita como uma filosofia da história. Ela consiste em uma teleologia científicista e otimista da humanidade, que identifica e impõe um sentido metafísico e histórico para a existência da espécie humana na conquista do espaço, isto é, a saída da Terra, a viagem interplanetária, a colonização de outros mundos e, potencialmente, a viagem intergaláctica. Essa metanarrativa colocava esse *telos* como um guia reconhecível à humanidade como espécie por estar inscrito no imaginário da era espacial, engendrando a partir dele uma concepção de natureza humana, de dinâmica histórica, de leis do devir, e uma clara ideia de história identificada à ideologia do progresso e desdobrada como uma narrativa totalizante e teleológica por Clarke.

Os elementos que compõem essa metanarrativa estão dispostos nas fontes selecionadas de formas diferentes, de acordo com a obra e seu tipo. Alguns deles, inclusive, são identificáveis vez ou outra em outros autores do gênero, mas em Clarke ganham coesão, pois são expressos como elementos centrais de um projeto político e intelectual. Os quatro livros estudados nessa dissertação, de formas diferentes, expressam essa coesão, assim como diversos outros textos do autor de épocas variadas que não puderam ser usados como fontes aqui. Quando as tópicos comuns da ficção científica apareceram em suas obras, algo esperado, elas giraram em torno desse cerne de seu trabalho, que, quando dissecado com atenção como tentamos fazer nessa pesquisa e à luz da abordagem teórica escolhida, revela diversos elementos comuns com narrativas entendidas como filosofias da história. O principal e mais destacado é sempre a conquista do espaço, o *telos* defendido por Clarke, a finalidade histórica em torno da qual se organizam quase todas as narrativas do autor e, portanto, os elementos

supracitados. Curiosamente, por mais que tenha publicamente admitido em vários momentos a enorme influência de Arnold Toynbee em seu pensamento, Clarke jamais entendeu produzir algo semelhante a uma filosofia da história como fez Toynbee.⁹ Até porque, como explica Poole (2012) em seu artigo, Clarke se apropriou e ressignificou diversas referências, historiográficas, filosóficas e ficcionais. E, quando se referia à história intencionalmente, demonstrava ter um entendimento rudimentar sobre ela. O que ele de fato achava estar fazendo era outra coisa, algo conectado ao futuro, que não teria relação com uma disciplina aparentemente responsável pelo passado.

O fio condutor do trabalho com as fontes selecionadas foram esses elementos de filosofia da história entremeados nos textos ficcionais e não ficcionais de Clarke, que eram parte central do grande trabalho que o autor tinha como intelectual, ramificado para além da escrita em uma série de tarefas, práticas e aparições públicas em diversos espaços. Essa forma de olhar ressignificou várias incoerências da tradicional interpretação historiográfica sobre a essa literatura centrada no conceito de astrofuturismo (que abordaremos no início do capítulo 2), usado para explicar os arredores intelectuais da Corrida Espacial. Ao se tentar explicar um movimento histórico complexo a partir das ferramentas teóricas derivadas desse conceito, generalizou-se o trabalho de muitos autores de ficção científica no afã de classificação e explicação de fenômenos que possuem raízes e ramificações muito mais complicadas. Nosso trabalho de pesquisa nos mostrou que, com isso, se deixou escapar conexões históricas sutis, mas também cruciais entre as expressões do genericamente denominado astrofuturismo. E, como pretendemos mostrar com o trabalho com Clarke, se ignorou a relevância da filosofia da história e da ideologia do progresso que sustenta no Ocidente a relação moderna com o tempo histórico que, no contexto estudado, era elaborada de uma forma única a partir da expectativa da chegada de uma era espacial e da necessidade de superação da experiência histórica recente da Segunda Guerra Mundial. Poole, em seu artigo, por exemplo, identificou e especificou claramente esses elementos de filosofia da história a partir da análise do texto *The Challenge of the Spaceship* (1946) de Clarke, mas não conseguiu ir além da chave interpretativa do astrofuturismo. Além disso, não conseguiu enxergar como Clarke se diferenciou do pessimismo de autores como Toynbee, que o influenciou.

A abordagem intertextual escolhida para essa dissertação, além de permitir acesso a uma maior variedade de elementos para entender o pensamento do autor, revelou como o trabalho como escritor, no âmbito ficcional ou não, era uma feição do projeto intelectual e

⁹ Toynbee foi um historiador britânico, cuja principal obra, *Um Estudo de História*, examina, em doze volumes, o processo de nascimento, crescimento e queda das civilizações sob uma perspectiva global.

político de Clarke. Não uma decorrência desse projeto, como se ele usasse a ficção em função de propósitos ocultos, mas uma coisa só, um todo que não era diferenciado pelo autor e não será compartimentado aqui nesta dissertação. Não raramente, o autor fazia questão de alertar sobre qualquer incongruência entre seu projeto e sua escrita, que naturalmente divergiu em diversas ocasiões de sua atuação intelectual. Sua escrita ficcional, sobretudo, era mais fluida que suas ideias centrais, e seu conteúdo era naturalmente afetado pela questão editorial. Clarke publicava sempre que podia onde fosse possível, por isso, teve quase cem publicações. No livro *Childhood's End* (1956), uma das primeiras obras ficcionais de Clarke a ganhar grande destaque, ele contou uma história na qual a humanidade não era apta a conquistar o espaço. O autor então fez questão de ressaltar no prefácio como não acreditava na ideia central do livro, isto é, a impossibilidade de a humanidade conquistar o espaço, que ele considerava uma meta evolutiva da espécie. Como bom escritor de ficção científica, ele não descartaria um texto interessante porque vai contra suas convicções, apesar de Clarke realmente ter considerado essa opção no caso citado. Levaremos isso em conta, portanto, quando abordarmos não só textos ficcionais e não ficcionais, mas também a atuação do autor nos diversos ambientes que frequentava como intelectual.

Para abarcar a complexidade e a extensão do trabalho intelectual de Clarke em prol de seu projeto, selecionamos fontes que permitem entender a consolidação de sua carreira antes da ficção científica, seu início na ficção, sua primeira ficção com um valor literário destacado, e uma produção de difícil categorização, que transita entre gêneros e compila suas ideias. Essas quatro obras, *The Exploration of Space* (1951), *Prelude to Space* (1951), *The City and the Stars* (1956) e *Profiles of the Future: An Inquiry into the Limits of the Possible* (1962), nos permitem percorrer mais de uma década de carreira de Clarke coincidente com a antessala da Corrida Espacial e seu início. Ou seja, de 1951 até 1962. Mas, claro, abordaremos, mesmo que rapidamente, o período anterior à primeira obra que analisaremos a fim de contextualização. O foco, porém, estará na primeira década, isto é, no período de consolidação social do que até então não passava de um sonho de alguns poucos apaixonados pela astronáutica ao redor do mundo. Chegaremos ainda à última das quatro obras, publicada onze anos depois da primeira delas. Isso nos permite captar alguma evolução ou continuidade do pensamento do autor e, ao mesmo tempo, entender o desenvolvimento da sensibilidade social em torno do sonho espacial nesse curto, mas “acelerado” período. O recorte temporal, portanto, foi definido pelas fontes e pelo significado que elas tinham contextualmente, ou seja, como parte fundamental de um projeto intelectual e político no qual sabidamente Clarke se engajou de modo efetivo.

O principal fator de seleção dessas fontes foi a coesão programática entre elas e a multiplicidade de elementos distintos que, juntos, fornecem material para o estudo do que entendemos ser uma metanarrativa disposta por várias obras de Clarke, com grande reincidência de ideias, jargões, artimanhas retóricas¹⁰ e formatos de expressão na ficção e fora dela. A hipótese dessa dissertação é que, através do trabalho de Clarke, se expressou de forma ressignificada, sob diferentes padrões discursivos e estéticos, uma maneira de elaborar o tempo histórico típica das filosofias da história que engendraram a ideologia do progresso. E, diferentemente de outros intelectuais propulsores da Corrida Espacial, sobretudo escritores de ficção científica que expressaram em suas ideias um tipo de relação com o tempo histórico similar como resultado do substrato cultural do próprio gênero ou do astrofuturismo, em Clarke isso era o seu projeto em si. Havia, além da reincidência de ideias, uma complementaridade e uma organização diferenciadas na escrita do autor. Contudo, para explicar o sentido dessa proposição, se faz necessário trabalhar aspectos singulares da formação intelectual de Clarke no período anterior à Segunda Guerra Mundial na Inglaterra. Clarke foi um intelectual com uma formação multifacetada, tendo, desde muito cedo adentrado no mundo da ficção científica, que também muito cedo, o fez ingressar na *British Interplanetary Society* (BIS).

A partir daí, seu caminho se cruzou com os mais diversos tipos de intelectuais, como por exemplo C. S. Lewis,¹¹ que possuía ideias quase opostas às de Clarke, ou Werner Von Braun,¹² que o fez ter acesso aos altos escalões da institucionalidade que fez a Corrida Espacial ocorrer do lado norte-americano. Além disso, seus primeiros contatos com a ficção científica e com a divulgação científica, que eram muito fortes na Inglaterra no período, foram cruciais para a sedimentação e evolução de várias das ideias que ele repetidamente proferiu. Lidaremos com a ficção científica de Olaf Stapledon, fundamental na solidificação de suas noções de tempo e espécie, e no tocante à separação entre história humana e história natural. Também trabalharemos com a influência das revistas *pulp* americanas que chegavam à

¹⁰ No capítulo II explicaremos a concepção de retórica que sustenta nossa abordagem. Podemos adiantar que não se tratou de uma leitura instrumental da retórica, que equipara propaganda a enganação, uso performativo da linguagem a descrença nas ideias.

¹¹ C. S. Lewis foi um professor universitário, escritor, romancista, poeta, crítico literário, ensaísta e teólogo irlandês. Ele ficou conhecido por seus trabalhos envolvendo a apologia cristã, incluindo as obras *O Problema do Sofrimento* (1940), *Milagres* (1947) e *Cristianismo Puro e Simples* (1952), e a ficção e a fantasia, como as obras *As Crônicas de Nárnia* (1950-56), *Cartas de um diabo ao seu aprendiz* (1942) e *Trilogia Espacial* (1938-45).

¹² Wernher Magnus Maximilian von Braun era amigo de Arthur C. Clarke. Foi um engenheiro alemão e uma das principais figuras no desenvolvimento do foguete V-2 na Alemanha Nazista e do foguete Saturno V nos Estados Unidos. Para saber mais sobre a relação de Clarke e Von Braun, ler: SKOGERBOE, D. S. *The Godfather of Satellites: Arthur C. Clarke and the Battle for Narrative Space in the Popular Culture of Spaceflight, 1945-1995*. 2020. Dissertação de Mestrado.

Inglaterra, fundamentais para sua introjeção no universo de pensamento otimista dessa literatura nos EUA, e abordaremos sua experiência trabalhando com telecomunicações na guerra, que fortificou ainda mais sua crença no progresso, tendo como mote a tecnologia. Essas referências e momentos foram todos fundamentais na construção de um perfil de personalidade de alguém não somente interessado em ser escritor, mas sobretudo obcecado por construir um determinado futuro, que ele via ao alcance de suas ações. A primeira parte do primeiro capítulo, portanto, se deterá nesse período e nessas referências intelectuais mais sutis, que direcionaram o seu desenvolvimento como intelectual no período posterior à guerra. Esse foi o momento em que Clarke expandiu suas possibilidades ao sair do seu nicho, entrando em contato com estímulos intelectuais diversos e mais complexos.

Na segunda parte do primeiro capítulo, a análise se ampliará, tanto temporalmente quanto metodologicamente. Faremos uma abordagem do período pós-guerra de Clarke, buscando uma explicação sobre a inserção do autor nesse contexto em aspectos que, em um primeiro olhar, pouco envolveriam suas obras publicadas, mas que, ao ajudarem na compreensão do que representava a figura pública de Arthur C. Clarke em sua atuação no seio da cultura histórica da Corrida Espacial, também se relacionam com sua escrita. Clarke, por exemplo, foi lobista de uma empresa de telecomunicações,¹³ foi um dos convidados da primeira reunião do projeto *Orbiter*,¹⁴ entre outras relações que revelam a interconexão entre a escrita e a atuação política explícita desse escritor. Para entender, portanto, a inserção intelectual de Clarke, dada a sua vasta circulação em diversos espaços, se faz necessária uma explicação da conformação dos diversos campos que modificaram os rumos do trajeto político e intelectual que ele tomou no período.

Abordaremos, então, a organização de forças existentes na *British Interplanetary Society* e como Clarke se acomodou ali e mobilizou a instituição em relação ao contexto da Corrida Espacial, junto a outras organizações interplanetárias ao redor do mundo. Como nos conta Peter Bowler (2009), a Inglaterra era um terreno fértil para a divulgação científica na primeira metade do século XX, possuindo uma dinâmica diferenciada para a expansão do conhecimento científico. De tal forma que se formou um ambiente especial para a aparição de pensadores tão engajados e crentes do poder de transformação do futuro pela ciência, como foi Clarke. A expressão mais clara disso foi todo o esforço de legitimação social da

¹³ Ler sobre isso: SKOGERBOE, D. S. *The Godfather of Satellites: Arthur C. Clarke and the Battle for Narrative Space in the Popular Culture of Spaceflight, 1945-1995*. 2020. Dissertação de Mestrado.

¹⁴ O projeto *Orbiter* foi um programa confidencial do Departamento de Pesquisa Naval para o lançamento de satélites. (MCALLER, 1992, p. 103). A iniciativa foi cancelada em 1955 em favor do projeto *Vanguard*, mas seu desenho básico foi usado para o foguete Juno 1, que lançou o primeiro satélite norte-americano, o *Explorer 1*.

astronáutica como um importante campo científico, digno de atenção e investimento. No começo da década de 1950, isso ainda não tinha ocorrido e Clarke, com seu esforço em conjunto com muitos intelectuais, facilitou a efetivação (SKOGERBOE, 2020, p. 23).

Por isso, a análise da BIS será feita não só em sua conformação interna, mas também em sua movimentação externa de diversas formas em direção ao público leigo, tendo Clarke como o expoente central desse processo que se relacionava também com sua escrita. Lidaremos nesse capítulo também com a ideia de ficção de forma mais ampla, no intuito de situar a organização histórica dos saberes, visando a compreensão das raízes da divisão entre história, literatura e ciências, fundamental para a explicação sobre a ficção científica como matriz da forma de pensar de Clarke. Abordaremos especificamente o campo da ficção científica em seguida, contextualizando a área de atuação central de Clarke a partir de um viés temporal da definição do gênero, fundamental ao entendimento preciso da relação de Clarke com essa literatura que, em nossa explicação, se desdobrará na concepção do autor sobre a *hard science fiction* e, por conseguinte, em sua prática discursiva.

A ficção científica e, sobretudo, a *hard science fiction*, da qual Clarke foi um dos grandes expoentes, foi uma das mais fortes expressões da ideologia do progresso no século XX. Ela encarnou a relação com o tempo e a história na modernidade de uma forma única, pois o fez sob os pressupostos discursivos exclusivos desse gênero. Tanto a ficção científica quanto a divulgação científica eram lados de uma mesma moeda em um contexto literário fortemente didático. Esse foi o momento histórico em que se solidificou o imaginário social necessário ao empreendimento da Corrida Espacial que se avizinhava nas expectativas daqueles atentos a esse campo, como Clarke, seus pares da *British Interplanetary Society*, e o governo norte-americano. Por isso, iniciaremos o capítulo dois com a explicação e o questionamento dos limites do conceito de astrocultura e de seu conceito derivado de astrofuturismo, que abarcam em seu uso tanto as expressões culturais da divulgação científica da época quanto da ficção científica, junto a vários outros elementos culturais constituintes do imaginário social da Corrida Espacial.

Buscaremos com isso caracterizar o conceito para sustentar a análise da pertinência da busca pela intencionalidade do autor que ocorrerá adiante e se conectará aos pressupostos do conceito de astrofuturismo utilizado para entender as complexidades da produção de Clarke. Em seu caso, sendo um escritor com um projeto político e intelectual centrado na atuação para a transformação histórica, tendo sua escrita operado no limite classificatório entre o que é ciência e ficção, sempre procurando borrar essas divisões, ou pelo menos as dissimular, faz pouco sentido aceitar o enquadramento em que Clarke foi colocado em sua época, que ele

também aceitou, e que o conceito de astrofuturismo reforça. Como ficará claro, não se trata de negar o astrofuturismo como uma ferramenta analítica útil, mas sim de entender a amplitude de fenômenos que, explicados como expressões do astrofuturismo, geram, no desencontro das definições, um apagamento de rastros históricos fundamentais para a percepção da relação moderna com o tempo histórico expressa de forma exacerbada no contexto cultural da Corrida Espacial.

Na parte inicial do capítulo II, portanto, depois do conceito de astrofuturismo, analisaremos o de intencionalidade do autor a partir das ideias do contextualismo linguístico de Quentin Skinner e John Pocock. Discutiremos como a ideia de intencionalidade aplicada à Clarke nutre uma incongruência entre o conteúdo de toda a atividade intelectual e política do autor, incluindo sua escrita, e o que ele dizia e entendia fazer. E, principalmente, uma incongruência entre o que se entende que ele produziu como intelectual e a real natureza de suas ideias, que transpassaram em quase todos os sentidos os rótulos comuns que foram usados pelas análises posteriores, historiográficas ou não. Encaramos os escritos de Clarke como um sintoma de uma continuidade histórica aparente em uma temporalidade complexa, marcada por ressurgências, conectada por vias às vezes subterrâneas e compreensível à medida em que se questiona o método voltado à intencionalidade dos discursos e das análises posteriores derivadas disso. Explicaremos como alguém como Clarke pôde dar vazão a uma tradição de elaboração do tempo histórico que ele sequer entendia estar expressando. Por não possuir os elementos linguísticos para a nomeação dessa suposta tradição, se situando em um outro universo semântico, isto é, o universo cultural do movimento de propaganda pró-espço que englobava ficção e divulgação científica, ele não percebia como o núcleo duro dos elementos discursivos usados para defender a própria causa eram, em última instância, elementos de filosofias da história, assim como a causa em si. Não somente elementos argumentativos e narrativos secundários ou supérfluos como ocorreu com outros autores, mas praticamente toda a metanarrativa intertextual criada por esse intelectual.

Para analisar isso por meio das fontes, escolhemos começar por uma expressão do trabalho de Clarke fora da ficção, que foi por onde ele conseguiu promover suas ideias primeiro. Analisamos neste capítulo a obra *The Exploration of Space* (1951),¹⁵ o primeiro livro de Clarke a fazer sucesso. Esse foi um livro concebido oficialmente para popularizar a astronáutica, explicando os detalhes técnicos necessários para superar o desafio da viagem ao espaço de forma didática. O livro de divulgação científica anteriormente lançado por Clarke,

¹⁵ Essa obra será referida durante toda a dissertação por seu nome em português, A Exploração do Espaço, oriundo da tradução de 1959 do livro.

Interplanetary Flight (1950), fez algum sucesso, mesmo sendo bastante técnico, o que sugeriu aos editores e a Clarke a possibilidade de atingir um grande público lançando um livro mais didático, mesmo que ainda complexo como é *A Exploração do Espaço*. Contudo, atrelado ao esforço de popularização da ciência da astronáutica, Clarke incluiu no livro sua última parte, na qual se pode entender melhor a inserção política de seu projeto intelectual em sua tentativa de justificar a empreitada espacial. Pode-se inclusive, acessar a expressão mais detalhada e concreta de parte do que Clarke defendia, muitas vezes sem explicar os detalhes e sem dar a certeza de sua disposição para a efetivação daquilo em uma realidade. Na maior parte da obra, junto à discussão sobre a astronáutica, pudemos mapear algumas estratégias retóricas do autor, mostrando como, por mais técnico que fosse o assunto, ele ainda usava mecanismos de justificação calcados em uma lógica histórica, visando a efetivação dos feitos científicos que defendia a realização. Além disso, procuramos mostrar como, por mais propagandístico que fosse Clarke em sua retórica, ele de fato acreditava em suas ideias.

O aspecto mais importante dessa fonte, entretanto, é seu significado como intervenção política no contexto em que Clarke estava inserido, pois o ponto central do esforço de convencimento da última parte da obra, em que o autor foi explícito sobre seu projeto, era uma justificação do motivo pelo qual esse momento histórico de sua publicação, posterior à guerra, era uma oportunidade histórica singular, propícia ao que ele chamou de “Novo Renascimento”. Uma espécie de brecha no tempo que só não seria desperdiçada pelo reaproveitamento das conquistas tecnológicas oriundas da Segunda Guerra Mundial e pela ressignificação da ideologia do progresso existente por trás desse processo histórico. Nessa parte do capítulo, portanto, procuramos desvendar os mecanismos argumentativos usados por Clarke no processo de justificação do porquê seu *telos*, a conquista do espaço, deve ser buscado. E como, em seu pensamento, a conquista dessa meta permitiria a superação da forma de existência histórica da espécie, que ele dizia ser responsável pelos nacionalismos, como o que levou ao Holocausto. O foco do trabalho com essa fonte, portanto, está na operação retórica empregada por Clarke visando a dissociação dos frutos nefastos do progresso das conquistas tecnológicas e da crença na possibilidade de evolução civilizacional futura, que seriam cruciais à construção, em seu contexto, do que ele entendia ser uma filosofia da astronáutica.

A fonte seguinte, trabalhada parcialmente ainda no capítulo II, é da mesma época e fez parte do mesmo movimento intelectual descrito acima. Contudo, expôs, em um outro formato, os elementos históricos constituintes dessa operação necessária à naturalização social da ideia de que a humanidade deve se organizar em torno da astronáutica e em prol da conquista do

espaço. Esse formato é ficcional, sendo *Prelude to Space* (1951)¹⁶ um dos primeiros livros de ficção publicados por Clarke em sua carreira. Não foi uma obra famosa, até pelo fato de Clarke a ter produzido com um intuito puramente propagandístico, como ele mesmo admitiu (WESTFALL, 2018, p. 43). O que não significa que a obra era muito diferente das outras ficções de Clarke, pois, afinal de contas, sua escrita ficcional era feita sob pressupostos parecidos e, no fundo, a partir das mesmas intenções dos outros livros: entreter, educar e trabalhar ideias e conceitos. Por mais que ele tenha admitido que queria escrever uma propaganda com *Prelude to Space*, isso não diferencia suficientemente a obra de suas outras ficções. Contudo, as diferenças do formato ficcional o possibilitaram abordar vários outros aspectos da brecha histórica que ele identificava como o momento ideal para o renascimento da história humana. *Prelude to Space* tem como personagem principal um historiador, contratado para escrever a história do que foi descrito como o maior acontecimento da história da humanidade. A trama segue esse personagem investigando os bastidores do que seria a primeira viagem humana para fora da atmosfera terrestre em direção à Lua. Em seu trabalho como historiador, Dirk Alexson buscava entender as intenções dos atores envolvidos na empreitada espacial promovida por uma agência privada chamada Interplanetário, com ajuda de investimento governamental.

A história se limitou a isso, sendo finalizada com a nave decolando, tendo somente um pequeno prólogo depois. O trabalho investigativo de Alexson, porém, foi muito mal caracterizado. A intenção de Clarke não era abordar o passado ao colocar esse historiador como o ponto de vista para o leitor entender a história, e muito menos expor questões historiográficas para o leitor. O arco de evolução do protagonista na trama avançou sem grandes questionamentos em direção à concordância com a narrativa oficial expressa pelos grandes visionários do futuro, os cientistas, descritos de forma caricata por Clarke. Essa narrativa contada por eles envolvia o passado, mas só na medida em que ele adicionava coesão ao todo da narrativa, cuja maior parte se encontrava no futuro, o direcionador de todas as narrativas de Clarke. Nosso estudo dessa fonte se voltou inicialmente para a forma com que Clarke construiu, agora com ajuda de pressupostos ficcionais, a ideia de que, na época (o pós-guerra no caso da trama do livro), se vivia uma brecha histórica aberta à emancipação da espécie humana pela conquista do espaço. Nesse contexto, essa seria uma escolha civilizacional que salvaria a raça humana da extinção nuclear, uma preocupação real desse momento histórico que a obra projeta. Tentamos analisar também a instrumentalização de

¹⁶ Essa obra será referida durante toda a dissertação por seu nome em inglês, pois não possui tradução para português.

fatos específicos do passado operada por Clarke na criação de uma narrativa histórica que conecta o surgimento da técnica à conquista do espaço. Lidamos com a forma da instrumentalização, o motivo dela acontecer e os fatos históricos que foram mobilizados e, em alguns casos, levemente alterados nesse esforço retórico do autor.

Por ter escrito a obra com essa mentalidade, observa-se em vários momentos, sobretudo no final, longos monólogos que perpassam exaustivamente alguns dos elementos centrais dessa narrativa repetida durante a obra e que, em suma, consiste em uma parte de um tipo de filosofia da história. Por isso, julgamos necessário fazer uma digressão a partir das contribuições essenciais de Bodei Remo e Reinhart Koselleck, para explicar o que entendemos ser essa dita tradição de relação com o tempo da qual Clarke é um sintoma. Dessa maneira se iniciará o capítulo III. A partir dessa explicação sobre como decorreu a filosofia da história desde o século XVIII e como ela se desenvolveu até os expoentes do século XX, como o foi Arnold Toynbee, o grande inspirador de Clarke, conseguimos, além de especificar os elementos que guiam a investigação nos escritos do autor nas fontes posteriores, trabalhar com muito mais precisão o fim de *Prelude to Space*. Nessa parte, os discursos se tornaram muito mais diretos à medida em que de fato a conquista do espaço se efetivava e o historiador da trama se convenciu do grau de inflexão histórica que o acontecimento representava. E, a partir também dessa digressão, o referencial da reincidência da concepção de história como um processo padronizado de leis se torna patente, para então esclarecer a organização de *The City and the Stars* (1956).¹⁷ Essa é a fonte que usamos para fechar o capítulo III e para discutir como Clarke atrelava em sua metanarrativa uma ideia de natureza humana a uma dinâmica histórica de evolução civilizacional baseada na noção da existência de leis históricas ao modo de Toynbee. Por isso, antes da análise dessa obra, mostraremos a relação de Clarke com Toynbee a partir não somente da influência direta de um sobre o outro, mas também por meio da explicação sobre o contexto intelectual britânico na primeira metade do século XX que sedimentou a formação do pensamento de ambos e, ao mesmo tempo, permitiu a Clarke se diferenciar de Toynbee por meio de uma concepção histórica mais teleológica.

Portanto, lidaremos com esse vocabulário cujo centro gravitacional ideológico é o conceito de civilização, o qual Clarke utilizava de forma reiterada como base de sua forma de pensar, algo já tratado por outros pesquisadores, como Oliver Dunnett (2019). Um vocabulário inscrito em um tipo de raciocínio que remete ao século XVIII e que traça uma evolução histórica pela dinâmica de ascendência e queda de civilizações. A era espacial que,

¹⁷ Essa obra será referida durante a dissertação a partir do título de sua tradução de 1985: *A Cidade e as Estrelas*.

segundo Clarke, se abria, seria a única forma histórica de superação dessa lógica que ele conectou à raiz do problema do qual emergia sua época, a guerra e o Holocausto que atrasavam o sonho espacial. Isto é, tentaremos entender a ambivalência das proposições utópicas de Clarke inseridas em um contexto em que grandes sonhos espaciais eram contrapostos a problemas sociais urgentes, aos quais de alguma forma, todas as suas obras respondem. *A Cidade e as Estrelas* (1956) é justamente a história de uma civilização que, ao alcançar pela supremacia científica a segurança social completa, se recusou a seguir o que Clarke definia como natureza humana: a tendência à busca pelo desconhecido, pela aventura, pelo novo, a procura de um sentimento de desbravamento que caracterizaria o “Homem”. Um tipo de humanidade, inclusive, identificada a uma ideia de história e, por conseguinte, avessa a uma outra concepção de história humana.

Dessa forma, a trama do livro narra os detalhes do processo de decadência dessa civilização que não se enxergava nessa situação, mas foi posta em xeque pelo protagonista construído como o único que não tinha medo do desconhecido. Essa decadência seria um processo desencadeado pela falta de desafio, remetendo, portanto, perfeitamente à lei do desafio e resposta¹⁸ formulada por Toynbee, citada nominalmente por Clarke. O modelo de interpretação histórica implicado por essa lei histórica guiará parte do nosso trabalho com essa fonte. Além disso, examinaremos essa dinâmica histórica calcada no conceito de civilização e evolução para, no fim do livro, podermos identificar as características do uso do conceito de espécie, que remete ao ambiente intelectual inglês tensionado pela teoria da evolução. A partir disso, poderemos perceber como Clarke situava sua filosofia da história como solução final para essa forma de sucessão histórica dando protagonismo a uma ideia de agente histórico coletivo encarnado no conceito de espécie. Sendo essa a única agência histórica viável para enfrentar o desafio identificado por Clarke em seu tempo, isto é, encerrar a existência histórica baseada em leis do devir que derivam em decadência através da conquista do espaço, única via de escape histórico possível por seu caráter coletivo.

O último capítulo funcionará como unificador dos capítulos anteriores, pois nele buscaremos conectar muitas pontas soltas por meio de uma abordagem mais detalhada sobre modernidade, ideologia do progresso, e sobre a relação entre filosofia da história e ficção científica enquanto gramáticas diferentes, mas ligadas por um tipo de conexão específica com

¹⁸ Para Toynbee as civilizações viveriam em um contexto de desafios e respostas. Surgem, ganham força e se superam quando esbarram em um obstáculo. Os climas, as guerras, a sobrevivência e o quadro geral de dificuldades da existência natural seriam os elementos de propulsão da vida social. A lei denominada *challenge and response* foi desenvolvida por Toynbee em ampla obra, com mais de dez volumes, que redigiu de 1934 a 1961, e que denominou de *A Study of History*.

o tempo histórico que determinou as características da intervenção de Clarke em seu tempo, tanto na forma, quanto no conteúdo. Esperamos que, a partir disso, possamos sedimentar um caminho para explicar como uma filosofia da história pode ser expressa em um formato e sob regras de organizações discursivas diferentes, mas ainda assim de forma operacional como uma elaboração do tempo histórico. Para isso, analisaremos por último o livro mais complexo em termos de categorização do trabalho de Clarke, mas ao mesmo tempo o mais rico, *Profiles of the Future* (1962).¹⁹ Essa é uma obra constituída por vários artigos publicados em diversos meios diferentes ao longo da década de 1950, unificados por uma introdução e por dois capítulos inéditos nos quais Clarke explicou seu método de previsão estrutural do futuro.

Não se trata de uma obra ficcional. O livro desafia constantemente os limites da divulgação científica, defendendo certa rebeldia aos critérios de cientificidade e aos limites da historicidade como método daqueles aptos a prever “os limites do possível” no futuro. Por possuir um formato específico, similar ao que se denominou Futurologia, essa fonte nos permitiu investigar como Clarke, ao tentar prever o futuro, produziu sua metanarrativa que impõe ao tempo futuro a função de fundar o novo, que deveria dar sentido a uma história total, mas ao mesmo tempo transcender os parâmetros da experiência humana até então. Além disso, a partir das características desse futuro cientificista, revela-se a singularidade da abordagem do autor em sua elaboração da experiência histórica aos moldes do contexto discursivo do astrofuturismo, mas, concomitantemente, remetendo a uma concepção muito antiga de história identificável ao progresso como um infinito processo de construção humana. A partir do método preditivo de Clarke e de sua tentativa de prever estruturalmente o futuro, dissecamos o suporte ideológico que sustenta isso, acessando, dessa forma, sua filosofia da história em seu estado mais completo, abarcando quase todos os elementos importantes para a sua composição em interação.

Nessa obra, por exemplo, as noções de Clarke acerca do presente, do passado e do futuro ficam mais visíveis, como também sua perspectiva de tempo em escalas, que já estava indicada em outras fontes, mas que aqui expressam sua coexistência. Ele chegou a explicar o que, para ele, era o motor da história, lidando com detalhes referentes a como o movimento histórico verdadeiro ocorreria devido a evolução da técnica e da ciência, atrelando a trajetória da evolução humana ao uso, desenvolvimento e controle das ferramentas. Abordaremos, a partir disso, a maneira como Clarke construiu uma metodologia de conhecimento da dinâmica histórica, partindo do surgimento simbiótico da técnica junto ao nascimento da humanidade,

¹⁹ Essa obra será referida durante a dissertação a partir do título de sua tradução em português de 1970: *Perfil do Futuro*.

para fomentar a ideia de um futuro previsto como uma realização total de sua interpretação histórica cientificista. Nesta, os fatores históricos técnico-científicos eram predominantes sobre a política e a economia (CLARKE, 1970, p. 9), possuindo uma dinâmica própria que, em seu movimento acelerado, arrastaria a história em direção a um futuro quase inescapável, compreendido como um salto evolutivo no processo histórico, identificável a um renascimento. Mostraremos que, em meio às proposições de Clarke na obra, aparecem múltiplas camadas de temporalidade e, em meio delas múltiplos elementos que, destacados da intenção verbalizada por Clarke, revelam uma complexa filosofia da história que dá vida à permanência do progresso como forma de elaboração do tempo histórico importante para o sonho espacial.

Para finalizar, atrelamos a conceituação inicial sobre a ficção científica como uma literatura futurista à natureza da expressão discursiva do projeto de Clarke, identificando a especificidade da escrita do autor e da denominada escrita astrofuturista, visando explicar seu caráter fragmentário. Englobando ficção e não ficção, essa escrita era tratada como especialmente apta à expressão de ambições de transformação do presente devido aos seus pressupostos discursivos específicos, temporalizados em função da proposição do futuro e, por isso, supostamente diferentes de outras ficções. Situamos os escritos do autor, portanto, no cenário de disputa entre formas de elaboração do tempo histórico, mostrando como, por mais otimista que fosse, Clarke tinha ciência da força do pensamento oposto ao seu, dominante na distopia britânica, por exemplo. Tentaremos explicar, apesar disso, a partir de que pressupostos ele escolheu seu lado e atuou em função de sua posição de busca por um tipo de futuro que expressava uma relação com o tempo histórico vista como inédita, mesmo que tão antiga quanto a ideia de progresso. Esperamos esclarecer a natureza da inserção política da escrita do autor em seu contexto, relacionando sua expressão discursiva à conceituação de Paolo Rossi sobre o progresso e a Modernidade. Nessa conceituação, o autor mostrou como o que se chamou de Modernidade foi uma temporalidade muito menos paradigmática e muito mais complexa do que se definiu, criando uma imagem estratificada e fluida sobre esse período. Uma concepção teórica que, à luz de nossa investigação, pode ser estendida para abarcar também o período posterior em que a ideologia do progresso não mais deveria ditar a relação com o tempo histórico, mas assim o fez nos EUA no período posterior à guerra. E não apesar da guerra, mas a partir das sementes da guerra. A disputa pela transformação do mundo será neste final da dissertação uma disputa pelo futuro, que foi traçado no capítulo I como uma realidade deixada de lado por muitos historiadores, mas que, em Clarke, se transformou no *locus* temporal responsável pela realização dos sonhos

modernos. Um tempo posto como sustentáculo sobre o qual se projetou uma história inaugural, que, na verdade, não conseguia se descontaminar de um passado que deveria ser superado e que, nesse movimento, tentou apagar. Uma história que orientava no tempo em direção à criação de um novo absoluto, que, como um fruto podre, não caía muito longe da antiga árvore do progresso.

Capítulo I - A formação intelectual primária

Início da trajetória

Nascido na Inglaterra, em uma região vizinha do canal de Bristol, Arthur Charles Clarke desde criança contemplou o mar com entusiasmo, tanto que dedicou boa parte de sua vida fora da região a aventuras marinhas que ele sempre comparou com o que imaginava ser o espaço. Por serem pequenas cidades em 1917, tanto Somerset, onde passou a ser a fazenda de sua família, quanto Minehead, onde morava sua avó, não haviam oferecido a Clarke nada muito marcante quando pensava no lar. Somente a vasta paisagem do Oceano Atlântico, a praia de Minehead e a imagem dos navios chegando e deixando os portos da costa vindo e indo para todo o mundo remetiam Clarke a uma memória do lar quando pensava na infância na fazenda. Tendo trabalhado como carteiro da região até a Primeira Guerra Mundial, o pai de Clarke, Charles Clarke, também era filho de um carteiro, Thomas Clarke, sendo, portanto, o sustentáculo econômico de uma família de classe média para aquela região rural. Ele abandonou a profissão somente porque sentiu necessidade de buscar uma vida ao ar livre após a participação na grande guerra.

Tendo se casado em 1915 com Mary Nora Clarke que, conheceu trabalhando como carteiro, teve seu primeiro filho, Arthur, enquanto estava na guerra. Como não tinha experiência alguma com a profissão de fazendeiro que decidiu iniciar após a guerra, os primeiros anos de Clarke ao lado de seu irmão, Frederick William Clarke, nascido em 1921, foram difíceis. Após a venda da primeira fazenda da família, comprada com uma herança deixada à mãe de Clarke, a família comprou outra terra, uma “smallholding”, o tipo de terra normalmente adquirida na região por veteranos de guerra e suas famílias (MCALEER, 1992, p. 4). Para tentar recomeçar a vida rural que o pai sonhava, a família se mudou em 1924. Porém, a “crise econômica do pós-guerra causou sérias dificuldades, e o declínio da saúde de Charles Clarke piorou as coisas” (MCALEER, 1992, p. 7).²⁰ Um ano depois ele era um homem inválido e sem direito à pensão como veterano de guerra, mesmo sendo sua doença decorrente da inalação de gás venenoso do campo de batalha. Nora Clarke virou a responsável pelo sustento da família, junto a seus dois filhos e outros familiares que a ajudaram. A situação econômica da família era delicada e continuou assim até Clarke conseguir trazer algum dinheiro para casa. O pai faleceu em 1931, quando Clarke tinha treze anos e, talvez

²⁰ Tradução minha: “The postwar economic slump caused real hardship, and the declining health of Charles Clarke made matters worse.”

pela prematura responsabilidade que assumiu na fazenda, não teve nem a chance de enxergar esse tipo de vida como um caminho feliz que poderia tomar.

Clarke nunca se interessou pelas terras, até porque, tendo passado muito tempo na casa da avó em Minehead, se apaixonou pelo mar e pela praia localizada nas proximidades da fazenda dela. Muito mais importante que a praia que ele passava longos períodos, entretanto, foram os vizinhos da fazenda da avó por parte de mãe. Larry, um dos filhos da família Kille e amigo de infância de Clarke, deu a ele

sua primeira oportunidade de olhar uma das revistas de ficção científica que o cativariam alguns anos depois, foi a edição de novembro de 1928 da *Amazing Stories* de Larry Kille que apresentou o Clarke de onze anos ao gênero. A capa, pintada pelo artista espacial Frank R. Paul, mostrava o gigante planeta Júpiter dominando o céu de uma de suas luas, com uma paisagem lunar tropical e uma nave cilíndrica em primeiro plano. Da nave espacial, os terráqueos desembarcavam. (MCALEER, 1992, p. 5).²¹

Contudo, o interesse por ficção científica logo aos onze anos não veio sozinho, pois a família Kille também despertou em Clarke o interesse por ciência em seu aspecto mais prático, já que eles possuíam uma espécie de minifábrica de suéteres e meias em casa, de forma que Clarke pôde ter contato com inúmeros tipos de máquinas na residência dos Kille. A mãe da família, a senhora Kille, também o emprestou uma edição de *Atlantis, the Antediluvian World*, enquanto o pai, Arthur Cornish, o introduziu em seu primeiro hobby, lidar com fósseis. Ele era arqueólogo e deu a Clarke alguns fósseis e dentes de mamute. (MCALEER, 1992, p. 5). Isso, junto ao incentivo de seu pai, aparentemente despertou o interesse do jovem Clarke pela história em escalas de tempo geológicas. Foi na escola, porém, que Clarke de fato tomou gosto pelo mundo da ciência e da ficção.

O professor Maud Hanks foi o primeiro a encorajar Clarke a escrever histórias devido ao talento notado no jovem, enquanto em 1931, o professor Bobby Pleass introduziu Clarke na experimentação em suas aulas de física e matemática. Segundo ele, sobre muitas de suas aulas, Clarke “passava o tempo rabiscando, todos os tipos de coisas maravilhosas eram produzidas, coisas que voavam no ar e iam para o mar e para o fundo do mar - tudo em um veículo” (MCALEER, 1992, p. 10).²² Esse tipo de criatividade também era enxergada por sua

²¹ Tradução minha: “Larry provided Clarke with his first glance at the science fiction magazines that would captivate him a few years later. It was Larry Kille's November 1928 issue of *Amazing Stories* that introduced the eleven-year-old Clarke to the genre. Its cover, painted by space artist Frank R. Paul, depicted the giant planet Jupiter dominating the sky of one of its moons, with a tropical moonscape and a cylindrical spaceship in the foreground. From the spaceship, earthlings disembarked.”

²² Tradução minha: “He would spend time doodling, and all sorts of wonderful things were produced, things that would fly in the air and go over the sea and go under the sea - all in one vehicle.”

mãe que, segundo explica McAleer, sempre se esforçou para que o trabalho na fazenda não atrapalhasse os estudos de Clarke, que no começo da adolescência, mesmo fora da escola, estava sempre engajado na leitura. Muitas dessas leituras, inclusive, eram técnicas, normalmente determinadas por interesses práticos direcionados à construção de alguma coisa. Sua primeira grande obra foi um telescópio. “Quando Clarke estava no início da adolescência, ele construiu o primeiro de quatro ou cinco telescópios refratores que ele apontava principalmente para a lua para explorar montanhas, crateras” (MCALEER, 1992, p. 11).²³ Poucos anos depois, Clarke ganhou de natal um “livreto de instruções” chamado *Meccano*, que ocupou seu tempo longamente, pois o ofereceu vários projetos de construções que ele realizou, o incentivando a projetar suas próprias criações (MCALEER, 1992, p. 11).

Em praticamente todas as noites de sua adolescência em que havia céu limpo, Clarke passou observando as estrelas, utilizando o último telescópio que construiu a partir de seu livro *Meccano*. Segundo ele, tinha “cadernos cheios de desenhos de crateras lunares” (MCALEER, 1992, p. 11).²⁴ Como seu telescópio não era potente o suficiente para observar as estrelas, Clarke se focou na lua. E quanto mais ele lia, mais seu interesse em ciência prática associada à astronomia e astronáutica crescia. O livro de Robert Ball, *Story of the Heavens* (1885), alimentou fortemente a paixão já acesa de Clarke. Enquanto isso, na escola, suas aulas de física com Bobby Pleass eram todas “baseadas em experimentação” (MCALEER, 1992, p. 11).²⁵ E, cada vez mais imerso nesse tipo de interesse no mínimo incomum para os jovens da região, a curiosidade de Clarke escalou a outro nível. “No início da década de 1930, a experimentação de Clarke envolveu a construção de vários foguetes. ‘Ele costumava gastar o dinheiro sobrando em seu bolso em foguetes caseiros na fazenda de sua mãe’, explicou Pleass” (MCALEER, 1992, p. 12).²⁶ No começo, os foguetes pareciam mais fogos de artifício que Clarke usava para impressionar sua mãe e seus amigos, mas logo evoluíram para “simple powder rockets”. Eram “tubos de papelão com um metro de comprimento ou menos, provavelmente cilindros de papel higiênico - nada realmente sofisticado” (MCALEER, 1992, p. 13).²⁷ A partir daí os foguetes foram só crescendo, ganhando massa e mais combustível para voos mais altos e controlados.

²³ Tradução minha: “When Clarke was in his early teens, he constructed first of four or five refractors telescopes that he aimed mainly at the moon to explore mountains, craters, and the immense and smooth waterless seas, the maria”

²⁴ Tradução minha: “sketchbooks full of drawings of the lunar craters”

²⁵ Tradução minha: “which was based on experimentation. The students had to experiment and find out things.”

²⁶ Tradução minha: “in the early 1930s Clarkes experimentation involved constructing several rockets. ‘He used to spend his spare pocket money in woofing up homemade rockets on his mothers farm,’ Pleass says.”

²⁷ Tradução minha: “cardboard three feet long or less, probably toilet paper cylinders - nothing really fancy”

Contudo, apesar da importância de seus experimentos na fazenda ou das inspirações de seu local de nascimento, que seu biógrafo tenta introduzir na narrativa de sua formação como algo marcante, foi claramente o ensino formal na escola de *Huish* que deu as ferramentas para Clarke desenvolver rapidamente os traços mais significativos de sua personalidade. A personalidade que ele foi assumindo a partir do início da adolescência era desconexa da zona rural onde morava. Mas entre os alunos da sala de estudos de física da escola o jovem Clarke se sentia mais à vontade, sendo esse tipo de clube, inclusive, similar à maioria dos locais que ele frequentou em posição de destaque até boa parte da vida adulta. Segundo McAleer, a “*Huish’s Dungeon*”, como era apelidada a sala de estudos de física:

tornou-se um lugar significativo na introdução e comprometimento de Clarke com a ficção científica. Foi aqui que ele encontrou, leu e absorveu totalmente a edição de março de 1930 da *Astounding Stories of Super-Science*. Ao contrário do interesse moderado que ele havia demonstrado pelo exemplar de 1928 da *Amazing Stories* de seu vizinho dois anos antes, isso era uma coisa instigante; que ele não conseguiria se desinteressar. “Minha vida mudou irrevogavelmente”, diz Clarke. (1992, p. 15).²⁸

Porém, sua trajetória não foi de forma alguma linear, pois Clarke teve dificuldades em transformar seu aprendizado de física em uma disciplina relacionada aos estudos em outras matérias as quais não tinha tanto interesse, não tendo também tanto comprometimento como tinha com as aulas práticas de física. Chegou a ter dificuldades para passar em um importante exame de matemática, sendo chamado de preguiçoso por vários professores, exceto seu professor de física. O que os professores não sabiam era que Clarke havia encontrado algo bem mais cativante do que os estudos que sempre o entusiasmaram. Algo que o deixou verdadeiramente obcecado, a ficção científica, que em seu caso, primeiramente, se traduziu em um contato com as revistas.

Quadrinhos e revistas

Histórias em quadrinhos eram geralmente destinadas a crianças pequenas, sendo histórias contadas em imagens, através de textos abaixo de cada imagem ou pelo uso de balões de fala. A maioria, embora não todas, foram impressas em papel de jornal barato. As revistas eram mais sofisticadas, algumas voltadas para crianças mais velhas, mas a maioria delas eram publicadas para jovens e adultos mais maduros. Elas eram brilhantes, impressas

²⁸ Tradução minha: “became a significant place in Clarke's introduction and commitment to science fiction. It was here that he found, read, and totally absorbed the March 1930 issue of *Astounding Stories of Super-Science*. Unlike the mild interest he had shown in his neighbor's 1928 copy of *Amazing Stories* two years earlier, this was exciting stuff; he couldn't get enough. My life was irrevocably changed, says Clarke.”

em um tipo de papel de melhor qualidade e com cores nas capas, mesmo que, naquela época, a maior parte do conteúdo ainda fosse em preto e branco. Segundo John Wade, esse era o caso na Grã-Bretanha (2019, p. 134). Nos EUA, havia revistas e quadrinhos do mesmo modelo dos tipos britânicos, mas também havia uma mistura entre os dois, com histórias em quadrinhos que tomavam o formato de revistas, mas com páginas de histórias contadas como quadrinhos, no estilo de balão de fala. Na Inglaterra, às vezes era possível encontrar histórias em quadrinhos de ficção científica em jornais de tiragem nacional e em alguns livros infantis e anuários. Porém, em geral, quadrinhos e revistas especificamente dedicados à ficção científica eram escassos no contexto inglês na década de 1950 (WADE, 2019, p. 134). Sendo ainda mais raros na época em que Clarke começou a ler detidamente esse tipo de literatura.

Nos EUA, a cultura em torno dos quadrinhos era muito mais sólida, contando com diferentes tipos de publicação, como *slicks* e *pulps*. As *slicks* eram brilhantes, revistas de luxo que usavam dois ou três contos em cada edição, sendo alguns de ficção científica normalmente. As *pulps* eram a expressão de uma outra parte do mercado, em que residiam outras revistas especializadas e histórias em quadrinhos produzidas em papel barato com capas vibrantes e cheias de histórias curtas. E vale lembrar que a ficção científica estava longe de ser o único gênero abordado pelas *pulps*, que também incluíam histórias de horror e terror (WADE, 2019, p. 134). Todos esses tipos de publicação quase sempre eram impressas em um tamanho que ficou conhecido como oitavo, de 6 x 9 polegadas, mas muitas revistas americanas de ficção científica da época também foram publicadas no outro tamanho mais comum, menor, com aproximadamente 5 1/2 x 7 3/4 polegadas.

Destinados principalmente a crianças pequenas, os quadrinhos britânicos raramente publicavam histórias de ficção científica, existindo somente duas exceções importantes. Uma foi a incrivelmente popular e respeitada revista *Eagle* e a outra foi a *The Dandy*. Ambas, contudo, apareceram como publicações de ficção científica somente na década de 1950. A grande força da ficção científica no contexto inglês sempre esteve nas revistas. “A ficção científica em revistas remonta à era vitoriana. Naquela época, muitos romances de autores conhecidos, antes de sua publicação em forma de livro, eram serializados em revistas populares da época” (WADE, 2019, p. 160).²⁹ As tramas eram escritas de uma forma que cada episódio terminasse com um “cliffhanger” que deixasse os leitores querendo mais e os encorajasse a comprar a próxima edição para descobrir o que iria acontecer. Um bom exemplo é a edição de março de 1893 do *The Boy's Own Paper* - uma revista britânica semanal, com

²⁹ Tradução minha: “Science fiction in magazines goes way back to the Victorian era. At that time, many novels by well-known authors, prior to their publication in book form, were serialised in popular magazines of the day.”

preço de um centavo, cheia de histórias, artigos factuais, piadas, quebra-cabeças e projetos de construção para adolescentes e meninos mais novos (WADE, 2019, p. 161). Em uma das histórias, um seriado de dezessete partes chamado *Rodolphe de Gortz*, ou O Castelo dos Cárpatos, se passava uma versão traduzida de uma história de horror e ficção científica do escritor francês Júlio Verne, já conhecido na época por seus romances. O exemplo mais notável, porém, foi a *Pearson's Magazine*,

uma revista mensal vitoriana para leitores adultos, contendo principalmente artigos políticos e artísticos. Também publicou ficção especulativa, e H.G. Wells estava entre seus colaboradores notáveis. Em 1897, a revista iniciou a serialização de *The War of the Worlds*, de Wells, antes de sua publicação em forma de livro em 1898. A série foi dramaticamente ilustrada por Warwick Goble, um artista nascido em Londres que produzia ilustrações de livros infantis e, quando não desenhava as figuras gráficas de invasão marciana de Wells, era conhecido particularmente por suas fotos com temas japoneses e indianos. (WADE, 2019, p. 161).³⁰

O conceito da revista de ficção científica, no entanto, não existia nesse contexto. O inventor, escritor e editor Hugo Gernsback geralmente é creditado por ter sido o primeiro a publicar uma verdadeira revista de ficção científica, em 1923. Chamava-se *Science and Invention*, e era dedicada ao que Gernsback denominou de “Scientifiction” (WADE, 2019, p. 162). Em 1924, ele tentou normalizar o termo *Scientifiction*, mas sem sucesso. Então, em 1926, ele publicou a famosa *Amazing Stories*, primeira revista inteiramente dedicada ao gênero e a primeira que Clarke teve contato em Minehead. Como a *Amazing Stories*, a maioria das revistas de ficção científica da década de 1950 se originou nos EUA, mas havia empresas especializadas em atrair leitores britânicos para assinaturas. A empresa *Atlas Publishing and Distribution* no *East End* de Londres anunciava que: “Qualquer revista científica ou técnica pode ser enviada para você diretamente dos EUA.” A taxa média de assinatura em 1952 era de cerca de trinta xelins (£ 1,50). A partir de um acordo com editores americanos, algumas revistas foram reimpressas e distribuídas na Grã-Bretanha, onde foram vendidas por preços muito baixos (WADE, 2019, p. 164). Além disso, existia um pequeno número de revistas britânicas que copiavam o estilo americano com capas chamativas e muitas vezes escabrosas, apesar de não apresentarem histórias tão interessantes dentro.

³⁰ Tradução minha: “Pearson’s Magazine was a monthly Victorian magazine for adult readers, containing mostly political and arts articles. It also published speculative fiction, and H.G. Wells was among its noteworthy contributors. In 1897, the magazine began the serialization of Wells’s *The War of the Worlds*, prior to its publication in book form in 1898. The serial was dramatically illustrated by Warwick Goble, a London-born artist who produced children’s book illustrations and, when not drawing graphic pictures of Wells’s Martian invasion, was known particularly for his pictures with Japanese and Indian themes.”

De modo geral, porém, era difícil ter acesso a revistas de ficção científica na Inglaterra, sobretudo nas décadas de 1930 e 1940, especialmente para quem era aficionado e tinha interesse em adquirir todas as edições em ordem de lançamento como passou a ser Clarke. Uma das mais famosas revistas do contexto editorial dos EUA que mais frequentemente chegavam em solo inglês foi a *Astounding Science-Fiction*. Ela foi publicada pela primeira vez como uma revista do porte de uma *pulp*, em dezembro de 1929, com uma data na capa de janeiro de 1930. Seu título original era *Astounding Stories of Super-Science*, mas logo foi abreviado para *Astounding Stories*. No início de 1933 ela saiu de circulação, mas logo retomou a publicação, sob uma nova editora no final daquele ano (WADE, 2019, p. 166). O estilo da revista era voltado a uma parcela dos leitores interessados em um tipo mais difícil de ficção científica, mas com enredos focados na ação e na aventura. Boa parte de sua fama se deveu às histórias de autores renomados publicadas, hoje consideradas clássicas, como as séries *Robot* (1950) e *Foundation* (1942) de Isaac Asimov.

Foi esse estilo diferenciado da revista que conseguiu fisgar Clarke, o inserindo de vez em um mundo que nunca mais saiu:

“Li aquela maravilha de março de 1930 de capa a capa”, admitiu Clarke, “sem dúvida quando deveria estar fazendo geometria, álgebra ou latim, depois a devolvi aos escombros literários da Dungeon.” A capa mostrava uma nave espacial, parecendo um cruzamento entre um submarino e um conservatório com cúpula de vidro, viajando em direção a um corpo celeste que deveria ser a lua. [...] A cópia da capa exibia a história em destaque do escritor americano de ficção de aventura *pulp*, Ray Cummings: *Brigands of the Moon - a Thrilling Interplanetary Novel of Intrigue and Adventure*. (MCALEER, 1992, p. 17).³¹

Daí em diante Clarke virou um colecionador dessas revistas, dedicando boa parte de seu tempo e dinheiro para conseguir mais uma edição. “Elas não eram fáceis de encontrar, pois estavam espalhadas aleatoriamente pelas pilhas de outras revistas *pulp - westerns*, confissões e detetives - que foram enviadas dos Estados Unidos” (MCALEER, 1992, p. 17).³² Mesmo com toda a dificuldade envolvida, logo a coleção de Clarke estava enorme, apesar de só ter sido completada muito tempo depois:

³¹ Tradução minha: “I read that march 1930 astoundin from cover to cover, admitted Clarke, doubtles when i should have been doing geometry or algebra or latin, then returned it to the literary debris of the Dungeon. The cover depicted a spaceship, looking like a cross between a submarine and a glass-domed conservatory, traveling toward a celestial body that was supposed to be the moon. [...] The cover copy displayed the featured story by the American writer of pulp adventure fiction, Ray Cmmings: *Brigands of the Moon - a Thrilling Interplanetary Novel of Intrigue and Adventure*.”

³² Tradução minha: “They were not easy to find, however, but were randomly scattered throughout the piles of other pulp magazines - the westerns, confessions, and detectives - that were shipped over from the United States.”

Algumas edições, Clarke chegou a suspeitar, provavelmente nunca chegaram ao Reino Unido, muito menos às cidades de Somerset como Taunton e Minehead. A distribuição no exterior dessas revistas americanas de celulose era aparentemente bastante aleatória, e era comum dizer que os exemplares não vendidos nos Estados Unidos, os chamados excedentes, chegavam ao Reino Unido como lastro no retorno de navios de carga. [...] "As primeiras revistas americanas de ficção científica - *Amazing Stories*, e as de Gernsback, *Wonder Stories* e *Air Wonder Stories*, mesmo as primeiras *Astounding Stories* - eram bastante comuns nas livrarias de segunda mão na Inglaterra" [...] "Não eram vendidas nas bancas porque eram cópias de segunda mão carimbadas com algum tipo de marca, muitas vezes uma grande estrela roxa, para mostrar que eram de segunda mão. Essas revistas estavam sendo retiradas do mercado na América. Eram a única fonte de ficção científica para os jovens fãs ingleses então. (MCALEER, 1992, p. 17-18).³³

Essa busca incessante por completar sua coleção, inclusive, o fez estabelecer uma rede de contatos com outros fãs de ficção científica, pois "as colunas de correspondência, provaram ser um bom fórum para comprar ou trocar edições em falta" (MCALEER, 1992, p. 18).³⁴ Aproximadamente seis anos depois, Clarke já havia adquirido a coleção completa da *Amazing Stories* e da *Astounding Stories*, totalizando várias centenas de cópias (MCALEER, 1992, p. 18). Nessa época de sua vida, início da adolescência, a descoberta da ficção científica nesse formato teve um efeito colossal em sua personalidade, pois além de se tratar de uma literatura fascinante para o jovem Clarke, o formato que ele primeiro teve contato era viciante, pelo aspecto de colecionismo relacionado. Segundo Clarke, a sensação que ele experimentou com essas revistas era incrível:

As histórias transbordavam de ideias, e despertavam amplamente aquele sentimento de admiração que é (ou deveria ser) um dos objetivos da melhor ficção. Um crítico como C.S. Lewis descreveu o vício voraz que essas revistas inspiraram; o mesmo fenômeno me levou a chamar a ficção científica de a única genuína droga de expansão da consciência. (MCALEER, 1992, p. 19).³⁵

³³ Tradução minha: "Some issues, Clarke came to suspect, probably never even reached the United Kingdom, let alone Somerset towns like Taunton and Minehead. The overseas distribution of these American Pulp magazines was apparently rather haphazard, and it was commonly said that the unsold copies in the United States, the so-called surplus, reached the United Kingdom as ballast in returning cargo ships.[...] "The early American science fiction magazines - *Amazing Stories*, and the Gernsback *Wonder Stories* and *Air Wonder Stories*, even the early *Astounding Stories* - were quite common in the second hand bookstores in England" [...] "They were not sold on the newsstands because they were second hand copies stamped with some kind of mark, often a big purple star, to show they were secondhand. These magazines were being taken off the market in America. They were the only source of science fiction for the young English fans then."

³⁴ Tradução minha: "through the correspondence columns, which proved to be a good forum for buying or swapping missing issues."

³⁵ Tradução minha: "The stories brimmed with ideas, and amply evoked that sense of wonder which is (or should be) one of the goals of the best fiction. No less a critic than C.S. Lewis has described the ravenous addiction that these magazines inspired; the same phenomenon has led me to call science fiction the only genuine consciousness-expanding drug."

Olaf Stapledon e David Lasser

Apesar dessa guinada em direção à ficção científica que sua vida trilhou na década de 1930 devido às revistas, o grande divisor de águas para Clarke nesta década, inclusive podendo ser destacado como uma influência central no coração de suas ideias por toda a sua vida, foi a descoberta de *The Last and First Men* (1930), de Olaf Stapledon. Clarke achou o livro na biblioteca pública de Minehead em suas férias de verão da escola. Segundo Clarke, “nenhum livro antes ou depois teve tanto impacto na minha imaginação” (MCALEER, 1992, p. 18). A obra de Stapledon tinha uma

escala de cinco bilhões de anos, o livro não fez nada menos do que mudar a percepção do menino sobre o mundo e o universo ao seu redor, dando-lhe uma escala cósmica de tempo e espaço, um grande e majestoso palco para colocar a evolução da humanidade e futuras aventuras extraterrestres. [...] Clarke reconheceu sua dívida com Stapledon muitas vezes. E não há dúvida de que *Last and First Men* influenciou seu primeiro romance, *Against the Fall of the Night*, que Clarke começou durante seus dias de *Huish's Grammar School* e acabou publicado na primeira versão da *Startling Stories* em novembro de 1948. (MCALEER, 1992, p. 19).³⁶

“Depois de Júlio Verne e H.G. Wells, Olaf Stapledon foi o escritor de ficção científica mais influente antes da Segunda Guerra Mundial” (POOLE, 2012, p. 12).³⁷ Seus romances *Last and First Men* (1930) e *Star Maker* (1937) ofereceram perspectivas evolutivas da história humana e pós-humana em escalas de tempo astronômicas. Porém, em contraste com a obra de Clarke, quase não havia tecnologia nos romances de Stapledon, explicou Clarke em 1984 (POOLE, 2012, p. 13). Sua influência foi enorme, sobretudo no ambiente intelectual britânico. Teve importante participação na formação de jovens escritores, incluindo Brian Aldiss, Freeman Dyson e Doris Lessing, que, “quando criança, encontrou em Stapledon o mesmo sentido de ‘um universo vivo com som e movimento’, que ela já havia absorvido ao observar o céu noturno em uma fazenda isolada no mato africano” (POOLE, 2012, p. 12).³⁸ Sua obra colocava o leitor em uma posição imaginativa que dava acesso a um tipo de contemplação única da condição humana frente ao universo, fundamental na elaboração da

³⁶ Tradução minha: “scale of five billion years, the book did nothing less than change the boy's perception of the world and universe around him, giving him a cosmic scale of time and space, a grand and majestic stage on which to place humanity's evolution and future extraterrestrial adventures. [...] Clarke has acknowledged his debt to Stapledon many times. And there is no doubt that *Last and First men* influenced his first novel, *Against the Fall of the Night*, which Clarke began during his *Huish's Grammar School* days and eventually published in its first version in *Startling Stories* in November 1948.”

³⁷ Tradução minha: “After Jules Verne and H.G. Wells, Olaf Stapledon was the most influential writer of science fiction before the Second World War.”

³⁸ Tradução minha: “It also had a formative effect on other young writers-to-be including Brian Aldiss, Freeman Dyson, and Doris Lessing who as a child found in Stapledon the same sense of ‘a universe alive with sound and movement,’ which she had already absorbed from watching the night sky at an isolated farmstead in the African bush. His line from *Star Maker* about ‘the cold, clear, crystal ecstasy of contemplation’ was admiringly quoted.”

experiência histórica. Segundo Lessing, por exemplo, sua frase em *Star Maker*, sobre “o frio, êxtase claro e cristalino da contemplação” foi marcante, tanto que ela citou em seu livro com admiração (POOLE, 2012, p. 13). Nos EUA, Stapledon teve menos sucesso, seu livro foi condensado e censurado, pois ele caracterizava o povo americano “como ‘essencialmente uma raça de pessoas brilhantes, mas adolescentes presos’, minando o progresso espiritual da civilização através de uma combinação instável de religiosidade e ganância, e sendo conhecidos no extremo oriente como as tênias do planeta” (POOLE, 2012, p. 13).³⁹

Apesar disso, foi um dos intelectuais lembrados para um esforço com vistas à paz mundial no contexto da Guerra Fria, quando a Universidade de *Harvard* o convidou, por meio da figura de Harlow Shapley, para falar no *World Peace Congress*, patrocinado pela União Soviética. Stapledon sempre teve uma visão de longo prazo. “Ele era, como Toynbee, um apaziguador de princípios na década de 1930, acreditando que, enquanto a catástrofe da guerra pudesse ser evitada, o totalitarismo com o tempo sucumbiria relativamente pacificamente às forças dominantes da história.” E com relação à bomba atômica, ele reiterou a mesma posição em 1945, quando sua influência era vista como útil no contexto da Guerra Fria. Sua posição era sempre a de buscar (como havia feito em 1937) “ver nosso mundo turbulento contra um fundo de estrelas” (POOLE, 2012, p. 13).⁴⁰ Uma abordagem cósmica da história e da política, que como veremos durante a dissertação, garante uma falsa neutralidade frente às tensões históricas. Segundo Poole, “*Last and First Men* de Olaf Stapledon procurou fazer para o futuro o que Toynbee estava tentando fazer pelo passado: Fornecer uma visão de longo alcance da ascensão e queda das civilizações humanas.” Contudo, em um intervalo cronológico de dois bilhões de anos a mais e com “pouco interesse em circunstâncias históricas detalhadas” (2012, p. 14).⁴¹ O efeito das escritas de ambos os intelectuais, porém, eram similares para os leitores, gerando um distanciamento das minúcias do devir histórico em nome de narrativas panorâmicas, de modelos totalizantes de explicação de processos com

³⁹ Tradução minha: “Stapledon went down less well in America where his book was condensed and bowdlerized; it had characterized the American people as ‘essentially a race of bright but arrested adolescents,’ undermining the spiritual progress of civilization through an unstable combination of religiosity and greed, and known in the far east as the ‘tapeworms of the planet.’”

⁴⁰ Tradução minha: “He was, like Toynbee, a principled appeaser in the 1930s, believing that as long as the catastrophe of war could be avoided totalitarianism would in time succumb relatively peacefully to the overarching forces of history. He reiterated the same position in relation to the atomic threat after 1945, striving (as he had put it in 1937) ‘to see our turbulent world against a background of stars.’”

⁴¹ Tradução minha: “Olaf Stapledon’s *Last and First Men* had sought to do for the future what Toynbee was then attempting to do for the past: provide a long-range view of the rise and fall of human civilizations. At two billion years, however, Stapledon’s chronological range outstripped that of Toynbee, and he had little interest in detailed historical circumstances.”

agentes impessoais, como eram as civilizações em Toynbee, ou ao nível cósmico com a noção de espécie, como Stapledon mostrou a Clarke.

Essa abordagem de uma história da dinâmica civilizacional em nível cósmico foi fundante para a escrita de Clarke, sendo mais visível em *Against the fall of the Night* que depois se tornou *A Cidade e as Estrelas* (1956), mas aparecendo em diversas obras posteriores sob ângulos diferentes. Na trama de *Last and First Men*, por exemplo:

Com a guerra, a pobreza e o trabalho árduo abolidos, a raça humana desfrutava de vários milênios de realização social, mas o resultado era meramente “uma era de complacência estéril.” A “senescência racial” se instalou até que o planeta fosse “povoado de caipiras.” Segundo o narrador do futuro distante de Stapledon, “os milênios se arrastaram em uma labuta esqualida.” (Stapledon também tinha lido Spengler) Uma sucessão de idades das trevas terminou no colapso final de uma espécie que nunca se preocupou em se aventurar no espaço. Outras 17 variedades de seres humanos evoluirão nos próximos dois bilhões de anos, mas apenas três deixarão a Terra, sempre para evitar a catástrofe. Os mais bem-sucedidos são os Quintos Homens, que alcançaram uma “mentalidade coletiva organizada” e decidiram migrar para Vênus; a essa altura, porém, já estavam muito além de seu pico, tendo caído em desespero coletivo ao redescobrir o passado histórico da espécie humana. (POOLE, 2012, p. 15).⁴²

Apesar da enorme influência em Clarke e das similaridades sobretudo na abordagem da história e na escala temporal das tramas de ficção científica, “na história futura de Stapledon, a tecnologia não é o motor do progresso, nem mesmo a sua medida” (POOLE, 2012, p. 14).⁴³ A grande locomotiva da história para Stapledon era a raça, sendo o conceito de espécie central em seu raciocínio. Em *Last and First Men*, depois de dois bilhões de anos, a humanidade finalmente alcança o “modo racial desperto” no qual “o indivíduo torna-se a mente da espécie.” Sua narrativa da história futura “não é conduzida pela tecnologia ou pelo progresso, mas pela luta racial.” A trama dessa história “é essencialmente uma gigantesca fantasia raciaalista” (POOLE, 2012, p. 14).⁴⁴ Mesmo tendo apresentado para Clarke a ideia da

⁴² Tradução minha: “With war, poverty, and hard work abolished the human race enjoys several millennia of social fulfillment yet the result is merely ‘an age of barren complacency.’ ‘Racial senescence’ sets in until the planet is ‘peopled with yokels.’ After this, writes Stapledon’s far future narrator, ‘the millennia dragged on in squalid drudgery.’ (Stapledon too had read Spengler.) A succession of dark ages ends in the final collapse of a species which has never even bothered to venture into space. A further 17 varieties of human evolve over the next two billion years but only three leave Earth, always to avoid planetary catastrophe. The most successful are the Fifth Men, who achieve an ‘organized collective mentality’ and decide to migrate to Venus; by this time, however, they are already long past their peak, having fallen into collective despair on rediscovering the past history of the human species.”

⁴³ Tradução minha: “While there are episodes of technological advance in Stapledon’s future history, technology is not the motor of progress, nor even its measure.”

⁴⁴ Tradução minha: “After two billion years humanity at last achieves ‘awakened racial mode’ in which ‘the individual becomes the mind of the species.’⁹² Stapledon’s personal humanity and his consistent advocacy of peace and universal brotherhood ensured him a progressive reputation, but for him history is driven not by technology or progress but by racial striving. *Last and First Men* is essentially a gargantuan racialist fantasy”

espécie, ou de espécies humanas como agentes históricos futuros, quando a escala de tempo histórico mudou para uma perspectiva cósmica, no pensamento futuro de Clarke o motor histórico não foi tão biológico. Quando mais tarde Stapleton foi chamado a falar sobre a possibilidade da conquista do espaço, sua posição também foi formulada nesse sentido. Ele defendeu que para a espécie avançar para outros planetas era preferível “a adaptação biológica em vez da conquista material, para que o homem alcance ‘conhecimento biológico suficiente e arte eugênica para criar, ou de outra forma construir, raças humanas ou quase humanas adaptadas a ambientes estranhos’” (POOLE, 2012, p. 15).⁴⁵

Portanto, apesar da mudança no pensamento de Clarke que as obras de Stapleton tiveram, um certo pessimismo em relação à viagem espacial que foi expresso pelo escritor não chegou a afetar Clarke. Stapleton, sobretudo depois das bombas atômicas, se mostrou bastante cético em relação às possibilidades da humanidade não ser só uma espécie terrestre. Segundo ele, se “os planetas fossem habitados, a humanidade provavelmente exportaria seu próprio imperialismo, ‘tiranizando e, finalmente, destruindo os povos nativos.’ Se os planetas fossem desabitados, eles poderiam acabar tão despojados quanto a Terra” (POOLE, 2012, p. 15).⁴⁶ Clarke, por mais que sempre tenha tido ressalvas sobre todas as suas crenças, nunca concordou com Stapleton e muito menos com outros intelectuais que tentaram o dissuadir de suas posições quanto à viagem espacial, como C. S. Lewis, que demonstrou ser eminentemente contra. Se para Stapleton “a preocupação suprema deveria continuar sendo a vida aqui e agora”, Clarke preferiu concordar no que conseguia sem abrir mão do que acreditava. Acrescentou ao “aqui e agora” os estágios iniciais da exploração espacial. Segundo ele, o “que tínhamos que fazer agora era tirar o melhor proveito de nosso próprio planeta e dos outros mundos quando os alcançarmos” (POOLE, 2012, p. 15).⁴⁷

Entre os trabalhos não ficcionais marcantes na formação inicial de Clarke ainda na década de 1930, pode-se destacar também a obra de David Lasser, *The Conquest of Space* (1931). Lasser, um editor norte-americano, editou duas revistas de Hugo Gernsback em seus inícios, a *Science Wonder Stories* e a *Air Wonder Stories*. Contudo, ele ficou ainda mais

⁴⁵ Tradução minha: “Stapledon’s preferred solution was biological adaptation rather than material conquest, so that man would attain ‘sufficient biological knowledge and eugenical art to breed, or otherwise construct, human or quasi-human races adapted to strange environments.’”

⁴⁶ Tradução minha: “If the planets were inhabited, mankind would most likely export its own imperialism, ‘tyrannizing over and ultimately destroying the native peoples.’ If the planets were uninhabited, they could end up as despoiled as the Earth.”

⁴⁷ Tradução minha: “Clarke shared their views but by defining the ‘here and now’ to include the early stages of space exploration he managed to conclude by echoing Stapledon’s conclusion: ‘It was foolish to worry about these ultimate questions: what we had to do now was to make the best of our own planet, and of the other worlds when we reached them.’”

conhecido como o fundador da *American Interplanetary Society* (1930), que depois mudou seu nome para *American Rocket Society* (ARS). Apesar de que, apenas “algumas centenas de cópias da edição britânica foram vendidas” (MCALEER, 1992, p. 20),⁴⁸ Clarke conseguiu uma delas em uma loja de livros comum perto de sua casa. Se a ficção científica abria nessa época as portas da sua imaginação, esse livro por outro lado, mostrou a Clarke “pela primeira vez que a viagem espacial não era meramente um deleite ficcional” (MCALEER, 1992, p. 20).⁴⁹ E, considerando o contexto de Clarke, foi uma grande sorte ele ter tido acesso a esse livro tão pouco tempo depois de sua publicação, pois se tratou do primeiro livro em língua inglesa a trabalhar tanto com os sonhos quanto com os aspectos técnico-científicos dos pioneiros na construção de foguetes, discutindo a partir disso as possibilidades da viagem espacial na época:

Em contraste com o imenso e imensurável reino cósmico de Stapledon, o livro de Lasser se concentrava no lado mais prático, imediato e acessível dos foguetes e das viagens espaciais. Ambas as perspectivas - o cosmos vasto e incognoscível e a tecnologia prática das viagens espaciais - tornaram-se temas importantes e consistentes em grande parte do trabalho de Clarke. (MCALEER, 1992, p. 20).⁵⁰

A construção de um escritor

Tendo forjado seu mundo pessoal em torno do conhecimento sobre ciência e mais especificamente viagem espacial, tanto no âmbito ficcional quanto não ficcional, ainda faltava a Clarke a coragem e o desenvolvimento para escrever seus próprios textos, algo que ele já vislumbrava. Talvez, sem o professor de inglês E. B. Mitford (Mitty) da *Huish's School*, Clarke nunca teria avançado para isso, podendo ser mais um eterno fã de ficção científica, um colecionador, ou tomar um caminho rumo a uma carreira científica em física, matemática ou engenharia, ou quem sabe se focar somente na *British Interplanetary Society*, a qual ele solicitou participar através de uma carta já em 1934, um ano após a fundação (MCALEER, 1992, p. 24). Mas Mitty “era entusiasmado”, sempre buscando incentivar os alunos a participarem da revista da escola, seja no corpo de produção da revista, que Clarke participou, ou como escritores. Além do incentivo, o professor Mitty ajudava como editor das histórias publicadas (MCALEER, 1992, p. 21).

⁴⁸ Tradução minha: “Only a few hundred copies of the British edition were sold.”

⁴⁹ Tradução minha: “for the first time that space travel was not merely delightful fiction.”

⁵⁰ Tradução minha: “In contrast to Stapledon's immense and immeasurable cosmic realm, Lasser's book focused on the more practical, immediate, and accessible side of rocketry and space travel. Both perspectives - the vast, unknowable cosmos and the practical technology of space travel - became major and consistent themes in much of Clarke's work.”

Foi na *Huish Magazine* em 1932 que Clarke publicou sua primeira história. A primeira parte da história se chamava *Correspondence*. Se tratava de duas páginas descrevendo as dificuldades de um trabalho em condições extremas na lua. Mais duas páginas foram publicadas no ano seguinte na mesma revista. Nos anos seguintes, até 1936, quando se formou e passou em um concurso para ser funcionário público em Londres, Clarke publicou curtas histórias regularmente na revista da escola. Um ano antes de se formar, tinha começado a escrever *Against the Fall of The Night*, mas dois anos depois, já em Londres, ainda não sentia a confiança necessária para se entender como um escritor, de ficção ou não. Em sua correspondência com o jovem escritor, Sam Youd, o qual manteve contato por 25 anos, Clarke expôs sua insegurança e incerteza na época. Em uma carta a Youd em outubro de 1937, ele explicou sua dificuldade. "Eu tenho quatro contos", [...] "e embora eu tenha jurado nunca mais escrever contos, pois isso tomava tanto tempo, temo que farei de novo em muito pouco tempo. Sou melhor em histórias curtas de humor, embora o que considero minhas melhores histórias tenham sido 'sérias'" (MCALEER, 1992, p. 29).⁵¹ Existia uma discrepância entre o escritor que Clarke era, considerando a escrita em seu cotidiano, e o escritor que ele almejava ser, tanto em relação ao gênero e ao tom de suas histórias, quanto sobre o tamanho e a complexidade das tramas. "O esforço intensivo e o tempo necessário para escrever boas histórias transpareciam em alto e bom som nas cartas de Clarke" (MCALEER, 1992, p. 29).⁵² Em janeiro de 1938, por exemplo, "ele contou a Youd o que estava lendo e novamente tentou definir para si mesmo onde a escrita se encaixava em sua vida" (MCALEER, 1992, p. 29).⁵³

Nem mesmo o seu tipo de escrita estava exatamente claro para Clarke nesse momento em Londres, mesmo com a ficção científica tendo ocupado um papel fundamental em sua formação como escritor e como indivíduo. "Em uma carta inicial, Clarke deixou claro que favorecia fortemente histórias com base científica, embora ainda admirasse os escritores H. P. Lovecraft⁵⁴ e C. A. Smith.⁵⁵ No final dos anos 30, no entanto, ele era ambivalente sobre sua

⁵¹ Tradução minha: "I have four short stories", he wrote to Youd in October 1937, "and although i swore never to do any more story writing as it took up so much time, i fear that i shall be at it again in a very short time. I am best at short humourous stories, though what i consider my best stories have been 'straight.'"

⁵² Tradução minha: "The intensive effort and time necessary to write good stories came across loud and clear in Clarke's letters"

⁵³ Tradução minha: "In January 1938 he told Youd what he was reading and again tried to define for himself where writing fit into his life."

⁵⁴ H. P. Lovecraft, foi um escritor estadunidense que revolucionou o gênero de terror, ficção estranha, científica, fantasia e horror, atribuindo-lhe elementos fantásticos típicos dos gêneros de fantasia e ficção científica, sendo mais conhecido por sua criação dos Mitos de Cthulhu. Lovecraft originou o ciclo de histórias que, posteriormente, foram agrupadas nos Mitos de Cthulhu e o grimório fictício conhecido como *Necronomicon* — atribuído em suas histórias a um estranho árabe chamado Abdul Al Hazred — através do qual os seres humanos em suas histórias entravam em contato com o panteão de entidades criadas pelo autor. Lovecraft era

própria escrita” (MCALEER, 1992, p. 29).⁵⁶ Suas referências variadas o direcionaram para caminhos diversos, sendo seus interesses igualmente diversificados e suas interações intelectuais em Londres cada vez mais amplas e frequentes. Segundo McAleer: “O jovem Arthur C. Clarke mantinha contato com todos aqueles que compartilhavam de seu entusiasmo, e grande parte de seu tempo livre era gasto escrevendo cartas - muitas vezes dezenas por semana” (1992, p. 29).⁵⁷ Como quase todo jovem, ainda mais alguém recém ingresso em um novo emprego, em uma nova cidade, morando sozinho, Clarke buscava se encontrar, e seria um grande equívoco dessa pesquisa construir sua narrativa em função do que sabemos que ele se tornou. Sobre isso, é fascinante seu relato sobre o uso que fazia de seu tempo no processo de busca por um direcionamento:

No momento estou lendo o monumental tomo de Esnault-Pelterie 'L'Astronautique' que é péssimo com equações diferenciais. Levo cerca de um dia para ler uma página, pois em todas as outras linhas encontro com algo que não consigo integrar. No último domingo eu fui ao Walter [Walter Gillings] e ele me deu um longo sermão sobre como era um desperdício perverso eu gastar meu tempo com coisas assim quando eu poderia estar colocando o mundo da ficção científica para me ouvir - talvez! Mas farei o que bem entender, e há mais chance de fama na astronáutica do que na ficção científica, direi ao Universo! Ou seja, se alguém quer fama, e a modéstia nunca foi um dos meus vícios. (MCALEER, 1992, p. 29).⁵⁸

Esse anseio por grandeza no mundo literário ou em qualquer outro espaço intelectual de fato se verificou no desenvolvimento inicial da carreira de Clarke, pois até seu sucesso com *Childhood's End* (1953), não estava tão bem direcionada como seria a trajetória de Clarke como escritor, sobretudo pelo sucesso ter surgido em sua vida primeiro fora da ficção que sempre sonhou, como será observado no próximo capítulo. E essa dualidade entre astronáutica e ficção, à medida que não se resolvia, foi sendo absorvida por Clarke e traduzida em uma postura como intelectual, na qual ele defendeu uma porosidade maior entre ciência e

assumidamente conservador e anglófilo, o que pode ser observado em seu poema *An American To Mother England*, publicado em janeiro de 1916.

⁵⁵ Clark Ashton Smith foi um contista, poeta, pintor e escultor americano, considerado o “poeta do weird”. Desfrutou de certo prestígio no início de sua carreira como poeta com o lançamento do volume de poemas *The Star-Treader and Other Poems*.

⁵⁶ Tradução minha: "In a early letter Clarke made it clear that he strongly favored stories with a scientific basis, although he still admired writers H. P. Lovecraft and C. A. Smith. In the late thirties, however, he was ambivalent about his own writing."

⁵⁷ Tradução minha: "young Arthur C. Clarke kept in touch with all those who shared his enthusiasms, and much of his spare time was spent writing letters - often dozens each week."

⁵⁸ Tradução minha: "At the moment I am reading Esnault-Pelterie's monumental tome 'L'Astronautique' which is lousy with differential equations. It takes me about a day to read a page, as every other line I run up against something that I can't integrate. Last sunday I went out to Walter's [Walter Gillings] and he gave me a long harangue on what a wicked waste it is for me to spend my time on stuff like this when I could be setting the s.f world by the ears - perhaps! But I shall do as I jolly well please, and there is more chance of fame in astronautics than s.f, I'll tell the Universe! That is, if one wants fame, and modesty was never one of my vices."

ficção. Afinal de contas, foi dessa forma que sua carreira se desenrolou e foi assim que ele melhor desenvolveu suas ideias, não fazendo distinção entre esses campos que, na compreensão de Clarke, não podem ser separados. O ponto aqui, porém, é perceber como ele, desde muito cedo, considerou diversificar sua escrita como uma forma mais fácil de ter suas ideias conhecidas. Contudo, Clarke não era cínico a ponto de ignorar totalmente suas preferências, apesar de se mostrar relativamente aberto a se adaptar:

Eu não quero escrever só por fama, e não vejo razão para acreditar que tenho qualquer grande habilidade literária. Eu posso produzir uma história divertida às vezes, e se eu gastasse tempo suficiente para aperfeiçoar meu estilo eu acredito que eu poderia fazer melhor do que a maioria dos escritores 'pulp' - eu não pretendo mais do que isso! Como não tenho tempo para me dedicar a escrever com seriedade, só colocarei a caneta no papel quando o ânimo me dominar, e não mais. (MCALEER, 1992, p. 29).⁵⁹

A inserção que Clarke conseguiu tão logo se estabeleceu em Londres também foi crucial para sua dificuldade em excluir alguma possibilidade de seu futuro. Em 1937, ele já era tesoureiro da BIS e responsável por escrever brochuras para a divulgação tanto das iniciativas práticas da organização quanto do sonho por trás dos esforços da BIS. Clarke estava sempre cercado dos chamados “colegas entusiastas do espaço” nesses anos antes da guerra. Parte deles eram oriundos do “fandom” londrino que ele conheceu através das revistas e a maior parte era da BIS, cujas reuniões, em 1938, eram quase todas realizadas semanalmente no apartamento que Clarke passou a dividir com Bill Temple (MCALEER, 1992, p. 32). Nessa época, a sede da BIS já tinha se movido de Liverpool para Londres, e o presidente tinha passado a ser o professor A. M. Low, editor da *Armchair Science*,⁶⁰ visando dar mais credibilidade à organização. Além de ter passado a ser um dos editores da revista amadora de ficção científica *Novae Terrae*, grande parte do trabalho não remunerado de Clarke para a BIS nesse momento envolvia escrever “brochuras da sociedade, sem assinaturas, para educar o público, gerar cobertura na imprensa e trazer novos membros” (MCALEER, 1992, p. 33-34).⁶¹ As interlocuções mais diretas de Clarke nesse momento se davam, para além dos membros regulares da BIS, com Maurice Hanson, o outro editor da revista *Novae Terrae*, Ralph A. Smith, ilustrador que trabalhou com Clarke em *Interplanetary*

⁵⁹ Tradução minha: “I don't want writing fame, and can see no reason to believe that I have any great literary ability. I can turn out an amusing story at times, and if I spent enough time in perfecting my style I believe that I could do better than most of the 'pulp' writers - I aim no higher than that! As I haven't the time to devote to writing seriously, I shall just put pen to paper when the mood seizes me, and no oftener.”

⁶⁰ *Armchair Science* era uma revista mensal britânica de artigos científicos populares publicados de 1929 a 1940.

⁶¹ Tradução minha: “wrote society brochures, without bylines, to educate the public, generate press coverage, and bring in new members.”

Flight (1950), Val Cleaver, um dos melhores amigos de Clarke que depois se tornou engenheiro chefe do departamento de foguetes da Rolls-Royce; Jack Edwards, diretor técnico do núcleo de design e pesquisa sobre foguetes da BIS, e Walter Gillings, que trabalhou durante a vida como editor de várias revistas.

Segundo McAller, a imersão de Clarke nos assuntos da BIS durante o final da década de 1930 alimentou sua escrita nas décadas seguintes. “Todas as ideias geradas entre os membros da sociedade, muitos dos quais trouxeram diferentes perspectivas, conhecimentos e habilidades para a causa do voo espacial, foram submetidas aos rigores do debate amigável” (MCALEER, 1992, p. 40-41).⁶² Esse período foi crucial no enriquecimento da bagagem cultural e intelectual de Clarke, de forma que repetidamente em seus textos futuros ele retornou para temas discutidos nessa época nos círculos da BIS:

Ele também escrevia com bastante regularidade durante esses anos em Londres. Além dos folhetos promocionais para a sociedade e artigos de não ficção para o jornal da BIS, ele estava fazendo peças de ficção para várias "fanzines", incluindo uma peça de 1937 intitulada "Travel by Wire!" para a *Amateur Science Stories* e mais dois contos ("How We Went to Mars" e "Retreat from Earth") para a mesma fanzine em 1938. Ele começou a usar seu apelido "Ego" como pseudônimo - às vezes com pequenas variações: "Ego", "Arthur Ego Clarke" e E. G. O'Brien. Mas ele estava escrevendo muito mais não ficção do que ficção durante esses anos pré-guerra. Ele até encontrou um mercado de histórias de não ficção com seu empregador. "Into Space" foi publicado na publicação do *Exchequer and Audit Department Association, Chequer-Board*, em outubro de 1937. Na peça Clarke descreve os próximos cem anos de empreendimentos espaciais. (MCALEER, 1992, p. 41).⁶³

A Guerra

Clarke tentou escrever o quanto pôde, sobretudo depois de setembro de 1939, quando a Inglaterra e seus aliados declararam guerra à Alemanha nazista. Até março de 1941, portanto, seu foco esteve em desenvolver *Against the Fall of The Night*, até porque a BIS já estava se desfazendo desde 1939 devido à convocação de vários membros para o exército. Em 1941, a vez de Clarke finalmente chegou. A partir daí, demoraria algum tempo até o escritor

⁶² Tradução minha: "Clarke's immersion in BIS affairs during the late 1930s would serve his writing well in the decades to follow. All the ideas generated among society members, many of whom brought different perspectives, knowledge, and skills to the spaceflight cause, were put through the rigors of friendly debate."

⁶³ Tradução minha: "He was also writing fairly regularly during these London years. Besides the promotional brochures for the society and nonfiction articles for the BIS journal, he was doing fiction pieces for various "fanzines", including a 1937 piece titled "Travel by Wire!" in *Amateur Science Stories* and two more tales ("How We Went to Mars" and "Retreat from Earth") for the same fanzine in 1938. He began using his nickname "Ego" as a pseudonym - sometimes with slight variations: "Ego", "Arthur Ego Clarke", and E. G. O'Brien. But he was writing much more nonfiction than fiction during these prewar years. He even found a nonfiction story market with his employer. "Into Space" was published in the *Exchequer and Audit Department Association's* publication, *Chequer-Board*, in October 1937. In the piece Clarke outlines the next hundred years of space ventures."

retomar sua carreira, podendo escrever com constância. Clarke entrou na *Royal Air Force* (RAF) como um mecânico de rádios sem fio para aeronaves. Enquanto recebia treinamento em eletrônica em Londres em 1941, ele vivenciou pela primeira vez o que de fato era a guerra, tendo se escondido durante um bombardeio junto a outros membros da RAF (MCALEER, 1992, p. 44). Seu desempenho, após várias semanas de treinamento em eletrônica e depois em tecnologias de radar secretas na época, o fizeram se tornar instrutor dos outros recrutas. Ele conseguia se destacar facilmente ali pelo seu conhecimento matemático e pela sua experiência fabricando instrumentos eletrônicos. Com a biblioteca da base à sua disposição, ele gastou seu tempo em estudos técnicos, ao ponto de publicar um artigo a partir disso na revista *Electronic Engineering* em 1942, chamado *More Television Waveforms*.

Com esse tipo de esforço e seu interesse incomum comparado aos outros recrutas, Clarke foi escalando posições dentro da RAF. Em 1943 ele já tinha alcançado um lugar que o permitia trabalhar com cientistas em projetos importantes para o exército. Clarke participou da equipe do físico ganhador do Nobel Luis W. Alvarez no projeto do radar chamado GCA, *Ground Controlled Approach*, o qual depois Clarke operou por longo período. Por mais que durante seu trabalho o radar GCA sempre tivesse sido um objetivo dos bombardeios inimigos, Clarke nunca correu perigo real nessa época na guerra. Segundo Clarke, durante a guerra ele se encontrava em “um ambiente pacífico, totalmente isolado das coisas difíceis acontecendo em outros lugares - invasões e bombardeios e assim por diante - que me permitiu elaborar os princípios dos satélites de comunicação em 1945” (MCALEER, 1992, p. 52).⁶⁴ Inclusive, essa posição ocupada por Clarke durante a guerra explica em grande medida a forma que ele abordou a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto em suas histórias e como ele encarou as consequências da guerra, assunto que aparecerá nos próximos capítulos. O ponto aqui, porém, é entender que depois de três anos trabalhando com radares, a sensação para Clarke era de que logo a guerra teria um fim (MCALEER, 1992, p. 52). Por isso, assim que se estabeleceu, ele começou a escrever com mais frequência já visando o que viria após tudo aquilo. Segundo McAleer:

Durante esses dias de radar da GCA, Clarke escreveu quase duas dúzias de artigos, a maioria de não-ficção. O conto "Rescue Party", com sua visão otimista do futuro da humanidade entre as estrelas e seu final eficaz, foi escrito no aeródromo de Honiley em março de 1945, embora não tenha aparecido na *Astounding Science Fiction* até maio de 1946. Esta foi a primeira história que Clarke vendeu profissionalmente. O

⁶⁴ Tradução minha: “a peaceful environment, totally insulated from the hard things going on elsewhere - invasions and bombings and so forth - that allowed me to work out the principles of communication satellites back in 1945.”

espantoso editor John W. Campbell enviou um cheque no valor então significativo de 180 dólares. (1992, p. 41).⁶⁵

Essa visada para o momento pós-guerra fez Clarke “começar a pensar mais em foguetes e viagens espaciais e menos em suas preocupações de guerra como microondas e radares” (MCALEER, 1992, p. 53).⁶⁶ Como tinha começado a se corresponder novamente com pelo menos uma dúzia de membros da BIS na parte final da guerra, além de discutirem sobre como reestruturar a organização, se preocupavam principalmente sobre como foguetes poderiam ser lucrativos após a guerra (MCALEER, 1992, p. 53). Foi a partir desse dilema que Clarke desenvolveu o conceito de satélites de órbita geoestacionária, expresso em um artigo publicado em 1945 na revista *Wireless World*. Se trata do tipo de tecnologia que hoje se utiliza nos satélites modernos. *Extra-Terrestrial Relays* foi recebido com aparente indiferença na época, de forma que o próprio Clarke perdeu interesse na questão por um tempo, mas ele soube depois que o texto deu início a um programa formal de pesquisa da Marinha norte-americana, liderado por Robert P. Haviland, contribuindo para a construção do satélite artificial lançado em 1960 (MCALEER, 1992, p. 53). Clarke, entretanto, nunca pensou seriamente em patentear a ideia, pois achava que a tecnologia para a realização estava distante demais na época.

Independente disso, suas preocupações durante a maior parte da guerra demonstram como esse trágico contexto histórico afetava Clarke de uma forma muito indireta, servindo mais para colocá-lo em contato com a tecnologia de telecomunicações que ele tanto se interessou e continuou atrelado como intelectual, do que para colocar suas crenças no progresso em questão. Pelo contrário, inclusive, Clarke saiu da guerra mais engajado com a ideia da transformação do mundo através da tecnologia astronáutica desenvolvida para fins militares do que quando entrou. Até porque, antes da guerra, os membros da BIS nunca foram levados a sério, assim como outros propagadores iniciais da astronáutica e do sonho espacial como Robert Goddard,⁶⁷ que na década de 1920 foi chamado de lunático por suas ideias sobre voos espaciais (MCALEER, 1992, p. 29). Os esforços de “relações públicas da sociedade seriam muito mais fáceis depois da guerra, percebeu Clarke, graças (ironicamente) ao

⁶⁵ Tradução minha: “During these GCA radar days Clarke wrote almost two dozen pieces, most of which were nonfiction. The short story “Rescue Party”, with its optimistic view of humanity’s future among the stars and its effective punch-line ending, was written at the Honiley airfield in March 1945, although it didn’t appear in *Astounding Science Fiction* until May 1946. This was the first story Clarke sold professionally. *Astounding* editor John W. Campbell sent a check for the then significant amount of \$180.”

⁶⁶ Tradução minha: “Clarke started thinking more about rockets and space travel and less about his wartime concerns of microwaves and radar.”

⁶⁷ Robert Hutchings Goddard foi um físico experimental estadunidense. Considerado pai dos modernos foguetes, tendo antevisto o posterior desenvolvimento da tecnologia espacial.

desenvolvimento de foguetes da Alemanha. As pessoas não podiam mais facilmente descartar os membros do BIS como malucos, idiotas e ingênuos” (MCALEER, 1992, p. 53).⁶⁸

A guerra, portanto, longe de se estabelecer como um trauma ou uma inflexão no pensamento do autor, foi encarada como uma oportunidade histórica. Os lunáticos ridicularizados da organização interplanetária que desenhavam modelos de foguetes e se reuniam para discutir como mandar pessoas à lua, agora poderiam desembarcar da guerra na vanguarda da era espacial. Um ótimo exemplo dessa relação com a experiência da guerra para Clarke foi a reação do escritor às bombas atômicas assim que soube da notícia, em uma ocasião em que coincidentemente recebeu a resposta sobre a publicação de seu artigo sobre satélites artificiais. Em agosto de 1945, “apenas alguns dias após o *Enola Gay* lançar a bomba atômica sobre Hiroshima, Clarke recebeu as provas de seu artigo. O bombardeio o induziu a acrescentar um curto epílogo prevendo que a energia atômica traria as ‘viagens espaciais meio século mais próximas’” (MCALEER, 1992, p. 56).⁶⁹

Do alto de sua criação em uma das maiores potências coloniais do planeta, Clarke podia se dar o direito de se entusiasmar com a prova do domínio humano sobre a energia atômica sem se afetar por um genocídio. Essas mortes, afinal, mal significariam algo frente à marcha do progresso na escala de tempo histórico que Clarke tinha aprendido a considerar. Outros escritores de ficção científica como Azimov, por exemplo, tiveram posturas diferentes. Por intervenção de John Campbell, seu editor, que queria ver Asimov lidando com uma situação em que a ciência falhasse, o segundo romance de sua trilogia, *Fundação e Império* (1952), tem como grande antagonista os cientistas da Fundação (PEREIRA, 2019, p. 73). Mas como veremos nos próximos capítulos, esse não foi o caso de Clarke, que pensava que, em uma perspectiva histórica de longo prazo, só a conquista tecnológica produzida na Segunda Guerra Mundial seria memorável em uma narrativa histórica cujo ponto de inflexão seria a conquista do espaço pela humanidade.

A Associação Interplanetária Britânica

A promoção da pesquisa de voos espaciais na Grã-Bretanha começou com o estabelecimento da *British Interplanetary Society* em 1933. Embora os foguetes fossem uma tecnologia ainda de pequena escala, para uso como fogos de artifício e com algumas

⁶⁸ Tradução minha: “The society's public relations efforts would be much easier after the war, Clarke realized, thanks (ironically) to Germany's rocket development. No longer could people easily dismiss the BIS members as screwballs, nuts, and crackpots.”

⁶⁹ Tradução minha: “In August 1945, just a few days after the *Enola Gay* dropped the atomic bomb on Hiroshima, Clarke received the proofs of his article. The bombing induced him to add a short epilogue predicting that atomic power would bring “space travel half a century nearer.”

aplicações militares, a BIS foi a primeira organização na Grã-Bretanha a pautar a noção de que foguetes poderiam ser usados em voos espaciais de maneira séria. A sociedade era essencialmente composta por uma combinação de 444 membros, em grande parte formada por engenheiros, projetistas, engenheiros civis, técnicos e “trabalhadores científicos” em outras áreas como medicina e metalurgia, além de outros tipos de integrantes igualmente apaixonados pela causa espacial (MACAULEY, 2014, p. 264). A associação se sustentava inteiramente por meio de pequenas doações e taxas de assinatura, que eram destinadas para o custo de produção do jornal da BIS (JBIS) e, mais tarde, para a revista *Spaceflight* (1957), ambas publicações ainda em produção hoje.

Sobretudo após a guerra, quando os membros tiveram que reorganizar toda a estrutura da sociedade, o estabelecimento da BIS ocorreu em um contexto geopolítico em que o internacionalismo era visto como uma forma positiva de reunir comunidades em todo o mundo, aproveitando os novos desenvolvimentos tecnológicos e se esquivando da pecha imperialista que caracterizou os séculos anteriores (DUNNETT, 2017, p. 7). Embora a organização estivesse principalmente preocupada com as questões relacionadas aos foguetes, astronáutica e as possibilidades de vida extraterrestre, em muitos aspectos na BIS pré-guerra também foi emblemático esse tipo de internacionalismo “aspiracional”, que viria a formar a base da perspectiva geopolítica da BIS para as décadas seguintes. A mudança do contexto internacional pós-guerra tendeu a moderar o otimismo absoluto das perspectivas pré-guerra da BIS, em direção a uma versão do internacionalismo atrelada a novas preocupações geopolíticas. Em uma reunião em outubro de 1947, Arthur “Val” Cleaver, peça-chave na organização no pós-guerra, apresentou um artigo na BIS intitulado *The Interplanetary Project*, no qual estabeleceu duas possibilidades para o futuro dos voos espaciais. A primeira ele chamou de “visão utópica”, segundo a qual uma sociedade global pós-guerra viria junto com o advento de novas tecnologias para explorar o espaço interplanetário visando o bem de toda a humanidade. A segunda possibilidade de Cleaver, no entanto, considerava que motivações militaristas e nacionalistas estimulariam o desenvolvimento do voo espacial. Essa segunda opção era oriunda das calamidades da Segunda Guerra Mundial e das tensões crescentes da Guerra Fria, deixando um alerta aos membros da BIS sobre o provável custo do fracasso das expectativas internacionalistas para a astronáutica.

No contexto pós-guerra, as implicações geopolíticas no discurso da BIS eram muitas, como a Segunda Guerra Mundial, processos como o programa de rearmamento pós-guerra da Grã-Bretanha, e a transição complicada do Império Britânico para a “British Commonwealth”. Esses fatores, entre outros, delimitavam as ações dessa organização em uma

singularidade do contexto britânico, que se encontrava tensionado pelas complexidades do nacionalismo, pós-colonialismo e internacionalismo durante este período. Desde o início da BIS, seu fundador, Philip Ellaby Cleator, filho de um engenheiro da *Wallasey* perto de Liverpool, sustentava suas principais influências para o estabelecimento da organização em uma perspectiva internacionalista. Cleator era fascinado pelo pioneiro da Astronáutica, o professor Robert Goddard dos EUA, que foi um dos primeiros a conceber o uso de foguetes para voos espaciais. Assim que solidificou a estrutura da BIS, Cleator organizou uma visita à renomada Sociedade de foguetes com sede em Berlim, a *Verein für Raumschiffahrt* (VfR), no início de 1934, que seria instrumental na formulação da visão internacionalista da organização (DUNNETT, 2017, p. 7). Este grupo atraiu uma adesão internacional de engenheiros, cientistas e leigos, e era representativo de uma “moda espacial” que havia se consolidado em partes da Europa e da Rússia na década de 1920.

A visita de Cleator à Alemanha pode ser vista como uma espécie de missão diplomática de pequena escala, onde foram trocadas cordialidades e informações para benefício mútuo e o avanço da pesquisa de voos espaciais. Porém, além disso, a visita tornou-se uma experiência formativa para a visão de Cleator sobre voos espaciais e sobre a pesquisa nessa área, convencendo-o da necessidade de uma cooperação internacional. Isso se refletiu nas políticas da BIS, que passou a estabelecer conexões em todo o mundo, incluindo sociedades na América, Itália, França, Áustria e a URSS (DUNNETT, 2017, p. 8). Nesse período ainda não existia clareza sobre o papel que as instituições governamentais teriam no que esses pioneiros almejavam, a conquista do espaço. Qual seria o nível de investimento? Quais seriam as prioridades? Quem seria incluído na empreitada? A BIS não só queria garantir que o esforço político e econômico acontecesse, o que não era certo, mas também queria fazer parte tendo como meta um esforço global, uma ação coordenada de forma internacional. E para isso, a astronáutica precisaria gozar do respaldo científico que outras ciências como a astronomia já possuíam.

Como parte de tais esforços, o jornal da BIS relatou tentativas de “estabelecer comunicação de rádio entre membros de sociedades de foguetes do mundo todo, enquanto um programa internacional de intercâmbio de periódicos também foi iniciado. As publicações envolvidas nessa organização foram o *VfR's Die Rakete*, outra publicação alemã *Das Neue Fahrzeug*, para a qual Cleator deveria escrever ele mesmo um artigo, o *Bulletin and Astronautics of the American Rocket Society*, e a revista *Space* da *Cleveland Rocket Society*, com o objetivo de estabelecer uma troca livre de informações vitais entre as sociedades de foguetes do mundo (DUNNETT, 2017, p. 8). Porém, apesar da visão favorável à cooperação

internacional na promoção da pesquisa em voos espaciais, os representantes da BIS também demonstraram visões críticas sobre o envolvimento do governo na ciência, particularmente os “hydra-headed regulations”, como a Lei de Explosivos de 1875, que proibia experimentação prática com foguetes no Reino Unido (DUNNETT, 2017, p. 9). Até por isso, e também devido a uma atitude de consternação do governo sobre a possibilidade de apoiar pesquisas de voos espaciais, a BIS tendia a adotar um princípio de anti-imperialismo em sua visão sobre a astronáutica, negando qualquer apoio a um futuro domínio nacional das conquistas espaciais.

Sendo assim, ao invés de um tipo de conquista imperialista estatal do espaço, a BIS queria que as sociedades de voos espaciais do mundo fossem intelectualmente conectadas, para criar efetivamente “uma sociedade internacional de foguetes”, que guiaria a realização do voo espacial. Mesmo que no período inicial da BIS não existisse uma estrutura geopolítica estratégica estabelecida, a postura ideológica de internacionalismo anti-imperialista baseado em um sistema de igualdade e troca de informações entre os agentes locais representou a gênese da visão geopolítica da organização. Era uma espécie de posicionamento idealista, que visava passar uma expectativa, a partir da qual uma postura geopolítica mais pragmática surgiria no pós-guerra, em uma época em que a possibilidade do voo espacial era vista como muito mais provável (DUNNETT, 2017, p. 9). Associando esse posicionamento a uma certa ansiedade quanto às tensões do pós-guerra, foram se estreitando os vínculos entre as sociedades de voos espaciais neste período, o que culminou com a criação da Federação Astronáutica Internacional (IAF) em 1951. Nesse momento, Clarke já iniciava seu segundo mandato como presidente da BIS, tendo sido eleito para liderar a organização antes, de 1946 a 1947, na época da reconstrução, e depois de 1951 a 1953 (MACAULEY, 2014, p. 284).

Apesar da preocupação dos membros das organizações do mundo todo quanto à independência das mesmas, uma reunião preliminar foi organizada em Paris em 30 de setembro de 1950, no Grande Anfiteatro da Sorbonne, estando presentes mais de mil delegados, tendo ocorrido também uma reunião de negócios menor entre os representantes de oito sociedades no dia seguinte no Aeroclube francês, presidida por Val Cleaver. Nessa última reunião, foi decidido que a IAF deveria ser formalmente inaugurada em um Congresso em 1951 em Londres, que seria organizado pela BIS. Somente a *American Rocket Society* não participou do Congresso de Paris, pois já vislumbrava uma atuação independente devido a condição diferenciada da astronáutica nos EUA, que, na época, já fazia testes com os foguetes V-2 da Alemanha Nazista capturados na guerra. Apesar disso, a nova Federação foi considerada um sucesso e, em maio de 1951, a BIS foi capaz de fazer circular um rascunho completo de uma constituição para a IAF (DUNNETT, 2017, p. 9). Esta Constituição foi

aprovada em um congresso de quatro dias presidido pela BIS em Londres, sendo composto por vários eventos sociais e por uma reunião pública, com presença da imprensa durante todo o evento. As sessões de trabalho consistiram na entrega de documentos em inglês, francês e alemão que abordavam o tema do “Veículo Satélite-Terrestre”, que era visto como o primeiro passo para a conquista do espaço.

A outra parte do esforço da BIS para se estabelecer como uma força relevante capaz de influenciar na conquista do espaço, envolvia delimitar a legitimidade do campo que pretendia atuar. Desde a formação da organização, em 1933, seus membros queriam fornecer explicações claras de futuros voos espaciais com base na ciência e tecnologia da época em vez de oferecer uma visão que ocultasse a tecnologia necessária ou que dependesse de dispositivos e processos físicos que não podiam ser equiparados ou extrapolados da ciência e tecnologia possíveis no momento. Em 1934, o objetivo final da BIS já era descrito por Philip E. Cleator na primeira edição do JBIS, ou seja, "a conquista do espaço e, portanto, as viagens interplanetárias" (MACAULEY, 2014, p. 286). Contudo, a tarefa mais urgente para os membros da sociedade era despertar o interesse no tema dos voos espaciais sem enganar o público sobre a verdadeira natureza e dificuldades que poderiam impedir a realização desse objetivo. Portanto, desde os primeiros momentos da BIS, os membros reconheciam que havia uma tensão fundamental entre o objetivo final ou ideal de realizar viagens interplanetárias e a imensa dificuldade de conseguir isso em termos práticos. Os membros da BIS estavam bem cientes dessa disparidade e fizeram tentativas de preencher ou, pelo menos, reduzir a lacuna entre teoria e prática ou imaginação e realidade criando e incorporando imagens e modelos persuasivos de viagens interplanetárias em espaços públicos utilizando um discurso tecnocientífico (MACAULEY, 2014, p. 286).

Como resultado da falta de fundos e proibições legais de experimentos amadores com foguetes na Inglaterra, os membros da instituição concentraram seus esforços no trabalho teórico, referido como “estudos astronáuticos”, como estudos de design de futuras naves espaciais e outras tecnologias. Detalhes e resultados desses estudos foram compartilhados entre os membros da BIS e disseminados para cientistas e engenheiros principalmente através do JBIS e sua publicação correlata, o *Bulletin of the British Interplanetary Society*, assim como em publicações menos frequentes como os anais de conferências. O envolvimento com assuntos não técnicos, audiências, informações sobre as possibilidades das viagens interplanetárias e outros tópicos relacionados eram divulgados normalmente através de palestras públicas, exposições, filmes, shows, assim como artigos de jornais, revistas científicas populares e livros. E desde o início da década de 1950, alguns membros da BIS,

principalmente Clarke e Cleator, contribuíram para programas sobre viagens espaciais transmitidos no rádio e na televisão para audiências de massa na Grã-Bretanha e no exterior. Apesar do desejo dos membros da BIS de se engajarem ativamente em atividades científicas, experimentos em voos espaciais e produzir dados empíricos, as seções técnicas da sociedade eram consideradas impraticáveis no pós-guerra. Logo foram substituídas por um único grupo consultivo, pois o conselho da BIS reconhecia que a organização não tinha recursos para realizar pesquisas experimentais. Apesar disso, um grupo de modelos aeroespaciais foi mantido da estrutura da BIS pré-guerra e encarregado de construir maquetes físicas para exposições, palestras, e também orientar na produção de pequenos dispositivos e instrumentos para auxílio a viagens espaciais no que fosse possível a eles (MACAULEY, 2014, p. 286-287).

O esforço da BIS dentro de suas limitações, portanto, se voltou para a construção de uma imagem sobre a astronáutica que cativasse o público, mesmo que aspectos mais técnicos sobre o futuro da viagem espacial fossem desconhecidos ou ligeiramente diferentes e menos atrativos. Os membros da BIS reconheciam a tensão entre o atrativo e a precisão científica, e mesmo assim usavam às vezes imagens de futuras naves espaciais que “eram visualmente atraentes em oposição a imagens estritamente funcionais e baseadas no conhecimento científico. Capturar e manter a atenção do público foi reconhecido como um aspecto importante da promoção do voo espacial como um esforço científico” (MACAULEY, 2014, p. 292).⁷⁰ A estratégia dos membros da BIS envolvia, além de texto e imagens, o uso de cada vez mais modelos físicos e exposições em espaços públicos. Durante o período pós-guerra, o JBIS incluiu pedidos do *Technical Advisory Group and Models Group* para que os membros ajudassem na construção de modelos em escala de projetos de naves espaciais, como o *Megaroc* e a nave espacial lunar projetada pela BIS no pré-guerra, originalmente publicadas em 1939.

Um ótimo exemplo da estratégia da BIS é o evento de outubro de 1949, em que a organização promoveu um encontro público de um dia, conhecido como "Conversazione", para abrir sua temporada de palestras de 1949-50. O nome foi emprestado de eventos culturais referidos como "conversas abertas" para membros convidados, hospedados por sociedades eruditas ou de arte, instituições científicas como a *Royal Society* e clubes de ciência afiliados a universidades e museus. A partir do final do século XIX, *conversaciones* organizadas pela

⁷⁰ Tradução minha: “used images of future spacecraft that were visually attractive as opposed to strictly functional and based on scientific knowledge. Capturing and sustaining the attention of audiences was recognized as an important aspect of promoting spaceflight as a plausible scientific endeavor.”

Royal Society e outros órgãos científicos estabelecidos no Reino Unido incluíram apresentações de cientistas e exposições de instrumentos e outros objetos de interesse científico. Ao propor sua reunião como uma *Conversazione*, os membros da BIS não estavam apenas emulando o formato de apresentação de eventos bem estabelecidos organizados por órgãos científicos profissionais, mas também tentando caracterizar as viagens espaciais como uma ciência e se posicionar como cientistas ou, no mínimo, especialistas que possuíam um conhecimento técnico excepcional (MACAULEY, 2014, p. 293). Mesmo que a BIS tenha muitas vezes usado fotos em palestras públicas, essa *Conversazione* foi um evento multimídia especial, que incluiu um enorme número de fotos, modelos e exposições, bem como uma apresentação de slides e filmes. A BIS havia organizado eventos semelhantes nos anos imediatos ao pós-guerra, mas o evento de 1949 teve uma escala maior, atraindo mais de cem membros e visitantes.

Jornais de grande porte, como o *Times*, publicaram reportagens curtas sobre as atividades da BIS, assim como anúncios colocados pela BIS para palestras e eventos como o *Conversazione*, mas estes não eram tão proeminentes quanto os relatórios do *Daily Express*, e não incluíam fotos. A BIS monitorou reportagens de viagens espaciais na imprensa, incluindo cobertura das atividades da sociedade e publicou resenhas curtas de histórias relacionadas ao espaço coletadas de jornais, programas de rádio, cinema e televisão produzidos no Reino Unido e no exterior (MACAULEY, 2014, p. 294). Relatórios das viagens espaciais nos meios de comunicação de massa foram produzidos, reunidos, revisados e divulgados pela BIS e isso foi uma parte significativa da operação da organização. No início da década de 1950, inclusive, essa inserção na mídia chegou ao ponto de o JBIS incluir um número crescente de fotografias e resenhas de exposições organizadas pela BIS e outros grupos de defesa do espaço que apresentavam modelos de naves. Isso coincidiu com a publicação de críticas feitas por Clarke e Cleaver a filmes, e outras mídias que se referiam explicitamente a modelos de naves espaciais, como os “filmes astronáuticos” da época, como *Destination Moon* (1950), *Rocketship X-M* (1950), *When Worlds Collide* (1951) e *Spaceways* (1953).

A forma de atuação mais destacável da BIS no pós-guerra, contudo, foi a criação de vínculos profissionais e intelectuais com os meios de divulgação mais acessíveis para as ideias da organização. Clarke, especialmente, foi peça chave para esse esforço da BIS. Clarke iniciou e manteve laços estreitos com profissionais de mídia de notícias e entretenimento da BBC, enquanto outros membros da BIS desenvolveram mais ligações com a imprensa britânica, especialmente com o jornal *Daily Express*. Foi em grande parte Clarke quem estabeleceu uma rede de contatos na mídia de notícias da BBC em Londres para promover

não apenas a astronáutica e as atividades relacionadas a BIS, mas também sua própria carreira como escritor de ciência (MACAULEY, 2014, p. 295). Além disso, Clarke conseguiu avançar em sua carreira como autor de ficção científica, oferecendo uma seleção de suas histórias para serem consideradas pela equipe da BBC. Clarke apresentava sobretudo abordagens para produções dramáticas de ficção científica e roteiros e material de acompanhamento para programas factuais para o público infantil e adulto. A maioria das cartas de Clarke aos editores e produtores da BBC referiam-se às suas histórias de ficção científica junto com seus artigos científicos e livros de não-ficção sobre voos espaciais e viagens interplanetárias:

O propósito da BBC como uma empresa nacional de radiodifusão era exemplificado nas palavras do primeiro diretor da BBC Lord Reith, ou seja, “educar, informar e entreter”. Na cultura institucional do pós-guerra na BBC, noticiários e programas factuais eram considerados pelos produtores de rádio e televisão como o principal meio de educar e informar o público por meio da transmissão nos meios de comunicação. Dentro desse contexto institucional, o voo espacial era visto como um tema polêmico em que não houve consenso entre a comunidade científica sobre a plausibilidade ou precisão das alegações feitas pelos proponentes das viagens espaciais. (MACAULEY, 2014, p. 296).⁷¹

Em 1946, enquanto iniciava sua faculdade de física e matemática, Clarke estava empregado como consultor científico, pesquisador, roteirista e editor de notícias. Nessa época, os roteiros de Clarke eram principalmente traduzidos e transmitidos para audiências estrangeiras através do serviço ultramarino da BBC. Em 1947, a BBC já mantinha um arquivo pessoal somente para Clarke, contendo correspondências, direitos autorais, contratos, documentos internos e outros papéis. A maior parte de sua correspondência enviada para a equipe de comissionamento e para os produtores da BBC foi digitada ou escrita à mão em papel timbrado oficial da BIS, pois esse tipo de papel identificava explicitamente seu status na instituição. As cartas enviadas por Clarke indicavam que ele era um representante oficial da BIS e que seus comentários sobre a exploração espacial e outros aspectos da astronáutica eram aprovados por todos da organização (MACAULEY, 2014, p. 296). Esse comportamento era não somente parte de uma noção de profissionalismo do autor, mas também importante como uma postura intelectual dele frente à BBC em seu esforço de angariar credibilidade para ele como escritor de ficção e não-ficção, e para a BIS que era frequentemente julgada pelas ideias de seu representante mais destacado.

⁷¹ Tradução minha: “The purpose of the BBC as a national broadcasting corporation was exemplified in the words of the first Director at the BBC Lord Reith, namely to ‘educate, inform and entertain. In the post-war institutional culture at the BBC, news and factual programs were considered by radio and television producers as the principle means of educating and informing the public through broadcast media. Within this institutional context, spaceflight was regarded as a popular though controversial topic in that there was no consensus among the scientific Community regarding the plausibility or accuracy of claims made by proponents of space travel.”

Clarke não foi o único “especialista” que trabalhou em roteiros para o rádio sobre viagens espaciais. Os produtores de mídia da BBC também consultaram os principais cientistas do campo já estabelecido da astronomia, como o astrônomo real Sir Harold Spencer Jones (1890–1960), o astrônomo de Cambridge Fred Hoyle (1915–2001) e o astrônomo do *Royal Greenwich Observatory*, John Guy Porter (1900–1981) para escrever e editar roteiros (MACAULEY, 2014, p. 296). Enquanto Clarke em seus roteiros buscava fazer conexões entre as representações dos voos espaciais na forma de texto, imagens e som, assim como diferentes meios de comunicação como imprensa, rádio, televisão e cinema, cientistas como Hoyle trabalharam exclusivamente com roteiros escritos. Mesmo com esse tipo de trabalho, a credibilidade de Clarke era muito mais questionada, o que não o dissuadiu. Em comparação com cientistas profissionais, Clarke fazia referência a uma variedade maior de fontes e tipos de evidências para apoiar suas alegações sobre a plausibilidade de viagens espaciais. Ele demonstrava grande desenvoltura em chamar a atenção para um material oriundo de uma variedade de fontes e diferentes mídias para desenvolver o argumento de que as viagens espaciais constituíam um problema científico legítimo que despertava o interesse público e, portanto, que programas de rádio deveriam tratar do assunto (MACAULEY, 2014, p. 297).

Porém, apesar de tudo, seu trabalho durante muito tempo foi acolhido com ressalvas dentro da BBC. Sobre um dos livros de Clarke, foi comentado que:

Do lado positivo, talvez, um dos colegas de Keen descreveu o livro como 'Ficção científica ingênua' e 'Clarke como talentoso'. Archibald Clow descreveu Clarke como um “Terrible pushing fellow” e descartou seu livro como “... um assunto wellsiano e problemático, não sendo realmente adequado para a discussão.” Clow havia elaborado anteriormente suas razões para rejeitar a proposta do Terceiro Programa de Clarke e reclamou que o livro *Interplanetary Flight* era uma combinação desconcertante de fatos científicos e fantasia. (MACAULEY, 2014, p. 297).⁷²

O nível de conservadorismo dos produtores da BBC em relação à abordagem de Clarke em sua divulgação científica foi diminuindo à medida em que Clarke ficava mais famoso e sobretudo com a crescente necessidade de uma abordagem mais ousada sobre a astronáutica ligada ao aumento do público para esse assunto. Em 1953, houve um crescimento nas compras de televisores devido ao interesse popular em assistir a coroação de Elizabeth II e

⁷² Tradução minha: “On the positive side, perhaps, one of Keen’s colleagues described the book as ‘Scientific Fiction Ingenuous’ and ‘Clarke talented.’ On the negative side, Science Producer Archibald Clow described Clarke as a ‘Terrible pushing fellow’ and dismissed his book as ‘... wellsian and problematic subject is really not right for discussion.’ Clow had previously elaborated on his reasons for rejecting Clarke’s Third Programme proposal and complained that the book *Interplanetary Flight* was a bewildering combination of scientific facts and fantasy.”

devido às licenças de TV aumentarem para 2.142.452. Ao longo deste período, dado o elevado custo dos aparelhos de televisão, o público era predominantemente de famílias ricas e de classe média. Dentro da BBC, o rápido aumento no número de televisores foi interpretado como uma necessidade de produzir programas para um público crescente e relativamente diversificado em comparação com o público pré-guerra (MACAULEY, 2014, p. 299). Tentando se aproveitar dessa questão, no período de 1949 a 1953, Clarke e seu agente Jean Le Roy trocaram correspondências com produtores da BBC para tentar fornecer roteiros, material visual e aparições pessoais em programas de televisão factuais que tratavam sobre futuras viagens espaciais e tópicos relacionados. Ele também apresentou manuscritos de histórias de “natureza ficcional científica” e outras com abordagens originais mais dramáticas, que foram rejeitadas com o argumento de serem “muito abstratas” e mais adequadas para leitura do que para a televisão (MACAULEY, 2014, p. 299).

Foi necessário um processo de convencimento da BBC por parte de Clarke. Sua estratégia estava focada em passar a imagem de que era proficiente em ciência e tecnologia e que tinha um conhecimento especializado que era ideal para produzir roteiros cientificamente precisos e apresentar aspectos técnicos da astronáutica em um estilo acessível ao público leigo. Diferentemente dos astrônomos profissionais, o trunfo de Clarke, que nem sempre foi compreendido assim, era que ele era adepto do uso de “linguagem (tanto escrita quanto falada) e uma ampla gama de materiais visuais, incluindo diagramas, pinturas, fotografias, documentários e filmes comerciais de ficção científica para enquadrar as viagens espaciais como científicas, espetaculares e necessárias.” Apesar da recusa de alguns, foi se formando “um consenso entre os produtores de televisão de que ele era ‘uma excelente personalidade da TV’ e ‘bom demais para se perder’” (MACAULEY, 2014, p. 297).⁷³ Como forma de persuasão, Clarke chegou a utilizar seus conhecimentos em telecomunicações para tentar mostrar que possuía uma certa expertise no mundo da televisão. Em uma carta a Robert Barr, editor comissionado da BBC, Clarke forneceu detalhes de sua formação técnica e interesse em televisão e ciência. Ele descreveu sua ocupação como “editor assistente de resumos de ciência no Instituto de Engenheiros Elétricos (IEE)” juntamente com uma sinopse de seu trabalho durante a guerra como oficial técnico envolvido no desenvolvimento de radares. Clarke também citou sua licenciatura em matemática e explicou sobre seus artigos sobre

⁷³ Tradução minha: “language (both written and spoken) and a wide range of visual materials including diagrams, paintings, photographs, documentary film, and commercial science fiction films to frame space travel as scientific, spectacular, and necessary.” “consensus among television producers that he was ‘an excellent TV personality’ and ‘too good to lose.’”

telecomunicações, tecnologia e sua proposta de estações espaciais orbitais para retransmissão de televisão global.

Tudo isso constituiu um complexo trabalho de Clarke como intelectual para se posicionar dentro dos meios que ele entendia poder alcançar junto à BIS para a vanguarda da onda espacial tão aguardada. Apesar de se poder interpretar que Clarke usou a BIS no pós-guerra para alavancar sua carreira, as evidências mostram que, na realidade, era um trabalho em conjunto e que durou bastante mesmo após Clarke se tornar conhecido. Além disso, a BIS, como organização, era uma perfeita catalisadora de ideias para a escrita de Clarke, enquanto, por outro lado, o sucesso de Clarke escrevendo ficção ou não significava uma elevação no status da BIS não só em solo inglês. Até porque, Clarke usava sua influência crescente durante a década de 1950 para tentar, sempre que podia, angariar membros famosos para a organização ou pelo menos conseguir novos palestrantes. Segundo Macauley:

O material visual mobilizado por Clarke para consolidar sua posição como escritor, conselheiro técnico e apresentador de programas factuais sobre viagens espaciais estava intrinsecamente ligado a seu trabalho na BIS. A capacidade de Clarke de divulgar textos e imagens em vários sites, formatos representacionais e a mídia foi facilitada por uma rede de defensores do espaço com sede na Europa e na América do Norte que desempenharam um papel importante na definição da ciência e do realismo visual e estético do voo espacial. (2014, p. 300).⁷⁴

Com essa abordagem nesse contexto, Clarke conseguiu que, mesmo com diferenças em seus pontos de vista sobre a ciência e a possibilidade de viagens espaciais, em mais de uma ocasião cientistas que ocupavam uma posição relativamente cética o recomendassem como um potencial colaborador de programas da BBC sobre voos espaciais. Da mesma forma, Clarke frequentemente convidava líderes astrônomos como Spencer Jones e Porter para apresentar seus trabalhos em palestras e outros eventos organizados pela BIS (MACAULEY, 2014, p. 304). Além desses cientistas, várias outras figuras foram ou abordadas ou levadas a BIS na década de 1950 pelo esforço contínuo de Clarke, alguns se tornando membros. George Bernard Shaw⁷⁵ foi um deles. Outros, como C. S. Lewis, se recusaram, mas acabaram pelo menos dialogando com Clarke sobre as ideias da BIS e do autor devido à grande insistência que ele demonstrou. Clarke era muito ativo e todo o

⁷⁴ Tradução minha: “The visual material mobilized by Clarke to consolidate his position as writer, technical adviser and presenter of factual programs on space travel was intricately linked to his work at the BIS. Clarke’s ability to disseminate texts and pictures across various sites, representational formats, and media was facilitated by a network of space advocates based in Europe and North America that played a major role in defining the science and visual realism and aesthetic of spaceflight.”

⁷⁵ George Bernard Shaw foi um dramaturgo, romancista, contista, ensaísta e jornalista irlandês, além de escritor de ficção científica. Cofundador da *London School of Economics*, Shaw era socialista e foi também o autor de comédias satíricas de espírito irreverente e inconformista, sempre criticando a exploração da classe trabalhadora.

engajamento que a BIS exigia, sobretudo para seu presidente, encontrava em Clarke o expoente ideal.

Mesmo com a vida acadêmica na universidade, sua escrita ficcional continuava em evolução. “Vários de seus contos clássicos - "The Fires Within", "Inheritance" e "Critical Mass", por exemplo - com suas reviravoltas clarkeanas e finais surpreendentes, foram escritos e publicados durante esse período.” (MCALEER, 1992, p. 64).⁷⁶ Escreveu também em 1947 “The Fires Within”, publicou *The Forgotten Enemy* em 1948 e, no mesmo ano, produziu a semente de *2001 A Space Odyssey*, “The Sentinel” (MCALEER, 1992, p. 66). Além de todos os artigos de divulgação científica que o escritor publicava frequentemente no JBIS, sendo o mais relevante *The Challenge Of The Spaceship*, que continha já em 1946 uma grande síntese das ideias do autor. O período de 1946 até 1953 foi decisivo para Clarke, pois nessa época ele fez faculdade, liderou a BIS com um papel ativo, desenvolveu sua escrita ficcional, se impôs como uma referência na recém estruturada ciência astronáutica mesmo não sendo um cientista e definiu para si mesmo que seria de fato um escritor em tempo integral. A culminância desse processo formador para Clarke pode ser observada nas conquistas do autor, que finalmente conseguiu participar de um programa de TV em 1950, publicou seu primeiro grande livro de sucesso, *Interplanetary Flight*, em 1950, e deu início à sua carreira internacional.

Por mais que ainda existisse muito o que ser feito para a BIS ser um agente relevante na Corrida Espacial junto às outras associações do mesmo tipo pelo mundo, e mesmo para o completo estabelecimento da astronáutica como uma ciência importante e cientificamente plausível, tudo parecia possível a Clarke e seus pares sonhadores nesse início de década. E, durante toda ela, o agora escritor em tempo integral dividiu seu tempo para continuar ativo na BIS. Porém, tendo sua ficção chegado a um novo patamar de importância, as ideias que cultivou desde a infância poderiam alçar voos que a BIS ainda não podia. A conquista do espaço tinha em sua ficção uma aliada incomparável e, para Clarke, apesar de todos os percalços e desvios, a ficção científica sempre foi sua maior paixão e, em sua prática como escritor, uma paixão que não o privou de toda sua trajetória na luta pela conquista do espaço. Pelo contrário, em sua visão, a convergência era natural e desejada, sendo essa a grande virtude que tornou Clarke algo maior quando comparado a outros grandes escritores de ficção científica da época. Na prática de Clarke, não havia uma precedência de nenhum elemento constituinte de sua trajetória intelectual sobre outro. Como veremos, sua escrita e sua carreira se organizaram por meio dessa convergência de múltiplos fios que teceram uma vida

⁷⁶ Tradução minha: "Several of his classic short stories - "The Fires Within", "Inheritance", and "Critical Mass", for example - with their Clarkean twists and surprise endings, were written and published during this time."

intelectual cuja força política se dava justamente pela complementaridade desses fios. Um deles, entretanto, possuía um teor sentimental diferente para o autor.

A ficção

É interessante notar como fez Antoine Compagnon que na Inglaterra as livrarias separam ficção e literatura, “como se a Literatura fosse a ficção entediante, e a Ficção, a Literatura divertida” (1999, p. 15). Por detrás dessa divisão comercial, contudo, reside um problema complexo acerca do que seria a literatura. Problema que se desdobra para muitos lados, mas que nessa pesquisa reverbera na direção da divisão entre ciência, literatura e história, podendo a partir disso gerar pistas para compreender a estranheza da ficção científica, a oportunidade analítica que ela fornece e, principalmente, a forma que Clarke se apropriou desse gênero literário. Segundo Compagnon, a literatura esteve “sempre imprensada entre duas abordagens irredutíveis: uma abordagem histórica, no sentido amplo (o texto como documento), e uma abordagem linguística (o texto como fato da língua, a literatura como arte da linguagem)” (1999, p. 15). Essa abordagem, porém, é oriunda de uma concepção moderna de literatura promovida pelo romantismo, “isto é, da afirmação da relatividade histórica e geográfica do bom gosto, em oposição à doutrina clássica da eternidade e da universalidade do cânone estético” (COMPAGNON, 1999, p. 32).

Sem precisar retornar aos gregos, é fundamental pensar como no século XVI e XVII a literatura era o mesmo que as belas-letas, que estava incluída dentro das “Letras”, que compreendia um conjunto de saberes como história, filosofia, gramática, direito, moral, teologia, geometria, física e astronomia. No núcleo regular das belas-letas estava a gramática, a eloquência, a história, a poesia e, às vezes, até a matemática. A literatura, com a evolução das belas-letas, vai sendo entendida como “a erudição produzida pelo conhecimento dos grandes textos, a frequência dos antigos, dos oradores, poetas, historiadores: é a definição encontrada no dicionário de Richelet, em 1680” (JABLONKA, 2021, 57). Ou seja, ela conformava muito mais uma prática nesse momento, mas logo vai se entrelaçando a um conjunto de textos, as chamadas “obras de espírito”. Na figura desses “gênios” que adicionaram obras ao cânone, se identifica a divisão que já surgia nos espaços intelectuais entre o escritor e o homem de letras.

O escritor, seja ele epistológrafo, historiador, fabulista, poeta ou romancista deveria participar do mundo, ter uma vida como intelectual, diferente do homem de letras conhecedor de todos os saberes eruditos, porém trancado em seu gabinete (JABLONKA, 2021, 59). É só “no final do século XVIII que o ‘escritor’ se encontra com a ‘literatura’” (JABLONKA, 2021,

59). A organização das belas-lettras não se abalou com isso, mas a dinâmica entre a história e o romance mudou dentro desse sistema. Esse último não era muito valorizado, pois era visto como “inverossímil”. Henriqueta da Inglaterra teria perdido por isso o interesse pelos romances em função da história, mestra da vida. “Com o cuidado de formar-se acerca do verdadeiro, ela desprezava essas frias e perigosas ficções” (JABLONKA, 2021, 61). O conceito de verossimilhança, inclusive, vai se mostrar crucial para a compreensão de como Clarke propôs uma noção de ficção científica em oposição à fantasia, mas cujo critério de verossimilhança era completamente diferente do mostrado acima.

No século XVIII, logo o romance também ganhou seu destaque a partir da inversão dessa ideia de falsidade associada à ficção. Pintando a história como “um panorama geral dos eventos públicos”, o romance conseguiu alavancar a ideia de que “ele possuía o “conhecimento íntimo de todos os movimentos do coração humano”, chegando a um grau de profundidade que a história não alcançaria. A ficção substituiria a realidade enquanto a história apresentaria uma versão inescapavelmente incompleta da vida, pois sempre encararia um fora-do-texto:

A história oferece apenas, portanto, uma imagem truncada do mundo, indiferente à experiência comum. A ficção romanesca, por sua vez, fundada na verossimilhança e na identificação, torna-se a verdade da literatura. Seus temas são movimentos do coração, a vida interior, os eventos psicológicos, as aspirações do indivíduo diante dos imperativos sociais, a excepcionalidade dolorosa. A *verdadeira história magistra vitae* é o romance. (JABLONKA, 2021, 62).

Apesar da aberta disputa entre história e ficção, no século XVIII os saberes eram cada vez mais estruturados a partir da oposição entre “ciências” e “letras”, com a balança sempre pendendo em direção às ciências. No “século das Luzes, as ciências estão revestidas de todas as virtudes” (JABLONKA, 2021, 64). A partir dessa tensão, a história, por mais que ainda continuasse sendo posta entre as letras por muito tempo, almejava estar entre as ciências detentoras da legitimidade acerca do discurso sobre a realidade. Por mais que alguns, como Edward Gibbon,⁷⁷ acreditassem que a história poderia explicar as ações humanas permanecendo na literatura, ela se via instada a buscar um lugar nas ciências, criando o que Jablonka chamou de “terceira cultura” (2021, 67). Essa disputa explica em grande parte porque muitas definições de literatura que foram expressas nos últimos séculos envolviam de formas diferentes a noção de ficção. Marcos Natali, por exemplo, explica em seu texto sobre Antonio Candido como sua concepção de literatura se sustentava em dois pilares, as noções

⁷⁷ Edward Gibbon foi um historiador inglês, autor de *A História do Declínio e Queda do Império Romano*.

de humanização e ficção, sendo esta última entendida como quaisquer representações discursivas com uma relação oblíqua com o mundo (2020, p. 26-27). Isso, contudo, é problemático e remete à criação dessa terceira cultura:

Não é incomum que se veja a literatura como uma prática que escapa às amarras rígidas da historiografia e não está sujeita a seu domínio, e essa ideia de ficção – uma representação discursiva desvinculada da exigência de objetividade estrita – só consegue funcionar se existe seu avesso – uma representação objetiva da realidade. A mediação de algo como a “imaginação” ou a “fabulação” só distingue a relação da literatura com o real se houver, como contraponto, uma prática em que essa mesma mediação não ocorra, ou melhor, que não ocorra da mesma maneira, assim como só pode existir o fetiche – a *illusio* – se houver o seu contrário, o fato. Se essa formulação estiver correta, então não haveria literatura antes da historiografia, nem pode haver literatura, como a modernidade a entende, sem historiografia. (NATALI, 2020, p. 27).

É por isso que essa pesquisa se sustenta na mesma ideia defendida por Luiz Costa Lima, de que “a literatura tem fronteiras muito mais fluidas do que a ficção” (2006, p. 31). A escrita de Clarke, como mostraremos, é prova disso. Contudo, existem e existiram muitas noções de literatura, cuja compreensão ajudará na especificação do que Clarke produziu como intelectual. No início do século XIX, por exemplo, Benjamin Constant, Madame de Stael, Bonald e Chateaubriand inauguraram o que foi chamado de “nova literatura”, determinada por textos com uma visada estética. Contudo, ancorados em uma grande erudição, criando um tipo de narrativa “não somente verossímil, mas viva” (JABLONKA, 2021, 72). Com o desenvolvimento do romance histórico, a então posição da história foi se tornando ainda mais frágil, até o ponto em que a história reagiu aprendendo com o próprio romance histórico. O reavivamento do passado se dava “graças a personagens, emoções, atmosfera; também porque isolam uma ação e formulam um problema, oferecendo ao leitor instrumentos de inteligibilidade. [...] são meios ‘literários’ pelos quais a história adquire, pouco a pouco, o estatuto de ciência” (JABLONKA, 2021, 81). Nessa disputa pelo verdadeiro, os já existentes historiadores profissionais questionaram o romance histórico. Apesar de ficcional, o romancista não defendia a ideia de mentira quando era acusado, sendo a ficção nesse momento limitada pela noção de exatidão. A liberdade do romancista não era “grande o bastante para varrer, em nome da ficção, os processos de veracidade” (JABLONKA, 2021, 81). O real era o critério de julgamento da ficção. Contudo, entre os caminhos de reivindicação da legitimidade na expressão do real, mesmo o pai dos historiadores profissionais não jogava fora o bebê junto da água do banho. “Para Ranke, a história é literatura: ela mobiliza o gênio da língua, os valores do escritor, sua sensibilidade estética, sua

coragem, sua sinceridade, sua capacidade de recriação do material recolhido” (JABLONKA, 2021, 90).

O problema é que o valor do literário cada vez mais se esvaia frente ao império das ciências. Não bastava só a arte. Muitos escritores e historiadores, como Ranke, Michelet e Augustin Thierry ambicionavam a conciliação, um meio termo entre “drama e exatidão, narração e problema, erudição e epopeia, para ‘fazer arte e ciência ao mesmo tempo’” (JABLONKA, 2021, 96); mas tais ambições não sobreviveram à geração seguinte. Encarando a presença opressiva das ciências, não só a história, mas também a ficção do final do século XIX, na figura do romance realista, não escapou do cientificismo. Sua vontade era de “elaborar uma ciência do real”, se encontrando nisso com o naturalismo e a história metódica a partir de 1870 (JABLONKA, 2021, 100). Zola, por exemplo, se transformava em um homem de campo e arquivista no processo de escrita, aliando a inventividade a um esforço documental muitas vezes até mais importante no processo que era proposto como científico. Mas, apesar disso, na “segunda metade do século XIX, o cientificismo substitui ao mesmo tempo o romance e a história; essas duas formas de literatura-método” (JABLONKA, 2021, 104). Só restou à história tomar de vez o caminho das ciências através da profissionalização e da institucionalização, tentando conquistar para si um pedaço cada vez mais bem definido do real, o que, claro, logo foi questionado no século XX.

O ponto aqui, porém, é que, junto com tudo o que era entendido como literário ou ficcional, que a história abdicou em função dos fatos, ela também se desvencilhou de uma parte importante do que a constituía, mas que não se adequava aos novos parâmetros. A definição cientificista de que o historiador estuda os fatos visava “romper com as controvérsias pós-revolucionárias e a história reguladora da vida, mas também com a filosofia da História, que busca estabelecer leis válidas tanto para o passado como para o futuro” (JABLONKA, 2021, 105). “Imperativo de documentação, registro dos fatos, preocupação metodológica, busca da verdade: a convergência epistemológica entre a literatura realista e a história-ciência produz um efeito de embaralhamento, como no tempo de Balzac” (JABLONKA, 2021, 107). Zola dizia escrever história, muitos historiadores admitiam que o “romancista procede quase como um historiador”, sendo a diferença descrita a partir do fato de que uns “estudam o passado, outros o presente: só muda o objeto.” (JABLONKA, 2021, 108). Mas ainda resta uma pergunta: onde se abrigou o futuro em meio a esse embaralhamento? Que tipo de literatura deu vazão à filosofia da história no século XX? Ainda a historiografia?

A expulsão da literatura em nome da dignidade da disciplina garantiu à história alguma autonomia intelectual e institucional. “Funcionou, também, como um purgante. Pois o historiador deixa para as letras tudo aquilo que passou a embarçá-lo” (JABLONKA, 2021, 131). Quando Gustave Lanson, professor da Sorbonne e futuro diretor da Escola Normal Superior, inventou uma ciência da literatura, propondo a utilização na análise dos textos dos métodos da erudição, da filologia e da história, sua intenção era na realidade demarcar a divisão entre ciência e arte. Segundo ele, para separar a objetividade da escrita, é “preciso que cada um passe a ocupar o seu território. O possível, o desconhecido, o indemonstrável, o irreal, constituem a matéria da literatura; os objetos da ciência não poderiam fornecer matéria para a invenção poética, romanesca ou oratória” (JABLONKA, 2021, 120). O interessante para essa pesquisa é que a ficção científica que ganhou corpo a partir do início do século XX se desenvolveu a partir de um entendimento diametralmente oposto a esse. E, pensando especialmente na escrita de Arthur C. Clarke, se identifica um quase manifesto de objeção à divisão não só da literatura e da ciência, mas também da história, mesmo que ele não entendesse estar falando sobre história.

Encontram-se outros exemplos disso entre autores da mesma época que já tinham atingido o sucesso antes de Clarke. Segundo Adam Roberts, a mais importante trilogia da ficção científica, *Fundação* (1951, 1952, 1953), não passava de uma tradução de *Declínio e Queda do Império Romano*, de Edward Gibbon, transportada a uma escala cósmica, tentando decifrar a lógica que governa a história futura (2018, p. 394). Essa relação com o futuro só se intensificou na ficção científica com o início e o decorrer do século XX, direcionado pelo que preparou o século XIX. Se, como explicou Paul Alkon, a impossibilidade de escrever histórias sobre o futuro foi dada como certa até o século XVIII por este ser reservado a profetas, astrólogos e praticantes de retórica legislativa, no século XIX isso mudou (1987, p. 4). Para entender o que representou a escrita de Clarke é crucial compreender isso:

O modo como o tempo foi conceitualmente mobilizado era mais discursivamente revolucionário que as novas observações cosmológicas relacionadas ao espaço. Alguns indicadores básicos a esse respeito: o geólogo Charles Lyell desafiou a noção, inspirada pela Bíblia, de que a Terra tinha menos de 6 mil anos em *Princípios de Geologia* (*Principles of Geology*) (1830-1833), introduzindo a ideia do “tempo profundo” para uma grande audiência; alguns anos depois, Charles Darwin, talvez o cientista mais famoso entre Newton e Einstein, publicou seu revolucionário *A Origem das Espécies e a Seleção Natural* (*On the Origin of Species by Means of Natural Selection*) (1859), que confirmava essa escala de tempo vertiginosamente longa em sua descrição da objetiva proliferação e evolução da vida. (ROBERTS, 2018, p. 223).

Ficção científica

Depois da limitação que a literatura sofreu no século XIX, ela expandiu suas fronteiras novamente no século XX. Junto ao romance, o drama e a poesia lírica, “o poema em prosa ganhou seu título de nobreza, a autobiografia e o relato de viagem foram reabilitados, e assim por diante. Sob a etiqueta de paraliteratura, os livros para crianças, o romance policial, a história em quadrinhos foram assimilados” (COMPAGNON, 1999, p. 34). A extensão da literatura foi aumentando sem justificativas bem estabelecidas. “O critério de valor que inclui tal texto não é, em si mesmo, literário nem teórico, mas ético, social e ideológico, de qualquer forma extraliterário” (COMPAGNON, 1999, p. 34). As concepções mais correntes de literatura normalmente se desdobraram da ideia originária do contexto francês que conceituou a literatura como “o uso estético da linguagem escrita.” Apesar de ser associada à ficção na concepção popular de literatura, entre os especialistas a questão do uso da linguagem foi tomando precedência nas tentativas de definição do que é a literatura. O conceito de literariedade marca uma culminância na tentativa de demarcação do que seria distintivo no texto literário. O critério para determinar a literariedade seria o estranhamento causado pelo uso experimental ou não convencional da linguagem que causaria um deslocamento no leitor, que acessaria os elementos linguísticos cotidianos, mas em uma outra configuração, literária. Como toda tentativa de definição do que é literário, logo esse aparato conceitual também foi questionado, pois exemplos contrários não faltam.

O interessante disso é perceber como o cânone da literatura sustentou seus critérios de inclusão e exclusão. E, como sobretudo quando os critérios foram voltados à utilização da linguagem, a ficção científica quase sempre foi posta fora do cânone e até mesmo fora de certas definições de literatura. Quando se tratou da divulgação científica então, dificilmente foi considerada. O espaço social que ocupou a ficção científica na primeira metade do século XX pode ser explicado em boa medida pela clivagem entre “arte elevada” e cultura popular que ocorreu com uma severidade sem precedentes na primeira metade do século (ROBERTS, 2018, p. 318). Como explicou Frederic Jameson (1981, p. 207), no final do século XIX emergiu “não apenas o modernismo, mas duas distintas estruturas culturais literárias, inter-relacionadas do ponto de vista dialético, uma pressupondo necessariamente a outra”, o modernismo da “alta cultura” ou da “elite” apareceu por um lado e a cultura de massa se desenvolveu do outro (ROBERTS, 2018, p. 343). Essa divisão, inclusive, explica boa parte das disputas em torno da ficção científica, pois com exceção dos futuristas, os “adeptos do Alto Modernismo reagiam em geral com hostilidade à crescente mudança tecnológica, enquanto os artistas ligados à cultura popular reagiam, falando em termos gerais, com emoção

e contentamento” (ROBERTS, 2018. 319). A distopia, portanto, sempre pairou como uma sombra sobre a ficção científica mais otimista que sempre foi a vertente ao mesmo tempo mais popular e menos valorizada pela crítica.

Voltando à ideia do estranhamento, pode-se dizer que a ficção científica nunca se preocupou em gerar esse efeito através da linguagem, mas sim através de um pressuposto temporal para toda narrativa ficcional que se entendesse como ficção científica. Darko Suvin (1979, p. 89) argumenta que o “principal divisor de águas” no estabelecimento da ficção científica como uma ficção especificamente futurista se dá por volta de 1800, “quando o espaço perde seu monopólio de localização do estranhamento e os horizontes alternativos se deslocam do espaço para o tempo” (ROBERTS, 2018, p. 140). Como Freedman (2000) explicou: "O futuro é crucial para a ficção científica não como um registro cronológico específico, mas como um *locus* de alteração radical para o *status quo* mundano, que é tão estranho e historicizado como o passado concreto do futuro potencial” (HOLLINGER, 2010, p. 30).⁷⁸ Tal como a história, a ficção científica tem em sua fundação uma relação com o tempo histórico que marca sua especificidade, sendo esse aspecto primordial para a compreensão de como Clarke se relacionava com a escrita. Apesar das temáticas diferenciadas chamarem a atenção, apesar da relação com a ciência ter sido constantemente apontada como a chave para uma definição do que é a ficção científica, a marca constituinte que a diferencia é sua relação com o tempo histórico. É esse elemento que permite a estruturação de qualquer narrativa de ficção científica, independente de uma relação boa ou ruim com a ciência e a tecnologia ou da abordagem das tópicas comuns à ficção científica.

Fredric Jameson se referiu à ficção científica "como um sintoma de uma mutação em nossa relação com o tempo histórico" (1982, p.149).⁷⁹ Frank Kermode (1966), por exemplo, chamou a história de "a imposição de uma trama no tempo" (HOLLINGER, 2010, p. 26).⁸⁰ Quando olhamos para a ficção científica, podemos considerar como as histórias desse gênero foram constituídas como imposições de tramas imaginativas no tempo futuro. É essa imposição de enredo, de estrutura narrativa, que transforma um tempo futuro não significativo em uma história futura significativa, em um futuro de e para seres humanos. Em si, o tempo futuro não é nada; mas "o futuro" na ficção científica é um elemento primordial da história e a história é sempre, por mais estranha que seja, uma história sobre nós (HOLLINGER, 2010, p.

⁷⁸ Tradução minha: “As Freedman puts it, ‘The future is crucial to Science fiction not as a specific chronological register, but as a locus of radical alterity to the mundane status quo, which is thus estranged and historicized as the concrete past of potential future.’”

⁷⁹ Tradução minha: “as a symptom of a mutation in our relationship to historical time”

⁸⁰ Tradução minha: “Frank Kermode has called history ‘the imposition of a plot on time’”,

25). Portanto, a recepção crítica sobre a ficção científica que sempre a enquadrou como um tipo de escrita literária pobre, orientada a “simplicidade, um estilo de prosa ‘naturalista’, com ênfase nas ideias em detrimento das personagens” (SWANWICK, 2005, p. 314),⁸¹ tem sua razão de ser dentro dos parâmetros normalmente escolhidos para esse tipo de análise textual, mas não se aprofunda em um aspecto crucial dessa literatura, sua potencialidade como documento da expressão da relação moderna com o tempo histórico.

James Gunn, de forma incisiva, destacou que a “mais importante, e mais polêmica, discussão na ficção científica é a definição” (GUNN, 2005, p. 5).⁸² É sabido como são relativas às características que definem, precisamente, a ficção científica, variando em diferentes estudos. Esse problema foi exposto por Roberts quando afirmou que “todas as várias definições oferecidas por críticos já foram contrariadas ou modificadas por outros críticos, e é sempre possível apontar textos que, mesmo aceitos consensualmente como ficção científica, escapam das definições usuais” (ROBERTS, 2018, p. 1).⁸³ É possível definir o gênero tanto a partir da noção básica de que qualquer narrativa com apetrechos tecnológicos na trama trata-se de ficção científica, quanto por meio de uma concepção mais complexa e limitada, que define apenas certo tipo de abordagem científica como válida ao gênero. Analisando o gênero policial, Tzvetan Todorov afirma que o “romance policial por excelência não é aquele que transgride as regras do gênero, mas aquele que a elas se conforma” (1969, p. 65). O gênero literário é, portanto, definido como um conjunto de regras ao qual uma obra se adequaria. Além disso, existe sempre a partir do gênero uma expectativa resguardada sobre ele, pois entende-se que uma obra é aceita como parte do gênero da ficção científica ao exprimir um conjunto básico de expectativas que o leitor tem ao lê-la. Nesse sentido, Darko Suvin apresenta a ideia de que:

Um gênero literário é um sistema coletivo de expectativas nas mentes dos leitores, provindas de suas experiências anteriores com certo tipo de escrita, em que até mesmo suas violações – às inovações pelas quais todo gênero evolui – possam ser entendidas apenas sob o painel de tal sistema. As propriedades de um gênero pressupõem um significado para qualquer leitura. (SUVIN, 1988, p. 25-26).⁸⁴

⁸¹ Tradução minha: “a plain, ‘naturalistic’ prose style, emphasis on idea to the exclusion of Character”

⁸² Tradução minha: “the most important, and most divisive, issue in science fiction is definition”.

⁸³ Tradução minha: “all of the many definitions offered by critics have been contradicted or modified by other critics, and it is always possible to point to texts consensually called SF that fall outside the usual definitions”.

⁸⁴ Tradução minha. “A literary genre is a collective system of expectations in the readers’ minds, stemming from their past experience with certain types of writing, so that even its violations – the innovations by which Every genre evolves – can be understood only against the backdrop of such a system. The properties of a genre enforce meanings for any given readership”.

Não se pode desconsiderar a presença do elemento temático na definição do que é a ficção científica. Essa literatura lidou, necessariamente, com a utilização de elementos tecnológicos nas tramas, assim como o romance policial tratou de crimes. Contudo, a presença desses elementos ocorria dentro de um largo escopo, podendo se manifestar de formas variadas e, em alguns casos, de modo quase imperceptível. Já a orientação do discurso é uma característica central e constante nas obras de ficção científica. Desde os primeiros romances de H. G. Wells e Júlio Verne, responsáveis por fundar as bases arquetípicas do gênero antes de sua autoconsciência, se observa o elemento de extrapolação do mundo real. A forma da ficção científica engendrou em seu núcleo o pressuposto do elemento fantástico, baseado no rompimento com o real. Porém, a forma que as questões trabalhadas pelo gênero são abordadas direcionam a escrita para um rompimento com o real no presente visando não somente divergir dele, mas desenvolvê-lo através de extrapolações. A ficção científica vai além do real, transgride suas leis e, concomitantemente, busca manter um vínculo com ele, sendo isso crucial no gênero.

A verossimilhança que essa escrita busca estabelecer não é com o real expresso na figura dos sentimentos humanos ou qualquer estrutura de realidade presente, mas sim com os elementos tecnológicos que permitem que a extrapolação ocorra de uma forma que estabeleça uma conexão histórica sólida entre presente e futuro. Isso gera uma estabilidade narrativa para a inserção de uma realidade totalmente diferente, que suscita discussões impossíveis de outra forma, mas não enquadrável exatamente no campo da fantasia. Como comparou Freedman (2000), da mesma maneira que o Romance histórico explora “a historicidade do presente pela problematização do passado validado em uma cognição histórica, a ficção científica o faz pela problematização do futuro validado por uma cognição científica. A ficção é inscrita na realidade pela demanda da coerência científica” (PEREIRA, 2019, p. 71). Sobre isso, apoiado no texto de Gunn, Teixeira explica como:

Tal argumento é criado essencialmente a partir da ideia de descontinuidade: o pressuposto da ficção científica é sugerir rupturas sobre o real e extrapolá-lo de acordo com uma lógica racional aceitável. Assim, enquanto a literatura realista tradicional pode ser considerada como a ficção da continuidade – aquela que se interessa por elaborar a percepção do dia-a-dia –, a ficção científica cultiva a intenção de extrapolar tal percepção, desviando-a para um caminho ainda não experimentado. (TEIXEIRA, 2010, p. 12).

A especulação que singulariza a ficção científica, no contexto científico, funciona basicamente como um tipo de exercício mental, um raciocínio que busca traçar o desdobramento de determinada pesquisa, normalmente atuando na elaboração de hipóteses

científicas. Dessa maneira, o trabalho científico consegue funcionar pelo estabelecimento de certo fenômeno, delineando-se um caminho especulativo sobre ele, de acordo com o qual se desenvolve a pesquisa. Se estabelece uma relação na qual tanto as especulações quanto às orientações da pesquisa são revisadas de acordo com as articulações entre elas. Teixeira explica que:

Quando transposta para o universo da ficção científica, a principal característica que a lógica especulativa assume é a desconexão de seu horizonte original (a comprovação científica), ao mesmo tempo em que se mantém vinculada, ainda que apenas no nível de referência, ao método científico. Na ficção, é a lógica especulativa que liga a imaginação ao universo científico; é ela que simultaneamente carrega os pressupostos do método (o desenvolvimento racional) e escapa de seus objetivos (a comprovação). A especulação é, assim, indicada como o método de imaginação da ficção científica. Define-se como especulação, no gênero, a ação de elaborar hipóteses a partir de tendências percebidas na realidade – completar as linhas que se insinuam no presente. É nesse sentido que obras clássicas da ficção científica expõem a evolução de determinadas tecnologias no futuro. Especular não é uma questão de meramente romper com o real – refere-se à percepção das possibilidades latentes em determinado fenômeno. (2010, p. 15).

Como no romance realista que se confundia com a historiografia no século XIX, a ficção científica operaria imaginativamente a partir de um método. A ciência na ficção científica proporciona um efeito que passa pelo que Allen (1976) chamou de relação entre a verossimilhança e a suspensão da incredibilidade. “Basicamente, a verossimilhança pode ser definida como a qualidade de parecer real, verdadeiro ou parecido. A suspensão da incredulidade refere-se ao ato de retardar ou protelar o julgamento de alguém sobre a verdade, a realidade ou probabilidade de algo”. O leitor, portanto, lida com uma obra de ficção científica a partir da premissa de que os personagens apresentados não são exatamente reais e que as situações propostas não aconteceram daquela maneira. Mesmo assim, aceitaria as proposições iniciais do autor, permitindo a tentativa de convencimento, crucial em uma literatura que beira e ao mesmo tempo nega o fantástico, sobretudo em algumas de suas vertentes. Essa suspensão da realidade permite que o autor construa um sentido de verossimilhança, mesmo que o leitor não se convença que as formulações ficcionais fazem parte da realidade, mas sim que são aspectos do possível ou possibilidades de se perceber o mundo real. Apesar da semelhança na limitação imaginativa, esse tipo de literatura se desenvolveu a partir de pressupostos diferentes do romance realista. Mesmo com um caráter também científicista, a ficção científica sempre foi calcada em um científicismo diferente, muito mais aproximado das ciências duras. Como pontuou Freedman (2000), ao tentar aliar fantasia e ciência, o gênero é “forçado a acentuar o que Bakhtin (1997) chamava de

heteroglossia, sua pluralidade de vozes. Tanto a hegemonia fantástica é contraposta aos questionamentos da ciência, como a inexorabilidade da lógica científica tem que se dobrar ao projeto imaginativo da ficção” (PEREIRA, 2019, p. 71).

A presença mais intensa e efetiva da ciência na literatura pode ser rastreada a partir dos chamados “romances científicos”⁸⁵ que compunham a obra dos precursores da ficção científica, especialmente Júlio Verne e H. G. Wells. A ficção científica normalmente é associada aos romances em que a ciência apareceu como discurso, como instrumento ou mesmo como protagonista, como em *Frankenstein* (1819) de Mary Shelley, tida como a primeira obra do gênero. No entanto, a ficção científica propriamente dita é algo mais recente. Os romances de Wells, possuidores de um viés realista, foram os primeiros a se preocupar com o significado da presença tecnológica na sociedade. Foram as primeiras obras de repercussão a expor um debate social a partir de elementos científicos. Obras como *A guerra dos mundos* (1898) ou *A ilha das almas selvagens* (1896) inauguraram a versão mais madura da ficção científica, aquela interessada em pensar o posicionamento moral e filosófico do homem diante da tecnologia. Os romances de Wells foram também responsáveis por esboçar os fundamentos da estética narrativa do gênero, adotando um registro simples, mais interessado na comunicação do que na elaboração linguística, próximo do relato jornalístico e preocupado sobretudo com os acontecimentos.

O caso de Wells é especialmente interessante para a compreensão do fenômeno da ficção científica, pois sua obra nunca se enquadrou bem nos padrões ou modelos de classificação literária, mostrando uma faceta clara da disputa que sempre ocorreu dentro da ficção científica e entre as muitas formas de ficção. Além de se mover por diferentes tipos de narrativas visando diferentes objetivos, seu nome foi atrelado à criação de um gênero que, na verdade, só se organizou como conhecemos hoje nas primeiras décadas do século XX. Wells, portanto, marcou uma transição tanto nas formas de apropriação da ciência na literatura, quanto na passagem entre os séculos XIX e XX, pois foi um espectador privilegiado e tentou sempre que possível narrar os grandes fatos e mudanças do período. Vide seu livro *História Universal* (1919):

Uma breve consulta a manuais, compêndios e dicionários especializados em literatura inglesa (CAPEAUX, 1964; WILSON, 1969; EVANS, 1979) permite perceber apenas referências gerais a H. G. Wells. Desta constatação, podem ser

⁸⁵ Para David Hughes (1987, p. 2), o romance científico é uma categoria intermediária, pelo menos na sua forma britânica, entre as obras que trazem apenas alguns dados científicos, comuns até pelo menos a segunda metade do século XIX, e a própria ficção científica emergente no início do século XX. O romance científico, assim, tem por característica essencial o emprego de uma retórica da ciência.

formuladas algumas hipóteses sobre a sua relativa ausência de tais manuais. A divisão que é feita, quase invariavelmente estuda, particularmente na Inglaterra, as várias fases da literatura vitoriana, eduardiana e georgeana, em suas múltiplas manifestações (novela, conto, poesia), nas quais a obra de Wells não se encaixa satisfatoriamente em nenhuma categoria. Uma outra hipótese é a de que como representante da literatura de ficção científica, Wells não seria considerado um literato na acepção da palavra, pois este foi um gênero desconsiderado, tratado como literatura menor, por sua técnica novelística despreocupada com a beleza ou a riqueza estética, mas que, em sua essência, voltou-se para a eficiência do embasamento científico e sua divulgação. (IACHTECHEN, 2011, p. 23).

Júlio Verne, por outro lado, foi responsável pelo início de uma parte mais voltada ao fantástico na ficção científica. Ele representou uma visão focada em um deslumbramento pelas conquistas tecnológicas, as grandes máquinas, e as possíveis aventuras que poderiam se desdobrar disso. A primeira fase dos escritos de Wells e Verne foi uma espécie de ponto de partida no quesito estético da ficção científica, pois as narrativas desses autores definiram as características mais marcantes do gênero. Entretanto, até 1926, quando Hugo Gernsback lançou a primeira revista especializada em narrativas científicas, *Amazing Stories*, a ficção científica existiu como um esqueleto, um rascunho já traçado por Wells e Verne, mas sem a presença necessária de um corpo de autores e obras que se identificassem como parte dela. A importância da *Amazing Stories*, portanto, esteve sobretudo no fato de ter sido o primeiro espaço em que a ficção científica apareceu de forma organizada e consciente como gênero. E praticamente todo o primeiro período da ficção científica transcorreu em revistas como a *Amazing Stories*, a chamada *Space Opera*.

Esse tipo de literatura foi constituída principalmente de narrativas curtas. De 1920 até os anos 1940, a ficção científica foi praticada no formato de aventuras fantásticas, marcadas pela simplicidade na composição dos personagens, expressos frequentemente nas figuras de heróis, mocinhas e vilões, imersos em aventuras com batalhas que apresentavam novos tipos de armas, naves e outros elementos fantásticos de tecnologia. Muitas histórias repetiam a fórmula de aventuras de outros gêneros, como o *western*, apenas substituindo o caubói pelo astronauta ou alguma variação de um herói espacial, com pistola laser e espaçonave no lugar dos revólveres e cavalos (PARRINDER, 1980, p. 15). Simultaneamente, nos mesmos espaços muitas vezes, esse tipo de história misturava-se a histórias com caráter didático, em que os autores procuravam instruir os jovens leitores a respeito dos conceitos científicos e das possibilidades do progresso tecnológico, seguindo a tendência mais centrada na tecnologia iniciada por Verne. Ao contrário de Wells, focado na inserção de críticas sociais em suas histórias, e principalmente da visão pessimista da ciência trazida por Mary Shelley em

Frankenstein, Verne era um entusiasta da ciência e da técnica, vislumbrando um futuro maravilhoso e próspero propiciado pelo desenvolvimento do conhecimento científico e tecnológico (PIASSI, 2012, p. 37):

Apesar de ser o principal responsável pelo rótulo de literatura juvenil, mantido contra a ficção científica até os dias atuais, e normalmente desprezado como um período menos interessante e passível de ser resumido em aventuras superficiais, a *Space Opera* é um momento essencial na formação do gênero. Tanto positiva quanto negativamente, as aventuras científicas publicadas nas revistas *pulp* da década de 1920 popularizaram o leque de elementos temáticos do gênero, assim como seus vícios na composição das tramas. (TEIXEIRA, 2010, p. 20).

Mesmo que em meados da década de 1930, 30 a 40% da população letrada dos EUA lesse as revistas de ficção científica chamadas *pulps* (CHENG, 2012), foi só no período da *Golden Age* que o gênero conquistou o reconhecimento como força literária, conseguindo espaço no mercado para a exploração do seu potencial como veículo para a exposição de ideias. Além dos pais fundadores, foi nessa época que surgiram os outros grandes nomes do gênero, como Asimov, Heinlein e Clarke, que produziram suas obras mais importantes entre o início da década de 1940 e o final da década de 1960, quando surgiu a *New Wave*, que reconfigurou totalmente o gênero em sua faceta menos comercial. Os signos identificados como centrais na identidade da ficção científica hoje foram desenvolvidos sobretudo por esses autores da *Golden Age*. Dentro desse período surgiu o que foi conceituado como *hard science fiction* por Allen (1976, p. 21). Esse tipo de trama consistiria em histórias em que o conteúdo se sustentaria em um discurso científico de ciências naturais como astronomia, biologia, física ou química, podendo dividi-las entre histórias especulativas, extrapolativas e de engenhos, como fez Allen. As primeiras seriam aquelas não limitadas às amarras das leis científicas vigentes, permitindo a criação de artefatos e fenômenos independentes das regras científicas, como o teletransporte, a viagem acima da velocidade da luz e a gravidade artificial. As extrapolativas seriam aquelas cujo conteúdo imaginativo estaria limitado pelo conhecimento científico existente na época. Quanto mais sóbria era a extrapolação científica, mais realista seria a narrativa futura criada a partir da extrapolação decorrente de algum elemento tecnológico da trama.

Clarke foi o maior expoente dessa vertente da ficção científica na *Golden Age*. Por mais que, em muitas histórias, ele tenha quebrado as regras da *hard Science fiction*, em algumas partes das tramas, sempre que ele conseguia, suas histórias se limitavam às regras da ciência. Essa ideia de ficção controlada por uma base de realidade fundada nas ciências duras funcionava mais como uma carta de intenções do que como uma regra estrita para o autor, o

que não significa que ele não levava a sério a ideia, pois de fato suas obras possuem essa característica. Outros autores que também defendiam a *hard science fiction* como um tipo de ficção científica ideal, não seguiam tanto as regras até por uma questão editorial como foi com Azimov. Mas Clarke não poupava o leitor de uma fundamentação minuciosa e conceitualmente detalhada de artefatos e fenômenos que apareciam em suas histórias, chegando ao ponto de realizar cálculos matemáticos longuíssimos para sustentar os fenômenos que apareciam nas histórias. Um ótimo exemplo apareceu em *2001: A Space Odyssey*:

Conforme ele ganhava velocidade, fracos e fantasmagóricos dedos gravitacionais começaram a agarrá-lo fazendo-o derivar lentamente em direção à parede circular. Agora ele estava em pé, balançando para frente e para trás suavemente, como algas marinhas ao subir da maré, pisando no que magicamente havia se tornado um assoalho curvo. A força centrífuga da rotação da Estação tomara conta dele; ela era tênue aqui, nas proximidades do eixo, mas cresceria gradualmente conforme ele se deslocasse para a periferia. (CLARKE, 2013, p. 44).

Pensando a partir da afirmação de Michel de Certeau sobre a ficção, podemos entender melhor a *hard science fiction* e sobretudo a relação de Clarke com essa proposta de ficção que continha a semente de sua escrita em geral. Certeau expõe que “a ficção – sob suas modalidades míticas, literárias, científicas ou metafóricas – é um discurso que dá forma [“*informe*”] ao real, sem qualquer pretensão de representá-lo ou ser credenciado por ele.” Dessa forma, a ficção se oporia à “historiografia que se articula sempre a partir da ambição de dizer o real – e, portanto, a partir da impossibilidade de assumir plenamente a sua perda. Essa ambição parece a presença e a força de algo original” (2020, p. 48). Contudo, especialmente na versão idealizada da *hard science fiction* de Clarke, também pode-se argumentar que há uma ambição de dizer o real, porém um real diferente da historiografia e cujo estatuto de real é questionável, talvez por isso acessível à ficção científica: o futuro. Se para a história se tornou difícil assumir que não consegue assimilar todo o real, que sempre existe uma perda, para a ficção científica, a *hard science fiction* pode ser interpretada como a expressão da ambição de mitigar a incapacidade de dizer sobre o real por meio de uma frágil aproximação dos métodos científicos das ciências autorizadas a representar o real.

O fato de Clarke ser um dos mais destacados representantes dessa ideia de ficção incisiva contra a associação com a falsidade, indica um dos motivos dessa pesquisa enxergar em seus escritos uma filosofia da história, pois foi nela que Clarke recaiu quando tentou dar sentido ao tempo futuro incognoscível sem abdicar dos pressupostos imaginativos da ficção e com a ambição de ser levado a sério como discurso sobre o porvir. Por isso, inclusive, sempre

foi tão comum a Clarke a mescla de escritos ficcionais com discursos não ficcionais ao tratar de um mesmo assunto, defendendo essa liberdade discursiva como uma necessidade para a interpretação do real que se avizinhava em seu contexto, a Corrida Espacial. Afinal de contas, se a história não poderia mais dar respostas sobre isso, assim como as ciências não podiam, quem prepararia as pessoas para a chegada do que era interpretado como o maior acontecimento da história humana? E, por fim, vale ressaltar que essa ambição de Clarke foi estimulada muito cedo em sua carreira, pois a recepção de suas primeiras ficções solidificou sua concepção de ficção científica. Quando *Sands of Mars* foi publicado nos EUA pela primeira vez em 1952, a crítica do *The New York Times* foi simbólica, respaldando as expectativas de Clarke, pois a impressão que a obra passou foi de que foi “escrita com um realismo que se parece mais com a história real do que com a ficção” (MCALEER, 1992, p. 73).⁸⁶

⁸⁶ Tradução minha: “written with a quit realism that reads more like thue history than fiction.”

Capítulo II – O projeto político e intelectual

Astrocultura e astrofuturismo

O estudo da ficção científica ou qualquer literatura ficcional ou não ficcional realizado por historiadores, e que aborda de alguma forma a questão espacial em seu aspecto imaginativo, nos últimos anos normalmente se localizou sob o “conceito guarda-chuva” da “astrocultura”. Esse conceito foi criado para dar conta da “matriz heterogênea de imagens e artefatos, mídia e práticas que visam atribuir significado ao espaço exterior, ao mesmo tempo em que despertam tanto o imaginário individual quanto o coletivo” (GEPPERT, 2012, p. 8).⁸⁷ Ao mesmo tempo, este conceito foi concebido como uma “contraparte relacionada à noção de cultura para noções mais conhecidas e firmemente estabelecidas como 'astrofísica', 'astropolítica' - evidenciado pela fundação de uma revista acadêmica com este título em 2003 - ou 'astrosociologia’” (GEPPERT, 2012, p. 8).⁸⁸ O uso do conceito seria justificável por permitir a análise de semelhanças e recorrências entre as expressões culturais relacionadas ao espaço antes de possivelmente restabelecer diferenças e fronteiras entre as várias subculturas (GEPPERT, 2012, p. 9). A ficção científica e a divulgação científica fariam parte de uma importante subcultura nessa perspectiva, o astrofuturismo. Segundo Kilgore, esse conceito se refere a:

a tradição de ficção especulativa e ciência escrita, inaugurada por cientistas e divulgadores da ciência durante a Corrida Espacial da década de 1950. Embora se baseie em uma rica história da ficção científica, o astrofuturismo como gênero narrativo se distingue por suas estreitas conexões com projetos de engenharia financiados pelo governo e pelos militares. A primeira geração de escritores astrofuturistas – incluindo Wernher von Braun, Willy Ley e Robert A. Heinlein – começou como um grupo de entusiastas de ficção científica e foguetes, experimentadores de quintal sonhando com os espaços ideais que conquistariam. Seguiram-se a eles sucessivas gerações que herdaram a sua paixão, se não sua política. [...] A escrita astrofuturista aparece tanto como ficção quanto como ciência popular. Suas convenções dramáticas incluem: personagens que encarnam o futuro da humanidade; conhecimentos históricos, políticos, literários e científicos que esses personagens representam; os ambientes que eles criam, exploram ou ocupam; e as máquinas/ instrumentos que eles criam, controlam e implantam. Essas convenções são compartilhadas pelos aspectos expositivos e ficcionais da tradição intelectual. Em sua ficção disfarçada como um subgênero dentro da *hard science fiction*, o

⁸⁷ Tradução minha: “How have human beings used their creative powers to render the infinite vastness of outer space conceivable? Far from intending to establish yet another academic subdiscipline, astroculture constitutes an umbrella concept to ease McDougall’s terminological difficulties in referring to an underspecified and barely studied field of historical research. To remain within and augment his vocabulary: astroculture comprises a heterogeneous array of images and artifacts, media and practices that all aim to ascribe meaning to outer space while stirring both the individual and the collective imagination.”

⁸⁸ Tradução minha: “At the same time, this superordinate concept is designed as an explicitly culture-related counterpart to such better known and firmly established notions as ‘astrophysics,’ ‘astropolitics’ – evidenced by the founding of an academic journal by this title in 2003 – or ‘astrosociology.’”

astrofuturismo está tão preocupado com a educação como com o entretenimento. É uma literatura autoconsciente e didática, que visa sem remorso a produzir leitores que entendam a mecânica da ciência e da tecnologia, sejam capazes de defender sua lógica e tenham prazer em sua dramatização em contextos exóticos particulares. (2003, p. 2).⁸⁹

Apesar da evidente utilidade, tanto do conceito mais largo de astrocultura, quanto do conceito de astrofuturismo mais específico à literatura, para a pesquisa histórica, ambos são insuficientes para abordar a ficção científica e a divulgação científica em uma característica crucial dessas duas literaturas no contexto da Corrida Espacial: sua relação com o tempo histórico. Mesmo que essa relação não tenha prioridade em uma análise histórica como característica central dessas formas de literatura nesse contexto em todos os exemplos ou na maior parte deles, certamente tem no caso da escrita de Clarke, que não pode ser considerado um exemplo marginal de escrita astrofuturista. Os dois conceitos direcionam a análise ao contexto da Corrida Espacial e seus arredores históricos quando imperava a imaginação da conquista do espaço, para depois se voltar aos objetos culturais, no caso os textos, enquadrando-os em um tipo de literatura cuja característica distintiva seria remeter ao contexto marcado por certos símbolos. Nessa lógica circular e teleológica de definição desses conceitos, os elementos constituintes do que seria a astrocultura, e sobretudo do que seriam textos astrofuturistas, são desconectados de suas origens históricas às vezes longínquas, que são ignoradas no processo de generalização que os conceitos impõem.

Os escritos ficcionais e não ficcionais de H. G. Wells, por exemplo, não poderiam ser considerados literatura astrofuturista, mas os escritos de Clarke podem e são considerados, somente porque Clarke se envolveu politicamente no contexto da Corrida Espacial, dialogou com os atores de seu tempo e compartilhou os elementos linguísticos comuns em seu contexto. Tudo o que ele escreveu relacionado de alguma forma à questão espacial, portanto, a partir do olhar guiado por esses conceitos seria entendido como uma expressão do diálogo

⁸⁹ Tradução minha: “By astrofuturism, I mean the tradition of speculative fiction and Science writing inaugurated by scientists and science popularizers during the space race of the 1950s. Although it draws upon a rich history of science-fiction, astrofuturism as a narrative genre is distinguished by its close connections to engineering projects funded by the government and the military. The first generation of astrofuturist writers—including Wernher von Braun, Willy Ley, and Robert A. Heinlein—began as a band of science-fiction and rocket enthusiasts, backyard experimenters dreaming of the ideal spaces that they would conquer. They were followed by successive generations that inherited their passion, if not their politics. [...] Astrofuturist writing appears as both fiction and popular science. Its dramatic conventions include: characters that embody the future of humanity; the historical, political, literary, and scientific knowledges that those characters represent; the environments they craft, explore, or occupy; and the machines/instruments they create, control, and deploy. These conventions are shared by the expository and fictional aspects of the intellectual tradition. In its fictive guise as a subgenre within hard science fiction, astrofuturism is as concerned with education as it is with entertainment. It is a self-consciously didactic literature unapologetically aiming to produce readers who understand the mechanics of science and technology, are able to defend their rationale, and take pleasure in their dramatization in particular exotic contexts.”

cultural existente antes e durante a Corrida Espacial. Certamente esses conceitos facilitam o estudo conjunto de muitos dos responsáveis pela difusão do imaginário moderno dos assuntos relacionados ao espaço presente em objetos culturais díspares, que muitas vezes remetem ao mesmo contexto independentemente do tipo de objeto. O problema é que para alguns casos, como Clarke, colocar seus escritos sob essa denominação planifica a análise e limita as possibilidades de se identificar conexões no trajeto histórico de suas ideias, que não remetem diretamente ao contexto cultural do que é relacionado à imaginação do espaço. Seus escritos, por exemplo, são muito mais contemporâneos de Olaf Stapledon do que de vários dos escritores classificados como astrofuturistas. Os elementos temáticos normalmente abordados em investigações históricas a partir desses conceitos, para uma pesquisa que busca entender a relação com o tempo histórico na modernidade, funcionam mais como uma distração do que como uma ajuda na compreensão da questão. Afinal de contas, essa relação com o tempo aparece principalmente no fundamento da construção da estrutura narrativa da ficção científica ou da imaginação extrapolativa das divulgações científicas desse contexto.

Quando a riqueza da estrutura narrativa desse tipo de escrita não foi aproveitada para lidar com o tempo histórico, como é o caso de muitas ficções científicas em que essa relação com o tempo moderna aparece somente como substrato cultural do contexto, a análise a partir do conceito de astrofuturismo é útil. Mas quando essa estrutura dá vazão ao protagonismo de um tipo de relação com o tempo histórico na forma de uma de filosofia da história, como o é com Clarke, o conceito passa a ser insuficiente, pois as origens históricas do fenômeno principal da escrita do autor são mais complexas. Kilgore defende que o astrofuturismo é “principalmente um fenômeno americano ancorado pelo compromisso da nação em meados do século com a Corrida Espacial, com suas raízes e membros sendo internacionais” (2003, p. 3). E talvez seja realmente o caso da maioria dos expoentes do astrofuturismo, mas quando se arrasta para debaixo do conceito quase toda a ficção científica da década de 1950 e 1960 somente porque existe um diálogo com as ambições do movimento astrofuturista, se comete um erro de simplificação da literatura de ficção científica ao tratá-la como mais um objeto cultural orbitando um contexto, e por desconsiderar as características desse tipo de escrita ficcional em sua assimilação no caso específico de cada autor, que emprega sua bagagem intelectual de forma singular, mesmo dentro de um gênero. Não é porque existe um consenso sobre a limitação estilística da ficção científica da época da *Space Opera* e da *Golden Age* que se pode assumir que o trabalho de alguém como Clarke, ou de qualquer escritor da época, se tratou principalmente de uma propaganda para a era espacial.

Pois, quando se lê essa suposta propaganda para a conquista do espaço, o que se nota é um pensamento organizado no qual essa conquista não é importante por ser um objetivo no contexto dos escritos astrofuturistas ligados a uma forte pressão política, ou por remeter a uma tópica comum da ficção científica como a viagem espacial. A conquista do espaço era importante porque ela dava respostas a uma necessidade social de orientação no tempo através da identificação desse objetivo palpável e iminente como um *telos* histórico capaz de transformar a vida humana na Terra, em uma escala histórica inédita. Tudo isso em uma estética que, de fato, lembra um panfleto e que muitas vezes foi proposta como tal, mas cujas raízes vão além do astrofuturismo e se repetem em obras não previstas como propaganda. Da mesma forma, a leitura da falsa utopia de *A Cidade e as Estrelas*, por exemplo, não é importante só porque no contexto da escrita astrofuturista seria relevante defender que a sociedade busque a viagem espacial em vez de se acomodar, mas porque a trama do livro pauta a compreensão da história humana a partir de uma lógica que explica o processo histórico como possuidor de um movimento decorrente de leis históricas interiores ao devir, expressas na dinâmica do movimento de ascensão e queda das civilizações. Isto é, há uma leitura sobre o que é o processo histórico como um todo em que o aspecto geopolítico do incentivo a viagem espacial é importante somente de forma superficial, pois, por mais que esteja implicado no livro como um objetivo cultural e político do astrofuturismo, se trata da expressão de curto prazo de um processo de transformação histórica que era encarado como muito mais amplo. O astrofuturismo é só a primeira camada de uma experiência histórica que se desdobrou a partir de um passado muito mais complexo, multifacetado, descontínuo e longínquo do que o conceito pode abarcar.

Interpretar dessa forma exige o descolamento do contexto de escrita astrofuturista e a identificação de relações com forças históricas mais antigas e profundas, como a ideologia do progresso, a filosofia da história, a conformação da ficção e da ficção científica no final do século XIX, o contexto de formação dessa literatura na Inglaterra e não só nos EUA, entre outras questões. O último exemplo sobre *A Cidade e as Estrelas* é interessante, pois não só mostra como pode-se interpretar o que é chamado de escrita astrofuturista por um olhar que identifica a interação com a lógica por trás da relação com o tempo das filosofias da história, mas também porque esse olhar para a fonte explica a fonte em sua organização interna e as múltiplas relações intelectuais do autor da obra que na abordagem astrofuturista teve a importância ignorada. É mais fácil, portanto, enquadrar esses escritos no astrofuturismo do que buscar responder os motivos de um filósofo da história como Arnold Toynbee ter tido

tanta importância na construção do pensamento de um escritor de ficção científica como Clarke.

O Contextualismo Linguístico e seus limites

Como cita Poole no início de seu artigo sobre Clarke, ele “propagou com sucesso a crença de que o destino do homem repousa no espaço e que esse processo já estava em andamento” (POOLE, 2012, p. 1).⁹⁰ Apesar de não gozar na época de grande reconhecimento profissional e intelectual por sua escrita ficcional fora do seu nicho, Clarke obteve sucesso no que aparentava ser um objetivo importante para ele como intelectual no início da carreira, se colocar como um especialista sobre tudo que envolvia a questão espacial. Mesmo após alcançar algum sucesso com a publicação do livro ficcional *Childhood End* (1956), o cenário enfrentado e transformado por esse escritor britânico em seu processo de produção discursiva foi inicialmente difícil no mundo editorial da ficção no começo da década de 1950. O contexto, portanto, é um ponto chave nessa análise. Entretanto, ele não será examinado de forma genérica, mas a partir de um olhar linguístico, que, no caso do trabalho com a produção desse escritor, é crucial, como ficará mais claro no decorrer da escrita. Clarke durante muito tempo foi encarado como um importante divulgador científico por “antecipar os benefícios de um futuro tecnologicamente avançado e agir como influenciador na sociedade” (DUNNETT, 2019, p. 3),⁹¹ o que, de fato, foi uma avaliação correta. Em certos casos, suas ideias também foram identificadas como um tipo de utopia, além, claro, da categorização mais recente que o colocou como um escritor astrofuturista. Por possuir uma linguagem clara e didática e fundamentar com precisão os aspectos científicos e tecnológicos dos seus escritos, o escritor inglês também ficou marcado como um legítimo representante da *hard science fiction*.

A recepção ao seu trabalho, apesar de positiva da parte do público, nunca foi além da crítica a pobreza no desenvolvimento de personagens, da identificação de um aspecto mitológico na estruturação das tramas, da tentativa de indicar um viés místico em algumas obras e das discussões acerca do uso que o autor deu as tópicas centrais do gênero. Existem pouquíssimos trabalhos sobre o autor em português e mesmo em língua inglesa. Mesmo que a maioria de suas ideias tenham aparecido antes de sua escrita ficcional (POOLE, 2012, p. 4), a imagem condensada mais comum desse escritor foi a de um autor de ficção científica

⁹⁰ Tradução minha: “Clarke successfully propagated the belief that man’s destiny lay in space and that the process was already underway”.

⁹¹ Tradução minha: “anticipate the benefits of a technologically-advanced future, and act as influencers in society.”

corretamente classificado como um representante destacado do seu período de escrita, a *Golden Age*. Sua escrita não ficcional seria, nessa interpretação, um resíduo da ficção científica, devido ao caráter didático dessa literatura e pela relação de seus expoentes com a divulgação das ciências. Uma outra interpretação é aquela que classifica toda a sua produção discursiva como algo propagandístico, por se tratar da escrita de um dos pilares do movimento astrofuturista.

Foi intuitivo interpretar Clarke como um produto bem acabado de seu contexto. A divulgação científica nunca gozou de grande prestígio e a ficção científica não era um gênero literário respeitado, pelo contrário. Ela era vista como um tipo de literatura juvenil, formulaica, nichada e de pouca profundidade. Na superfície, não havia suficientes motivos para grandes dúvidas sobre a natureza do que era explicitado na escrita de ficção científica de Clarke, sobretudo por se tratar de um lobista da era espacial, que teria escrito uma literatura de caráter propagandístico, sem grandes refinamentos estilísticos.⁹² A complexidade dos contextos em que Clarke estava inserido e a natureza da atuação do autor nesses cenários se perderam em meio a recepção de seus escritos. Contudo, não se trata aqui de efetuar uma análise da recepção das obras desse autor, pois não é o ponto da pesquisa. O problema que investigamos nesta parte visa os elementos de formação da expressão discursiva desse intelectual, buscando alcançar outras camadas de sentido da expressão de ideias desse autor que o aparato conceitual normalmente utilizado para esse tipo de fonte na história, como o contextualismo linguístico, por mais importante que seja, também não contempla apropriadamente.

O procedimento metodológico comumente denominado como contextualismo linguístico (CL) se originou na escrita da história do pensamento político. Após sua disseminação para outras áreas, tornou-se uma das mais importantes referências no debate da história intelectual, especialmente no que tange a questões como a natureza dos objetos, tipologia das fontes e, sobretudo, procedimentos de interpretação. Entre seus principais formuladores estão os historiadores ingleses Quentin Skinner (1940) e John Pocock (1924), entre outros intelectuais que contribuíram de forma secundária, como John Dunn (1940) e Peter Laslett (1915-2001). Como todo projeto intelectual que busca ocupar um espaço no debate teórico e metodológico de sua área, o estabelecimento do CL se deu junto a críticas àqueles que ocupavam o campo e ditavam as tendências de procedimentos de interpretação na

⁹² Essa visão se alterou somente com o movimento denominado *New Wave*, considerado a “primeira ruptura drástica compreendida no desenvolvimento do gênero.” (TEIXEIRA, 2010, p. 20).

escrita das diferentes vertentes de história do pensamento. Primeiramente, e prioritariamente foram criticadas as estratégias analíticas denominadas de textualistas, presentes sobretudo na história da filosofia, na ciência política e na história das ideias. De forma mais branda, também foram questionadas as abordagens denominadas contextualistas, presentes na sociologia do conhecimento e na parcela da história das ideias que recusava o textualismo estrito. Contudo, a crítica foi feita sem se estabelecer uma dissociação, na medida em que a crítica formulada pelo contextualismo da Escola de Cambridge não se voltava sobre o uso do conceito de contexto na análise, mas sim sobre o significado da noção de contexto muitas vezes empregada.⁹³

Como resposta ao textualismo e a um tipo de contextualismo, o CL propõe o estudo das ideias em seus contextos de enunciação, visando uma maior historicidade, que permite conectar o âmbito das ideias e discursos a um plano objetivo das práticas sociais. Nessa acepção, as ideias não são essências ou arquétipos atemporais, universais. Assim como não são reflexos ou efeitos passivos de movimentos estruturais. São atos de fala, como conceituam Skinner e Pocock a partir dos estudos linguísticos de John Austin e do trabalho do filósofo Ludwig Wittgenstein. Por serem acessíveis através de fontes empíricas, os atos de fala seriam passíveis de trabalho de investigação histórica. Como explica mais detalhadamente Carlos Eduardo Vieira:

Nesse sentido, para além dos atos locucionários ou proposicionais (aquilo que se diz sobre algo), essa abordagem visa investigar os atos ilocucionários ou a força ilocucionária (aquilo que pretendemos fazer ao falar) e os atos perlocucionários (aqueles que revelam os efeitos da locução sobre os seus destinatários). A ênfase da análise não recai sobre o significado das palavras (semiologia) ou sobre as mudanças históricas do sentido (semântica histórica), mas sim sobre os diversos usos que as palavras encerram quando associadas a determinados jogos de linguagem. A preferência pelo termo uso em vez de significado explica-se pelo sentido de ação ou de desempenho que o termo denota, bem como pela compreensão de que vocábulos, mesmo aqueles que têm significados relativamente estáveis, podem ter usos diversificados em razão das intenções (força ilocucionária) dos diversos enunciadorees. (2017, p. 40).

⁹³ Para Skinner, não é possível falar abstratamente de contexto histórico, uma vez que essa noção é extremamente ampla e subjetiva. Contexto é o todo social, logo inacessível, caso não seja claramente definido. Para o CL, contexto é a linguagem compartilhada pelos grupos sociais em períodos e lugares sociais específicos. Assim, não podemos pensar essa noção central da explicação histórica em termos abstratos, mas sim como contexto linguístico ou jogo de linguagem, cujo acesso se faz por meio das enunciações presentes na materialidade textual das fontes, as quais possibilitam, pela característica referencial da linguagem, que se acessem outros estratos contextuais. (VIEIRA, 2017, p. 34).

O ponto central dessa metodologia de pesquisa histórica é a intenção dos atores, expressa em escritos, falas, ou qualquer fonte analisável pelo trabalho embasado de um historiador. Algo que teoricamente poderia ajudar no estudo dos escritos de Clarke, mas não é tão útil como mostraremos. Vale destacar que para Skinner existe uma diferença entre a intenção de fazer algo (causa) e a intenção ao fazer, prioritária nessa metodologia, e que permitiria uma melhor caracterização da ação e assim sua compreensão, segundo o autor (2000, p. 185). Os significados dos atos de fala seriam reconstruíveis à medida em que se trabalha a fonte em relação ao contexto de convenções linguísticas e sociais que governam o tratamento dos temas e problemas do texto. Entretanto, nem sempre esse processo garante maior historicidade ao resultado de um trabalho de pesquisa na história das ideias. Nem sempre a intenção do autor ao realizar o seu trabalho é coerente com os elementos linguísticos e sociais (que também são linguísticos) mobilizados pelo movimento dessa intencionalidade imbricada em seu processo de trabalho. Segundo Skinner:

[...] é normalmente tido como essencial cercar o texto dado com o contexto apropriado de pressuposições e convenções a partir do qual o significado exato intencionado pelo autor pode ser decodificado. Isto acarreta a conclusão crucial de que o conhecimento das pressuposições e convenções deve ser essencial para a compreensão do significado do texto. (SKINNER, 1975, P. 216).

A fim de ser compreendido pelos leitores, a melhor alternativa a um autor é mobilizar, em seu discurso, os padrões convencionais de comunicação acerca dos temas com os quais deseja lidar. Isso é assim não somente em casos mais simples, mas também em situações em que sua intenção é criticar ou subverter as convenções. Entretanto, em diversos contextos os atores não têm controle sobre todos os elementos linguísticos que conformam a ação discursiva. Graham alerta que se pode diferenciar o ato ilocucionário da intenção ilocucionária, podendo por isso existir um “ato ilocucionário não intencional” (GRAHAM, 1988, p.151-152). Essa possibilidade é inclusive contemplada por Austin (1975, p.106) quando destaca que determinados atos de fala carregam consigo uma força ilocucionária completamente independente das intenções de seus autores. Tratando mais especificamente de Skinner:

A metodologia intencionalista padeceria também da incapacidade para o reconhecimento e análise de intenções que permanecem imperceptíveis na consciência do autor de um ato linguístico (ROGERS, 1990, p. 270). Além disso,

não forneceria meios para a investigação do papel de uma classe de intenções que, embora constitutivas do estado mental do autor de um texto, não encontram meios de tornarem-se publicamente manifestas no proferimento linguístico. (ROSEBURY, 1997, p. 22 apud SILVA, 2010, p. 329).

Segundo Boucher (1985, p. 221), o que um agente faz, de fato, ao proferir sentenças em certas condições, depende menos de sua intenção ao dizer o que disse do que das convenções linguísticas que regulam a recepção do conteúdo semântico do ato linguístico (SILVA, 2010, p. 318). E essas convenções linguísticas não só regulam a recepção, mas também as condições de possibilidade da locução. Aspectos como o tipo de temática, o estatuto do meio de expressão discursiva, tipo de recepção esperada, os diálogos traçados pela obra, o formato estilístico e, sobretudo, os conceitos e ideias mobilizadas pelo autor, podem ser determinantes na efetividade da compreensão do significado de um ato de fala pelo historiador ou qualquer recepção.

Levantar esses questionamentos não significa um desmerecimento das contribuições da metodologia do contextualismo linguístico, que, como é sabido, foi muito relevante na solidificação teórica de ferramentas de controle do anacronismo na interpretação histórica de textos. Contudo, se convenções linguísticas deveriam ser compreendidas não apenas como constrangimentos às ações dos agentes, mas também como recursos, como passou a pensar Skinner depois de muitas críticas recebidas (SKINNER, 1988, p. 272), a concepção de processo histórico pode (e em alguns casos deve) ser encarada sob outro ângulo, pois a análise sobre a liberdade de atuação dos agentes em seus contextos linguísticos se altera. A partir de quais recursos um enunciado ocorre e como seu sentido pode ser ampliado dependendo da variedade de recursos e convenções linguísticas que o sustentam? Isso afeta diretamente a concepção da intencionalidade como parâmetro central da análise de textos e, no caso das obras de Clarke, deriva na problemática da natureza da transmissibilidade de ideias no tempo. Qualquer método de compreensão do significado de um texto deveria ser mais adaptável de acordo com os contextos que entremeiam o objeto, portanto. Os atos ilocutórios podem ocorrer sob organizações linguísticas menos rígidas, sobretudo quando se pensa em organizações presentes fora do campo de atuação comum a historiadores das ideias políticas, como ocorre com o contexto das fontes a serem trabalhadas. Organizações pautadas por outros critérios de credibilidade, outras expectativas do nível de compreensão da interlocução, diferentes ressalvas estilísticas, entre outros elementos que organizam os contextos linguísticos de um texto, abrem opções analíticas e podem conter camadas de sentido

inalcançáveis pelo trabalho a partir de certos pressupostos teóricos. Este trabalho, portanto, lida com as intenções de Clarke, mas busca ir além do que as mesmas nos permitem discutir, pois, especificamente no caso desse autor, é na disjunção entre suas intenções, sua produção e seus contextos linguísticos que reside a singularidade de seus escritos frente aos muitos exemplos de escrita astrofuturista.

Segundo Poccock, “o historiador é, sem dúvida, perfeitamente consciente de que as coisas acontecem aos seres humanos antes de serem verbalizadas, embora não antes de eles possuírem os meios de verbalizá-las” (2003, p. 56). É fundamental acrescentar que a disponibilidade das condições para a verbalização não implica na elaboração do ato de fala. Ou, pelo menos, não na produção de um ato de fala que garanta a verbalização precisa do que já possui condições de ser verbalizado apropriadamente. Essa distância teórica entre uma locução precisa de algo a partir dos meios disponíveis e uma locução ligeiramente ou muito deslocada das condições de possibilidade existentes, depende de contextos linguísticos. A partir dessa ideia, pode-se discutir como uma análise mais óbvia das obras desse autor, focada em sua intencionalidade, por exemplo, seria mais e não menos anacrônica. Seríamos levados a acreditar que Clarke somente se preocupava em pavimentar um caminho para a ciência da astronáutica se tornar o centro dos esforços científicos em um contexto que demandava isso. Entretanto, em um contexto linguístico multifacetado e transpassado por múltiplos referenciais de áreas tão díspares, nem sempre a intencionalidade leva a uma maior historicidade.

Por não auxiliarem na percepção da singularidade do processo histórico no contexto específico desse autor, abordagens como as citadas deixam passar a natureza descontínua e polifônica dos contextos em que se formaram as redes relacionais das ideias que Clarke deu vazão. A intencionalidade do autor pode se alimentar de contextos linguísticos diferentes do esperado, sem que ele esteja ciente das implicações disso no significado de suas locuções.⁹⁴ O fato da recepção também não se atentar a esse significado, por não perceber os contextos linguísticos que alimentaram os atos ilocutórios, gera uma incompreensão sobre a natureza do devir histórico no que concerne às relações que o que é visto como escrita astrofuturista teve com outros contextos linguísticos. As realidades históricas perdidas, as conexões linguísticas sutis, os processos descontinuados, são tão históricos quanto as sequências causais cujo rastro textual é coerente com as intenções de quem o profere.

⁹⁴ Clarke demonstrava ter uma ideia muito rudimentar sobre o que é a história como campo do conhecimento e sobre o que se produzia na área em sua época.

Clarke deu vazão a ideias que dialogavam em seu contexto discursivo em aspectos mais práticos, mas que também engendravam sentidos mais amplos, que se conectavam a fenômenos históricos mais complexos e tinham efeitos maiores do que convencer sobre a viagem espacial. É crucial, portanto, não perder de vista essas interconexões improváveis, muitas vezes ignoradas por serem sutis. São justamente as conexões linguísticas mais díspares que permitem o alcance de uma maior historicidade na investigação histórica. Revelam a história em movimento, a circulação de ideias no limite da coerência. Este capítulo e o próximo, que o completa, conterão o trabalho com três obras da expressão discursiva de Arthur C. Clarke, ficcional e não ficcional. Os recursos linguísticos comuns à escrita da ficção científica ou da divulgação científica de seu contexto histórico aparecem imbricados a vocabulários, princípios, valores e conceitos não inteiramente correlatos ao contexto esperado de escrita do autor, por mais que fossem capazes de dialogar dentro desse contexto. Entretanto, esses elementos, que normalmente constituíram o cerne de suas obras, pertencentes a uma tradição de pensamento muito mais ampla do que o astrofuturismo, foram ressignificados no contexto social da era espacial. Essa tradição citada, cujo valor como explicação do devir foi se perdendo durante o século XX, ainda resistia como uma força política na relação com tempo histórico na modernidade: a ideologia do progresso. Sob a roupagem diferenciada dos escritos de um intelectual como Clarke, esse núcleo da elaboração moderna do tempo histórico teve uma expressão ressignificada no coração uma filosofia da história, que se perdeu da recepção dos escritos de Clarke, que captou somente fragmentos dispersos dela. Assim como se perdeu da compreensão do próprio autor, que nunca se comprometeu com princípios de coerência intelectual ou mesmo se preocupou com o que há por trás de narrativas históricas, apesar de tê-las produzido repetidamente.

É fundamental, por isso, identificar como foram expressos esses elementos linguísticos e narrativos que revelam as camadas de sentido profundas de suas locuções em alguns escritos desse escritor. Elementos comuns na constituição de filosofias da história, recentemente negadas pela maior parte da historiografia e da filosofia como formas de explicar à vida humana no tempo, mas latentes nos escritos de Clarke. A partir disso, buscaremos responder às seguintes questões: como tais elementos constituem cada obra escolhida como fonte? Como esses elementos estão dispersos? Como eles se conectam entre as obras na continuidade da expressão do pensamento do autor em vários meios? Que tipo de elaboração do tempo eles fabricam? Como o autor ajustou suas ideias de acordo com o contexto político e social e o tipo de veículo discursivo? Como o projeto político e intelectual de Clarke era nutrido por

essas ideias? E, principalmente, o que a possível existência de uma filosofia da história nos escritos do autor significou para a relação com o tempo histórico nesse estrato da modernidade que cercava a iminência da era espacial?

As primeiras publicações importantes

Em 1950, recém-saído de sua experiência na Segunda Guerra Mundial, enquanto trabalhava como editor assistente do *Journal of Physics Abstracts*,⁹⁵ Clarke se empenhava também na publicação do livro de não ficção *Interplanetary Flight*. Segundo ele, esse foi o primeiro estudo em língua inglesa a oferecer “a teoria básica das viagens espaciais com todos os detalhes técnicos” (ROBINSON, 2017, p. 288)⁹⁶ (Cabe lembrar que em 1923 tinha sido publicado *The Rocket into Planetary Space*, de Hermann Oberth, em alemão). O livro de Clarke consistia em uma versão estendida de um artigo de duas partes. A primeira, *Principles of Rocket Flight*, publicada em janeiro de 1947, no jornal *The Aeroplane*. E a segunda parte, *The Dynamics of Space-Flight*, publicada no *Journal of the British Interplanetary Society* (JBIS) em 1949 (MCALEER, 1992, p. 68). Quando o livro foi lançado em maio de 1950, ele “não somente teve um surpreendente sucesso, mas também rapidamente ganhou uma edição americana”, conta o autor (MCALEER, 1992, p. 68). Tal sucesso atingiu, por exemplo, o jovem Carl Sagan,⁹⁷ então no ensino médio, que narrou como a leitura da obra foi um ponto de inflexão em seu desenvolvimento científico. E isso ocorreu em um momento em que era difícil achar “qualquer literatura não ficcional respeitável sobre o assunto”, segundo Sagan (MCALEER, 1992, p. 68).

O pequeno sucesso em sua primeira publicação por uma editora deu a Clarke tranquilidade, permitindo-lhe ter confiança real em uma carreira como escritor. Foi, inclusive, o pagamento pela publicação que o fez ter a coragem definitiva para abandonar seu emprego como editor assistente e se dedicar integralmente à escrita, de 1950 em diante (MCALEER, 1992, p. 69). A partir daí as publicações se avolumaram. Seu editor americano, George Jones, e Jim Reynolds, seu editor na Inglaterra, convenceram-no a escrever uma versão mais popular de *Interplanetary Flight* (1950). Assim surgiu *A Exploração do Espaço* (1951), um sucesso ainda maior, que fez Clarke conhecido, mesmo que não ainda como escritor de ficção.

⁹⁵ Publicado pelo *Institution of Electrical Engineers* (IEE) desde 1900.

⁹⁶ Tradução minha: “the basic theory of space travel with all the technical details.”

⁹⁷ Carl Edward Sagan foi um cientista, físico, biólogo, astrônomo, astrofísico, cosmólogo, escritor, divulgador científico e ativista norte-americano. Sagan é autor de mais de 600 publicações científicas e também de mais de vinte livros de ciência e ficção científica.

Segundo Robinson, “o designe de foguetes da NASA, Wernher von Braun, usou *A Exploração do Espaço* para convencer o presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, de que os americanos deveriam e poderiam ir para a Lua” (ROBINSON, 2017, p. 288).⁹⁸

Para alguém que mal conseguia se sustentar na época, uma publicação desse escalão foi uma grande vitória. A conquista foi tamanha que, já em 1950 ele conseguiu espaço na televisão britânica, participando do programa *The Fourth Dimension*, em que trabalhou didaticamente conceitos de física por vinte minutos ininterruptos. Sua fama, portanto, ascendia para além de seu nicho da *British Interplanetary Society*, o alçando a uma posição de referência pública sobre um assunto ainda em vias de se tornar importante na mídia britânica e norte-americana. Uma temática que ainda não havia alcançado a relevância esperada como campo científico, por ser uma área em construção na época como já explicamos. Dessa forma, segundo Clarke, seu livro *A Exploração do Espaço* atendia:

[...] a uma necessidade, que se tornou cada vez mais evidente desde a publicação de minha primeira obra *Interplanetary Flight*, há pouco mais de um ano. Essa última foi classificada como obra técnica, ainda que apresentasse um tratamento não especializado sobre astronáutica – a ciência da viagem no espaço. Cedo, porém, tornou-se evidente a sua larga aceitação entre leitores que eram pouco entusiastas acerca de detalhes sobre proporção de massa, comportamento do combustível dos foguetes e dinâmica das órbitas. O trabalho presente, foi, assim, preparado para o benefício de todos os que estejam interessados nos “porquês” e “comos” da astronáutica, embora sem pretender-se aprofundarem em detalhes excessivamente científicos. [...] esforço-me nesse trabalho por cobrir o campo vasto e considerável que me foi possível abordar no primeiro volume. Tentei dar respostas concretas a questões como estas: Qual a aparência de uma nave do espaço? Que esperamos encontrar em outros planetas? Que faremos quando a eles chegarmos? Obviamente, qualquer resposta dessa natureza, no presente, é baseada no mais escasso princípio de conhecimento exato; imagino que muitas delas pareçam menos singulares num futuro próximo. Porém, a menos que se faça alguma tentativa para esclarecer esses pontos, toda a matéria permanece, no ponto de vista do interesse do leitor comum, no domínio da teoria. (CLARKE, 1959, P. 7).

Diferentemente de *Interplanetary Flight*, nessa obra, Clarke se viu instado a falar para grandes públicos. Seus editores vislumbraram o potencial de alcance de sua escrita e obtiveram grande sucesso na publicação de *A Exploração do Espaço*. Se na primeira obra os “comos” da astronáutica foram abordados, nesta obra os “porquês” também ganharam um espaço importante, pois Clarke almejava a popularização de suas ideias. Como explicou o autor, “muita gente, hoje em dia, que se dedica à ciência por amor à ciência, vê contrafeita, e

⁹⁸ Tradução minha: “NASA rocket designer Wernher von Braun used *The Exploration of Space* (1951) to convince US President John F. Kennedy that Americans should and could go to the Moon.”

até com hostilidade agressiva, a expansão do poder do homem representada pela viagem interplanetária” (CLARKE, 1959, P. 7). A partir dessa impressão, Clarke se debruçou no final do livro sobre as dúvidas e oposições que poderiam interditar um projeto de viagem ao espaço. Segundo Robert Poole, o trabalho que Clarke desenvolveu como intelectual, que dava seus primeiros passos nesse momento, buscava "construir uma filosofia da astronáutica" que promovesse a consciência pública das implicações das viagens espaciais, "para que seu advento não seja um choque mental esmagador, mas algo totalmente antecipado” (POOLE, 2012, p. 4).⁹⁹

Curiosamente, essa posição de Clarke sobre seu trabalho não teve sua primeira aparição com o decorrer de sua carreira, nem com o surgimento de oportunidades de posicionamento público em ambientes para além de seu nicho, mas sim em um texto precoce de 1946, *The Challenge of the Spaceship*. Esse artigo foi publicado no jornal da *British Interplanetary Society* e depois apareceu revisado em outras duas obras que agrupavam artigos do autor. Apesar de surgir de forma precoce em relação ao restante da carreira de Clarke, este artigo marcou um interessante momento na carreira do autor e em sua defesa do sonho espacial: foi sua palestra inaugural como presidente da *British Interplanetary Society* e estabeleceu publicamente os temas aos quais ele voltaria repetidamente em sua ficção e não ficção (KILGORE, 2003, p. 117). Nesse período, Clarke tinha acabado de voltar da guerra e tinha recém entrado na faculdade. Boa parte das ideias da parte principal de *A Exploração do Espaço* a serem analisadas aqui, já se encontravam em sua escrita de *The Challenge of the Spaceship*.

O que chama a atenção, contudo, é a terminologia empregada na sintetização do que ele entendia poder contribuir na construção. A ideia de “uma tentativa de construir uma filosofia da astronáutica” sugere um trabalho de fundamentação intelectual de uma prática científica, e, em sua compreensão, como comenta Poole, em uma esfera pública. Afinal de contas, nas palavras do autor à época, “nos últimos anos, nós vimos o caos político e ético produzido quando uma grande técnica ou desenvolvimento chega a um mundo que não está preparado para ele” (CLARKE, p. 16, 1953).¹⁰⁰ Os escritos de Clarke eram anunciados como parte de um espectro de produção intelectual de vanguarda, ao construir uma sustentação

⁹⁹ Tradução minha: “His aim, therefore, was ‘to construct a philosophy of astronautics’ which would foster public awareness of the implications of space travel ‘so that its advent is not a overwhelming mental shock but something fully anticipated.”

¹⁰⁰ Tradução minha: “In the last few years we have seen the political and ethical chaos produced when a great technical development comes into a world which is unprepared for it.”

intelectual popular para os “ideais da astronáutica que são novos”, mesmo que os “motivos e impulsos subjacentes a eles sejam tão antigos quanto a raça humana” (CLARKE, 1953, p. 16). Por trás da noção de que se precisava construir uma filosofia da astronáutica, existia uma concepção de que para a “civilização ter um futuro, então não devemos ver seus erros anteriores se repetirem” (CLARKE, 1953, p. 16).¹⁰¹ A humanidade tinha que estar preparada para a chegada de um momento disruptivo que a maior parte do mundo não parecia vislumbrar, ou se preocupar.

Esse tom de intervenção em um processo importante em andamento marcava a escrita não ficcional dos primeiros anos de carreira de Clarke. O contexto sociocultural do pós-guerra na Inglaterra, o cenário editorial e o desenvolvimento de Clarke como intelectual até então, determinaram parte significativa de sua atuação a partir de *A Exploração do Espaço*. A viagem aos EUA (a primeira de muitas) em 1952, após vender os direitos do livro por 50.000 dólares para a *Book-of-the-Mounth Club*, ganha mais sentido a partir do olhar sobre esse cenário anterior. Sem dúvida, ele tinha de se viabilizar como escritor em um grande mercado por meio da venda do livro como uma notória publicação. Faz sentido ponderar, por outro lado, que o prematuro sucesso de Clarke como intelectual foi precedido por um empenho e uma expectativa exposta nas ações e palavras do jovem escritor. Esse primeiro grande pagamento por uma obra somente o permitiu concretizar o que ele indicava ser seu objetivo: a construção do que ele chamou de filosofia da astronáutica.

Com isso, em abril de 1952, Clarke foi para Nova York, viajando pela primeira vez para fora da Europa. Apesar dos eventos que ele compareceu terem sido marcados a pretexto da divulgação de seus livros, *A Exploração do Espaço* que seria republicado nos EUA, e *Sands of Mars* (1951), comprado pela mesma editora, sendo sua primeira ficção publicada no país, Clarke se portava muito mais como um divulgador científico em suas falas do que como alguém focado em vender seus livros. Por mais que *A Exploração do Espaço* fosse uma divulgação científica, em uma rádio para a qual Clarke foi convidado a falar, ele passou a maior parte do tempo explicando sua invenção, o funcionamento de satélites geoestacionários e como eles seriam importantes em um futuro próximo (MCALEER, 1992, p. 77). Isso não era assunto dos livros que seriam publicados no mesmo ano. Tratando ainda sobre sua viagem para Nova York, McAleer explica que Clarke sempre foi um “natural e entusiasmado promotor de muitas ideias que o interessavam. Isso inclui seu otimismo sobre a promessa do

¹⁰¹ Tradução minha: “But if our civilization is to have a future, then we must see that it does not repeat its earlier mistakes.”

espaço” (1992, p. 80). Ainda segundo ele, “onde ele tivesse uma oportunidade para falar em frente a um grupo e de falar sobre os temas que ele amava, ele teria feito com prazer” (1992, p. 80). McAleer conta também como, segundo Sam Moskowitz, editor e historiador da ficção científica que foi seu anfitrião em Newark, Clarke falou em numerosas pequenas reuniões em Nova York na época. “Se ele estivesse por perto”, dizia Moskowitz, “ele poderia falar” (MCALEER, 1992, p. 80). Por mais que ele tivesse uma preocupação em se estabelecer como um escritor conhecido, ele simplesmente não conseguia se conter, era apaixonado pelo que tinha a dizer.

Sua eloquência e paixão pelo que falava, sua personalidade afável, sua disponibilidade e seu conhecimento técnico sobre vários assuntos, desde ficção científica até matemática e física, certamente contribuíram para seu sucesso como intelectual em diversos ambientes. Seu empenho na construção dessas redes intelectuais foi decisivo no sucesso de sua auto divulgação. Como ficará mais claro depois, Clarke era o agente central do processo de construção dessa filosofia da astronáutica que ele julgava fundamental. Nessa primeira estadia nos EUA, ele passou a maior parte do seu tempo livre do trabalho, buscando fazer contato com as grandes figuras da ciência e da ficção científica, alguns com os quais já se correspondia antes, como Robert Heinlein, que se tornou um grande amigo.¹⁰² Se encontrou também com Harry Stine,¹⁰³ na instalação federal de lançamento de foguetes em *White Sands* onde ele trabalhava. Visitou também a Califórnia, onde falou em diversos lugares promovendo seu livro. Palestrou em Berkeley, e, como em todas as localidades em que passou, deu pequenas conferências, como a da *Los Angeles Science Fiction Society* (MCALEER, 1992, p. 82).

O ponto alto de sua viagem, que nos permite ter uma dimensão mais apropriada de sua situação na época, foi uma homenagem que recebeu em São Francisco. Clarke foi convidado a palestrar para 150 cientistas e entusiastas da questão espacial e, nesse local, recebeu uma homenagem e um prêmio pela sua “contribuição para a compreensão do público em geral sobre o espaço e sua futura promessa” (MCALEER, 1992, p. 83).¹⁰⁴ Sua escrita como escritor de ficção científica, e, mais especificamente no caso de *A Exploração do Espaço*, como

¹⁰² Um dos maiores escritores de ficção científica do século XX. Seus livros venderam mais de 30 milhões de cópias nos Estados Unidos e mais de 100 milhões através do mundo. É o único autor que ganhou quatro prêmios Hugo de melhor romance de ficção científica. Foi o primeiro autor de ficção científica a figurar na lista de *best-sellers* do *New York Times* (com *Um estranho numa terra estranha*). Isso se repetiu com seus últimos cinco livros.

¹⁰³ George Harry Stine foi uma das figuras fundadoras do modelo de foguetes, escritor de ciência e tecnologia e autor de ficção científica.

¹⁰⁴ Tradução minha: “for his contribution to the general public’s understanding of space and its future promise.”

divulgador da ciência e do sonho espacial, se ramificou sempre em um dedicado trabalho intelectual. É precisa a definição de Poole sobre isso ao afirmar que Clarke:

posicionou-se com sucesso na vanguarda da onda pró-espço de propaganda no final dos anos 1940 e início dos anos 1950. Sua credibilidade científica era essencial para sua posição, mas sua habilidade mais vendável era seu virtuosismo ao escrever sobre os temas de descoberta, tecnologia e progresso humano que animaram o movimento pró-espço. (2012, p. 4).¹⁰⁵

A Exploração do Espaço é uma síntese dessa explicação de Poole. Expunha de forma didática todo o conhecimento técnico disponível à época sobre viagens espaciais e associava a isso um conteúdo político, próprio a um campo científico que carecia de sustentação ideológica. Os “porquês” da viagem espacial cada vez mais precisavam se fincar na realidade e convencer definitivamente os céticos. A viagem espacial, com o avançar da década de 1950, assumia paulatinamente um caráter de realidade iminente. Além disso, os “comos” da astronáutica precisavam ser ainda mais cientificamente precisos, factíveis. O sucesso inesperado de *Interplanetary Flight* certificou a Clarke e seus colaboradores que havia interesse do público leigo na parte técnica e teoricamente mais desinteressante do sonho espacial. *A Exploração do Espaço*, portanto, seria a versão completa de *Interplanetary Flight*. Uma versão que tentou justificar e situar uma metodologia científica de viagem ao espaço em um momento histórico, em um cenário político e econômico, dialogando com leigos, mas também com os artífices próximos dos meios de execução do sonho espacial. A parte ideológica, complementar à discussão técnica, por mais que possa parecer um aspecto menor do livro em uma leitura rápida, por ocupar poucas páginas, não é.

No projeto intelectual e político de Clarke, a astronáutica deveria ser o foco central dos esforços científicos de toda a espécie e, portanto, a fundação de uma “filosofia da astronáutica” não seria um mero complemento, como esperamos caracterizar melhor na análise dessa parte do livro. Dialogando com a definição de intelectual apresentada por Sirinelli (2003), pode-se entender essa ilocução de Clarke a partir das duas definições de intelectual utilizadas pelo autor. A primeira delas, tem um caráter sociocultural e diz respeito a criadores e mediadores culturais (p. 242). A segunda forma, mais política e com um sentido

¹⁰⁵ Tradução minha: “Clarke thus positioned himself successfully at the forefront of the wave of pro-space propaganda in the late 1940s and early 1950s. His hard science credibility was essential to his standing, but his most marketable skill was his virtuosity in writing about the themes of discovery, technology and human progress which animated the pro-space movement.”

mais limitado, baseia-se na “noção de engajamento na vida da cidade como autor (...) testemunha ou consciência” (p. 243). Clarke, desde cedo em sua carreira, se esforçou para trabalhar nesses dois âmbitos. *A Exploração do Espaço*, ao ser produzido a partir da identificação da necessidade de intervenção no espaço público, da construção de uma “filosofia da astronáutica” na mentalidade popular, configurou uma forma fundamental de expressão do projeto intelectual e político nascente desse escritor de ficção científica no começo da década de 1950. Segundo David Skogerboe (2020, p. 12):

O programa espacial dos EUA surgiu de um esforço intencional da ficção científica e de escritores de ciência populares, engenheiros, industriais e líderes políticos para criar uma cultura popular de exploração espacial baseada em ideais culturais norte-americanos (como a mitologia de fronteira, exploração terrestre, medo da Guerra Fria, prestígio nacional e a ascensão do consumidor cultural) e na realidade do futuro próximo. Durante os anos entre 1950 e 1960, em um esforço para legitimar o voo espacial, a "era de ouro da ficção científica" em grande parte moldava a compreensão pública da viagem espacial. Clarke desempenhou um papel ativo como um "impulsionador do espaço" (também referido como 'Cadetes Espaciais'), junto a uma coleção de entusiastas do espaço, membros da sociedade de foguetes, ficção científica e ciência popular, escritores e cientistas que procuraram reconfigurar a compreensão do público sobre o espaço, longe do reino de Buck Rogers, cowboys espaciais e invasores alienígenas de Marte. Ao lado de divulgadores espaciais, como o engenheiro de foguetes Wernher von Braun, o autor de ficção científica Robert Heinlein, o popular escritor de ciências Willy Ley, o diretor Stanley Kubrick (com orientação de Clarke), e do artista Chesley Bonestell, os impulsionadores espaciais romperam com os "alienígenas e a representação da aventura intergaláctica da viagem espacial em direção a uma mensagem mais realista, uma em que o voo espacial humano era iminente. Nas próprias palavras de Clarke: "Escrevo ficção científica apenas sobre coisas que sei que são razoavelmente verdade, mesmo que as extrapolações não sejam conhecidas." (apud MCCURDY, 1997, p. 30-32-33-69).¹⁰⁶

A Exploração do Espaço

Em 1952, quando *A Exploração do Espaço* foi publicado nos EUA, recebeu críticas na primeira página de grandes jornais, como o *New York Times* e o *New York Herald Tribune*

¹⁰⁶ Tradução minha: “the US space program emerged from an intentional effort by science fiction and popular science writers, engineers, industrialists, and political leaders to create a popular culture of space exploration grounded in American ideals (such as frontier mythology, terrestrial exploration, cold war fears, national prestige, and the rise of consumer culture) and near future reality. During the 1950s and 1960s push to legitimize spaceflight, the “golden age of science fiction” largely shaped public understanding of space travel.³³ Clarke played an active role as a “space booster” (also self-referred to as ‘Space Cadets’), a collection of space enthusiasts, rocket society members, science fiction and popular Science writers, and scientists, who sought to reconfigure the public’s understanding of space away from the realm of Buck Rogers space cowboys and alien invaders from Mars.³⁴ Alongside space popularizers like rocket engineer Wernher von Braun, science fiction author Robert Heinlein, popular science writer Willy Ley, director Stanley Kubrick (with Clarke’s guidance), and artist Chesley Bonestell, the space boosters broke from the unscientific ‘aliens and intergalactic adventure’ representation of space travel toward a more realistic message, one where human spaceflight was imminent.³⁵ In Clarke’s own words: “I write science fiction only about things I know are reasonably true, even though the extrapolations may not be known.”

(MCALEER, 1992, p. 77). Esse último comentou que o livro era “o mais importante publicado até então nesse campo”. No *Chicago Tribune*, foi exaltada a habilidade de Clarke de traduzir temas complexos para uma linguagem simples. Algo também dito pela *Atlantic Monthly review*. Como explica McAleer, o livro só recebeu boas críticas (1992, p. 77). Além disso, ele fortalecia nos EUA um movimento já existente, mas com muito o que desenvolver. Segundo Poole:

O best-seller internacional *The Exploration of Space* (1952) [...] apareceu no mesmo período de outros importantes manifestos para viagens espaciais: *The Conquest of Space* (1950), do escritor científico alemão Willy Ley (1906-1969) e do artista americano Chesley Bonestell; o drama didático de Hollywood *Destination Moon* (1950), com roteiro de Robert Heinlein; e a influente série *Collier's Magazine* de 1952–54, de Von Braun, Bonestell e outros. (2012, p. 12).¹⁰⁷

Apesar de não representar uma novidade na área, poucas obras conseguiram nessa década o apelo de *A Exploração do Espaço*. Era uma obra de divulgação científica escrita por um aspirante a escritor de ficção, possuindo, por isso, uma escrita convidativa e didática sobre um tema relativamente árido. O livro, porém, não deixava a desejar no aspecto técnico, abordando os principais temas da astronáutica na época com seriedade e precisão. Fazendo parte de um esforço didático comum a esse tipo de literatura nesse período e se inserindo em um longo trabalho intelectual de divulgação científica de Clarke nesta década, que comportou as obras *Interplanetary Flight* (1950), *The Exploration of Space* (1951), *Going into Space* (1954), *The Exploration of the Moon* (1955), e *The Making of a Moon* (1957) (KILGORE, 2003, p. 115). Porém, como todos os livros da área na década de 1950, deixava lacunas pela velocidade do desenvolvimento tecnológico da astronáutica. Por exemplo, na questão do combustível dos foguetes, Clarke somente circulou o problema colocando os desafios. Era um tema sobre o qual ele conseguia no máximo dizer que aguardava desenvolvimentos na área, ou sugerir a propulsão atômica, que nunca se mostrou uma possibilidade real pelos riscos envolvidos. Como uma ferramenta didática de discussão da astronáutica, o livro se saiu muito bem. Entretanto, *Interplanetary Flight* já tinha cumprido essa função. *A Exploração do*

¹⁰⁷ Tradução minha: “The international bestseller *The Exploration of Space* (1952) appeared in the same period as other important manifestoes for space travel: *The Conquest of Space* (1950), by the German science writer Willy Ley (1906–69) and the American artist Chesley Bonestell; the didactic Hollywood drama *Destination Moon* (1950), scripted by Robert Heinlein; and the influential *Collier's Magazine* series of 1952–54, by von Braun, Bonestell, and others.”

Espaço se destacou não por isso, mas por sua contribuição ao movimento anunciado pelo autor, de criação de uma filosofia da astronáutica.

Desde o primeiro capítulo, a obra tem seu tom definido. Ao começar a análise sobre a astronáutica pelo seu caráter de sonho, comumente presente no imaginário popular sobre a viagem ao espaço, Clarke criou uma ponte de interlocução sólida com qualquer tipo de leitor. Nesse movimento ele também fortificou o que seria o processo seguinte em sua escrita: a cientificização desse sonho. Isso ocorreu primeiro pela contextualização histórica do sonho e, no decorrer do livro, pela apresentação detalhada de informações e explicações que transformariam a percepção do voo espacial de algo duvidoso para algo plausível e desejado. Logo no início, no prefácio (original do livro), ele apelou para um tipo de argumento extremamente comum e central em seus escritos.¹⁰⁸ Se tratava de uma comparação de ideias que o leitor poderia desconfiar, com eventos históricos que pouco antes de ocorrerem eram considerados improváveis ou impossíveis. Essa ferramenta retórica em uma obra como essa, de divulgação científica, visava alcançar um efeito que em ficções científicas era natural, a suspensão da credulidade, que o leitor normalmente tem ao ler histórias fantasiosas. Porém, nessa obra, isso era algo solicitado quase como um voto de confiança. O leitor, dessa forma, mesmo não comprando integralmente a lógica proposta pelo argumento a princípio - de que o que parece impraticável ou inverossímil é factível porque muitos feitos da história da humanidade também desacreditados se realizaram – fazia a leitura com um olhar menos crítico. Até porque essa lógica foi constantemente reforçada durante o livro, principalmente em partes em que o autor claramente percebia serem mais questionáveis.

No prefácio, ele comentou como os antepassados (que não viram o desenvolvimento da aviação comercial) do leitor entrariam em choque ao presenciar o funcionamento de um aeroporto de sua época (CLARKE, 1959, p. 8). Essa era uma imagem mental criada para ser comparada ao cenário proposto de uma colonização lunar que ele abordaria em capítulos posteriores, e que Clarke pensava ser um exemplo de proposta pouco credível. Como o objetivo do livro era tirar a temática abordada do “domínio da teoria” para o ponto de vista do leitor (CLARKE, 1959, P. 7), essa forma de lidar com as reservas do público quanto ao sonho espacial sustentava, na argumentação, o processo de cientificação desse sonho, que fincaria a questão em um horizonte de realização histórica iminente. A maioria dos temas discutidos eram aparentemente credíveis, pois eram bem explicados, ou eram questões mais simples, tendo em vista a tecnologia da época, ou os dois casos. Contudo, algumas proposições eram

¹⁰⁸ Falaremos melhor disso no capítulo IV, quando abordarmos a obra *Perfil do Futuro*.

mais questionáveis e não poderiam ser deixadas de fora de um livro com essa abordagem (de caráter geral) por causa disso. O autor, por isso, ficou confortável em apelar a um artifício retórico de comparação com fatos históricos desacreditados em seu contexto. Entretanto, nesse processo de cientificação do sonho espacial, associado a obviedades e desafios intrínsecos ao processo, Clarke inseriu posições específicas de seu projeto intelectual e político, sem diferenciação em relação ao verniz científico impresso no restante da escrita. Tudo o que foi posto, na organização interna da obra, apareceu como parte importante do desafio da astronáutica ou um desenvolvimento natural a partir de certas etapas alcançadas desse desafio.

Na contextualização histórica das origens do sonho espacial no primeiro capítulo, o foco do autor estava em discutir as diferentes formas de imaginação em que a viagem à Lua foi pensada durante a história, partindo de Luciano de Samósata¹⁰⁹ e chegando à ficção científica e à divulgação científica do início do século XX. A conclusão do curto apanhado histórico de Clarke foi que não se poderia “duvidar de que essas numerosas histórias, e não somente as poucas que apresentaram base científica cuidadosa, tenham contribuído para aproximar da realidade o acontecimento de que tratavam” (CLARKE, 1959, p. 19). Com as descrições técnicas detalhadas que apareceram nos três capítulos seguintes, a impressão que foi sendo construída no início do livro era de que a realidade da viagem espacial era possível, mas difícil. Ele não mascarou os desafios, mas criou um mecanismo para lidar com eles. O autor especificou todos os entraves primordiais, começando com a questão da atmosfera e, depois, abordando o desafio da propulsão de foguetes químicos. Nesse ponto, ele lidou com uma grande dificuldade técnica para a realização do feito. Não existia na época uma forma de fazer um foguete atingir os 40.000 Km/h necessários para escapar da atmosfera da terra com os combustíveis disponíveis (algo solucionado pouco tempo depois com um método que Clarke inclusive sugere no livro junto a outros desenvolvimentos científicos).

A partir disso, o método de interpretação proposto por Clarke do desafio científico indicado no prefácio retornou. Clarke, portanto, pediu ao leitor que não desanime nessa parte, pois “cento e cinquenta anos atrás matemáticos de renome demonstraram que os navios a

¹⁰⁹ Luciano de Samósata foi um escritor nascido na província romana da Síria, e que morreu pouco depois do ano 181 D.C., em Alexandria, Egito. Pouca coisa se sabe a respeito de sua vida, mas o apogeu de sua atividade literária transcorreu entre 161 e 180, durante o reinado de Marco Aurélio. Foi o autor de *Uma História Verdadeira*, em que relata uma fantástica viagem à Lua e menciona a existência de vida extraterrestre, antecipando alguns temas popularizados durante o século XX pela ficção científica. Ver mais sobre sua escrita em: RODRIGUES, H. E. Luciano de Samósata e a escrita da história. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 2, n. 3, p. 194–197, 2009.

vapor jamais poderiam atravessar o Atlântico” (CLARKE, 1959, p. 47). Da mesma forma, o grande astrônomo Simon Newcomb também teria provado, em 1903, que o “avião nunca poderia suportar o peso de um passageiro mais o piloto” (CLARKE, 1959, p. 47). Segundo o escritor:

A lição a tirar daí é de que nunca podemos fazer com segurança o que chamamos de profecias “negativas” no campo do progresso técnico e científico. Mesmo que todos os fatos conhecidos tenham sido equacionados – uma tarefa muito mais difícil do que pode ser imaginado – e mesmo que uma determinada linha de ação se tenha mostrado inconveniente, geralmente acabam surgindo soluções alternativas. (1959, p. 48).

Associado a essa instrumentalização de eventos da história da ciência para afastar a descrença, o constante otimismo presente na escrita desse autor, junto com a sua capacidade didática, operavam como um mecanismo central em favor do engajamento do leitor no livro. Sobretudo porque a parte da obra que abordava os “porquês” da astronáutica chegaria só no fim da leitura, de forma que seu público precisaria resistir à longa parte dos “comos” da viagem espacial. Na maior parte dessa escrita técnica do livro, o tom era contido. Várias ideias plausíveis e embasadas na ciência da época foram discutidas para tratar de um mesmo problema, mas sempre a partir de uma autoconsciência da limitação das propostas. Como explicou o autor:

No presente estágio da história da astronáutica não é possível, certamente, senão sugerir projetos plausíveis. Novas descobertas poderão, mesmo na próxima década, modificar nossas ideias de hoje. Caso alguma das predições que se seguem esteja tão perto da verdade como, por exemplo, estavam a “Carruagem Aérea de Vapor”, de Henson, e semelhantes visões do século XIX em relação aos aviões mais pesados que o ar, já nos daremos por muito satisfeitos. (1959, p. 69).

Chamou a atenção, na maior parte dos capítulos dessa obra, como Clarke possuía um conhecimento apurado das questões técnicas da astronáutica e como as dificuldades eram tratadas em termos precisos de plausibilidade e momento de execução. É característico das suas explicações deixar claro o que é provável, o que é possível e o que é improvável (1959, p. 74-75). Contudo, sua escrita, desde o início de sua carreira, circulava muito próxima dos limites das convenções do gênero que ele escrevia. Por mais que, em quase todo o livro, a abordagem fosse sóbria, auto limitada, bem embasada, Clarke escalava a dificuldade dos

desafios, tratando questões de forma próxima do abordável somente pela ficção. Isso pode ser explicado pelo aspecto chamativo desses desafios técnicos de superação improvável para a época. Por exemplo, era muito mais interessante a explicação de como criar bases na lua, isto é, colonizar um outro corpo celeste, do que as explicações sobre a quantidade de combustível necessário para sair da atmosfera e como calcular isso.

Porém, essa questão das bases lunares, por exemplo, nos permite ponderar que, por mais que o estabelecimento humano na Lua estivesse longe da plausibilidade científica de temas como a propulsão de foguetes, Clarke fazia questão de discutir isso como se fosse um prolongamento natural do evento de sair da atmosfera por meio de um foguete. Pois, como será explicado melhor a seguir, era importante para o escritor inglês que assim fosse, na medida em que a “conquista da Lua” significava, para a empreitada espacial, a progressão de um projeto e não uma mera aventura. Se, nos casos de antecipação por parte de Clarke de pequenas ressalvas que o leitor poderia ter quanto a alguma discussão, ele utilizava no texto o artifício da comparação histórica supracitado. Em casos de grande possibilidade de quebra da credulidade na recepção do texto, o método de Clarke era extrapolar a lógica do argumento ao nível de factibilidade do problema. O limite eram as leis da física, e o tempo de execução em muitos casos era só um detalhe em sua argumentação, o que lhe garantia certa liberdade retórica. Sobre a “reforma de outros mundos para adaptá-los às necessidades humanas”, por exemplo, ele explicou que “nada deve ser considerado impossível, desde que não contrarie as leis da natureza. [...] já se percebe que a conquista da Lua será o prelúdio necessário e inevitável para projetos mais remotos e ainda mais ambiciosos” (CLARKE, 1959, p. 131).

Os indícios do caráter do livro como a expressão de um projeto ficam patentes ao leitor mais atento no decorrer da exposição de Clarke. E ele não escondia isso, pelo contrário, tentava equacionar esse aspecto deixando claro que isso não estava sendo acobertado, ou tratado como uma parte desinteressante e, por isso, descartável da obra. Na abertura do capítulo 16, ele explicou isso diretamente:

Neste momento o leitor já deve estar suspeitando, com razão, que os problemas do voo espacial, embora difíceis, são muito mais simples do que aqueles que teremos de enfrentar na exploração dos planetas. Esse ponto é muitas vezes ignorado, ou contornado apressadamente, pelos que escrevem sobre astronáutica: eles julgam, sem dúvida, que já possuem problemas suficientes com que tem de preocupar-se. Contudo, se nossa apresentação do assunto deve caracterizar-se por ser completa, não podemos menosprezar tais dificuldades. [...] Entretanto, o que realmente será feito dependerá dos recursos enviados da Terra. Esta consideração nos tira do domínio da ciência para lançar-nos no campo da política e da economia, levantando

questões cujo exame adiaremos para o Capítulo 18. Suporemos, no que se segue, talvez com otimismo, que a humanidade algum dia esteja preparada para devotar à astronáutica o esforço e o dinheiro necessário para conduzir uma guerra secundária. (CLARKE, 1959, p. 155).

O livro foi construído de forma que as questões mais especulativas e menos cientificamente embasadas fossem sendo tratadas ao final e em uma escala de plausibilidade condizente ao nível de especulação. No capítulo 17, por exemplo, o penúltimo, chegou-se a tratar da viagem interestelar, um tema no qual a ciência até hoje praticamente só impõe barreiras e pouco dá soluções. Entretanto, no afã de Clarke em examinar a astronáutica de forma completa, essa temática não ficaria de fora e, além disso, tratava-se de um objeto de bastante interesse por parte de um público que ele sabia que alcançaria com o livro (leitores de ficção científica e cientistas). O que vale destacar aqui, porém, é que essa organização citada só foi até o penúltimo capítulo, em que ainda imperava a discussão dos “comos” da astronáutica. Por mais que o caráter de projeto político estivesse subjacente à escrita do autor no livro desde o começo, foi somente no último capítulo que ele retirou abertamente o filtro de exposição científica de sua abordagem para tratar dos impasses ligados ao “campo da política e da economia”.

Os meios e os fins

É no mínimo interessante Clarke ter aberto o último capítulo citando que os maiores especialistas em propulsão de foguetes são ferrenhos defensores da “conquista do espaço”. De forma taxativa, ele acrescentou “que a possibilidade da conquista do espaço é um assunto sobre o qual não se pode ter nenhuma dúvida séria” (CLARKE, 1959, p. 197). Mesmo com todo o trabalho dos chamados “space boosters”, como, por exemplo, Robert A. Heinlein, durante a década de 1940,¹¹⁰ Clarke sentia ser preciso, ao final de um livro tão completo e didático como esse, assegurar novamente ao leitor a validade das proposições da obra. Sentia também a necessidade de ressaltar que “pronunciamentos de que o voo espacial é impossível [...] devem ser considerados como exemplos de arrogância intelectual” (CLARKE, 1959, p. 197). Essa aparente urgência em solidificar a confiança do leitor na factibilidade do voo espacial, mesmo após toda a exposição do livro, se dava não por alguma insuficiência do que foi discutido, mas pelo que ficou subjacente e seria discutido no capítulo que se seguia. Para o

¹¹⁰ Ver: KILGORE, De Witt Douglas. *Astrofuturism: Science, Race, and Visions of Utopia in Space*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 82–111, 2003.

sonho espacial deixar de ser só um sonho, Clarke precisaria abordar assuntos que, em seus livros, tinham a importância constantemente diminuída em comparação à imensidão do espaço. Estes assuntos eram “a política e a economia”. Isto é, os arredores da astronáutica que definiriam no fim das contas se a empreitada espacial ocorreria ou não.

O âmbito dos governos, das nações, dos interesses políticos, no raciocínio de Clarke, representavam a expressão de “um tipo de mentalidade estreita, que em nada se interessa além de sua aldeia ou vila, baseando seus julgamentos nesses padrões paroquiais” (CLARKE, 1959, p. 201). Em suas aspirações de um governo mundial,¹¹¹ a conquista do espaço era central, pois “não é fácil admitir que as formas mais extremadas do nacionalismo possam sobreviver quando o homem tiver percebido a verdadeira situação da Terra” (CLARKE, 1959, p. 201). A necessidade de explicação dos motivos que justificavam a empreitada espacial, portanto, se dava pela não compreensão do que de fato significaria, especialmente naquele momento, a conquista do espaço frente à situação do planeta: “um pequenino globo em presença de uma imensidão de estrelas” (CLARKE, 1959, p. 201). Essa sobreposição de escalas históricas que engrandece a importância do voo espacial frente a outros eventos históricos, era comum no pensamento de Clarke e isso será melhor analisado depois. No que diz respeito à parte final do livro examinado, porém, esse artifício tinha uma função mais específica e crucial para Clarke. Pois, as formas extremadas do nacionalismo referidas permitiam ao autor chamar a atenção do leitor para o contexto histórico em que o projeto do voo espacial era defendido.

Isso passava tanto por colocar a Segunda Guerra Mundial em perspectiva ao projeto da conquista do espaço, quanto por ressignificar uma importante herança da guerra que sustentava todo o projeto: o foguete. Segundo Clarke:

É uma das ironias trágicas de nossa era que o foguete, capaz de transformar-se no símbolo da aspiração humana de atingir as estrelas, se tenha transformado numa das armas que ameaçam destruir a civilização. Este estado de coisas apresentou um difícil problema de ordem moral para todos aqueles que desejam tomar parte ativa no desenvolvimento da astronáutica: quase toda a pesquisa sobre foguetes é feita por organizações militares e protegida por diversas classificações de segurança. [...] Separar as aplicações militares das aplicações pacíficas dos foguetes é, portanto, uma tarefa mais difícil ainda que criar energia atômica sem bombas atômicas. (CLARKE, 1959, p. 202).

¹¹¹ Ver: KILGORE, De Witt Douglas. *Astrofuturism: Science, Race, and Visions of Utopia in Space*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 128, 2003.

A Exploração do Espaço, portanto, não era somente um acréscimo a um debate de um campo da ciência ainda em construção, mas principalmente uma intervenção em uma abertura histórica, isto é, a possibilidade de utilização, para um lado ou para o outro, de uma tecnologia simbólica para uma época e para uma geração que passou pela guerra. Clarke, mesmo que sem clareza das consequências de sua intervenção naquele momento, se posicionava perante boa parte da narrativa histórica crítica construída no Ocidente sobre o progresso que desaguava no Holocausto, a qual ele herdou, tentou ressignificar e, em muitas ocasiões, reabilitar. Kilgore (2003, p. 119) lida parcialmente com essa questão quando comenta como:

Clarke também acreditava que a última guerra era um amplo testemunho do que poderia acontecer se disputas imperiais por recursos limitados e as práticas culturais puderem continuar. Com o aumento exponencial do poder destrutivo da ciência e tecnologia ocidental, o impulso civilizado em direção ao império pode levar à destruição da humanidade. A única solução para este dilema, Clarke disse ao seu público, é "Viagem interplanetária ... a única forma de 'conquista e império' compatível com a civilização." (apud CLARKE, 1959).¹¹²

Citando a mente por trás do desenvolvimento dos foguetes V2 da Alemanha Nazista, Clarke defendia que:

Não é vergonhoso que homens que tem os mesmos ideais, inspirados nas estrelas, tenham que colocar-se em lados opostos de uma cerca? Esperemos que esse tenha sido o último Holocausto, que daqui para o futuro os foguetes sejam empregados apenas para seu destino supremo: o voo no espaço. (CLARKE, 1959, p. 203 apud VON BRAUN).

Seu projeto intelectual, aventado em 1946 em um artigo de menor relevância como uma filosofia da astronáutica, ganhava, em suas palavras neste livro, uma dimensão exacerbada pela natureza daquilo em que achava estar intervindo e pela confiança que parecia rapidamente adquirir como intelectual. Clarke, mesmo que não formulasse precisamente o significado disso, demonstrava perceber uma espécie de brecha histórica, em que um aspirante a escritor de ficção científica poderia intervir decisivamente em um processo

¹¹² Tradução minha: "Clarke also believed that the latest war was an ample testament to what could happen if imperial contests over limited resources and cultural practices were allowed to continue. With the exponential rise in the destructive power of Western science and technology, the civilized impulse toward empire could lead to the destruction of humanity. The only solution to this dilemma, Clarke told his audience, is "Interplanetary travel . . . the Only form of 'conquest and empire' compatible with civilization."

considerado por ele similar à Renascença (CLARKE, 1959, p. 200). Essa possibilidade, inclusive, se traduzia nessa obra em expressões práticas desse projeto intelectual:

Quando a situação política se estabilizar, se isso ocorrer, e quando recomeçar a cooperação internacional no terreno científico, as sociedades astronáuticas, que se desenvolvem rapidamente em muitas partes do mundo, poderão atuar como catalizadores, por seus esforços combinados, e conduzir à situação desejada. Este é um dos planos de longo alcance esboçados nos vários Congressos Internacionais de Astronáutica, o primeiro dos quais realizado em Paris, no outono de 1950. (CLARKE, 1959, p. 204).¹¹³

Esses planejamentos, longe de serem inseridos na obra de forma genérica, eram relativamente detalhados para um livro desse tipo. Expunham não somente o desejo de participação direta no projeto da conquista do espaço por parte do autor e de seus colaboradores, mas também especificavam as características e uma forma minimamente realista de participação, um papel na construção desse futuro:

A função das sociedades astronáuticas não é, pois, dedicar-se às pesquisas nem à fabricação, excetuados talvez problemas secundários que podem ser investigados sem grandes orçamentos. As sociedades interplanetárias não construirão astronaves, como também as sociedades aeronáuticas não constroem aviões. Serão as organizações especializadas – as equipes profissionais – de cientistas e engenheiros que trabalharão nesse ramo. Ao chegar à ocasião de construir as primeiras astronaves, as sociedades interplanetárias formarão as “vanguardas de ataque”. Seus membros, entretanto, atuarão provavelmente às ordens do governo, embora talvez tenham eles primeiramente de convencer seus governos a expedir tais ordens. (CLARKE, 1959, p. 204).

O lugar social de *A Exploração do Espaço*, portanto, fica mais bem delineado. Se encaixa perfeitamente na descrição do trabalho dos “space boosters” do início da década de 1950, como uma intervenção “fundamental na concepção da exploração do espaço, fornecendo a explicação pública das ciências e tecnologias envolvidas e defendendo os benefícios políticos, econômicos e até morais da expansão do espaço” (KILGORE, 2003, p. 5)

¹¹³ Para detalhes de como de fato as sociedades astronáuticas trabalharam em prol desse projeto e conseguiram grandes resultados, sobretudo a *British Interplanetary Society*, ver: MACAULEY, *Crafting the future: envisioning space exploration in post-war Britain, 2012* e DUNNETT, *Geopolitical Cultures of Outer Space: The British Interplanetary Society, 1933–1965*, 2016.

¹¹⁴. Mas, sob a luz da análise dessa obra em específico, é possível vislumbrar nuances importantes e inexploradas, como a inserção temporal que marcava e singularizava o esforço intelectual de Clarke. O autor definia o momento em que vivia como uma espécie de bifurcação da história. Um momento de inflexão no fluxo do processo histórico definidor do futuro não somente de um país, mas da humanidade. “Daqui a cinquenta anos, em vez de se prepararem para a conquista dos planetas, talvez nossos netos sejam apenas selvagens despojados de quaisquer bens, agarrados aos oásis férteis em meio a um deserto radioativo” (CLARKE, 1959, p. 208-209). Seu projeto intelectual e político, portanto, propunha sua atuação em uma escala incomensurável, proporcional à importância do momento histórico que ele identificava estar vivendo, à sombra do Holocausto e das bombas nucleares. Segundo Clarke:

nossa civilização pode ser destruída e as esperanças enterradas antes do seu nascimento. Se, porém, sobrevivermos a tais problemas, eles passarão à história. Chegará o tempo em que serão tão pouco lembrados como as causas das guerras púnicas. [...] Neste sentido o foguete, longe de ser um dos destruidores da civilização, pode fornecer a válvula de segurança, para preservá-la. (CLARKE, 1959, p. 209).

Se a atuação intelectual de Clarke naquele momento se dava sob esses parâmetros; se, como ele explicou sobre sua época, “estamos agora no limite entre duas eras” e “atrás de nós existe um passado ao qual jamais poderemos retornar. Distinguindo esta época de todas as eras que a precederam” (CLARKE, 1959, p. 209), talvez Clarke fosse mais complexo do que descrevem as definições de “space booster” ou “astrofuturista”. Seu trabalho, portanto, merece ser visado sob um outro ângulo. Um olhar que nos permita entender melhor a natureza da escrita e da atuação desse autor em seus elementos determinados por esse caráter profundamente histórico de seu pensamento, acessando aspectos que o autor não chegou a formular objetivamente. E, principalmente, abordando, a partir de Clarke, certas camadas pouco exploradas do contexto histórico da Corrida Espacial enquanto experiência temporal, normalmente perdidas na limitação de certas abordagens.

Essa faceta de intervenção política em prol da transformação histórica através da conquista do espaço sustentava toda a operação retórica de convencimento de uma vasta gama

¹¹⁴ Tradução minha: “instrumental in conceiving the exploration of space, providing the public explication of the sciences and technologies involved, and arguing for the political, economic, even moral benefits of space expansion.”

de interessados, que leriam *A Exploração do Espaço* como uma divulgação científica comum, mas encontrariam a explicação e a justificação não só do voo de uma nave ao espaço, mas de algo muito maior. Esse aspecto central de sua operação retórica, impõe uma avaliação de camadas cruciais ao entendimento do que Clarke realmente tentava produzir. A abordagem empregada até então para avaliar não só Clarke e sua produção, mas todos os representantes do astrofuturismo, se baseou em uma perspectiva de retórica simplista, instrumental, utilitária, que entende os “space boosters” como versões de um mesmo tipo de prática intelectual e política, sendo todos tipos rasos de retórica propagandística. Neste tipo de retórica, segundo LaCapra, se identifica:

um texto diretamente com o que ele parece representar ou dizer — com seus temas, propostas ou caracterizações. Dessa maneira, muitas vezes reduzimos todos os textos de estilos homogêneos a meros sintomas de algum fenômeno ou processo que os abranja. Nós podemos, efetivamente, tratar toda a literatura (quando literatura e filosofia não são eliminadas do registro histórico relevante) como literatura panfletária ordinária e discuti-la somente como um “sinal dos tempos” ou, então, em relação a suas funções imediatas e de seu impacto em outros eventos mais “tangíveis”. (2013, p. 18).

A partir dessa perspectiva, a complexidade de um discurso que simultaneamente utiliza os mais diversos recursos retóricos em prol do convencimento, e mesmo assim, expressa uma profunda crença na sua importância na construção de algo considerado como um bem maior, se perde. Como nos lembra LaCapra, a retórica vai além das funções “documentárias e referenciais da linguagem, como também todas as funções utilitárias, rotineiras e instrumentais. Ela envolve exposição verbal ou performance de um jeito mais amplo que aquele abrangido na noção padrão do performático” (2013, p. 18). Clarke acreditava poder intervir decisivamente na brecha histórica que ele julgava ter percebido. Nem por isso ele se furtava ao uso performativo da retórica. O autor era capaz de se adaptar aos mais diversos tipos de interlocução, tendo, muito por isso, alcançado um massivo público ao longo da carreira e conseguido acessar os mais diversos ambientes em torno da Corrida Espacial, alguns, inclusive, bastante restritos e impensáveis para um escritor de ficção científica. Portanto, concordamos com LaCapra que a retórica não pode ser colocada:

Em termos puramente instrumentais, muito menos propagandísticos. Retórica, como um mero significado para finalidades pré-concebidas — em resumo, como uma linguagem tecnológica —, é ela mesma a variante moderna reduzida da ideia mais

tradicional de uma coleção de estratégias e táticas para assegurar a persuasão de outros em uma caçada de objetivos restritos. Essa concepção retira a retórica de uma ampla noção de crítica sociocultural e transformação política para a aceitação de sua definição pungente, promovida por uma ideia de verdade transcendente e absoluta. (2013, p. 16).

Além disso, no caso de um intelectual que transitava tão bem entre diversos tipos de gêneros textuais, se destacando como um escritor de ficção, mas também como um intelectual público importante, é imprescindível que a análise sobre seu trabalho leve em conta também o que LaCapra (2013, p. 19) chama de “lado carnavalesco da linguagem” nos discursos. Principalmente, porque, procurando-se identificar elementos comuns às filosofias da história em uma metanarrativa dispersa por obras de vários tipos de um intelectual como esse, poderíamos cometer o equívoco de buscar uma coerência que o formato de exposição descontínuo dessa metanarrativa não contempla. É fundamental, portanto, que a interpretação da expressão retórica de um escritor como Clarke não seja “subordinada de todo aos imperativos mais ‘sérios’ dos modos de argumentação deliberativo e forense” (LACAPRA, 2013, p. 19), mesmo que lidemos com discursos propostos como intervenções sérias. Inclusive, como aparece em *Perfil do Futuro* (1962), o próprio autor defendia a importância do intercâmbio entre a narrativa científica considerada séria, confiável, e a narrativa ficcional encarada como falsa ou lúdica.

Prelúdio ao espaço

Com o que foi examinado até aqui, a análise a seguir da obra *Prelude to Space* (1951) ganha outra dimensão de importância. Surgindo na mesma época de *A Exploração do Espaço*, o livro não alcançou a mesma relevância, sendo publicado nos EUA somente em 1954. Sua origem remonta a 1947. Após ter acabado de escrever o romance, Clarke comentou em carta para Lord Dunsany que a obra era uma “versão ficcional” de seu ensaio de 1946, *The Challenge of the Spaceship*. No entanto, ele acrescentou que, na obra, enfatizou “os aspectos sociológicos e filosóficos da questão” espacial (WESTFALL, 2018, p. 43). A publicação só ocorreu em 1951 na Inglaterra, em um formato adaptado para a revista *Galaxy Science Fiction* da editora *World Editions Inc*, como a número três de sua série de romances. A novela expandida só apareceu em formato de livro em 1953 pela editora *Sidgwick & Jackson*. Não é, portanto, uma das obras mais conhecidas desse escritor, mas foi seu primeiro romance, visto que Clarke só havia escrito e publicado contos até então.

Mesmo sendo seu primeiro romance de ficção, sua preocupação não estava principalmente voltada à qualidade literária da obra. Clarke comentou no prefácio de *Prelude to Space*, de 1975, que tentava contribuir para a tradição dos “pioneiros da astronáutica que usaram a ficção em uma tentativa deliberada de espalhar suas ideias para o público em geral” (apud MCALEER, 1992, p. 65).¹¹⁵ Ao admitir que “tinha ideias propagandísticas semelhantes em mente ao planejar este livro” (apud MCALEER, 1992, p. 65)¹¹⁶, Clarke contextualizou sua produção e expôs uma característica crucial do seu trabalho: o fato de que ele “via sua ficção espacial como uma extensão de seu proselitismo não ficcional para viagens espaciais” (WESTFALL, 2018, p. 72).¹¹⁷ Como os primeiros propositores da causa espacial, Tsiolkovsky¹¹⁸, Oberth¹¹⁹ e Von Braun, que escreveram ficção científica em suas carreiras e ao fazer isso, segundo Clarke, “eles não estavam apenas prevendo o futuro, eles o estavam criando” (apud SKOGERBOE, 2020, p. 65). Essa confissão de Clarke sobre a obra, entretanto, não muda a natureza dela em relação às outras ficções que Clarke publicou depois e não anunciou como propagandísticas. Só reforça como ele pouco diferenciava sua escrita ficcional e não ficcional, já que o importante era a construção intelectual que perpassava por toda a sua escrita. O autor tentava intervir na construção da história futura da humanidade, portanto, também por vias ficcionais, pois, diferentemente de seus antecessores, os quais tiveram seus trabalhos cooptados pela guerra, Clarke e toda a humanidade, em sua narrativa, se encontravam em um momento especial da história até então. Dentro ou fora da ficção, ele somente expressava o que acreditava sobre o futuro do mundo. Quando Clarke publicou alguma história ficcional que divergiu substancialmente dessa expressão de suas ideias, ele avisou, como foi feito na introdução de *Childhood's End*.¹²⁰

¹¹⁵ Tradução minha: “The pioneers of astronautics used fiction in a deliberate attempt to spread their ideas to the general public.”

¹¹⁶ Tradução minha: “had similar propagandistic ideas in mind when planning this book.”

¹¹⁷ Tradução minha: “viewed his space fiction as an extension of his nonfictional proselytizing for space travel.”

¹¹⁸ Konstantin Eduardovich Tsiolkovski foi um cientista de foguetes russo e soviético e pioneiro na teoria astronáutica.

¹¹⁹ Hermann Oberth foi um cientista alemão. Oberth foi, junto com o russo Tsiolkovsky e o estadunidense Robert Goddard, um dos precursores da moderna astronáutica. Seu interesse por exploração espacial surgiu desde cedo quando ele leu o livro “Da terra à Lua”, de Júlio Verne.

¹²⁰ A origem de *Childhood's End*, traduzido em português como O Fim da Infância, remonta a um conto escrito por Clarke em 1946, “Guardian Angel”, logo antes de ingressar em sua graduação no *King's College*. Submetido na revista *Astounding Science Fiction*, foi recusado pelo editor John W. Campbell. Só foi publicado como conto após ser reescrito por James Blish a pedido de sua agente, Scott Meredith. Blish modificou o fim do conto e ele foi publicado em 1950 na *Famous Fantastic Mysteries*. Em 1952 Clarke começou a expandir o conto visando formar um livro. A parte 1 do livro é o conto com algumas modificações. A *Ballantine Books*, uma recém criada editora, comprou três livros do autor nesse período, estando O Fim da Infância quase acabado na época. Esse foi o início de uma frutífera relação para ambos os lados. Como uma das justificativas da escolha de Clarke, Ian Ballantine explica que quando criou a editora buscou autores que escrevessem sobre o que iria acontecer em seguida, no futuro, e que Clarke se enquadraria nisso (MCALERR, p. 89, 1992). Em 1953, no momento decisivo

Sendo coerente com suas ideias, o protagonista de *Prelude to Space*, que fornece o ponto de vista central do acontecimento no entorno do qual o livro foi construído, é um historiador. Como no contexto histórico que Clarke julgava vivenciar, o Dr. Dirk Alexson, um historiador americano, se encontrava incumbido de lidar com um momento histórico sem precedentes. Na narrativa da obra, ele é o observador treinado que iria registrar os eventos em torno do primeiro voo da história humana na nave espacial *Prometheus*. Algo que fora da ficção, Clarke também esperava acontecer logo. Tornando o livro ainda mais interessante e demonstrando a reincidência das ideias de Clarke, Alexson não é um historiador da ciência e tecnologia ou da fronteira americana. Em vez disso, ele se especializou na Itália renascentista, sendo sua tese sobre a vida da família Médici de Florença. Como explica Kilgore:

Sua relativa ignorância na ciência permite a Clarke usá-lo como um interlocutor por meio do qual o leitor pode ser educado. O diploma de Alexson, entretanto, o torna um observador inteligente, em vez de um ignorante. Como resultado, ele também se torna o especialista moral por meio de quem o leitor pode julgar as atividades dos homens na Interplanetária. E, claro, o fato de ele ser um historiador da Renascença o posiciona muito bem como testemunha e registrador do início de um novo renascimento através da conquista do espaço. (2003, p. 120).¹²¹

O formato ficcional em que Clarke expressou seu projeto intelectual e político nesse livro, desvela o teor profundamente histórico do cerne da empreitada espacial nesse contexto.

de escolha entre os editores, Clarke e sua agente sobre qual das três obras publicar primeiro, havia um consenso entre todos, exceto Clarke. O fim da infância foi o escolhido por ser considerado o melhor dos três e por ser original, os outros dois já haviam sido publicados antes, mesmo que não em formato de livro. De todos os livros publicados por essa editora esse foi o único que ele teve dúvidas. Segundo Betty Ballantine: Ele estava em dúvida sobre qual final ele queria [...] Ele tinha escrito dois finais. Mas essa foi a única vez que soube que ele teve dúvidas sobre o que ele estava escrevendo (MCALERR, p. 90, 1992). Sua sequência final contradiz tudo o mais que ele disse sobre o futuro da humanidade” (CLARESON, p. 57, 1977). No prefácio tardio feito para o livro no ano 2000, Clarke, a fim de atualizar o livro para o novo século, rejeita a validade de algumas temáticas fundamentais do livro, especialmente a paranormalidade, pois, em suas palavras, “quando o livro foi escrito no início dos anos 1950, eu ainda estava muito impressionado pelos indícios do que era chamado, genericamente, de paranormal” (CLARKE, p. 10, 2010). Mas devido ao programa que ele apresentou na década de 1980 sobre o tema, o ceticismo foi tudo o que sobrou em sua opinião sobre o assunto. Porém, na época, o problema do autor com o livro não era a paranormalidade, nem o tema do encontro com ovnis como ele também cita no prefácio tardio. Era um problema com a mensagem final da obra, que inclusive se descobre só no último quarto do livro. Nas palavras de Clarke: [...] um ano antes, eu havia publicado *A Exploração do Espaço*, e pintado um quadro otimista de nossa futura expansão pelo Universo. Agora, havia escrito um livro que dizia que “as estrelas não são para o Homem”, e não queria que ninguém pensasse que havia mudado repentinamente de ideia (CLARKE, p. 10, 2010).

¹²¹ Tradução minha: “His relative ignorance in science allows Clarke to use him as an interlocutor through whom the reader can be educated. Alexson's advanced degree, however, makes him an intelligent observer rather than a buffoon. As a result, he also becomes the moral expert through whom the reader can judge the activities of the men at Interplanetary. And, of course, the fact that he is a renaissance historian positions him nicely as the witness to and recorder of the beginnings of a new renaissance through the conquest of space.”

Contudo, um teor histórico específico, já explicitamente enunciado pelo narrador no início da obra quando explica o trabalho que Alexson realizará:

Algum dia nos próximos seis meses o trabalho de milhares de homens ao longo de meio século alcançaria sua culminação. Seria seu dever e privilégio estar presente enquanto a história estava sendo feita lá no deserto australiano no outro lado do mundo. Ele deve olhar para esses eventos por meio dos olhos do futuro, e deve registrá-los para que nos próximos séculos outros homens possam recapturar o espírito desta época e tempo. (CLARKE, 1953, p. 13).¹²²

Nessa concepção de produção de conhecimento histórico, o historiador visava o futuro, não sendo estabelecida relação temporal alguma com o passado, nem mesmo com o passado recente, mas sim entre o presente do evento a ser registrado e o futuro que se tem certeza que o evento transformaria. Como revela o narrador sobre Alexson, em “um momento de depressão, ele comentou com seu reitor que provavelmente apenas o futuro seria um assunto que realmente o atrairia” (CLARKE, 1953, p. 19).¹²³ Quando o passado apareceu na história, como ocorreria adiante no livro, foi para atestar a continuidade histórica do evento do voo espacial em relação à história precedente da humanidade, porém em outra escala. Nessa curta descrição inicial do registro historiográfico, o trabalho do historiador se assemelhou muito mais ao que Clarke explicava ser seu projeto de criação de uma filosofia da astronáutica do que com a escrita da história da época do livro, ou mesmo algum tipo de historiografia mais antiga. Além disso, a ideia de uma produção de conhecimento histórico como mero registro dos fatos expõe parte da forma pela qual Clarke via o historiador, como uma espécie de cronista. O poder da viagem espacial como acontecimento histórico levaria a uma narrativa inequívoca, quase natural na visão de Clarke, sendo o historiador uma mera testemunha mais preparada, tendo pouco a questionar. Falando sobre o evento a um outro personagem, Alexson explicou que “o projeto em que vocês estão trabalhando é um dos maiores na história, e se der certo, mudará o futuro, como nenhum outro evento já fez” (CLARKE, 1953, p. 13).¹²⁴

¹²² Tradução minha: “Some time in the next six months the work of thousands of men over half a century would reach its culmination. It would be his duty, and his privilege, to be present while history was being made out there in the Australian desert on the other side of the world. He must look upon these events through the eyes of the future, and must record them so that in centuries to come other men could recapture the spirit of this age and time.”

¹²³ Tradução minha: “Dirk Alexson was still seeking a work to which he could devote his life. In a moment of depression he had remarked to his Dean that probably only the future held a subject which would really appeal to him.”

¹²⁴ Tradução minha: “the project you people are working on is one of the biggest in history, and if it comes off it will change the future as perhaps no other single event has ever done.”

O único problema colocado como mote da investigação desse historiador diz respeito à natureza imperialista ou não da empreitada espacial.¹²⁵ O que Clarke respondeu

com o anti-imperialismo de seus astronautas ficcionais. O Diretor Geral da Interplanetária anuncia a intenção da sociedade de colocar os homens na lua com a certeza de que seu propósito não é anexar "a Lua em nome desta ou daquela nação." Em vez disso, é uma aventura embarcada por um grupo de cientistas de todo o mundo que irão acabar com nações e nacionalismos obsoletos por meio de seu trabalho. Esses cientistas representam toda a humanidade em sua busca por um destino além da terra: "Não existem nacionalidades além da estratosfera: quaisquer mundos que possamos alcançar serão uma herança comum de todos os homens - a menos que outras formas de vida já os tenham reivindicado para si próprios." "Nós, que nos esforçamos para colocar a humanidade no caminho para as estrelas, fazemos esta declaração solene, agora e para o futuro: "Não levaremos fronteiras ao espaço." (KILGORE, 2003, p. 120-121).¹²⁶

Apesar desse esforço de convencimento anti-imperialista, Clarke, em muitas de suas obras, comparava a conquista do espaço com alguma das conquistas colonialistas, inglesas ou não. Como fez no início do livro, ao dizer como Alexson entendia “o sentido de continuidade histórica” entre a empreitada espacial e os feitos de antigos colonizadores, formando uma “linha que se estendia por Scott de volta a Drake e Raleigh”. A diferença era que “apenas a escala das coisas havia mudado” (CLARKE, 1953, p. 14).¹²⁷ Essa solidificação de uma narrativa de continuidade histórica se expressou também na interligação criada entre o evento do voo espacial e outros eventos científicos. Inclusive, indicando que os desenvolvimentos científicos relacionados à astronáutica surgiram dos primeiros pensadores que escreveram ficções sobre isso. No caso de *Prelude to Space*, o processo argumentativo também passava

¹²⁵ Clarke passou a ser constantemente questionado sobre essa questão à medida em que foi ganhando fama, como ocorreu quando C. S. Lewis criticou o movimento de voos espaciais, dizendo que representavam as ambições de expansão imperial infinita para a qual "a destruição ou escravização de outras espécies no Universo, se houver, [seria] um corolário bem-vindo." Clarke respondeu que: "Gostaria de salientar que os impérios - como as bombas atômicas - são auto-liquidantes ativos. O domínio pela força leva à revolução, que no longo prazo, mesmo que indiretamente, deve ter sucesso. (KILGORE, 2003, p. 118).

¹²⁶ Tradução minha: “Clarke attempts to answer this question by countering with the anti-imperialism of his fictional astronauts. Interplanetary's Director-General announces the society's intention to put men on the moon with the assurance that their purpose is not to annex "the Moon in the name of this or that nation." Rather, it is an adventure embarked upon by a group of scientists from all over the globe who will render nations and nationalism obsolete through their work. These scientists are to represent all humanity in its quest for a destiny beyond the earth: " There are no nationalities beyond the stratosphere: any worlds we may reach will be the common heritage of all men—unless other forms of life have already claimed them for their own. 'We, who have striven to place humanity upon the road to the stars, make this solemn declaration, now and for the future: 'We will take no frontiers into space.'”

¹²⁷ Tradução minha: “Dirk stared intently at the graceful wooden hull, the slim masts and the battered smokestack. His mind slipped into the past in the easy way it had, and it seemed that the Embankment was gone and that the old ship was steaming past walls of ice into an unknown land. He could understand Matthews's feelings, and the sense of historical continuity was suddenly very strong. The line that stretched through Scott back to Drake and Raleigh and yet earlier voyagers was still unbroken: only the scale of things had changed.”

por uma valorização dos eventos científicos como os mais determinantes da história humana. Algo comum nas obras da *Golden Age*, em que o futuro é ilustrado como o resultado de um projeto social, materializado nas descobertas e invenções da ciência (TEIXEIRA, 2010, p. 33).

Uma artimanha interessante utilizada em *Prelude to Space* com essa função foi a manipulação do enfoque narrativo da historiografia ocidental visando dar ênfase a fatos científicos relacionados ao voo espacial. O autor introduziu eventos reais, em datas corretas, contudo, em um arranjo narrativo diferenciado, os encaixando de forma diferente em uma nova perspectiva histórica em meio a sua ficção. O narrador da história explicou que a “era moderna começou em 1923, quando em uma obscura cidade da Transilvânia o professor chamado Hermann Oberth publicou um panfleto intitulado O Foguete para o Espaço Interplanetário” (CLARKE, 1953, p. 15). No encadeamento narrativo proposto como posição do historiador do livro, “Oberth - agora um velho de 84 anos – teria iniciado a reação em cadeia que deveria conduzir, no tempo de sua vida, para a travessia do espaço” (CLARKE, 1953, p. 16). Como consequência, a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto seriam simplesmente percalços históricos que atravessaram o processo principal em desenvolvimento na história humana: o voo espacial. Lembrando que este, na trama do livro, era um objetivo que logo seria consumado dando início a conquista do espaço, enquanto no contexto de Clarke, era um futuro a ser construído. Como explica o narrador:

Na década anterior à Segunda Guerra Mundial, os discípulos alemães de Oberth aperfeiçoaram o foguete movido a combustível líquido. No começo eles também tinham sonhado com a conquista do espaço, mas aquele sonho havia sido esquecido com a vinda de Hitler. (CLARKE, 1953, p. 16).¹²⁸

Clarke nesse livro e em outros, demonstrava entender que o pós-guerra era um momento de descontinuidade histórica, mas em sua narrativa, isso não se devia a Segunda Guerra Mundial e ao Holocausto, mas sim aquela “madrugada triste no deserto do Novo

¹²⁸ Tradução minha: “The modern era had begun in 1923, when an obscure Transylvanian professor named Hermann Oberth had published a pamphlet entitled The Rocket Into Interplanetary Space. In this he developed for the first time the mathematics of space flight. Leafing through the pages of one of the few copies still in existence, Dirk found it hard to believe that so enormous a superstructure had arisen from so small a beginning. Oberth—now an old man of 84—had started the chain reaction which was to lead in his own lifetime to the crossing of space. In the decade before the Second World War, Oberth’s German disciples had perfected the liquid-fuelled rocket. At first they too had dreamed of the conquest of space, but that dream had been forgotten with the coming of Hitler.”

Mexico”, quando a primeira bomba nuclear da história foi testada. “Quando parecia que o Rio do Tempo havia parado por um momento, então mergulhado em espuma e dividido em um novo canal em direção a um futuro mudado e desconhecido” (CLARKE, 1953, p. 16).¹²⁹ Nessa parte do livro, Clarke transpassou levemente os limites da ficção para tentar ressignificar os marcos temporais da interpretação histórica vigente em seu contexto. Algo fundamental para o seu projeto de futuro que ele sabia se opor a uma visão de mundo presente em seu contexto. Como examinamos mais detidamente no capítulo IV, a história humana para Clarke era a história do desenvolvimento da técnica em simbiose ao desenvolvimento humano. Esse movimento do “Rio do Tempo” citado seria determinado por isso. O controle da energia nuclear e o uso dos foguetes para expelir um poder destrutivo incomensurável seria uma inflexão incomparável no devir histórico. Essa inflexão seria potencialmente definitiva para o futuro da humanidade, a continuidade da história, e claro, para um potencial renascimento da história com a conquista do espaço. A guerra nuclear era um fantasma vagando pela mentalidade da geração desse escritor inglês e, nesse momento, tinha uma presença marcante em seu pensamento. Entretanto, a outra face do medo da catástrofe em seus escritos era a libertação humana pela ciência e o começo de uma nova fase da história.

Na narrativa de Alexson, com “Hiroshima havia chegado o fim de uma guerra e o fim de uma era: o poder e a máquina chegaram finalmente juntos no fim e a estrada para o espaço estava aberta à frente” (CLARKE, 1953, p. 16). Se para Clarke em seu trabalho como intelectual, esse futuro em aberto para a viagem espacial precisava ainda ser construído, na história de *Prelude to Space*, o “poder e a máquina” já tinham se coadunado em prol da conquista do espaço, como a encarnação perfeita do que Clarke almejava para a astronáutica. A história passada até o momento ficcional em que se desenrolou a trama do livro, no ano de 1976, exemplificou isso. Nesse passado ficcional, ocorreu o que Clarke planejava para o futuro não ficcional à sua frente, a partir do momento em que escrevia *Prelude to Space*. Nos fatos da narrativa histórica ficcional que antecederam o período de desenrolar da trama:

os fundamentos da astronáutica - a ciência da viagem espacial - tinham sido muito bem definidos no final da Segunda Guerra mundial. O V2 e a energia atômica convenceram a maioria das pessoas de que o espaço poderia ser cruzado, se alguém quisesse fazê-lo. Eram várias sociedades, na Inglaterra e nos Estados Unidos, promulgando ativamente a ideia que devemos ir para a Lua e os planetas. Eles ficaram firmes, mas o progresso foi lento até a década de 1950, quando as coisas

¹²⁹ Tradução minha: “Less than a year later had come that dreary dawn in the New Mexico desert, when it seemed that the River of Time had halted for a moment, then plunged in foam and spray into a new channel towards a changed and unknown future.”

realmente começaram a entrar em movimento. [...] A partir desse momento, o público começou a perceber que a viagem espacial não era uma coisa de um futuro distante, mas que pode vir dentro de uma geração. A astronáutica começou a substituir a física atômica como a ciência número um, e as listas de membros das sociedades de foguetes começaram a aumentar constantemente. (CLARKE, 1953, p. 21).¹³⁰

Esse tipo de recurso narrativo é bem comum na ficção científica, e nas obras de Clarke foi sempre bastante realista, especialmente nesse livro. Quanto mais realista fosse essa contextualização histórica do presente ficcional da trama (momento futuro em relação ao presente da escrita da obra), menos o caráter ficcional do livro limitaria o alcance da mensagem do autor. Como explica Teixeira:

Assumindo a essencial relação com a História, o autor de ficção científica procura estabelecer com exatidão um espaço e um tempo para a narrativa. A preocupação em definir o ponto no qual, dentro da linha de progressão da História, se encontra o cenário imaginado, evidencia o interesse da ficção em trabalhar de acordo com uma perspectiva histórica, que estabeleça um ponto, vinculado ao progresso científico de determinada sociedade, no qual as hipóteses lançadas pela ficção são projetadas. Essa bem definida localização espaço-temporal da trama é, no entanto, constantemente revisada pela posição do próprio leitor. [...] O futuro imaginado pela narrativa de ficção científica é inerente ao presente de sua escrita: ao imaginar o futuro, ilustrando-o em uma narrativa ficcional, o autor oferece um relato das expectativas que o seu momento histórico resguarda em relação ao progresso da humanidade. (2010, p. 34-35).

As expectativas de progresso de Clarke foram expressas verbalmente como anseios dos participantes do projeto do voo espacial no livro. A chamada “travessia do espaço” seria “essencial para o progresso como a descoberta do Novo Mundo tinha sido quatrocentos anos antes” (CLARKE, 1953, p. 22). Contudo, diferentemente da descoberta do novo mundo, a escala e as consequências seriam outras, pois “isso abriria novas fronteiras e daria à raça humana uma meta tão desafiadora que ofuscaria as diferenças nacionais e colocaria os conflitos tribais do início do século XX em sua verdadeira perspectiva” (CLARKE, 1953, p.

¹³⁰ Tradução minha: “Well, as you know, the foundations of astronautics—the science of space travel—had been pretty well laid at the end of the Second World War. V.2 and atomic energy had convinced most people that space could be crossed, if anyone wanted to do it. There were several societies, in England and the States, actively promulgating the idea that we should go to the Moon and the planets. They made steady but slow progress until the 1950’s, when things really started to get moving. [...] From that moment, the public began to realize that space travel wasn’t a thing of the distant future, but might come inside a generation. Astronomy began to replace atomic physics as the Number One science, and the rocket societies’ membership lists started to lengthen steadily.”

22).¹³¹ O projeto político e intelectual de Clarke e de muitos de seus colaboradores foi proposto a partir da crença de que o objetivo almejado era desproporcional a qualquer objetivo já buscado na história. E mesmo nesse contexto onde tais metas não tinham ocorrido e tudo parecia possível, a conquista do espaço era vista como factível e até mesmo um “imperativo”, devido a possibilidade da catástrofe nuclear, a aventada outra rota do rio do tempo que pairava sobre esse momento histórico (CLARKE, 1953, p. 22). Essa confiança de Clarke na importância do projeto e na relevância de sua atuação intelectual foi evidenciada na descrição da origem da empreitada espacial que ocorre no livro. Projetando novamente o contexto em que vivia na ficção, Clarke contou a história de como, percebendo o perigo da extinção, “um grupo estranhamente diversificado de cientistas, escritores, astrônomos, editores e empresários da antiga Sociedade Interplanetária” começaram o empreendimento que resultaria na conquista do espaço prestes a ser levada a cabo. Esse empreendimento seria:

A publicação *Spacewards*, que foi inspirada pelo sucesso da Revista da *American National Geographic Society*. O que o N.G.S tinha feito pela Terra poderia, argumentou-se, agora ser feito pelo sistema solar. *Spacewards* foi uma tentativa de tornar públicos os acionistas, por assim dizer, da conquista do espaço. Ela atendeu ao novo interesse em astronomia, e aqueles que a subscreveram sentiram que estavam ajudando a financiar o primeiro voo espacial. (CLARKE, 1953, p. 22).¹³²

Esse caráter não governamental, altruísta, de uma iniciativa de indivíduos vanguardistas, que perceberam a relevância de algo que ninguém tinha visto e colocaram dinheiro nisso, pode parecer próprio de uma perspectiva de mundo ingênua e economicamente liberal. Mas no caso de Clarke, também diz muito sobre o lugar que ele se via publicamente como intelectual junto a seus colaboradores das mais diversas áreas e, especificamente, os relacionados às associações interplanetárias do mundo todo. No cenário econômico, científico e social em que Clarke defendia suas ideias, o consenso social em torno da astronáutica

¹³¹ Tradução minha: “They believed that the crossing of space was as essential for progress as the discovery of the New World had been four hundred years before. It would open up new frontiers and give the human race a goal so challenging that it would overshadow national differences and put the tribal conflicts of the early twentieth century in their true perspective. Energies that might have gone into wars would be fully employed in the colonization of the planets—which could certainly keep us busy for a good many centuries. That was the theory, at any rate.”

¹³² Tradução minha: “All this was realized by an oddly assorted group of scientists, writers, astronomers, editors and businessmen in the old Interplanetary Society. With very small capital, they started the publication *Spacewards*, which was inspired by the success of the American National Geographic Society’s magazine. What the N.G.S had done for the Earth could, it was argued, now be done for the solar system. *Spacewards* was an attempt to make the public shareholders, as it were, in the conquest of space. It catered to the new interest in astronomy, and those who subscribed to it felt that they were helping to finance the first space flight.”

precisava ser construído. Quando foi colocado no livro que o projeto, no “início, não podia oferecer os salários dos grandes empreendimentos de foguetes patrocinados pelo governo, mas aos poucos atraiu os melhores cientistas da área”,¹³³ chega a ser caricata a construção da imagem desses vanguardistas, promovendo o progresso à revelia do auxílio governamental. Nas palavras de Kilgore:

A conquista do espaço de Clarke não é obcecada com uma reiteração interminável da forma socio-militar. O padrão de seu futuro social é oriundo da comunidade científica internacional tal como existia no final do século XIX e início do século XX. Clarke segue H. G. Wells na idealização da ciência ocidental e cientistas como uma comunidade discursiva aberta e altruísta capaz de criar uma ordem mundial que sirva a toda a humanidade. (2003, p. 111-112).¹³⁴

Em seguida, Clarke remeteu novamente ao movimento histórico crucial feito por esses homens e que o autor ansiava por ocorrer em seu contexto. Segundo é narrado, esses cientistas fizeram essa escolha porque “preferiram trabalhar em um projeto construtivo, mesmo com pagamento mais baixo, do que na construção de mísseis para o transporte de bombas atômicas” (CLARKE, 1953, p. 22).¹³⁵ Associando isso a toda a discussão de um empreendimento transnacional, em nome da humanidade, feito por civis junto a iniciativa privada, e por isso mais eficiente, se evidencia as características desse tipo de discurso no contexto a partir da influência das associações de foguetes da época, a BIS no caso de Clarke (CLARKE, 1953, p. 22, 23, 24, 25). Essa propaganda liberal, política e economicamente, era representativa do ambiente político em torno de Clarke e do interesse de seus agentes, mas também possuía outras características importantes. Vendia a ideia de um cenário para a conquista do espaço que garantia lugar destacado e ativo ao criador da obra e seus pares vanguardistas. Clarke não somente dava corpo a trajetória histórica que a humanidade deveria seguir, mas também se entendia como um dos membros da vanguarda de efetivação desse futuro aludido. Como coloca Kilgore:

¹³³ Tradução minha: “At first it couldn’t offer the salaries of the great government sponsored rocket establishments, but slowly it attracted the best scientists in the field.”

¹³⁴ Tradução minha: “Clarke’s conquest of space is not obsessed with an endless reiteration of the sociomilitary form. The pattern of his social future is taken from the international community of science as it existed in the late nineteenth and early twentieth centuries. Clarke follows H. G. Wells in idealizing Western Science and scientists as an open and altruistic discursive community capable of creating a world order that serves all of humanity.”

¹³⁵ Tradução minha: “At first it couldn’t offer the salaries of the great government sponsored rocket establishments, but slowly it attracted the best scientists in the field. They preferred working on a constructive project, even at lower pay, to building missiles for transporting atomic bombs.”

Quando o Prelúdio ao Espaço foi escrito, os primeiros futuristas já haviam ensaiado a maioria dos argumentos a favor e contra a ida ao espaço muito antes que o resto do mundo anglófono pudesse acreditar na premissa. A ideia de futurismo espacial pairou nas margens do discurso cultural geral, esperando sua chance. Seus defensores fervilharam até encontrar um momento em que pudessem se conectar com a corrente principal e alcançar o tipo de influência que tornaria possível uma mobilização política geral em direção a suas metas. (2003, p. 123).¹³⁶

A narrativa da trajetória que levou ao projeto da viagem espacial no livro, por exemplo, não é a mais factível quando se pensa no contexto de Clarke, mas é a mais interessante para a forma que ele entendia que o esforço espacial deveria ocorrer para ser bem sucedido. Um programa de exploração espacial contínuo, por exemplo, fazia mais sentido na mente de Clarke com um efetivo ganho econômico de empresas no processo, sem depender, portanto, de verbas governamentais que poderiam ir e vir a depender de poucas mudanças sociais e políticas. Além disso, a ideia de um empreendimento transnacional compactuava com o esforço de eliminação da pecha de imperialismo espacial presa à ideia da conquista do espaço. Essa ideia também fazia sentido para as justificativas que Clarke normalmente dava para se ir ao espaço. As principais se basearam no argumento de superação dos interesses mesquinhos da política terrena, em nome da unificação da humanidade.

É importante destacar, por fim, que a construção narrativa do livro, alardeada como propagandística, e com ideias tão tendenciosas para os interesses de Clarke, não implicava necessariamente em algum tipo de cinismo estratégico do autor. De fato, sua escrita era bem pensada, dosada, maleável de acordo com certas necessidades sociais, mas sincera. Clarke de fato acreditava em suas ideias, e sobretudo, ele se via junto a vários outros vanguardistas em uma frente de intelectuais partícipes de um projeto potencialmente determinante para o destino da humanidade. Não era só uma propaganda, como mostraremos melhor durante todo o trabalho. Sua escrita se moldou a partir da importância que ele dava para o objeto que julgava abordar. Clarke, desde muito cedo e pelo menos dentro do recorte temporal desta pesquisa, trabalhou como se ajudasse a talhar o futuro da espécie com suas palavras. A ficção científica como uma literatura voltada à discussão conceitual o comportou muito bem. A compreensão sobre a sinceridade dessa crença do autor permite não só o aprofundamento

¹³⁶ Tradução minha: “By the time Prelude to Space was written, earlier space futurists had rehearsed most of the arguments for and against going out into space long before the rest of the English-speaking world could believe in the premise. The idea of space futurism hung around at the margins of the general cultural discourse, awaiting its chance. Its advocates simmered until they found a moment when they could connect to the mainstream and achieve the kind of influence that would make possible a general political mobilization toward their goals.”

sobre o que ele pensava, mas também o entendimento preciso sobre esse momento e lugar na história onde uma crença desse porte era possível.

Os construtores do futuro e o historiador

O programa espacial do Interplanetário, a agência espacial transnacional do livro, é um empreendimento internacional apoiado pela boa vontade política e recursos de vários países, o dinheiro de corporações aeroespaciais internacionais e as habilidades coordenadas de cientistas e engenheiros de todo o mundo. "Cerca de um quinto da equipe é Americana, e já ouvi todos os sotaques imagináveis na cantina. É tão internacional quanto o secretariado das Nações Unidas, embora os britânicos certamente forneçam a maior parte da força motriz e do pessoal administrativo" (CLARKE, 1953, p. 20). De acordo com Alexson, o Interplanetário é um híbrido, um "compromisso tipicamente britânico". O internacionalismo que Clarke tinha em mente era seguramente contido pelo domínio do Reino Unido e dos Estados Unidos na instituição. Seu compromisso alcançava a diversidade de sotaques, mas se limitava à predominância de personagens brancos de língua inglesa. Clarke construiu na obra a ideia de que não importavam as diferenças na origem social ou nas origens nacionais e culturais, pois as pessoas trabalhando no Interplanetário eram essencialmente as mesmas. Alexson se pergunta, "à parte por seus sotaques, é muito difícil ver qualquer distinção real entre as diferentes nacionalidades aqui" (CLARKE, 1953, p. 20).¹³⁷ Kilgore explica sobre isso que:

mesmo quando clama por um esforço espacial internacional, Clarke assume a influência, se não o domínio, da Grã-Bretanha. Às vésperas do controle das superpotências da tecnologia espacial, ainda era possível para Clarke e outros membros da BIS imaginar que os britânicos poderiam desempenhar um papel decisivo na conquista do espaço. Na verdade, o Interplanetário é pouco mais do que uma versão internacional da BIS. (2003, p. 121).¹³⁸

¹³⁷ Tradução minha: "I called it 'British,' but of course it isn't. About a fifth of the staff are American, and I've heard every conceivable accent in the canteen. It's as international as the United Nations secretariat, though the British certainly provide most of the driving force and the administrative staff. Why this should be, I don't know: perhaps Matthews can explain. "Another query: apart from their accents, it's very difficult to see any real distinction between the different nationalities here. Is this due to the—to put it mildly—supranational nature of their work? And if I stay here long enough, I suppose I shall get deracinated too."

¹³⁸ Tradução minha: "even as he calls for an international space effort Clarke assumes the influence, if not the domination, of Britain. On the eve of superpower control of space technology, it was still possible for Clarke and other members of the BIS to imagine that the British might play a decisive role in the conquest of space. Indeed, Interplanetary is little more than an international version of the BIS."

Esses cientistas, engenheiros, diretores, entre outros personagens não desenvolvidos ou superficialmente desenvolvidos, foram enquadrados intencionalmente em padrões simples de personalidade, muitas vezes conflitantes. A “rivalidade entre os graus técnico e não técnico” (CLARKE, 1953. P. 63)¹³⁹ que Clarke expressou através das palavras do mais importante cientista da obra, Dr. Maxton, é o símbolo dessa oposição na construção dos personagens. Enquanto os cientistas foram descritos como grandes idealistas, que trabalhavam com pequenos salários e, mais importante, sabiam a grandeza do que estaria implicado em seus esforços, os não cientistas, ou técnicos de um grau diferente, foram representados de outra forma. Em um dos diálogos do historiador Alexson com dois desenhistas de foguete, ele quase chegou a discutir com esses trabalhadores que defendiam que trabalhavam ali (no Interplanetário) só pelo dinheiro. Esses jovens, narra Clarke, trabalhavam no coração do Interplanetário e mesmo assim “não pareciam ter o menor interesse no projeto. Eles desenhavam seus planos e faziam seus cálculos com tanto entusiasmo quanto se eles estivessem preparando desenhos para máquinas de lavar, em vez de naves espaciais” (CLARKE, 1953. P. 39).¹⁴⁰ Segundo Clarke, Alexson poderia entender posições contrárias ou a favor do voo interplanetário, mas não a indiferença (CLARKE, 1953. P. 39).

Uma das respostas de Bert e Sam às indagações do historiador foi curiosa e ao mesmo tempo reveladora da forma que Clarke caracterizou os tipos de personagens. Sam questionou Alexson: “você está sempre agitado sobre o passado, que está morto e acabado, ou com o futuro, que não estaremos por perto para ver. Por que não relaxar e se divertir para variar?” (CLARKE, 1953. P. 39).¹⁴¹ A oposição a essa indiferença construída na frase desses personagens seria, portanto, o historiador, associado ao passado, e os cientistas, os quais agora o historiador se juntaria nesse projeto de construção do futuro. Ambos pertencem ao grupo dos que compreendiam a magnitude da empreitada espacial. Os outros membros do Interplanetário que Alexson tem contato também foram enquadrados nesse tipo de personalidade não científica, que “não sente qualquer curiosidade intelectual”. Mesmo que não defendessem seu desinteresse como os desenhistas de foguetes fizeram. Alexson sempre questionava para si mesmo o quanto Matthews e McAndrews, por exemplo, acreditam na empreitada espacial, sendo ambos jornalistas e do departamento de relações públicas do

¹³⁹ Tradução minha: “rivalry between the technical and the nontechnical grades.”

¹⁴⁰ Tradução minha: “earning their living in the very heart of Interplanetary itself, did not seem to have the slightest interest in the project. They drew their plans and made their calculations just as enthusiastically as if they were preparing drawings for washing machines instead of spaceships.”

¹⁴¹ Tradução minha: “You’re always agitating about the past, which is dead and done with, or the future, which we won’t be around to see. Why not relax and enjoy yourself for a change?”

Interplanetário. Em seu diário ele comentou sobre os dois, dizendo sobre como “M. e M. às vezes me lembram alguns agentes imobiliários tentando vender a lua” (CLARKE, 1953. P. 32).¹⁴²

Quando se tratou dos cientistas, a abordagem do historiador foi em outra direção e a construção feita por Clarke foi diferente. Eles foram narrados como interessantes e altruístas. Os discursos sobre a conquista do espaço quando saía da boca deles somente confirmava o já esperado, que eles sabiam melhor que todo mundo a grandeza de suas realizações e as implicações do projeto em que trabalhavam para o futuro. A oposição entre tipos científicos e não científicos serviu, portanto, muito mais para dizer sobre os cientistas do que sobre seus opostos, mesmo que na maior parte do livro o contato prioritário do personagem principal fosse com Matthews. Esse esforço por produzir generalizações de personalidade foi justificado por Clarke pelo caráter de análise que estaria subjacente em cada interação do historiador naquele ambiente que para ele seria de pesquisa. Além, claro, das características estilísticas do gênero. Como resume Ballard, uma literatura constituída de “tramas simples, narrativa jornalística e uma abrangência limitada para as situações e personagens” (apud TEIXEIRA, 2010, p. 72).

Em meio a essa trama linear conduzida por poucos personagens, todos planos em suas personalidades, alguns naturalmente ganharam um pouco mais de desenvolvimento, insuficiente, mas instrumental para o desenvolvimento do argumento geral da obra e para a evolução do personagem principal, que se interliga a isso. Como Alexson conheceu primeiro personagens que não eram cientistas, a narrativa criou uma certa expectativa para o encontro com as grandes mentes por trás do projeto.¹⁴³ Inclusive, com a exposição direta de Alexson sobre sua ansiedade para esse momento:

Estou começando a me preocupar cada vez mais com as consequências finais desse trabalho, e os chavões que Alfred e Mac continuam trazendo à tona não me

¹⁴² Tradução minha: “M. and M. sometimes remind me of a couple of real-estate agents trying to sell the Moon.”

¹⁴³ No caso da construção da personalidade dos Astronautas, não há grande diferença que mereça menção. Somente um deles foi melhor desenvolvido e ganhou espaço na trama da obra. O personagem do astronauta Victor Hassell foi melhor desenvolvido para que o drama das questões familiares que poderiam afetar uma missão espacial fosse discutido. Hassel tinha filhos e uma esposa que estava grávida, o que o afetou psicologicamente e se tornou uma questão para os organizadores da missão que já haviam definido que decidiriam os 3 astronautas da missão, entre os 5 disponíveis, por sorteio. Por fim, Hassell não foi escolhido e todos ficaram aliviados, incluindo ele no fundo.

satisfazem em nada. Suponho que seja por isso que estou ansioso para entrar em contato com os principais cientistas e ouvir suas visões. (CLARKE, 1953. P. 32).¹⁴⁴

O principal deles, e o que Alexson encontrou primeiro, foi o Dr. Maxton, criador do sistema de propulsão nuclear de foguetes. O cientista foi descrito como um homem brilhante, atarefado e sobretudo altruísta. Alexson enfatizou isso constantemente ao comentar sobre como Maxton poderia estar ganhando muito dinheiro na indústria, mas preferiu trabalhar ali por um salário nominal (CLARKE, 1953. P. 53). No restante da entrevista com Maxton o foco recaiu sobre uma discussão histórica e sobre a presença de Alexson no Interplanetário, deixando de lado qualquer assunto em que Maxton poderia dizer algo como especialista. A interação com esse personagem na trama funcionava mais para desenvolver o personagem principal do que para dar algum tipo de profundidade psicológica para o grande cientista por trás da propulsão nuclear. Maxton, portanto, além de destacar a cisão entre o pessoal técnico e não técnico no Interplanetário, celebrou que:

os historiadores finalmente perceberam que a ciência tem um grande papel na formação do mundo. Quando eu era criança seus livros didáticos eram nada além de façanhas militares. Então os deterministas econômicos dominaram o campo - até que os neofreudianos os derrotaram com grande massacre. Acabamos somente agora de controlar tudo - então, vamos torcer para finalmente termos uma visão equilibrada. (CLARKE, 1953. P. 63).¹⁴⁵

Essa reafirmação da importância da prevalência dos fatos científicos sobre qualquer outro evento na criação da narrativa histórica (o que Alexson concorda na sequência) teve a função de sedimentar essa posição já destacada na obra, mas também de solidificar a mudança de postura de Alexson sobre a empreitada espacial e sobre sua própria área de trabalho. Quando essa narrativa, que atrela a conquista do espaço a dinâmica da história humana como extensão máxima de uma trajetória de conquista, era dita pelos não cientistas, Alexson ainda nutria desconfiança, mas quando ele teve a confirmação da boca de alguém que acreditava no

¹⁴⁴ Tradução minha: “I’m beginning to worry more and more about the ultimate consequences of this work, and the platitudes that Alfred and Mac keep bringing up don’t satisfy me at all. I suppose that’s why I’m now anxious to get hold of the top scientists and hear their views.”

¹⁴⁵ Tradução minha: “the historians have finally realized that science does play quite a part in shaping the world. When I was a kid their textbooks were nothing but military primers. Then the economic determinists held the field—until the neo-Freudians routed them with great slaughter. We’ve only just got that lot under control—so let’s hope we’re going to get a balanced view at last.”

projeto, ele modificou sua visão. Como foi mostrado poucas páginas depois do encontro com Maxton:

Dirk [Alexson] ainda estava apenas parcialmente ciente dos efeitos que seu novo ambiente estava tendo em seu próprio personagem. Ele estava perdendo muito de sua desconfiança; a ideia de conhecer estranhos, que não há muito tempo encheu-o de leve apreensão ou, pelo menos, de aborrecimento, não mais o preocupou. Pela primeira vez em sua vida, ele estava com homens que estavam moldando o futuro e não apenas interpretando o passado morto. Embora ele fosse apenas um espectador, ele estava começando a compartilhar suas emoções e sentir com seus triunfos e derrotas. “Estou bastante impressionado”, escreveu ele em seu diário naquela noite, “pelo Professor Maxton e sua equipe. Eles parecem ter uma visão muito mais clara e ampla dos objetivos do Interplanetário do que as pessoas não técnicas que eu conheci. Matthews, por exemplo, está sempre falando sobre os avanços científicos que virão quando chegarmos à lua. Talvez porque eles consideram esse tipo de coisa certa, os próprios cientistas parecem mais interessados nas repercussões culturais e filosóficas. (CLARKE, 1953. P. 72-73).¹⁴⁶

Esse desenvolvimento de personagem, mesmo que feito de forma abrupta e pouco coerente, operou para marcar a forma que Clarke por meio da obra encarava o passado, o futuro, e situava a conquista do espaço em meio a essa dualidade entre a história e a ciência. O historiador criado por Clarke, contratado na trama para escrever a história oficial do primeiro voo interplanetário de um ser humano, assim que se encontrou com aqueles que se preocupavam com as “repercussões filosóficas e culturais” da empreitada, se converteu. O discurso passou a um tom de rejeição do que ele entendia ser a natureza do trabalho do historiador. Alexson expressou que tinha várias “dúvidas e reservas em relação ao voo espacial” e que sentiu “inconscientemente, que era algo grande demais para o homem.” Segundo ele: “O erro que cometi foi o antigo de me apegar ao passado. Hoje eu conheci homens que pensam tão naturalmente em milhões de milhas quanto eu penso em milhares.” (CLARKE, 1953. P. 73).¹⁴⁷

¹⁴⁶ Tradução minha: “Dirk was still only partly aware of the effects his new surroundings were having on his own character. He was losing much of his diffidence; the thought of meeting strangers, which not long ago had filled him with mild apprehension or at least with annoyance, no longer worried him at all. For the first time in his life, he was with men who were shaping the future and not merely interpreting the dead past. Though he was only an onlooker, he was beginning to share their emotions and to feel with their triumphs and defeats. “I’m quite impressed,” he wrote in his Journal that evening, “by Professor Maxton and his staff. They seem to have a much clearer and wider view of Interplanetary’s aims than the non-technical people I’ve met. Matthews, for instance, is always talking about the scientific advances which will come when we reach the Moon. Perhaps because they take that sort of thing for granted, the scientists themselves seem more interested in the cultural and philosophical repercussions.”

¹⁴⁷ Tradução minha: “The mistake I made was the old one of clinging to the past. Today I met men who think as naturally in millions of miles as I do in thousands.”

O historiador aqui foi reduzido a uma espécie de chancelador do discurso histórico oficial repetido à exaustão durante a obra. O desenvolvimento do personagem de Alexson evoluiu de uma leve desconfiança sobre esse discurso para uma nova compreensão dele graças ao contato com os construtores do futuro, os cientistas. Se a história no início da obra era considerada importante por identificar como todo o esforço para a viagem interplanetária era um prosseguimento natural do processo histórico de conquista até então, com a evolução do pensamento de Alexson, sua percepção é de estar presenciando ali um momento comparável, mas ao mesmo tempo incomensurável da história. De tal forma que a ciência histórica perderia sentido, pelo menos da forma que Clarke delimitou o funcionamento dessa ciência. O historiador de Clarke se relacionava com o futuro, e em seu desenvolvimento como personagem, rejeitou o passado em detrimento deste, em termos que sugerem que esse movimento é o único caminho.

Na construção dos detalhes do que seria o trabalho do historiador, Clarke expôs jargões simplistas como a ideia de se colocar fora do tempo para conseguir produzir um relato atemporal (CLARKE, 1953. P. 57). Ou quando Alexson tentou justificar o cerne de seu trabalho, ele alegou que não estava ali principalmente como um registrador de fatos, mas de influências e motivos (CLARKE, 1953. P. 79). É sintomático que as referências de Alexson fossem Edward Gibbon e Arnold Toynbee e o máximo que ele conseguiu dizer sobre essas inspirações no livro foi que o historiador não pode se privar de tirar conclusões (CLARKE, 1953. P. 33). O processo de investigação histórica de Alexson na obra foi baseado na tentativa de identificação dos motivos que impulsionaram as ações dos participantes do projeto, dividindo estes possíveis motivos em duas categorias, material e espiritual (CLARKE, 1953. P. 79). Porém, tal investigação foi no máximo anunciada e lembrada durante o livro, pois o que se viu foi na verdade um processo de autoconvencimento de Alexson. E, por conseguinte, convencendo o leitor de que os motivos espirituais são superiores e que são eles que demonstrariam a natureza do que de fato significava o projeto de viagem interplanetária.

O historiador, durante a trama, vai se convencendo disso e embutindo a narrativa dos cientistas em sua história oficial. Pouco apto para lidar com o futuro, o historiador de Clarke foi posto ali mais para aprender sobre uma nova forma de história do que para de novo se agarrar ao passado, como supunha Clarke ser o trabalho do historiador. O personagem principal ser um historiador, portanto, não implicou em um aprofundamento no livro sobre esse campo de pesquisa. Alexson foi uma forma de Clarke legitimar sua narrativa histórica sem precisar discutir os pressupostos da disciplina a partir dos parâmetros dos historiadores.

A construção de sua narrativa histórica futura exigia essa relação com o passado. Além disso, o discurso da obra anunciado por Clarke como propaganda da astronáutica era profundamente histórico em todos os seus aspectos, de forma que, sendo o protagonista um historiador, a exposição da narrativa criada foi facilitada, mas, como se verá no decorrer do trabalho com as outras fontes, isso não foi exclusivo desse livro por causa de seu protagonista. A abordagem histórica presente na obra e em outras fontes, estava imbricada em um projeto intelectual e político peculiar, mas este não existiria sem ela, pois, apesar da classificação desse discurso não indicar, *Prelude to Space* não foi um panfleto ficcional de propaganda da astronáutica, mas sim parte da expressão de uma filosofia da história.

Capítulo III – A elaboração do tempo histórico

As filosofias da história

Como explica Kilgore, em meados da década de 1950, organizados em torno da ideia da "conquista do espaço", os astrofuturistas nos EUA e na Inglaterra entenderam que ir além da atmosfera terrestre, fazer a viagem até a Lua e planejar a exploração de Marte, eram feitos que equivaliam à conquista do Novo Mundo. Muitos deles, incluindo Willy Ley e Arthur C. Clarke, estavam interessados na história da era da exploração - a história de cinco séculos da exploração e conquista europeia do globo terrestre - e regularmente invocavam os nomes e realizações de Colombo, Cook, Lewis e Clark para explicar o significado e a natureza da empreitada espacial. Assim, a base para defender a expansão no espaço cresceu a partir de uma narrativa histórica calcada na perspectiva de exploradores, missionários e colonizadores (2003, p. 78). Esse fio que conecta vários desses chamados “astrofuturistas” a todo um imaginário cultural norte-americano e britânico do imperialismo é bem conhecido, mas o olhar bem direcionado sobre o trabalho de Clarke indica certa insuficiência nessa abordagem sobre esse movimento intelectual do começo da década de 1950. As conexões entre o astrofuturismo e a relação com o tempo histórico que as filosofias da história encarnam ainda são muito subterrâneas, exigindo uma explicação das ligações com esse pensamento com implicações mais amplas e mais antigas que as supostas fontes das ideias associadas ao movimento intelectual e político que visava a viagem espacial.

Segundo a diferenciação clássica feita por William Dray entre filosofias críticas e especulativas da história, Clarke e outros astrofuturistas poderiam ser associados a criação de filosofias especulativas da história. O autor defende que a “Filosofia Especulativa busca descobrir na história o curso dos acontecimentos, um padrão ou significado que se situa para além da esfera do historiador comum” (DRAY, 1977, p. 9). Ou seja, a definição de um sentido para a trajetória humana no tempo independente de uma sistematização detida sobre os meios e leis da natureza ou dinâmica da história, como poderia fazer um historiador ou filósofo. Além dessa categoria, Dray propõe a Filosofia Crítica da História, que se empenharia “em tornar clara a natureza da própria investigação do historiador, de modo a ‘situá-la’, por assim dizer, no mapa do conhecimento” (DRAY, 1977, p. 9). Sendo essa última categoria algo semelhante ao que se costuma denominar atualmente como Teoria da História.

Entretanto, para além desse aspecto mais explícito relacionado ao conteúdo teleológico da relação com a história que orientava o projeto de Clarke, vários outros aspectos de sua escrita não ficcional e ficcional, como veremos a seguir ainda com *Prelude to Space*, apresentavam elementos comuns às filosofias da história clássicas. Esses elementos compunham uma metanarrativa que transcende o que normalmente é identificado como um ideário astrofuturista imbricado nesse movimento em prol do voo espacial que teve força durante as décadas de 1950 e 1960. São identificáveis na escrita de Clarke em várias de suas obras de forma repetitiva, elementos como uma noção de natureza humana, uma ideia de história, uma concepção da dinâmica histórica e da ciência, um *telos* histórico, uma concepção de evolução civilizacional, de espécie como agente histórico, concepções sobre o tempo, sobre o propósito da humanidade, sobre a história em relação a natureza, entre outros. A leitura de seus escritos a partir desse fio analítico, desloca a percepção comum sobre a ficção científica e sobre o trabalho desse escritor nesse período dentro do que é entendido como astrofuturismo. Pois, para além do que pode ser analisado como um substrato cultural associado a propaganda do movimento pró-espaco nos trabalhos de Clarke, consegue-se identificar elementos de filosofias da história constituindo o cerne de sua literatura. Essa tradição muito mais ampla que Clarke propagou sem ter clareza disso pode ser resumida por uma sentença de Koselleck em sua tese de doutorado:

A sociedade burguesa que se desenvolveu no século XVIII entendia-se como um mundo novo: reclamava intelectualmente o mundo inteiro e negava o mundo antigo. Cresceu a partir do espaço político europeu e, na medida em que se desligava dele, desenvolveu uma filosofia do progresso que correspondia a esse processo. O sujeito desta filosofia era a humanidade inteira que, unificada e pacificada pelo centro europeu, deveria ser conduzida em direção a um futuro melhor. (1999, p. 10).

Sendo Clarke um expoente da *Golden Age*, um período da ficção científica no qual as obras focavam sobretudo no desenvolvimento de ideias, suas publicações tiveram terreno fértil para a expressão de uma filosofia da história em detrimento do desenvolvimento de personagens ou de tramas mais complexas. O cerne mesmo desse tipo de literatura nesse período passou mais ou menos perto dessa tradição, sendo Clarke o exemplo mais bem acabado da expressão difusa dessa forma de se relacionar com o tempo histórico derivada da filosofia do progresso. Se, por exemplo, na forma de pensar entre os maçons na região onde hoje é a Alemanha no século XVIII, a construção de uma filosofia da história servia a dissimulação de uma tensão política a alocando no futuro (KOSELLECK, 1999, p. 118), na

Corrida Espacial o mesmo ocorreu no seio do pensamento astrofuturista em que Clarke foi um dos expoentes.

Boa parte do esforço de sua escrita, por exemplo, se concentrou em desassociar os frutos tecnológicos do progresso (como o foguete) conectados ao Holocausto, alegando que justamente essa tecnologia seria responsável por impedir novos Holocaustos quando certo futuro estivesse construído, não precisando assim discutir as raízes do genocídio enlaçadas no interior da ideologia do progresso que ele explicitamente defendia. De forma similar aos maçons estudados por Koselleck, cuja “necessidade do planejamento, averiguada e constatada pela filosofia da história, os exime de qualquer responsabilidade política” (KOSELLECK, 1999, p. 118). Os astrofuturistas, e especialmente Clarke, de forma simplista e despreocupada, deduziram a resolução dos conflitos políticos do presente em que escreviam de um processo natural de determinada projeção histórica que culminaria na conquista do espaço no futuro (KILGORE, 2003). Todos os conflitos terrenos, como a questão racial nos EUA, a Guerra do Vietnam, o Fascismo, seriam facilmente solucionáveis no horizonte utópico do alvorecer da era espacial.

A interligação de Clarke com a ideologia do progresso expressa pelas filosofias da história é mais facilmente apreensível nas conexões explicitadas verbalmente pelo próprio Clarke, como é o caso de sua ligação com o historiador e filósofo da história Arnold Toynbee. Esse historiador inglês foi tão importante para a formação do pensamento de Clarke que ele o inspirou na criação do protagonista de *Prelude to Space*. Clarke era um grande admirador de Toynbee, tanto que *The challenge of the spaceship* também foi inspirado por esse intelectual como o próprio Clarke explicou:

Na época, como o título indica, eu estava um pouco sob a influência do professor Toynbee, tendo acabado de assistir a uma palestra que ele havia dado na Casa do Senado, Universidade de Londres, chamada ‘A Unificação do Mundo’. Ele abriu meus olhos para a visão altamente paroquial que os ocidentais tomam da história humana, o que é melhor resumido pela nossa atitude na descoberta do resto do mundo. Acima de tudo, no entanto, fiquei impressionado com a ênfase de Toynbee na ideia de ‘Desafio e resposta’, como moldar a ascensão e queda de civilizações, e pareceu-me que seríamos apresentados a um exemplo clássico disso quando a Era Espacial se abrisse. (CLARKE, 1961, p. 3 apud POLLE, 2012, p. 8).¹⁴⁸

¹⁴⁸ Tradução minha: “At the time, as the title indicates, I was somewhat under the influence of Professor Toynbee, having just attended a lecture he had given at Senate House, University of London, on ‘The Unification of the World.’ He had opened my eyes to the highly parochial view we Westerners take of human history, which is best summed up by our attitude that we discovered the rest of the world. Above all, however, I

Tanto a atuação como intelectual desse autor quanto suas ideias se organizaram em torno dessa visão de história e dessa abertura à construção de determinado futuro que ele enxergava em seu contexto. Entretanto, como já dito anteriormente, ele não achava que fazia algo parecido com o que fazia um historiador. Talvez porque quando ele tratava sobre história tentando abordar o que entendia como história, como em *Prelude to Space* ou no capítulo 11 de *Perfil do Futuro*, ele expunha uma perspectiva bastante simplista e tradicional sobre a disciplina. A história para ele era o ajuntamento de fatos do passado, enquanto o que ele tentava fazer era construir um projeto de futuro que mudasse toda a humanidade por meio da sua atuação e escrita. O futuro nesses termos, como uma parte do tempo não analisável cientificamente, só poderia pertencer a ficção, ou ao que ele entendia ser uma filosofia da astronáutica. O passado imutável seria atribuição dos historiadores, já o futuro era descrito como um campo em aberto a ser moldado pelas mentes mais preparadas. Na opinião do autor, essas mentes seriam os escritores de ficção científica, cientistas, divulgadores científicos, os chamados profetas do futuro, algo que Clarke muito cedo foi denominado. O que havia acabado de acontecer na Segunda Guerra Mundial em nada dissuadia as expectativas desse autor, pelo contrário, só justificava a importância do esforço em prol desse futuro absolutamente incomparável que estava por se revelar com a ajuda dele. Um futuro responsável por salvar a história de si mesma. O passado não tinha lição nenhuma a ensinar para Clarke na busca pela concretização de seu projeto.

Essa relação com tempo pautada pela ideia de manipulação do futuro pela ação humana remete à origem da tradição que advogamos que Clarke deu vazão. Isto é, o fim do domínio das perspectivas escatológicas cristãs na relação com o tempo na Europa em detrimento ao estabelecimento das filosofias da história, que pautavam a relação com o devir em função da expectativa de progresso. Como explica Koselleck, com a erosão ou a canalização das previsões de fim do mundo, emerge “agora a questão oposta sobre os esboços do porvir [...], que se colocaram em lugar da ideia do futuro como fim” (2006, p. 31). Algo característico da interpretação do devir histórico no pensamento escatológico cristão. Segundo ele, a partir disso, pode-se distinguir duas formas de se relacionar com o tempo futuro, “que tanto se relacionam entre si como remetem ainda às profecias sagradas: de um lado, o prognóstico racional; do outro, a filosofia da história” (2006, p. 31). Curiosamente, ambas

was struck by Toynbee’s emphasis on ‘challenge and response’ as shaping the rise and fall of civilizations, and it seemed to me that we would be presented with a classic example of this when the Space Age opened.”

estão estritamente relacionadas e figuram como partes centrais do pensamento de Clarke. Com o paulatino processo de secularização do tempo histórico, e com a transformação da previsão em prognóstico a serviço dos Estados nacionais entre o século XVII e XVIII, o “futuro tornou-se um campo de possibilidades finitas, organizadas segundo o maior ou menor grau de probabilidade” (KOSELLECK, 2006, p. 31).

Em um primeiro momento, o horizonte das previsões cristãs não se desintegrou com a transmutação do futuro profetizado em futuro prognosticável. “Foi só com o advento da filosofia da história que uma incipiente modernidade desligou-se de seu próprio passado, inaugurando, por meio de um futuro inédito, também a nossa modernidade” (KOSELLECK, 2006, p. 31). Sob a égide do progresso, o futuro agora parecia

capaz de ultrapassar o espaço do tempo e da experiência tradicional, natural e prognosticável, o qual, por força de sua dinâmica, provoca por sua vez novos prognósticos, transnaturais e de longo prazo. O futuro desse progresso é caracterizado por dois momentos: por um lado, pela aceleração com que se põe à nossa frente; por outro lado, pelo seu caráter desconhecido. Pois o tempo que se acelera em si mesmo, isto é, a nossa própria história, abrevia os campos da experiência, rouba-lhes sua continuidade, pondo repetidamente em cena mais material desconhecido, de modo que mesmo o presente, frente à complexidade desse conteúdo desconhecido, escapa em direção ao não-experimentável. Essa situação começa a se delinear já mesmo antes da Revolução Francesa. (KOSELLECK, 2006, p. 36).

Associado a esse processo, esteve o movimento de negação da História como mestra da vida, como bem detalhado por Koselleck ao explicar o processo de substituição das histórias singulares pelo conceito de História em si, sem sujeito, a chamada *Geschichte*. Após a Revolução Francesa, sobretudo, a História, já sedimentada como um sujeito, passou a conter uma maior capacidade de representação. Em lugar das tradicionais sequências cronológicas, se procuravam os motivos que permaneciam ocultos no devir, buscando extrair do acontecimento casual uma ordem interna. “A história submete-se, dessa forma, às mesmas exigências às quais se submetia a poética” (KOSELLECK, 2006, p. 49). A forma dos pensadores do século XVIII de lidarem com a tensão deixada pela paulatina sobreposição do vocábulo *Geschichte* (História em si) sobre as histórias singulares, e pela incongruência com a poética, foi a efetivação da filosofia da história como forma de pensar o devir. Nierbuhr, por exemplo, “anuncia sua História da época da Revolução Francesa sob esse título porque apenas a Revolução teria sido capaz de atribuir ‘unidade épica ao todo’” (KOSELLECK, 2006, p. 52). Segundo ele, somente “a história compreendida como sistema possibilita a existência de

uma unidade épica, capaz de trazer à luz e ao mesmo tempo de consolidar suas relações internas” (KOSELLECK, 2006, p. 52). Kant seguiu por um caminho parecido, como expõe Koselleck:

Em uma época em que a história universal [Universalhistorie], que compreendia uma soma de histórias particulares, transformava-se na história do mundo [Weltgeschichte], Kant procurou o fio condutor que pudesse transformar aquele "agregado" desordenado de ações humanas em um "sistema" racional. (KOSELLECK, 2006, p. 51).

Para Koselleck, entretanto, somente Humboldt resolveu a disputa centenária entre história e poética. Dando continuidade ao pensamento de Herder, Humboldt teria introduzido “as categorias da força e do direcionamento, que necessariamente escapam das circunstâncias que lhe são anteriores” (KOSELLECK, 2006, p. 52). A história como mestra da vida assim, perderia sentido frente a conclusão desse historiador: "O historiógrafo digno desse nome deve representar cada singularidade como parte de um todo, o que significa que ele deve também representar em cada uma dessas partes singulares a própria forma da história." (KOSELLECK 2006, p. 52 apud HUMBOLDT 1960, p. 590). Em outras palavras, a ideia do coletivo singular, da História como sujeito, permitiu que se atribuísse à história uma força residente no âmago de cada acontecimento que afeta a humanidade, um tipo de poder conector, que impulsionaria por meio de um plano, oculto ou manifesto, a história para um sentido. Um poder “frente ao qual o homem pôde acreditar-se responsável ou mesmo em cujo nome pôde acreditar estar agindo” (KOSELLECK, 2006, p. 52).

O advento da ideia do coletivo singular, manifestação que reúne em si, ao mesmo tempo, caráter histórico e linguístico, deu-se em uma circunstância temporal que pode ser entendida como a grande época das singularizações, das simplificações, que se voltavam social e politicamente contra a sociedade estamental: das liberdades fez-se a Liberdade, das justiças fez-se a Justiça, dos progressos o Progresso, das muitas revoluções " La Révolution". No que se refere à França, pode-se acrescentar que o lugar central que o pensamento ocidental atribuiu à Grande Revolução, em sua singularidade, transferiu-se para a história, no âmbito da língua alemã. (KOSELLECK, 2006, p. 52).

A Revolução Francesa colocou em evidência o conceito de história (*Geschichte*) da escola alemã e é nesse momento que, por trás do processo de suplantação da História *magistrae*, ocultou-se uma experiência de caráter geral em que proliferaram as histórias

conjeturais, hipotéticas ou presuntivas, isto é, as filosofias da história. “Iselin, em 1764, Herder, em 1774, e Köster, em 1775, lançaram as bases de uma "filosofia da história para eruditos" (KOSELLECK, 2006, p. 53). Eles compartilhavam o objetivo de destruição da ideia do caráter modelar dos acontecimentos passados, visando em lugar disso a singularidade dos processos históricos e a possibilidade de sua progressão. “A constituição da história [Geschichte], no sentido que hoje nos é corrente, teve origem em um mesmo e único evento, tanto do ponto de vista histórico quanto linguístico” (KOSELLECK, 2006, p. 53). Essa nova relação com os acontecimentos do passado foi solidificada e extrapolada no século XIX, de forma que a “uniformidade potencial e a capacidade de repetição peculiar às histórias ligadas à natureza foram relegadas ao passado, a própria história foi reestruturada em forma de uma grandeza não natural” (KOSELLECK, 2006, p. 54).

Como defende Koselleck, por trás dessa separação de caráter pretensamente científico e histórico, oculta-se a descoberta de um tempo especificamente histórico, o que ele chama de temporalização da história, ocorrida a partir de seu distanciamento da cronologia natural:

Como se não fosse a cronologia que tem que se orientar pela história, mas sim, ao contrário, a história pela cronologia. O estabelecimento de um tempo determinado exclusivamente pela história foi obra da filosofia da história de então, muito antes que o historicismo fizesse uso desse conhecimento. O substrato natural desapareceu, e o progresso foi a primeira categoria na qual se deixa manifestar uma certa determinação do tempo, transcendente à natureza e imanente à história. (KOSELLECK, 2006, p. 54).

A filosofia, ao transpor para o progresso a história compreendida singularmente como um todo unitário, ressignificou progressivamente a relação que se tinha com os acontecimentos históricos e com o futuro, cada vez mais entendido como imprevisível, já que o passado não era mais capaz de ensinar lições. Nessa nova relação com o tempo histórico na modernidade, essa imprevisibilidade também significou abertura histórica. “Se o futuro da história moderna abre-se para o desconhecido e, ao mesmo tempo, torna-se planejável, então ele tem de ser planejado” (KOSELLECK, 2006, p. 57). Isso se tornou um imperativo dessa relação com o porvir e a cada novo plano, introduziu-se um novo elemento que não poderia ser objeto da experiência e assim por diante de forma cada vez mais acelerada. “O aspecto arbitrário da história cresce paralelamente à sua capacidade de realização. Uma sustenta a outra e vice-versa. Ambos compartilham da destruição do espaço tradicional da experiência, o qual, até então, parecia ser determinado a partir do passado” (KOSELLECK, 2006, p. 57).

Dentro dessa forma de lidar com a história, o futuro vai se tornando uma temporalidade passível de previsão somente de forma estrutural, a partir de elementos racionais do presente potencialmente indicadores do porvir. Como se as sementes do futuro estivessem contidas no presente. O estudo de Koselleck sobre Lorenz Von Stein revela esse tipo de pensamento após a Revolução Francesa. O que é interessante destacar aqui, porém, é que Clarke na década de 1950 defendia a mesma coisa em *Perfil do Futuro*. E de modo geral, a própria relação do gênero de literatura em que ele estava inserido na época da Corrida Espacial indica sua interligação com essa tradição de pensamento que remontamos até aqui.

O futuro na ficção científica da *Golden Age*, como citado anteriormente, era posto como o resultado de uma construção social, encarnado nos avanços da ciência e da tecnologia, que nesse contexto e nessa literatura, constituíam o motor da história. Sendo o futuro o tempo da narrativa de quase todas as ficções científicas, “o gênero oferece sua contribuição ao projeto de progresso científico na forma de especulações sobre os possíveis momentos capitais do porvir” (TEIXEIRA, 2010, p. 33). Essa orientação surge da percepção histórica fundada no século XIX, pela Revolução Industrial, como defende Teixeira, mas também de outras raízes muito mais antigas como vimos aqui. Robert Scholes vislumbrou essa questão da relação especial com a temporalidade na origem da ficção científica e de outras vertentes literárias do século XIX. Segundo ele:

A ideia de que o futuro possa ser radicalmente diferente em sua organização social e econômica era impensável até algum momento do século XVII ou XVIII, e o irreversível impacto empreendido pelas mudanças tecnológicas não se tornou evidente até o século XIX. O resultado destes e outros avanços é que o homem pode enfim conceber o futuro historicamente. [...] A ideia do futuro diferente do passado, mas perceptivelmente conectado a ele pelos avanços dos eventos do presente, gradualmente deixou sua marca nos escritores do final do século XIX. (1975, p. 15).¹⁴⁹

Entre os historiadores, diversas formas de filosofia da história sustentaram o trabalho de variadas gerações de intelectuais com diferentes formações, sendo isso algo existente também atualmente, por mais que muitos rejeitem essa ideia. Independente disso, em nome da

¹⁴⁹ Tradução minha: “The Idea that the future might be radically different in its social or economic organization was unthinkable until sometime in the seventeenth or eighteenth century, and the impact of irreversible technological change did not become apparent until the nineteenth. The result of these and other developments was that man could finally conceive the future historically. [...] The idea of a future different from the past, but logically connected to it by developments of present circumstance, gradually impressed itself on writers during the latter part of nineteenth century.”

cientificidade, a historiografia em seu processo de profissionalização, paulatinamente desprestigiou a filosofia da história como forma de elaboração do tempo histórico viável. Tentaremos mostrar nesta dissertação que, apesar disso, essa filha do progresso ainda manteve sua força de orientação no tempo, provendo sentido a experiência histórica do contexto estudado aqui, mesmo que remodelada pela iminência da era espacial. Mas, antes de voltarmos a responder essa questão através das obras de Clarke, vale explicar que as filosofias da história não foram somente uma forma de se relacionar com o tempo inaugurada pela modernidade. Elas, apesar de sua diversidade, também foram expressas de forma similar a um gênero. Elas possuem, portanto, muitas características repetitivas e constituintes dessa forma de pensar o devir histórico, sendo, inclusive, por meio dessas características mais facilmente apreensíveis. Por causa disso, nosso trabalho de rastreio de seus elementos formadores nas fontes selecionadas é facilitado. Seguindo o trabalho de pesquisa de Bodei Remo, pode-se identificar três principais tradições de filosofia da história provenientes do século XVIII. A primeira

é a escocesa, de cunho naturalista, que tem - além de Hume - entre os seus representantes John Miliar e Adam Fergusson. A segunda é a que se desenvolve na França com Voltaire, Turgot e Condorcet. Finalmente a terceira é constituída pela filosofia da história alemã. Essa se inicia com Lessing e Herder enquanto teodicéia secularizada (ou seja, justificção da Providência diante do mal que se encontra na história), mesmo que depois dela se separe quase inteiramente. (2001, p. 28-29).

Filosofias da história como as dos filósofos alemães Kant e Hegel, as mais famosas junto a de Marx, ou mesmo aquelas produzidas por intelectuais de outras áreas do conhecimento, como o matemático francês Condorcet (1743-1794), estavam todas prioritariamente preocupadas com a questão do “sentido da história”, mas se debruçaram com frequência também sobre a possibilidade de pensar o progresso humano no decurso da história, ou sobre a necessidade de entender a lógica imanente ao desenvolvimento histórico (BARROS, 2012, p. 8). O sentido da trajetória humana no tempo normalmente é discutido sob a égide de um viés de necessidade, como fez o economista francês Antoine-Augustin Cournot (1801-1877) ao confrontar a ideia do acaso na história. A discussão sobre o sentido normalmente também implica em um posicionamento sobre o grau de livre-arbítrio dos indivíduos na história, o que foi tratado de muitas formas.

Essas discussões sobre o sentido dos acontecimentos estão todas fundadas em perspectivas temporais que variam, mas, normalmente, partem do modelo de referência mais

simples, que “é a imagem do tempo difundida pelo sentido comum desde a Física de Aristóteles e confirmada de novo por Newton: a de uma linha reta sobre a qual flui um ponto indivisível, o presente, que, avançando, ‘mordisca’ o futuro e deixa para trás um passado irreversível” (BODEI, 2001, p. 29). Porém, algumas complexificações da forma de entender o tempo surgiram já com Millar e Fergusson, devido sobretudo às novas descobertas geográficas que mostraram como a história da humanidade não procede linearmente, mas sim através de tempos múltiplos. Isso levou a outra discussão comum em filosofias da história que é a da escala de desenvolvimento civilizacional dos povos e, por decorrência, suas colocações na linha do tempo definida pela ideologia do progresso.

Os filósofos escoceses, por exemplo, colocavam os povos ao longo de uma escala ideal da história, dividindo-os, respectivamente, em "selvagens", "Bárbaros" e "civilizados" (BODEI, 2001, p. 29). “Alexander von Humboldt estudando no Canadá os Iroqueses e outros ‘nativos’, tinha sustentado que o grau de cultura destes índios correspondia ao dos atenienses na época da florescência da sua civilização” (BODEI, 2001, p. 29). A sustentação do modelo temporal mais simplista se tornou cada vez mais difícil do século XVIII em diante, de forma que a acomodação dos múltiplos povos na universalidade de uma filosofia da história passou a ocorrer pela ideia de “estágios”. Os povos mais evoluídos estariam no último estágio e existiriam outros que se encontrariam ainda no primeiro ou no segundo. “Tal esquema encontrará em Marx a sua efetivação, com a variante pela qual o ritmo evolutivo das sociedades humanas será medido pelo suceder-se dos "modos de produção" dominantes” (BODEI, 2001, p. 31). A definição do motor da história, isto é, o que está por trás de determinada organização da história como um todo, de seu ritmo evolutivo em particular, na Escócia, ganhou uma organização teórica diferenciada:

No horizonte da filosofia da história escocesa, e da economia política, alça-se agora um novo sol, um novo fator de explicação para os acontecimentos. Abandonando Deus se afirma, com letras claras, que as sociedades humanas funcionam graças a uma Providência completamente intrínseca às necessidades e às ações dos homens: estes, com efeito, enquanto cuidam do próprio interesse, conseguem milagrosamente – pela lembrada "mão Invisível" do mercado – satisfazer também os interesses dos outros. Os acontecimentos possuem enfim uma lógica interna, obtida pelo próprio agir de milhões e milhões de homens. Logo, a lógica da história e a lógica do agir humano baseiam-se sobre um fundamento compartilhado. (BODEI, 2001, p. 33).

Associada a essa discussão, e não somente na Escócia, tem-se como tema fundamental a definição de uma natureza humana. Esse problema no âmbito escocês se voltava sobre uma

teoria dos sentimentos morais. Adam Smith, por exemplo, se envolveu na questão defendendo o caráter egoísta do ser humano, algo que Hume denominava de “amor de si”. Isto é, uma outra forma de dizer que uma ação julgada como imoral por se originar em motivações consideradas egoístas, na verdade pode ser justa se não se olhar para o egoísmo como a falta de valor moral, mas sim sobre outra perspectiva. Essa característica da ação humana defendida por Smith e Hume seria crucial na forma de agir das pessoas e, portanto, seria definidora da trama histórica como um todo, incluindo o futuro. No contexto francês, entretanto, o modo de pensar era diferente. Na França, apesar de ter sido Voltaire o criador do termo Filosofia da história, essa tradição de pensamento sobre o devir foi organizada por Turgot e, sobretudo, por Jean-Antoine-Nicolas Condorcet. Este matemático também organizou a ideia de um desenvolvimento por “estágios, articulando-o, entretanto, em dez épocas da humanidade” (BODEI, 2001, p. 35).

O motor de sua história era a razão, que tanto no passado mesmo antes da escrita, quanto no futuro, à "décima época" do desenvolvimento do "espírito humano", recém aberta pela Revolução francesa, se desenrolaria de acordo com uma lógica. “A grande ideia que está na base da concepção da história de Condorcet é que a história retoma em cada época todos os progressos das fases precedentes, enquanto ela é o resultado da acumulação de toda a riqueza do passado” (BODEI, 2001, p. 36). Segundo ele, a história humana seria como uma escada em sua forma, e o sentido dessa escada iria em direção a uma realização que os seres humanos já teriam alcançado e que se aprimoraria quanto mais o tempo passasse. Essa realização é o “domínio do acaso”. Sendo um matemático oriundo da França na época da Revolução Francesa, Condorcet acreditava na capacidade humana de transformar o futuro num objeto de certeza, de cálculo, de controle de variáveis. Sendo essa, inclusive, uma das características mais duradouras dessa forma de relação com o tempo histórico calcada no progresso.

A descoberta do sentido dos acontecimentos passa com Condorcet da hermenêutica religiosa de gênero quase oracular, que procura adivinhar, a partir de determinados sinais, a vontade escondida de Deus, à do cientista que interpreta o desenvolvimento do curso histórico a partir da existência e da intensidade de forças específicas operando no seu interior. A decifração de tais hieróglifos da história fortalece as esperanças não somente de antecipar melhor as tendências do futuro, mas também de diminuir o peso da opressão política e de aumentar, mediante a eliminação da ignorância, o da liberdade. (BODEI, 2001, p. 39).

Tal projeto emancipatório, que em Condorcet apresentou ainda uma natureza conjectural, se enrijeceu nas filosofias da história da mesma época e nas sucessivas, como é o caso da filosofia da história de Johann Gottlieb Fichte, que, por exemplo, encarava a Revolução Francesa quase como a expansão de um gás decorrente de uma lei da física. Essa forma mecanicista de entendimento da história interpretava a trajetória humana na terra como algo calculável e, por sua natureza, lidava com o futuro sem medo da imprevisibilidade, pois identificava leis na história. Essa foi uma característica comum em muitas das filosofias da história, estando presente em muitas obras de Clarke e de sua principal referência intelectual que abordaremos melhor depois. Fichte, a partir disso, entendia o eclodir das revoluções como algo decorrente da ideia de incomprimibilidade das aspirações humanas à justiça e à liberdade, que se expressariam como uma força física. Essa foi uma questão fundamental para a universalidade do olhar histórico das filosofias da história. Remo a sintetizou da seguinte forma:

a ordem dos acontecimentos é necessária ou acidental, governada pelo Destino ou pelo Acaso? Existem pelo menos três respostas: 1) tudo o que acontece é em si e por si necessário, e se não nos damos conta disso, é devido, sobretudo, à nossa ignorância, que não nos permite ver todos os anéis da cadeia do Destino; 2) tudo aquilo que acontece é casual, como sustenta, por exemplo, o historiador da Antiguidade Eduard Meyer, para o qual a história é o resultado de decisões imponderáveis e arriscadas, por parte dos singulares indivíduos (por exemplo, ninguém obrigou Aníbal a atacar Roma); 3) tudo o que acontece encontra a sua explicação no hibridismo variável de acaso e necessidade. (BODEI, 2001, p. 40).

Em modelos de filosofias da história mais deterministas como Fichte ou Marx, de formas diferentes, a dinâmica própria da história humana se imporia e ao final levaria a determinado fim. Em Condorcet, o fim esperado “depende do perdurar de certas precondições e da nossa intervenção” (BODEI, 2001, p. 40). Ou seja, sua teoria é mais contextual e menos teleológica. Independente da liberdade existente nas diferentes filosofias da história, sendo elas mais ou menos deterministas, mais ou menos abstratas, suas narrativas sempre envolviam acontecimentos e a forma de se lidar com estes foi quase sempre instrumental. Isso é importante, pois, a própria natureza universalista da narrativa histórica imbricada na forma de pensar das filosofias da história exige isso. O desfecho histórico especulado como ápice da trajetória humana no futuro impõe a essas narrativas muitos apagamentos no afã de coerência na construção de uma narrativa total. Mais que o normal em comparação a narrativas da mesma época já preocupadas com a cientificidade do método historiográfico. O Positivismo

de Auguste Comte e o materialismo histórico de Karl Marx são exemplos diferentes disso no século XIX, mesmo ambos os casos se propondo como interpretações científicas do devir histórico. Inclusive historiadores, teoricamente mais afeitos ao trabalho criterioso com os acontecimentos históricos por meio de fontes, também desenvolveram eventualmente as suas próprias filosofias da história que instrumentalizaram fatos em prol do tipo de pensamento sobre o devir característico desse tipo de narrativa.

O que estaria fazendo o historiador inglês Arnold Toynbee (1889-1975) senão elaborar ele mesmo a sua própria “filosofia da história”, ao introduzir nos seus estudos históricos profundamente eruditos uma forte especulação acerca de um pretenso padrão de desenvolvimento que afetaria todas as grandes civilizações sob a forma de um ciclo de “nascimento”, “apogeu” e “declínio” comparável ao desenvolvimento dos seres humanos individuais no que concerne às suas etapas de “infância”, “maturidade” e “velhice”? (BARROS, 2012, p. 9).

Na Alemanha, terra das mais famosas filosofias da história, mas também terra da Escola Alemã de historiadores profissionais que rivalizavam com as narrativas dos filósofos da história no século XIX, Johann G. Herder deu início ao gênero. “Herder faz protagonistas diretos da história, não a Providência, mas os “Espíritos dos povos”, pelos quais Deus se manifesta” (BODEI, 2001, p. 43). O ponto de partida de Herder, como os pensadores franceses, era a busca da razão na história. Curiosamente, o autor “não exclui completamente a hipótese que a história possa revelar-se desprovida de sentido” (BODEI, 2001, p. 44), mas por uma questão de fé não seguiu por esse caminho.

A racionalidade que ele busca no tempo, ele a encontra na cultura do Iluminismo, que, por outro lado, combatia. Isto é, partilhava com os iluministas a tese que a história tivesse uma racionalidade própria, mas não julgava que o sentido da história derivasse de uma ordem política imposta de cima. Em outros termos, contestava a legitimação prática e teórica do despotismo esclarecido, que levava Voltaire ou Maupertius a transformarem-se em cortesãos de Frederico II da Prússia ou Diderot a admirar Catarina II da Rússia. (BODEI, 2001, p. 44).

Diferentemente da maioria das filosofias da história, em Herder a história não funcionava como um “homogeneizador” das histórias locais ou de povos variados. Mesmo não sendo contrário ao cosmopolitismo, Herder propôs o respeito às diferenças regionais, valorizando as fábulas, costumes, mitos e cantos populares (aspectos fundamentais da cultura romântica). O sentido da história não seria, portanto, “dado por quem comanda, por quem tem

condição de reconduzir as diferenças à unidade, mas pela polifonia, pela pluralidade, de significados que provém da soma de contribuições anônimas que cada povo é capaz de trazer para as vicissitudes do mundo” (BODEI, 2001, p. 45). Nessa perspectiva, a racionalidade e o sentido da história seriam provenientes da liberdade de cada um expressar sua própria natureza.

A nação e a humanidade coexistem, ou melhor, se enriquecem no seu intercâmbio recíproco. Com Herder passa-se, assim, da história circular ou axial à história de entrelaçamento, mais parecida a uma corda formada por múltiplos fios do que à imagem hegeliana da "fuga" musical, na qual, na direção do mundo, se sucedem os povos que por sua vez propõem os temas dominantes. (BODEI, 2001, p. 45).

Dentro dessa filosofia da história, a natureza humana não seria algo completo e imutável, mas sim algo em formação, que se beneficiaria da “festa das diferenças” que Herder entendia ocorrer em seu contexto histórico. Embutidas nessas filosofias de forma relevante, também se encontravam teorias morais, discussões sobre ações individuais em relação ao coletivo, isto é, o problema da agência histórica que pode ser mais ou menos importante dependendo da filosofia da história. A questão da heterogênese dos fins, abordada por Kant e Hegel, é um exemplo disso. As ações de cada pessoa teriam outro peso quando pensadas coletivamente, confluindo nas ações do todo social na história. Kant observou que da confluência das ações individuais

surgem resultados inesperados e não desejados, mas não necessariamente negativos para a humanidade no seu conjunto. Ao contrário, aquilo que para o indivíduo é mau, para a história pode resultar como bom, já que a história "recicla" em utilidade coletiva às ações malignas dos homens. Kant insere-se assim, de maneira original, na tradição moderna do pensamento, inaugurada pela Fábula das abelhas de Mandéville, para a qual não só os vícios privados, dão lugar a públicas virtudes, mas são justamente tais vícios que desempenham as funções de estímulo da civilização. (BODEI, 2001, p. 46).

No modelo kantiano e nas filosofias da história derivadas ou influenciadas por ele, percebe-se um movimento de recuperação *a posteriori* de um sentido que as pessoas teriam deixado se perder sem perceberem. Essa busca por esse sentido funda-se na ideia de que existe uma lógica anônima na história, que teria se tornado autônoma e independente das motivações das ações dos indivíduos. Kant denominou isso de “plano secreto da Natureza”,

capaz de reaproveitar mesmo as ações mais egoístas dos indivíduos no seu projeto mais amplo destinado a impulsionar o caminho da humanidade na direção do “melhor” (KANT, 4ª proposição). Essa forma de pensar a história é calcada em um olhar universalista sobre a experiência humana na terra, algo que não se encontra em todas as filosofias da história, mas que apareceu na maioria delas. É dessa forma de se relacionar com a história que nasceram pensamentos como a ideia de que “com a busca do ganho e com a avareza que nasce o comércio e, por conseguinte, a benéfica troca entre os homens” (BODEI, 2001, p. 46), como defende Kant. Ou a ideia de que é “pela vaidade de serem recordados, de deixar o próprio nome, que as pessoas realizam atos de beneficência e fazem erguer hospitais ou asilos; é pela inquietação e pela violência de homens sempre prontos a combaterem-se, que as civilizações entram em contato” (BODEI, 2001, p. 46).

Isto é, por uma ou mais características de comportamento supostamente universais que a história traçaria seu rumo. Tais características podem ser entendidas como parte de uma natureza humana imutável, ou vistas como características contingentes com mais ou menos probabilidade de ocorrerem dependendo da filosofia da história que está por trás. O ponto central sobre isso é que tal forma de enxergar a humanidade sob o ponto de vista de uma espécie de natureza ou tendência quase sempre esteve presente nas filosofias da história. Para além de uma forma de explicar o desenrolar da história humana, a proposição de uma ideia de natureza ou tendência à ação histórica dos homens, foi também uma maneira de defender ou uma forma de ser ideal para a humanidade ou as consequências de um jeito de se viver que um grupo já possuía e tinha interesse de naturalizar através da uniformização moral de uma filosofia da história. O conservadorismo expresso na filosofia da história de Oswald Spengler é um exemplo disso, assim como as ideias do autor que estudamos aqui. A maioria das ideias que Clarke defendia, por exemplo, se beneficiavam da proposição que ele repetidamente enunciava de que a humanidade possui uma tendência a se arriscar na busca pelo desconhecido, pela aventura. Como citamos anteriormente, as filosofias da história possuem em seu cerne ideologias políticas. A concepção sobre a natureza ou tendência humana e sobre a forma que as ações humanas influem na dinâmica do movimento histórico são elementos centrais dessas ideologias, pois além de fazerem parte da explicação de como o passado ocorreu, tais concepções se ramificam numa teleologia que busca construir determinado futuro. Kant e Hegel lidaram com isso ao tentarem

compreender o sentido de uma lógica do preterintencional. Se a história não aceita mais modelos teológicos, se aspira à explicação dos acontecimentos por meio de outros acontecimentos, por linhas internas, é necessário então entender qual é o motor da história. Para Kant chama-se *concordia discors*. Quer dizer: a história avança (os escoceses acrescentariam: nos países civilizados) porque existe uma benéfica competição entre indivíduos que têm necessidade um do outro. Diz Kant, comparando o homem a uma planta: se não tivéssemos ao nosso redor outros indivíduos que concorrem aos mesmos bens, se fosse lícito só fazer o que mais nos agrada, seríamos como uma árvore que se expande sobre o terreno, horizontalmente, enquanto, sendo estreitos e cutucados pelos "cotovelos" dos outros, a competição faz que a árvore do nosso ser busque espaço para o alto, se lance em direção vertical. (BODEI, 2001, p. 47).

Assim como Kant, Hegel também defendia que a história não se explicaria pelas intenções conscientes dos homens, mas sim pelas paixões e por interesses, por mais escusos ou confusos que ambos pudessem ser. As paixões seriam “o verdadeiro motor da história: assim como o vento e o vapor, as paixões dos indivíduos constituem energias naturais desconhecidas, que a "astúcia da razão" joga a posteriori umas contra as outras” (BODEI, 2001, p. 49). Essa racionalidade que, segundo Hegel, gere ocultamente a história, seria parte não somente da dinâmica formadora da trajetória humana na terra, mas também constituiria o *telos* do processo histórico nessa filosofia. O pressuposto da história seria, segundo Hegel, "que a razão governe o mundo, e que, por conseguinte, também a história universal deve ser desenvolvida racionalmente". Esse *telos*, ou “finalidade” da história, contudo, seria “totalmente indeterminado, no que concerne aos conteúdos” (BODEI, 2001, p. 49). O máximo que foi dito sobre realidades futuras foi a ideia vaga de aumento da "consciência da liberdade". Hegel não acreditava que a história do futuro seria previsível, assim como se negava a corroborar a ideia de que a história pode ensinar algo. A ideia de uma finalidade da história em Hegel, portanto, era aberta, apesar de condicionada estruturalmente a um caráter racional. Sobre a diferença do *telos* em Hegel, Remo explica que:

nos referíamos a uma "finalidade" como o camponês se refere à colheita: se semearmos (o meio), se protegermos as sementes dos parasitas e do mau tempo, colheremos o quanto cultivamos. Ou então, se representa o *telos* como o alvo ao qual mira a flecha disparada pelo arco. Ou ainda, segundo o modelo aristotélico, como um ímã que atrai, do futuro, a nossa ação. Hegel é totalmente contrário a essa espécie de finalismo e à ideia de história que dela deriva. Observa com razão, que o arado, o instrumento, é mais nobre que a colheita. A colheita, depois de ter sido armazenada, é consumida, mas o arado serve para produzir tantas outras colheitas. Por isso ele propõe uma inversão dos valores tradicionais da metafísica: o meio conta mais que o fim. (BODEI, 2001, p. 52).

Essa explicação sobre a finalidade no pensamento de Hegel revela a complexidade e a multiplicidade de formas que as filosofias da história podem ter e tiveram no passado. Mesmo elaborando a ideia de *telos* diferentemente, Hegel ainda assim produziu uma filosofia da história igualmente teleológica, contudo, menos mecanicista, na medida em que a finalidade em seu pensamento era secundária em comparação ao processo histórico. Essa abordagem também se explica por outro importante motivo. Essa foi a maneira de Hegel tentar resolver o problema colocado por Kant na *Crítica do Juízo* (1790), isto é, como conciliar a relação entre mecanicismo e finalismo da natureza. A resposta de Hegel a essa dicotomia é fundamental para entendermos os dilemas dessa forma de lidar com a História. Hegel propôs que a natureza em si não possui uma finalidade, mas as pessoas sim, e por meio do trabalho coagiriam a natureza a operar em função de uma finalidade humana. “O trigo não cresce para nós, assim como o vento não sopra para nos dar prazer, mas se, nos barcos à vela, sabemos governá-lo, podemos utilizá-lo para ir na direção almejada. Assim, nós atingimos os nossos objetivos unindo forças naturais separadas” (BODEI, 2001, p. 53).

Isso é importante porque mostra uma forma diferente de entendimento do sentido na história em meio a relação da humanidade com a natureza, decompondo a ideia de finalidade em uma forma não determinística de compreensão. “O finalismo *ad usum hominis* não existe na natureza e, quando existe na história, não é por virtude da Providência, mas porque inserido pelo agir humano” (BODEI, 2001, p. 53). Essa visão do trabalho como direcionador da finalidade, é fundamental também para a discussão que faremos posteriormente, pois Clarke lidava com a conquista do espaço, seu *telos*, nesses termos que Hegel colocou. Seu dilema foi posto sob a percepção de que a conquista do espaço seria uma decorrência natural da história humana, e, pela dinâmica de conformação dessa história que Clarke observou, seria também uma finalidade quase inescapável. Porém, ele considerava uma abertura para tal *telos* não ser alcançado ou nem mesmo buscado, na medida em que o universo, a natureza, era identificada como algo indiferente a nós em seu raciocínio. Portanto, não existiria finalidade intrínseca à natureza. A humanidade não estaria destinada a nada. Da mesma forma que Hegel enxergava o trabalho como a expressão do direcionamento que o homem dava a história, Clarke lidou assim com a noção de técnica e ciência, como algo que possuiria quase uma dinâmica própria, mas que ainda careceria de direcionamento para coagir a natureza (ou o universo) a vontade humana. Ainda neste capítulo, examinaremos a obra *A Cidade e as Estrelas*, que, sinteticamente, é uma narrativa ficcional sobre uma civilização que utilizou o

trabalho para direcionar a história para os fins errados, opostos ao que Clarke considerava a tendência natural da história humana.

Em suma, é patente que as filosofias da história se delinearam desde o século XVIII a partir de elementos comuns, mas não necessariamente tratados sob o mesmo viés, podendo variar consideravelmente de acordo com o contexto de enunciação. No século XIX, com a evolução da historiografia profissional, sobretudo na Alemanha com o Historicismo, as filosofias da história foram progressivamente perdendo espaço nos meios intelectuais como forma de se entender a história. Mesmo com a crítica de Hegel, de que os historiadores profissionais, sobretudo os alemães, faziam aquilo que acusam os filósofos; ou com a existência de filosofias da história como o Materialismo histórico de Marx e o Positivismo de Augusto Comte, que se consideravam formas científicas de entendimento histórico, a maneira de lidar com a realidade histórica que se estabeleceu foi a oriunda dos historiadores profissionais (HEGEL, 2008, p. 18). Com o avançar do século XX, com o processo de cientificação do trabalho historiográfico e com a solidificação da história como disciplina acadêmica, os historiadores de praticamente todos os âmbitos teóricos “conteram razoavelmente o seu ímpeto especulativo ao aceitarem os atuais padrões de cientificidade da história que são definidos pela necessidade de amparar seus trabalhos nas fontes e nas evidências históricas” (BARROS, 2012, p. 10).

Porém, a filosofia da história não desapareceu como forma de elaboração do tempo, se manteve uma força durante todo esse período, sendo ressignificada a partir da organização dos saberes no século XIX e XX, e moldada às necessidades sociais de direcionamento histórico de um século marcado por duas guerras e pela Corrida Espacial. Como bem disse Dray, foram as revistas *Time* e *Life* e não as publicações acadêmicas categorizadas que receberam com entusiasmo o *Study of History*, de Toynbee (DRAY, 1977, p. 8). A relação com o devir histórico calcada na ideologia do progresso e expressa por essas filosofias da história a partir do século XVIII ainda era potente no século XX, especialmente quando se pensa no recorte temporal e espacial dessa pesquisa. Esperamos que a continuação da análise sobre as obras de Arthur C. Clarke evidencie as marcas dessa relação com a história, mostrando como essa tradição, além persistir, foi exacerbada e reapropriada em um contexto diferente e propício, sob a lógica de outros pressupostos discursivos.

Parte final de *Prelude to Space*

Em *Prelude to Space*, o formato de exposição da filosofia da história de Clarke foi o mais plano encontrado nesta pesquisa em obras ficcionais. Devido a isso, a obra possui muitos textos expositivos sobre as ideias da suposta filosofia da astronáutica do autor. Curiosamente, o primeiro deles, já nas primeiras 50 páginas do livro, foi uma tentativa de persuasão de um político construído por Clarke como um opositor do projeto e também representante de um grupo social contrário à empreitada. Através da voz de Matthews, Clarke expressou a visão da instituição que Alexson durante a obra absorveu. O discurso foi proferido em defesa do projeto de conquista do espaço para Michel, o político citado que os convidou:

“Bem, Sir Michael,” ele começou, “é apenas uma extensão lógica do que a humanidade vem fazendo desde que a história começou. Por milhares de anos a raça humana tem se espalhado pelo mundo até que todo o globo tenha sido explorado e colonizado. Chegou a hora de dar o próximo passo e cruzar o espaço para os outros planetas. A humanidade deve sempre ter novas fronteiras, novos horizontes. Caso contrário, mais cedo ou mais tarde, ela voltará a afundar na decadência. As viagens interplanetárias são o próximo estágio em nosso desenvolvimento, e será sábio tomá-lo antes que nos seja imposta a falta de matéria-prima ou espaço. E há também razões psicológicas para o voo espacial. Há muitos anos, alguém comparou nossa pequena Terra a um aquário de peixes dourados dentro do qual a mente humana não podia continuar circulando para sempre com estagnação. O mundo era grande o suficiente para a humanidade nos dias da diligência e do veleiro, mas é muito pequeno agora que podemos contorná-lo em algumas horas.” (CLARKE, 1953, p. 44).¹⁵⁰

Essa narrativa, nesse momento da obra, dita a esse interlocutor específico e por esse personagem, teve um caráter conciso, mas que já possibilita identificar certos chavões de argumentação que se repetiram à exaustão. Além da explícita indiferença às consequências do colonialismo reivindicado como raiz do que o projeto visaria, outros aspectos do discurso chamam atenção. O apelo a ideia de que a conquista do espaço geraria desenvolvimento, que seria um movimento histórico natural, que seria uma tendência da raça humana e que o caminho contrário a esse levaria à estagnação civilizacional. O questionamento do político a

¹⁵⁰ Tradução minha: “Well, Sir Michael,” he began, “it’s only a logical extension of what mankind’s been doing since history began. For thousands of years the human race has been spreading over the world until the whole globe has been explored and colonized. The time’s now come to make the next step and to cross space to the other planets. Humanity must always have new frontiers, new horizons. Otherwise, it will sooner or later sink back into decadence. Interplanetary travel’s the next stage in our development, and it will be wise to take it before it’s forced upon us by shortage of raw materials or space. And there are also psychological reasons for space flight. Many years ago someone likened our little Earth to a goldfish bowl inside which the human mind couldn’t keep circling forever with stagnation. The world was big enough for mankind in the days of the stagecoach and the sailing ship, but it’s far too small now that we can round it in a couple of hours.”

partir disso seguiu por um caminho comum ao que ocorria no contexto social em que Clarke defendia o investimento no voo espacial. Michael questionou a utilidade daquilo para a melhoria da vida humana na terra. “E isso tornará o mundo um lugar melhor ou mais feliz?” (CLARKE, 1953, p. 45)¹⁵¹, indagou o político.

Por mais que, na obra, a resposta a isso tenha focado na questão da estagnação social que Clarke relacionava tanto com o problema psicológico alegado acima quanto com a supressão dos desenvolvimentos científicos que a recusa ao voo espacial geraria, a principal crença do autor que se opunha a esse questionamento era de outra ordem, como apareceu em *A Exploração do Espaço*. Aqui, assim como quando debatia tal tema em auditórios de TV, a argumentação teve seu tom determinado pela interlocução, ou seja, pessoas que por se portarem a princípio como opositoras ao projeto foram rebatidas com argumentos mais palpáveis. Quando o autor discutia o tema fora da ficção de forma mais direta, o dilema ganhava sua real dimensão.

Os defensores do voo espacial frequentemente deparam com a pergunta: “Por que ir à lua? Que é que existe de errado na Terra?” Embora a última frase não se ouça tanto, nos dias de hoje, ela tem sido substituída pela pergunta: Por que não dedicar todo esse esforço ao desenvolvimento do nosso próprio mundo, antes de ir para os outros?” Já demos diferentes respostas a esta pergunta. Adiantamos numerosas consequências indiretas da viagem pelo espaço que contribuirão realmente para o desenvolvimento do nosso mundo [...] Existe, porém, uma resposta muito mais fundamental para essa pergunta. Temos de reconhecer que aqueles que a formularam só examinaram superficialmente os aspectos da natureza humana. Desejaríamos saber se eles teriam perguntado a Fídias, quando começou seu trabalho na frisa do *Partenon*, por que não se dedicaria a algo mais útil, como a reconstrução dos bairros pobres de Atenas. Se tivesse conservado a calma, o artista responderia provavelmente que estava fazendo o único trabalho que lhe interessava. Isso ocorre, em última análise, com os que querem cruzar o espaço. (CLARKE, 1959, P. 205).

Como Kant, Clarke enxergava a maior felicidade da maioria como um subproduto não prioritário de um processo principal. No caso de Kant, a busca pela racionalidade, muito mais importante a seus olhos, e em Clarke, a realização do que ele identificava como a natureza humana, a pretexto da não estagnação civilizacional. Um dos candidatos a piloto na nave que viajaria ao espaço no livro chegou a comentar para Alexson que a busca pela paz pode ser um sonho dos “comedores de Lotus”, mas seria a “morte para a raça” (CLARKE, 1953, p. 90).¹⁵²

¹⁵¹ Tradução minha: “And will that make the world a better or a happier place?”

¹⁵² Tradução minha: “Humph! Then more fools us. Aren’t we ever going to rest and have some peace?” Hassell, who had met this argument before, gave a little smile. “The dream of the Lotus Eaters,” he said, “is a pleasant fantasy for the individual—but it would be death for the race.”

Clarke até admitiu a existência de diferentes tipos de mentalidades, quando, por exemplo, defendeu por meio desse mesmo piloto o respeito ao homem com tendências opostas ao que ele identificava como essa natureza humana, isto é, o oposto ao tipo aventureiro e curioso (CLARKE, 1953, p. 91). Contudo, isso era considerado um erro, permissível para indivíduos, mas indesculpável para civilizações. O caminho rumo ao voo espacial, portanto, “o primeiro passo em uma estrada infinita”, era considerado um desenvolvimento necessário de uma civilização suficientemente tecnológica. “Era uma estrada, ele agora acreditava, ao longo do qual todas as raças devem viajar no final, para que não murchem e morram em seus pequenos e solitários mundos” (CLARKE, 1953, p. 141).¹⁵³

A escolha pelo caminho oposto significava para Clarke a aceitação da condição imposta à espécie pela natureza que aleatoriamente nos fez existir nesse Globo, sem acesso natural ao universo ao redor e sozinhos em nosso nível de consciência como seres. A superação da solidão cósmica foi constantemente repetida como um objetivo crucial dessa forma de pensar, que enxergava a espécie como um agente histórico tendo como palco todo o universo, não somente a terra. A ambição a tal posição existencial superior no universo é uma recorrência do discurso de Clarke e da própria ficção científica. Em muitas de suas obras e falas, o autor normalmente associou essa proclamada evolução aos estágios da vida humana. A história antes do voo espacial seria a infância humana, sendo a terra o berço da espécie que Clarke defendia que não deveria ser também sua tumba. O que viria depois da conquista do espaço seria a maturidade civilizacional. Como explicou o autor simulando um historiador do ano 3000 em *A Exploração do Espaço*:

toda a história da humanidade que precede o século XX parece ser o prelúdio de um grande drama desenrolado na pequena faixa do palco, antes de levantada a cortina para mostrar o cenário inteiro. Durante gerações sem conta esse âmbito restrito, superpovoado – o planeta Terra – foi todo o espaço que a criação dispunha; os homens, os únicos atores. Quando se aproximava o fim desse século fabuloso, a cortina começou a levantar-se lentamente, continuamente. O Homem percebeu, por fim, que a Terra era apenas um de numerosos mundos; o Sol, um somente dentre inúmeras estrelas. O aparecimento do foguete terminou com o isolamento de milhões de anos. Quando a primeira astronave desceu em Marte e Vênus, a infância de nossa raça terminara. Começou a História, tal como a conhecemos... (1959, P. 210).

¹⁵³ Tradução minha: “the first step upon an infinite road. It was a road, he now believed, along which all races must travel in the end, lest they wither and die upon their little, lonely worlds.”

Na escala dos acontecimentos históricos da metanarrativa de Clarke, a chamada conquista do espaço era um ponto de inflexão incomparável, capaz de reconfigurar a proporção de importância de toda a história anterior. A partir das palavras do Professor Maxton, Clarke ressaltou a importância desse evento, que não se poderia ignorar e “desempenhar o papel de um desinteressado espectador. Ninguém na Terra pode fazer isso; os acontecimentos das próximas horas irão moldar a vida de todos os homens que irão nascer, até o fim dos tempos” (CLARKE, 1953, p. 162).¹⁵⁴ A parte final do livro passou a ter esse tom grandioso à medida que o início da conquista do espaço se aproximava, isto é, o primeiro voo espacial. Apesar de sabermos hoje que o primeiro voo espacial não iniciou o desenvolvimento esperado, na época dessa obra havia altas expectativas quanto a isso, sobretudo entre os aficionados pelo tema como Clarke. Chama atenção, entretanto, o fato de Clarke não somente não esconder as conexões desse evento supostamente incomparável com acontecimentos nefastos do passado recente dele e dos personagens da trama, mas sim destacar essas conexões como algo importante. Ele fez isso para tentar desassociar o desenvolvimento tecnológico expresso no teste nuclear, do uso posterior das bombas em *Hiroshima e Nagasaki*. Sobre isso, ele expressou que:

uma era estava morrendo e uma nova era nascendo. E de repente a voz impessoal dos alto-falantes lembrou Dirk daquela manhã, trinta e três anos atrás, quando outro grupo de cientistas estava esperando em outro deserto, preparando-se para liberar as energias que alimentam os sóis. (CLARKE, 1953, p. 167).¹⁵⁵

Sendo o desenvolvimento da técnica e da ciência o motor central da história na metanarrativa de Clarke, esse esforço de revestimento da tecnologia de uma aura de neutralidade, assim como já apontamos ter sido feito com a figura dos cientistas, fez parte tanto do ajustamento de suas ideias ao contexto histórico, quanto da legitimação do diferencial central de sua filosofia da história. A unicidade de sua metanarrativa que discutiremos mais detidamente no último capítulo, residia em boa parte na extrapolação máxima da filosofia do progresso moderna que depois do Holocausto só poderia repousar em paz no seio de uma tecnologia supostamente neutra. *Hiroshima e Nagasaki* manchariam essa

¹⁵⁴ Tradução minha: “no longer possible to stand aside and play the part of a disinterested spectator. No one on Earth can do that; the events of the next few hours will shape the lives of all men who will ever be born, down to the end of time.”

¹⁵⁵ Tradução minha: “an age was dying and a new one was being born. And suddenly the impersonal voice from the loudspeakers recalled to Dirk that morning, thirty-three years ago, when another group of scientists had stood waiting in another desert, preparing to unleash the energies that power the suns.”

crença, mas Clarke se esforçou para dissuadir seus leitores disso. O último parágrafo de *Prelude to Space* expôs o problema. O autor lembrou sobre a tragédia atrelada ao desenvolvimento da astronáutica, mas procurou reconduzir o olhar do leitor a possibilidade de superação das marcas do genocídio enraizado na modernidade. O parágrafo de encerramento da obra tratou sobre a vida após a efetivação do início da conquista do espaço, ou seja, após o uso do foguete e da energia nuclear para levar a humanidade a uma nova fase da história. Clarke narrou que:

Fora dos medos e misérias da Segunda Idade das Trevas, libertando-se — oh, pode ser para sempre! — das sombras de Belsen e Hiroshima, o mundo caminhava em direção ao seu mais esplêndido nascer do sol. Depois de quinhentos anos, o Renascimento havia chegado novamente. O amanhecer que romperia acima dos Apeninos no final da longa noite lunar não seria mais brilhante do que a idade que agora tinha nascido. (CLARKE, 1953, p. 173).¹⁵⁶

Arnold Toynbee

O impulso que levava Clarke à criação de uma narrativa em que a espécie era o agente histórico principal e o conceito de civilização era central, como apareceu na última parte de *Prelude to Space*, teve muitas fontes, mas uma em especial merece mais atenção pela importância não só para Clarke, mas também para o contexto da época. A obra de Arnold Toynbee exemplifica como, mesmo com o peso negativo imposto a narrativas históricas totalizantes pelo Holocausto, esse tipo de relação com o tempo histórico ainda era potente, sobretudo em sua faceta explicitamente política voltada para a transformação da realidade, em um mundo cindido pelo horror da Segunda Guerra Mundial e tensionado pelos desafios da globalização. O período de maior popularidade e influência de Toynbee ocorreu na “década de 1950 e 1960, quando foi cortejado por presidentes, primeiros-ministros e príncipes. Ele lecionou em universidades de todo o mundo, e no auge de sua popularidade, em meados da

¹⁵⁶ Tradução minha: “Out of the fears and miseries of the Second Dark Age, drawing free — oh, might it be forever! — from the shadows of Belsen and Hiroshima, the world was moving towards its most splendid sunrise. After five hundred years, the Renaissance had come again. The Dawn that would burst above the Apennines at the end of the long lunar night would be no more brilliant than the age that had now been born.”

década de 1950, poderia atrair centenas e até milhares de ouvintes” (KUMAR, 2014, p. 1).¹⁵⁷

No ambiente acadêmico, o movimento foi na direção contrária,¹⁵⁸ visto que:

em algum momento da década de 1950, algumas figuras muito proeminentes e influentes na disciplina de história começaram os ataques a Toynbee que, nas décadas seguintes levaram ao eclipse de sua reputação entre os historiadores e, cada vez mais, entre outros estudiosos também. (KUMAR, 2014, p. 2).¹⁵⁹

O fascínio de Clarke com Toynbee surgiu em uma dessas palestras para milhares de ouvintes, assim como sua relação mais direta com ele. Ele contou ter assistido a uma apresentação proferida na Casa do Senado, na Universidade de Londres, chamada “The Unification of the World and the Change in Historical Perspective”.¹⁶⁰ Episódio que o teria influenciado na escrita de *The Challenge of the Spaceship*, sobretudo a explicação sobre as

¹⁵⁷ Tradução minha: “Toynbee’s greatest popularity and influence occurred in the 1950s and 1960s, when he was courted by presidents, prime ministers, and princes. He lectured at universities all over the world, and at the height of his popularity, in the mid-1950s could attract hundreds and even thousands of listeners.”

¹⁵⁸ “Among intellectuals, response to his work was de rigueur. Indeed, the critical reaction to Toynbee constitutes a veritable intellectual history of the midcentury: we find, for example, Aron, Frye, Huxley, Kennan, Kracauer, Kroeber, Morgenthau, Mumford, Niebuhr, Ortega y Gasset, Popper, Ricouer, and Sweezy, as well as a long list of the period’s most important historians, Beard, Braudel, Collingwood, and so on. A survey of these responses consistently reveals odd contradictions between positions. In recent historical work, for example, Reba Soffer aligns 1930s-era Toynbee with Britain’s “radical right,” while Christopher Brewin describes his politics of the same period as “progressive liberal.” In Toynbee’s own time, two of the most sustained attacks came from E. H. Carr and Pieter Geyl, each in a certain way the inverse of the other. Carr translated the Marxist critique of bourgeois moralism into his study of international relations; he assailed Toynbee’s “utopian prescriptions” as so many alibis for British national interest. And as in Marxism, spotlight on the furtive particular in turn revealed a sturdier universal, in this case, what Carr called “the nature of politics.” Geyl, on the other hand, read Toynbee’s “impossibly universalist system” not as façade for a specific concern, but as its disintegration; he deemed Toynbee’s world history as an attempt to “escape” the uniqueness of the West. Toynbee’s “passion for unity,” Geyl wrote, was “fundamentally antagonistic to history, the guardian of the particular.” (LANG, 2011, p. 2).

¹⁵⁹ Tradução minha: “Nevertheless, at some point in the 1950s some very prominent and influential figures in the discipline of history began the attacks on Toynbee that in the ensuing decades led to the eclipse of his reputation among historians and, increasingly, among other scholars as well. Right up to his death in 1975 Toynbee continued to enjoy great popularity in several quarters of the globe, notably in Japan (ibid.: 268–73), but his scholarly reputation waned.”

¹⁶⁰ Apesar de Clarke de fato ter sido fortemente influenciado pela palestra, Poole explica que o escritor “in fact misremembered the details of his encounter with Toynbee. Clarke’s lecture was given in October 1946, whereas Toynbee’s ‘Unification of the World’ lecture was not delivered until 17 November 1947, over a year after ‘The Challenge of the Spaceship,’ so cannot have been its source.³⁶ That must have been Toynbee’s ambitious and influential work *A Study of History* which had appeared in a bestselling single-volume edition in 1946, having first been published in the UK in six volumes, three in 1934 and three more in 1939. The reception of volumes I–III by the British press in 1934 is described by Toynbee’s biographer, William H. McNeill, as ‘extraordinary’: it was given extended reviews almost everywhere and hailed as ‘a deeply significant event’ (Manchester Guardian), ‘nobly conceived and assiduously executed’ (Times Literary Supplement), and of ‘magnificent’ sweep and scope (New Statesman). Clarke read the abridged version, and in his 1960 essay ‘Rocket to the Renaissance’ quoted a passage on the importance of sea exploration to Young and expanding civilizations” (POOLE, 2012, p. 8).

leis da história proferida pelo historiador (CLARKE, 1961, p. 3 apud POLLE, 2012, p. 8).¹⁶¹ A abordagem de Toynbee, de procurar ir além da desordem das circunstâncias para desvendar “as forças subjacentes da história, impressionaram Clarke, que também observou a afirmação de Toynbee de que a ascensão das civilizações devia seu ‘desenvolvimento mais brilhante’ a grupos empreendedores operando em suas fronteiras” (POOLE, 2012, p. 9).¹⁶²

Clarke se viu fascinado pela forma de compreensão que Toynbee tinha da história, o citando direta ou indiretamente em várias obras e entrevistas posteriores. A abordagem totalizante da história humana voltada à compreensão de padrões cíclicos de “gênese, crescimento, decomposição e desintegração” de civilizações se adequava bem às ideias de Clarke. Especialmente a lei histórica central do pensamento de Toynbee, a qual determina que o maior ou menor desenvolvimento das civilizações se deve a um maior ou menor desafio enfrentado. A conquista do espaço nessa perspectiva saltava aos olhos como um desafio sem precedentes figurando no horizonte, podendo inclusive quebrar o ciclo histórico fadado ao decaimento. Algo que, depois da Segunda Guerra Mundial, Toynbee especulou que talvez só a civilização ocidental pudesse realizar, mas sem se referir à conquista do espaço.

A convergência na leitura da história humana entre Clarke e Toynbee não se limitava a essa lei ou a noção de previsibilidade histórica devido à possibilidade de identificação de leis ou tendências. Ambos compartilhavam um conjunto de referências originárias de um contexto social e intelectual característico da Inglaterra da primeira metade do século XX, especialmente no período anterior à Segunda Guerra Mundial. A ideia de história pautada pela análise das civilizações em uma perspectiva totalizante, por exemplo, já possuía um forte propagador em Oswald Spengler em 1918. Em sua obra, ele se propunha a “examinar as oito civilizações históricas por ele mesmo identificadas, considerando-as como organismos sujeitos a um mesmo ciclo vital que seria marcado pelas inevitáveis etapas do nascimento, juventude, maturidade, senilidade e morte” (BARROS, 2009, p. 4). Mesmo achando a “visão de Spengler de que o declínio era uma lei inata da natureza ‘dogmática e determinista’”,

¹⁶¹ Tradução minha: “At the time, as the title indicates, I was somewhat under the influence of Professor Toynbee, having just attended a lecture he had given at Senate House, University of London, on ‘The Unification of the World.’ He had opened my eyes to the highly parochial view we Westerners take of human history, which is best summed up by our attitude that we discovered the rest of the world. Above all, however, I was struck by Toynbee’s emphasis on ‘challenge and response’ as shaping the rise and fall of civilizations, and it seemed to me that we would be presented with a classic example of this when the Space Age opened.”

¹⁶² Tradução minha: “Toynbee’s approach of seeking to clear away the clutter of circumstance and divine the underlying forces of history impressed Clarke, who also noted Toynbee’s claim that rising civilizations owed their ‘more brilliant development’ to enterprising groups operating at their frontiers.”

Toynbee teve no início da carreira sua própria abordagem legitimada ao lê-lo em 1920, sendo “receptivo à abordagem totalizante de Spengler para a história” (POOLE, 2012, p. 9).¹⁶³

Contudo, o substrato intelectual do contexto inglês que alimentou Clarke e Toynbee era mais profundo. Como explica Lang:

A base para a lógica histórica de Toynbee e a fonte de sua dificuldade central, é derivada de um conjunto de ideias que são melhor descritas como “idealismo evolucionário”. Uma das tendências dominantes no pensamento social britânico do início do século XX, o idealismo evolucionário procurou combinar Naturalismo darwiniano e propósito teleológico, duas posições até então bloqueadas no debate. Escritores aplicaram essa síntese a assuntos de suma importância, e destacou muito do pensamento da época sobre o globo e sua história. A partir dessa estrutura conceitual, Toynbee calculou que a característica mais significativa de sua época era a integração mundial, uma “unificação [que] . . . prendeu em suas malhas toda a geração viva da humanidade e todas as terras habitáveis e mares navegáveis a face do Planeta.” (2011, p. 4).¹⁶⁴

O pensamento social no final da era vitoriana na Grã-Bretanha foi dominado por duas tendências principais: o evolucionismo e o idealismo. A compreensão do mundo era disputada pelos defensores da causalidade natural contra os adeptos de uma explicação voltada à moralidade espiritual. O debate mudou significativamente quando uma nova geração de escritores defendeu uma síntese das posições opostas. Toynbee foi treinado nesta síntese em *Oxford* e ao longo de sua vida, seu pensamento esteve preso a essa construção conceitual. Era “central para os evolucionistas sociais – Spencer, Darwin e seus seguidores – a rejeição do dualismo filosófico que dividia os humanos da natureza. ‘A história da humanidade é parte integrante da história da natureza,’ escreveu Edward B. Tylor em 1871” (LANG, 2011, p. 5)¹⁶⁵ (algo caro ao pensamento de Clarke). O estudo da história de sociedades que variam, em grande medida, foi baseado em um método comparativo necessário para separar as múltiplas características do desenvolvimento humano. Os evolucionistas alocaram essas diferenças em

¹⁶³ Tradução minha: “receptive to Spengler’s big picture approach to the history. However, he rejected Spengler’s view that decline was an inbuilt law of nature, finding it ‘dogmatic and deterministic.’”

¹⁶⁴ Tradução minha: “The basis for Toynbee’s historical logic, and the source of its core difficulty, derived from a set of ideas which are best described as “evolutionary idealism.” One of the dominant trends in early twentieth-century British social thought, evolutionary idealism sought to combine Darwinian naturalism and teleological purpose, two positions hitherto locked in debate. Writers applied this synthesis to questions of imperial affairs, and it underscored much of the era’s thinking on the globe and its history. From this conceptual framework, Toynbee reckoned that the single most significant feature of his age was world integration, a “unification [that] . . . has caught in its meshes the whole living generation of mankind and all the habitable lands and navigable seas on the face of the Planet.”

¹⁶⁵ Tradução minha: “Central to social evolutionists—Spencer, Darwin, and their followers—was a rejection of the philosophical dualism that divided humans from nature. “The history of mankind is part and parcel of the history of nature,” Edward B. Tylor wrote in 1871”

escalas temporais, hierarquias. Tylor afirmou que, “com base definida em fatos comparados, os etnógrafos são capazes de estabelecer pelo menos uma escala aproximada de civilização. . . ao longo de uma linha medida de grau a grau” (LANG, 2011, p. 6).¹⁶⁶ Dessa forma, o padrão único de desenvolvimento dos evolucionistas constituiu uma história universal capaz de incorporar qualquer sociedade humana:

Enquanto os evolucionistas sociais buscavam as origens, os idealistas descobriram suas verdades no desdobramento do futuro. Centrado em Oxford no trabalho de T. H. Green e seus alunos, o idealismo britânico se sustentava fortemente no conceito de teleologia de Aristóteles. Em sua famosa descrição da pólis, Aristóteles afirmou que a essência de uma coisa é encontrada apenas na conclusão de seu crescimento orgânico, neste caso, como a consumação de todas as formas anteriores de associação humana. Os idealistas usaram essa ideia de propósito inerente para distinguir os seres humanos do resto da natureza. A consciência humana era única, e o objetivo dessa consciência era o progresso moral. [...] Idealistas tipicamente caracterizavam esse mundo moral compartilhado invocando uma noção atualizada de vontade geral, tendo em seu uso, um vínculo coeso de simpatia comum e aspiração comum. (LANG, 2011, p. 6).¹⁶⁷

No final do século XIX, escritores mais jovens começaram a considerar este debate “uma controvérsia sem esperança”, procurando assim reconciliar as duas posições. A tendência do pensamento social do final do período vitoriano, escreve H. S. Jones, foi unir “ciência” e “ética” juntos. “Em vez de competição, a evolução foi agora associada à cooperação comunitária; em vez da excepcionalidade humana, o mundo espiritual era agora encontrado na natureza viva” (LANG, 2011, p. 7).¹⁶⁸ L. T. Hobhouse, por exemplo, calculou a evolução de uma sociedade pelo seu grau de harmonia interna e objetivos comuns a partir das ideias de Spencer. David Ritchie, inspirado nas ideias de seu professor T. H. Green, localizou a “verdadeira causa” dos princípios espirituais na seleção natural. Como explicou Lang sobre Hobhouse, Ritchie, J. A. Hobson, H. G. Wells e os Socialistas Fabianos:

¹⁶⁶ Tradução minha: “Tylor claimed that “on the definite basis of compared facts, ethnographers are able to set up at least a rough scale of civilization . . . along a measured line from grade to grade.”

¹⁶⁷ Tradução minha: “degree on Aristotle’s concept of teleology. In his famous description of the polis, Aristotle stated that the essence of a thing is found only in the completion of its organic growth, in this case, as the consummation of all earlier forms of human association.11 Idealists used this idea of inherent purposiveness to distinguish human beings from the rest of nature. Human consciousness was unique, and the aim of that consciousness was moral progress. [...] Idealists typically characterized this shared moral world by invoking an updated notion of the general will, in their usage, a cohesive bond of common sympathy and common aspiration.”

¹⁶⁸ Tradução minha: “Instead of competition, evolution was now associated with communal cooperation; instead of human exceptionality, the spiritual world was now found within living nature.”

suas especificidades variavam, mas todas estavam de acordo com o que Ritchie chamou de “evolucionismo idealista”, e todos concordariam com a afirmação de Hobson de 1901, que “a importância moral é parte da natureza de fato”. Ao casar a moralidade com a cadeia causal da evolução, esses escritores deram à teleologia uma temporalidade determinante; eles remodelaram o progresso em um processo natural e em um fenômeno cientificamente conhecido. A “lei do progresso social”, para usar a frase de Ritchie, revelou em uma única lógica tanto os padrões do passado quanto a moralidade do futuro. (2011, p. 7).¹⁶⁹

Essa conjunção de ideias aparentemente opostas que formavam o Idealismo Evolucionário foi sintoma e base da construção intelectual que sustentava o colonialismo Inglês antes e depois da Primeira Guerra Mundial. E, especialmente no ambiente social Inglês, a sustentação de uma narrativa histórica total, globalizante, fazia parte disso. “Para Hobhouse e outros, essa dimensão temporal única foi prontamente confirmada pela integração contemporânea do globo [...] e dada a complexa organização internacional do império britânico, este tema ocupou lugar de destaque em seu pensamento político e social” (LANG, 2011, p. 9).¹⁷⁰ Para os idealistas evolucionários, de forma singular, essa abordagem totalizante da história fundamentou tanto a origem natural quanto uma ideia de futuro ideal. De acordo com Hobhouse essa perspectiva histórica geraria “um ensino moral mais elevado”, que abriria a possibilidade de “pensar em um sistema ético que será guiado pela concepção da raça humana como um todo, unida pelos laços de natureza comum e capaz, em condições determináveis, de um futuro para o qual toda a evolução anterior é preparatória” (LANG, 2011, p. 9). Junto a Ritchie e outros idealistas evolucionários, Hobhouse compartilhava a “visão de que as circunstâncias presentes estavam unificando as nações do mundo em um todo moral” (LANG, 2011, p. 9).¹⁷¹

A palestra que Clarke tanto lembrava de Toynbee foi sobre essa unificação do mundo baseada na análise a partir do conceito de civilização. A mensagem central da exposição do historiador foi sobre uma unificação histórica do mundo através da mistura das grandes

¹⁶⁹ Tradução minha: “Hobhouse, Ritchie, J. A. Hobson, H. G. Wells, the Fabians: their specifics varied, but all conformed to what Ritchie called “Idealist Evolutionism,” and all would agree with Hobson’s assertion of 1901 that “moral import is part of the nature of the fact.” By wedding morality to evolution’s causal chain, these writers gave teleology a lawful, determinant temporality; they refashioned progress into a natural and scientifically knowable phenomenon. The “law of social progress,” to use Ritchie’s phrase, revealed in a single logic both the patterns of the past and the morality of the future.”

¹⁷⁰ Tradução minha: “For Hobhouse and others, this single temporal dimension was readily confirmed by the contemporary integration of the globe. Numerous historians today argue that the late nineteenth century marked the crucial opening phase in the history of globality, and though this remains contested by claims for both earlier and later periods, there can be little doubt that global links were tightening considerably at this time. To many during these years, the planet appeared as a single theater of interaction, and given the complex international organization of the British empire, this theme occupied a prominent place in its political and social thought.”

¹⁷¹ Tradução minha: “view that present circumstances were unifying the nations of the world into a moral whole”.

civilizações, sendo esse um processo em andamento na análise de Toynbee naquele momento. Ele explicou que essa unificação foi levada a cabo

nos últimos séculos pelas tecnologias ocidentais de vela e vapor e pelas minorias criativas que as desenvolveram. A exploração já levou a “uma mudança drástica na perspectiva histórica”; agora Toynbee antecipou uma “vinda revolução mental e moral”, quando o Ocidente foi finalmente forçado a se ajustar à sua falta de centralidade e chegar a um acordo com sua própria mortalidade. (POOLE, 2012, p. 9).¹⁷²

No final do século XIX, o conceito de “civilização” tornou-se um dos principais conceitos estruturantes dentro da linguagem das questões internacionais. Na maioria dos casos, portanto, os europeus explicaram a integração mundial como fruto de sua própria inovação e poder e, com isso, a ideia de uma “civilização” como um objetivo universal tornou-se indistinguível da noção de “civilização” da Europa (LANG, 2011, p. 9). Entre a maioria dos idealistas evolucionários, o “avanço da civilização europeia” em todo o mundo era visto como uma questão de senso comum, “como a água que deve descer uma colina”. Esses autores pluralizaram a noção de “civilização” para encaixar outros tipos de ordens sociais, mas sempre em relação à inexorável força universalizante da Europa:

Em geral, o conceito de “civilização” foi eminentemente bem adequado a esses autores. Significava tanto as relações materiais quanto suas bases em uma moral compartilhada. Da mesma forma, era tanto um fato dado quanto um objetivo ideal. “Civilização” subscreveu o edifício do idealismo evolucionário e o fez como um discurso sobre globalização e história global. (LANG, 2011, p. 9).¹⁷³

O ambiente social que moldou o surgimento da filosofia da história de Toynbee e as ideias de Clarke, tinha conotações específicas amplamente favoráveis a uma narrativa histórica totalizante e teleológica. O Império Britânico era visto como um “corpo orgânico” apto a combinação da teleologia aristotélica e das circunstâncias da vida biológica (LANG,

¹⁷² Tradução minha: “The core message of Toynbee’s lecture was that a historic unification of the world through the mingling of the world’s great civilizations was now underway, brought about in recent centuries by the western technologies of sail and steam, and by the creative minorities who had developed them. Exploration had already brought about ‘a drastic change in historical outlook’; now Toynbee anticipated a ‘coming Western mental and moral revolution’ as the West was finally forced to adjust to its lack of centrality and come to terms with its own mortality.”

¹⁷³ Tradução minha: “In general, the concept of “civilization” was eminently well suited to these authors. It signified both material relations and their basis in a shared morality. Similarly, it was both a given fact and an ideal aim. “Civilization” underwrote the edifice of evolutionary idealism and did so as a discourse on globalization and global history.”

2011, p. 9). Como alguém formado pelo helenismo de Oxford, Toynbee reproduzia tanto sua estrutura filosófica geral quanto sua perspectiva sobre a globalização:

Seu primeiro texto importante – “A Filosofia da História, ou o que o historiador faz”, lido para um clube de graduação de Oxford em 1910 ou 1911 – detalhava, de maneira típica, a oposição dos pólos do pensamento social vitoriano: “os campeões da matéria” e os “campeões do espírito.” A “controvérsia sem esperança” de Ritchie tornou-se para Toynbee “uma guerra, importante e titânica”. A frase era melodramática, mas prenunciava o que se tornaria na carreira de Toynbee seu dilema mais exigente. Na palestra, Toynbee caracterizou a “ciência” materialista por sua confiança nas “deterministas . . . leis” de origem. Suas explicações frutíferas estendiam-se da biologia para a história. (LANG, 2011, p. 14).¹⁷⁴

Nem mesmo a Primeira Guerra Mundial afetou o influxo da ideologia do progresso em seu contexto. Em *Oxford*, nos círculos anglicanos e entre os intelectuais britânicos em geral, o conflito não representou nenhum desafio significativo ao pensamento social da época. “Para Toynbee e seus mentores, a luta confirmou sua estrutura teórica pré-guerra e sua metahistória da unidade global. [...] a guerra simplesmente verificou seu compromisso com o idealismo evolucionário” (LANG, 2011, p. 10).¹⁷⁵ O classicista de Oxford, J. A. Smith chegou a situar as hostilidades da guerra “dentro da grande síntese da ‘teleologia da natureza de fato’. Uma ‘autodestruição horrível’, escreveu ele, mas ‘aqui também houve e ainda há Progresso. . .’” (LANG, 2011, p. 10).¹⁷⁶ Após a guerra, diferentes intelectuais, mentores de Toynbee, como Lionel Curtis, Alfred Zimmern e Gilbert Murray, mesmo possuindo discordâncias sobre os detalhes da solução dos problemas globais, concordavam sobre a ideia de uma “‘comunidade’ liderada pelo Ocidente, unindo ‘nações em vários estágios de progresso’ por meio do ‘vínculo

¹⁷⁴ Tradução minha: “His first important piece of writing—‘The Philosophy of History, or What the Historian Does,’ read to an Oxford undergraduate club in 1910 or 1911—detailed, in a typical manner, the opposing poles of Victorian social thought: ‘the champions of matter’ and the ‘champions of spirit.’ Ritchie’s ‘hopeless controversy’ became for Toynbee ‘a war, momentous and titanic.’ The phrase was melodramatic, yet it did portend what would become in Toynbee’s career its most demanding dilemma. In the talk, Toynbee characterized materialist ‘science’ by its reliance on ‘determinist . . . laws’ of origin. Its fruitful explanations extended from biology to history.”

¹⁷⁵ Tradução minha: “at Oxford, in Anglican circles, and among British intellectuals more generally, the conflict posed no significant challenge to the social thought of the time. For Toynbee and his mentors, the fighting confirmed both their prewar theoretical framework and its metahistory of global unity. [...] For Toynbee at this time as well, the war simply verified his commitment to evolutionary idealism.”

¹⁷⁶ Tradução minha: “the Oxford classicist J. A. Smith situated the hostilities within the grand synthesis of nature’s “de facto teleology.” A “most horrid self-destruction,” he wrote, but “here, too, there has been and still is Progress . . .”

sacramental' de 'ideias morais'" (LANG, 2011, p. 19).¹⁷⁷ Contudo, a continuidade desse tipo de raciocínio não era total:

Ao contrário de seus mentores, Toynbee começou a ter sérias dúvidas. As demandas intratáveis e, em seguida, o fracasso violento de muitos arranjos pós-guerra o levaram a questionar se a europeização do mundo necessariamente implicava em sua unificação. As diferenças morais apareceram para sobrecarregar a ordem política, e a "civilização" como uma distinção sincrônica pesava muito contra a "civilização" como uma única progressão. (LANG, 2011, p. 20).¹⁷⁸

A partir dessas tensões, Toynbee, com o amadurecimento de suas ideias, principalmente com a escrita de *Study of History*, percebeu que a ideia de uma unificação global de fato, como algo uniforme, era impraticável pelas características peculiares de cada civilização. E ele chegou a vivenciar isso, trabalhando de diplomata com armênios, gregos, árabes e judeus que requeriam território otomano. Seu campo de experiência, que enriqueceu sua escrita mais madura, foi a Primeira Guerra Mundial. Clarke, por outro lado, lidou com as tensões do conceito de civilização por um outro caminho, dando ênfase não ao aspecto histórico relacionado às sutilezas da formação de cada civilização, (entendendo assim as tensões que bloqueavam o caminho do futuro de uma coalizão mundial), mas buscando o elemento de possível superação dessas sutilezas, como dizia o autor, dos aspectos provincianos da história humana. Algo revelado pela experiência da Segunda Guerra Mundial, a possibilidade do voo espacial. A opção palpável para o escape dos dilemas terrenos e do fluxo histórico cíclico. Como bem explicou Poole:

Arnold Toynbee era, em outros aspectos, uma fonte improvável de inspiração para viagens espaciais. Se a experiência formativa de Clarke foi a vitória aliada na Segunda Guerra Mundial, a de Toynbee foi a catástrofe europeia da Primeira Guerra Mundial. "A história pegou minha geração pela garganta em 1914", escreveu ele. Enquanto Clarke lia Toynbee para colocar sua idade em perspectiva, Toynbee leu a História da Guerra do Peloponeso de Tucídides com sua narrativa sombria da ruína da civilização ateniense através da guerra. 'Independente do que a cronologia possa

¹⁷⁷ Tradução minha: "a Western-led "commonwealth," uniting "nations in varying stages of progress" through the "sacramental bond" of "moral ideas."

¹⁷⁸ Tradução minha: "Unlike his mentors, Toynbee began to entertain severe doubts. The intractable demands and then violent failure of many postwar arrangements pushed him to question whether the Europeanization of the world necessarily entailed its unification. Moral differences appeared to overwhelm political order, and "civilization" as a synchronic distinction, weighed heavily against "civilization" as a single diachronic progression."

dizer', percebeu Toynbee, o mundo de 'Tucídides' e o meu mundo tinham se provado agora serem filosoficamente contemporâneos'. (2012, p. 10).¹⁷⁹

Clarke, portanto, subverteu parte da construção narrativa que Toynbee produziu sobretudo nos primeiros volumes de *Study of History*, através do foco em aspectos secundários da análise geral de Toynbee sobre a natureza do processo histórico. Clarke não se preocupava com o passado em toda a sua profundidade histórica, mas sim com uma imagem imóvel e instrumental desse passado, que poderia legitimar sua preocupação real: o futuro. No caso, a válvula de escape teleológica, que ele propôs como forma de substituir as tensões das civilizações em conflito por uma civilização global, personificada na ideia de uma espécie imbuída de um propósito meta-histórico. Algo, que, nas palavras de Toynbee, aparecia nos seguintes termos:

Pela providência de Deus, a conquista histórica do homem ocidental foi fazer algo não apenas para si mesmo, mas para a humanidade como um todo – algo tão grande que nossa própria história paroquial será engolida pelos resultados disso. Ao fazer história transcendemos nossa própria história. (apud POOLE, 2014, p. 10).¹⁸⁰

E, sendo fruto de uma geração ligeiramente posterior, Clarke se via em posição estratégica junto a outros intelectuais para finalmente aproveitar a passagem da oportunidade histórica para acabar com o ciclo descrito por Toynbee. Clarke, assim, agiu imbuído pela ideia do historiador inglês de que aqueles que fossem “corajosos o suficiente para aproveitar as marés vivas da civilização podiam fazê-lo com a certeza que um peregrino tem de seu destino” (POOLE, 2012, p. 10).¹⁸¹ Clarke se via como um membro do que Toynbee nomeou de “minorias criativas”, ou “grupos empreendedores operando nas fronteiras”, trabalhando para o desenvolvimento da civilização ocidental. Enquanto Toynbee “forneceu uma visão profética da história passada, Clarke forneceu uma visão historicamente aprofundada da história futura.

¹⁷⁹ Tradução minha: “There was a paradox here, however, for Arnold Toynbee was in other respects an unlikely source of inspiration for space travel. If Clarke’s formative experience was the allied victory in World War II, Toynbee’s was the European catastrophe of World War I. ‘History took my generation by the throat in 1914,’ he wrote. While Clarke read Toynbee to put his age in perspective, Toynbee read Thucydides’ History of the Peloponnesian Wars with its sombre narrative of the ruin of Athenian civilization through war. ‘Whatever chronology might say,’ realized Toynbee, ‘Thucydides’ world and my world had now proved to be philosophically contemporary.’”

¹⁸⁰ Tradução minha: “Through the providence of God, the historic achievement of western man has been to do something not simply for himself but for mankind as a whole – something so big that our own parochial history is going to be swallowed up by the results of it. By making history we have transcended our own history.”

¹⁸¹ Tradução minha: “Clarke took from Toynbee the idea that those who were bold enough to ride the spring tides of civilization could do so with pilgrimlike assurance of their destiny.”

Juntos, seus trabalhos foram elos cruciais na cadeia de retórica que forneceu a justificativa pública para o programa espacial tripulado americano” (POOLE, 2012, p. 10).¹⁸²

Ambos operaram como intelectuais a partir da tensão entre as visões lineares-progressivas e cíclicas-conservadoras da história que percorriam a época vitoriana através de debates sobre arqueologia, antropologia e, claro, evolução:

Ambos os modelos procuravam dar propósito à história humana e identificar alguma força subjacente que a impulsionava adiante, em face da implicação darwiniana de que a evolução não tinha propósito. Na visão anglicana liberal da história, um padrão mais profundo de progresso ainda podia ser discernido ao longo dos ciclos da história humana, mas neste padrão mais profundo um poder superior estava trabalhando. Clarke foi o herdeiro involuntário desses debates do século XIX. Em sua formadora escrita astrofuturista, ele combinou um modelo progressivo de ciência e tecnologia com um modelo cíclico da história, fazendo-os encaixar-se enfatizando uma ascensão cíclica. A cooptação de Toynbee para a causa astrofuturista foi facilitada pelo fato de que o próprio Toynbee havia absorvido as perspectivas temporais dos geólogos modernos e astrônomos. (POOLE, 2012, p. 11).¹⁸³

O que faltou de teleologia a Toynbee, que com o desenvolvimento dos volumes de *Study of History*, tomou um caminho religioso para tentar superar o fatalismo de sua abordagem cíclica, no discurso de Clarke foi preenchido com a conquista do espaço. A sustentação historiográfica para a construção narrativa de uma história futura como uma continuação natural de um grande processo foi fornecida por Toynbee a Clarke. Talvez por isso tamanha admiração do escritor inglês por esse historiador, pois Clarke já possuía a maioria de suas ideias antes de acessar o que Toynbee escrevia e falava. A diferença a partir do contato com Toynbee foi a confiança adquirida. Clarke não queria se debruçar seriamente sobre a historiografia ou escrever sobre história, mas precisava de um passado seguro para então desenvolver sua narrativa sobre o futuro. Essa continuidade narrativa entre o que

¹⁸² Tradução minha: “Toynbee provided a prophetic view of past history, Clarke a historically deepened view of future history. Taken together, their works were crucial links in the chain of rhetoric which supplied the public justification for the American manned space program.”

¹⁸³ Tradução minha: “This conflict between progressive-linear and conservative-cyclical views of history ran through Victorian debates over archaeology, anthropology, and, of course, evolution. Both models sought to give purpose to human history, and to identify some underlying force driving it forward, in the face of the Darwinian implication that evolution had no purpose.⁶⁵ In the Liberal Anglican view of history a deeper pattern of progress could still be discerned across the cycles of human history, but in this deeper pattern a higher power was at work. Clarke was the unwitting heir of these nineteenth-century debates. In his formative astrofuturist writing he combined a progressive model of science and technology with a cyclical model of history, making them fit together by emphasizing the cyclical upswing. His co-option of Toynbee to the astrofuturist cause was made easier by the fact that Toynbee had himself absorbed the temporal perspectives of modern geologists and astronomers.”

pensava Clarke e o que defendia o tão respeitado historiador inglês é um ótimo exemplo do substrato cultural que alimentava ambos, e que em Clarke era desenvolvido como uma novidade própria do alvorecer de uma nova era:

Essas esperanças foram informadas por uma fé histórica e ideologicamente fundada, comum a europeus e americanos, de que as bênçãos da civilização seguiram o curso do império. Arthur C. Clarke representou a opinião majoritária no astrofuturismo quando declarou, logo após a guerra, que "a viagem interplanetária é agora a única forma de 'conquista e império' compatível com a civilização. No terreno americano, isso significou que até mesmo anti-imperialistas fervorosos, como Carl Sagan, passaram a acreditar na exploração espacial como uma consequência lógica e desejável da história ocidental de contato com novas fronteiras. (KILGORE, 2003, p. 51).¹⁸⁴

A cidade e as estrelas

Quando Clarke finalmente publicou *A Cidade e as Estrelas* em 1956 nos EUA, mesmo ano em que se mudou para o Ceylão (atual Sri Lanka), não significou algo novo em sua carreira em relação ao que já tinha escrito, apesar de pela primeira vez ter mostrado “algum ouvido para estilo e tom” segundo Samuelson (1977, p. 234). Isso se deve principalmente ao fato de a obra ser uma versão aprimorada de *Against the Fall of the Night*, publicado em 1948, mas escrito desde 1937, sendo, portanto, mais um fechamento de um trabalho em aberto para o autor a anos do que um sinal de evolução ou mudança em sua escrita ficcional.¹⁸⁵ Segundo

¹⁸⁴ Tradução minha: “These hopes were informed by a historical and ideological faith, common to Europeans and Americans, that the blessings of civilization followed the course of empire. Arthur C. Clarke represented majority opinion in astrofuturism when he declared, shortly after the war, that "Interplanetary travel is now the only form of 'conquest and empire' compatible with civilization."9 On the American ground this has meant that even ardent antiimperialists, such as Carl Sagan, came to believe in space exploration as a logical and desirable consequence of the Western history of contact with new frontiers.”

¹⁸⁵ Prefácio original completo: “For the benefit of those who have read my first novel, *Against the Fall of Night*, and will recognize some of the material in the present work, a few words of explanation are in order. *Against the Fall of Night* was begun in 1937 and, after four or five drafts, was completed in 1946, though for various reasons beyond the author's control book publication was delayed until some years later. Although this work was well received, it had most of the defects of a first novel, and my initial dissatisfaction with it increased steadily over the years. Moreover, the progress of science during the two decades since the story was first conceived made many of the original ideas naive, and opened up vistas and possibilities quite unimagined when the book was originally planned. In particular, certain developments in information theory suggested revolutions in the human way of life even more profound than those which atomic energy is already introducing, and I wished to incorporate these into the book I had attempted, but so far failed, to write. A sea voyage from England to Australia gave an opportunity of getting to grips with the uncompleted job, which was finished just before I set out to the Great Barrier Reef. The knowledge that I was to spend some months diving among sharks of doubtful docility was an additional spur to action. It may or may not be true, as Doctor Johnson stated, that nothing settles a man's mind so much as the knowledge that he will be hanged in the morning, but for my part I can testify that the thought of not returning from the Reef was the main reason why the book was completed at that particular time, and the ghost that had haunted me for almost twenty years was finally exorcised. About a quarter of the present work appeared in *Against the Fall of Night*; it is my belief, however, that even those who read the earlier

Clarke, “cerca de um quarto do presente trabalho apareceu em *Against the Fall of Night*; é minha convicção, no entanto, que mesmo aqueles que leram o livro anterior descobrirão que este é praticamente um novo romance” (CLARKE, 1956, p. 2).¹⁸⁶ Esse novo romance, entretanto, não foi além das ideias já expressas por Clarke em obras do período ou das ideias que sedimentaram sua formação intelectual. Pelo contrário, se tratou de um livro exemplar sobre o aspecto civilizacional da filosofia da história que Clarke propagou, isto é, trabalhou os fatores históricos da dinâmica de crescimento e decadência de uma civilização a partir das ideias de Toynbee, associando isso a uma reflexão sobre os efeitos da tecnologia nessa dinâmica histórica junto a uma difundida noção de natureza humana comum na ficção científica da época.

A grande especificidade de *A Cidade e as Estrelas*, que diferiu do que Clarke usualmente escrevia na época, é que a temática não girava completamente em torno da conquista do espaço, mas sim das condições de possibilidade para se alcançar essa meta. Inclusive, pela forma que a trama da obra foi construída, imbuída de um intrigante mistério sobre os motivos reais da cidade ser como é, praticamente não foi trabalhado nada sobre o espaço ou a astronáutica na maior parte da trama. Clarke somente se referiu ao mito oficial que contava como a cidade um dia foi um dos maiores entrepostos comerciais de um império galáctico que o nosso planeta fez parte, mas que supostamente acabou de forma trágica com uma invasão alienígena que devastou a Terra. O mundo fora da cidade, portanto, era desconhecido, no máximo suposto após tanto tempo sem contato, e isso impulsionou a história do livro até o seu clímax. Metade da obra, portanto, se volta para dentro, sobre as características dessa complexa civilização em contraste com a construção do personagem principal.

A história se passa na cidade ficcional de Diaspar, narrada por boa parte da obra como a última cidade habitada de um planeta Terra desértico, supostamente colapsado após invasões que teriam destruído completamente o império galáctico, como conta o mito inventado a milênios. A civilização que na história resistia nesta única cidade era toda a humanidade sobrevivente. Entretanto, a vida descrita nesta última morada terrena estava longe do sofrimento da sobrevivência, sendo narrada como uma utopia científicista em que o

book will find that this is virtually a new novel. If not, at least I hope They will grant an author the right to have second thoughts. I promise them that this is my last word on the immortal city of Diaspar, in the long twilight of Earth.”

¹⁸⁶ Tradução minha: “About a quarter of the present work appeared in *Against the Fall of Night*; it is my belief, however, that even those who read the earlier book will find that this is virtually a new novel.”

desenvolvimento tecnológico em todos os níveis garantiria uma estabilidade absoluta em todos os aspectos da vida para todos os cidadãos. Ninguém mais morria, no máximo hibernava de tempos em tempos, ninguém mais nascia, os objetos eram materializados por comandos mentais, a cidade possuía um sistema de auto-manutenção automático, estando protegida por um domo impenetrável, o sistema político era similar a uma oligarquia de sábios direcionados por um computador central super inteligente e todos os cidadãos eram descritos como artistas, pois o trabalho tinha sido abolido graças à robotização. Além disso, a alimentação nem mesmo era uma questão social, pois todos na cidade podiam materializá-la da forma que preferissem. Não existia oposição, conflito ou necessidade alguma.

A estabilidade era tamanha que o sistema já durava um bilhão de anos, ao ponto de a história precedente ao fechamento da cidade ser tratada como uma espécie de mitologia a qual a veracidade era vista como incerta e irrelevante para o presente eterno que viviam os cidadãos de Diaspar, protegidos “do fluxo do tempo”, como é dito na página inicial da obra (CLARKE, 1984, p. 7). O único ponto de dissonância nessa realidade perfeita era o protagonista da história, Alvin. Ele, por um suposto erro técnico no sistema que controlava a natalidade da cidade, foi o primeiro ser humano a nascer em muito tempo sem nunca antes ter vivido. Ele era assim, diferente de todos os habitantes de Diaspar, cujas consciências eram preservadas e de tempos em tempos inseridas em corpos artificialmente criados, que no fim da adolescência psicológica (depois de centenas de anos), lembravam quem eram. A construção do personagem de Alvin, desde o começo da narrativa, focou nos aspectos psicológicos até então não explicados que o levavam a questionar a forma de vida da cidade. Ou seja, a falta de curiosidade dos habitantes sobre o mundo lá fora, a história que os levou até essa situação, o motivo do enunciado trauma psicológico que os habitantes teriam que os fazia ter medo do desconhecido, a falta de criatividade associada à acomodação social da cidade, entre outros aspectos tratados como opostos a tudo o que constituía a identidade de Alvin. Quando descobriu que nunca tinha vivido antes, foi explicado o motivo de sua diferença, mas não se sanou sua fome pelo desconhecido.

A história, já nas primeiras páginas, abordou o problema. O protagonista foi apresentado jogando uma simulação (o tipo de lazer mais popular em Diaspar) que ele levou a ser interrompida, devido ao seu ímpeto de ir aos lugares proibidos da simulação, o mundo externo da aventura subterrânea, que ele ansiava conhecer e seus parceiros de jogo rejeitavam fortemente. Descrevendo a frustração de Alvin com seus colegas nas simulações chamadas de Sagas, Clarke explicou como “Alvin sabia que não adiantava argumentar” com seus amigos,

pois “Ali estava a barreira que o separava do povo de seu mundo, e que poderia condená-lo a uma vida de frustração” (CLARKE, 1984, p. 11). Uma vida em que ele “estava sempre querendo sair, em realidade ou em sonho. Mas para toda a população de Diaspar, o ‘lá fora’ era um pesadelo que não podiam encarar” (CLARKE, 1984, p. 11). Enquanto os cidadãos da cidade eram descritos como pessoas satisfeitas com distrações como as Sagas que “envolviam toda a gama de emoções e continham variações infinitas e sutilíssimas”, para Alvin elas passavam uma “sensação de inconclusão” (CLARKE, 1984, p. 14).

Elas frustravam Alvin, pois “nunca chegavam a uma conclusão, eram sempre pintadas em tela pequena demais. Não havia grandes panoramas, as paisagens inesperadas por que sua alma ansiava.” Além disso, não existia “a sugestão da imensidão onde se haviam realizado as explorações do homem antigo – o vácuo luminoso entre as estrelas e os planetas” (CLARKE, 1984, p. 14). A conclusão a partir disso, que abriu a narrativa que decorre com o capítulo 2, foi que:

Há muito tempo, antes talvez da construção de Diaspar, acontecera alguma coisa que destruíra não só a curiosidade e a ambição do Homem, mas que o trouxera para casa, de volta das estrelas, para refugiar-se, acovardado, no pequeno mundo fechado da última cidade terrestre. O Homem renunciara ao Universo e se encarcerara no ventre de Diaspar. O flamejante e invencível impulso que o arremessara para a Galáxia e para as ilhas de névoa, mais além, havia-se esmaecido. Nenhuma nave havia penetrado no Sistema Solar, por eras sem fim. Em algum lugar, entre as estrelas, os descendentes do Homem podiam estar ainda construindo Impérios e arruinando sóis, mas a Terra a tudo permanecia alheia e indiferente. A Terra, sim, mas Alvin, não. (CLARKE, 1984, p. 14).

Quando o tutor de Alvin, Jeresac, o contou ainda no início da trama o motivo dele ser diferente, as suspeitas se tornaram uma certeza para o protagonista e seu impulso em direção ao desconhecido se aflorou. Apesar da cidade ter sido projetada para possuir dentro de suas “paredes tudo quanto a raça humana pudesse vir a desejar”, Alvin precisava de mais do que a estabilidade que seu tutor tanto prezava (CLARKE, 1984, p. 28). Clarke, portanto, desde o início da obra, deixou claro como sua construção do protagonista, o personagem mais próximo a um humano normal por ter nascido e nunca ter vivido antes, era uma antítese dessa sociedade. E, principalmente, uma antítese em um aspecto crucial do que comumente é compreendido como humanidade, sua natureza histórica. Na utopia de Diaspar, quase todos os aspectos do que se entende como uma existência histórica são inexistentes ou simulados. Alvin foi a primeira pessoa a nascer em pelo menos 10 milhões de anos, como explicou Jeresac a seu pupilo. Os habitantes dessa cidade possuíam tudo o que desejavam, tinham

infinitas opções e não enfrentavam mais a morte em seus anseios de viver. Cada vida durava milhares de anos intercalados por retornos aos “centros de memória” da cidade e, depois de séculos, vinha um novo nascimento para mais uma vida de inesgotáveis possibilidades. As pessoas, geradas artificialmente, nasciam com corpos adultos e envelheciam tão lentamente que mal se notava.

Assim como seus habitantes, a cidade também não sofria com a passagem do tempo, pois seu interior, materializado, não se desgastava. Era uma bolha preservada das ações do tempo, mas também da história. Como explicou Clarke: “Aceitava-se pacificamente, embora ninguém soubesse a razão, que em certa ocasião, entre a chegada dos Invasores e a construção de Diaspar, todas as memórias dos tempos primitivos se tinham perdido” (CLARKE, 1984, p. 29).

A humanidade perdera o seu passado, à exceção de algumas crônicas que podiam ser inteiramente lendárias. Antes de Diaspar tudo era simples – As Origens. Naquele limbo estavam mergulhados, juntos, os primeiros homens que haviam domesticado o fogo e os primeiros a libertar a energia atômica, os primeiros a construir uma canoa de madeira e os primeiros a alcançar as estrelas. No lado remoto desse deserto de tempo todos eram vizinhos. (CLARKE, 1984, p. 29-30).

No processo de fundação de Diaspar, a história foi reduzida a uma imagem estática de um lugar remoto, inalcançável, incognoscível, onde tudo que não era Diaspar era igualmente desimportante, na medida em que era ininteligível para o presente eterno da cidade perfeita. E, mesmo as transformações potencialmente históricas que aconteciam na vida da cidade, não eram de fato um movimento real no devir, decorrente da existência histórica dos habitantes. A variedade possível de expressões culturais da cidade era programada. Como explicou o personagem Khedron, o “Bufão”, os construtores da cidade “não determinaram somente a população; fixaram também leis que governassem a sua conduta. Raramente nos apercebemos que essas leis existem, mas ainda assim nós a obedecemos. Diaspar é uma cultura congelada” (CLARKE, 1984, p. 43). O personagem Bufão, inclusive, era único nessa sociedade e tinha a função de proporcionar um pequeno grau de imprevisibilidade à trajetória desta civilização, pois, segundo ele, não “basta estabilidade. Facilmente, ela gera estagnação e, depois disso, decadência. Os planejadores da cidade imaginaram medidas para evitar isso [...]. Eu Khedron, o Bufão, sou parte desse plano [...]. Digamos que eu introduzo na cidade quantidades calculadas de desordem” (CLARKE, 1984, p. 44). Ou seja, mesmo a mudança era parte da estratégia de escapar do aspecto imprevisível do devir histórico a partir do controle das

variáveis sociais. Como narrou Clarke de forma mais enfática: “Havia-se descoberto, há muito tempo, que sem um pouco de crime e desordem a Utopia logo se tornaria insuportavelmente monótona” (CLARKE, 1984, p. 51). O Bufão era, portanto, um dos agentes designados para evitar a decadência, mesmo que, como tentou mostrar Clarke, isso não fosse suficiente.

Apesar do autor citar que os habitantes da cidade não se entediavam ou angustiavam com suas vidas, pois eram preparados para esse tipo de vida e a cidade continha infindáveis distrações de vários tipos, a questão da estagnação e da falta de propósito são centrais na trama, pois os problemas que gerava o Bufão eram controlados como uma espécie de equação social. Não eram expressões das relações humanas autônomas dentro de Diaspar. Como explicou Clarke, para “homens cujas mentes estavam assim construídas, a existência era absolutamente satisfatória, e também fútil” (CLARKE, 1984, p. 31). Essa constante associação de uma vida de conforto total, sem desafios, segurança absoluta, sem medo da morte e uma ideia de despropósito, futilidade, acomodação, que Clarke repetidamente desenvolveu durante a trama, tem como fundamento uma compreensão de história. Nessa compreensão, se identifica como artificiais os esforços pela busca de uma vida totalmente segura e previsível para todos, quase que identificando que o oposto da sociedade de Diaspar seria o normal da história humana, mesmo que indesejável em vários aspectos, ainda humana. No caso de Diaspar, tal história humana teria praticamente se encerrado com a criação da cidade. Diaspar seria uma forma equivocada de tentar escapar da dinâmica cíclica das civilizações na história.

Levando em consideração a interpretação de Toynbee, essas escolhas e focos narrativos de Clarke que se aprofundam durante a história, passam a fazer mais sentido. A forma como o escritor construiu essa Utopia, pincelando frequentemente a explicação sobre a organização social com críticas a aspectos como estabilidade social, falta de risco, de sentido, de ambições, de medo da morte, remete à visão de Toynbee sobre os estágios das civilizações na história, contudo, como veremos, a partir de um olhar diferenciado de Clarke. A abordagem de Toynbee de forma mais completa é que o historiador:

ofereceu uma interpretação global sobre a ascensão e a queda de civilizações, e procurou identificar os padrões e leis subjacentes do desenvolvimento humano. [...] As mesmas características e padrões se repetiriam no ciclo de vida histórico de todas as civilizações. O caráter de cada uma foi forjado em um episódio inicial formativo de "desafio e resposta." O portador da mudança seria sempre uma "minorias criativa"

que rompeu através do "bolo do costume" para iniciar uma "era de expansão", como os comerciantes de Atenas ou os pioneiros do Renascimento e da Era das Explorações (todos devidamente capitalizados). Essa minoria criativa inevitavelmente se tornaria uma classe governante, que logo começaria a exibir os sintomas sinistros de "decadência". Sempre haveria algum grande choque, cujos efeitos fatais normalmente levariam séculos para se tornarem totalmente aparentes. Toda civilização passaria por um "Tempo de Problemas", envolvendo guerras estrangeiras. Haveria vários ciclos de "retirada e retorno" à medida que suas fortunas fluíam e refluíam, e uma fase conhecida como o "Estado Universal": um império ou ditadura destinada a sustentar toda a civilização, mas destinada, por sua vez, ao colapso. Em algum lugar em tudo isso uma nova minoria criativa estaria trabalhando como fermento, fermentando a próxima civilização: a ascensão do cristianismo das ruínas do Império Romano foi o exemplo clássico. (POOLE, 2012, p. 8).¹⁸⁷

Esse sistema explicativo, criticado durante o século XX em diversos aspectos, seria, segundo Toynbee, verificável de forma mais ou menos precisa em todas as civilizações da história. Para Clarke, entretanto, o aspecto instigante e inspirador da teoria sobretudo para essa obra seria a concepção de "desafio e resposta", pois tal lei da história reforçou conceitualmente sua oposição à ideia colocada desde as primeiras vezes que se propôs a viagem espacial. Não seria melhor alocar todo o recurso e esforço despendido para a conquista do espaço em prol da melhoria da vida na terra? Interpretando a história a partir do conceito de civilização atrelado à filosofia da história como fez Toynbee, a resposta seria não. Quem deu essa resposta, porém, não foi Toynbee, mas sim a ficção e a divulgação científica de Clarke, em que ele expressou sua filosofia da história. Durante o livro, a noção de um desafio inexistente ou de um desafio muito grande foram ideias constantemente acionadas para justificar as diferentes formas da estagnação e posterior decadência das civilizações da obra em relação aos desafios postos, normalmente direcionados a uma ideia de conquista do espaço. Um ótimo exemplo disso é a explicação dada ao protagonista sobre o motivo da Terra ter se convertido em um deserto e a humanidade ter diminuído e se escondido. Se tratou de um desafio que a civilização terrestre não conseguiu responder de uma forma que a elevasse. Clarke narrou que os invasores (o desafio) "foram detidos na batalha final de Shalmirane",

¹⁸⁷ Tradução minha: "offered a global survey of the rise and fall of civilizations, and sought to identify the underlying patterns and laws of human development.[...]The same features and patterns recurred in the historical lifecycle of all civilizations.³⁸ The character of each was forged in a formative early episode of 'challenge and response.' The bearer of change would always be a 'creative minority' who broke through 'the cake of custom' to initiate an 'age of expansion,' such as the traders of Athens or the pioneers of the Renaissance and the Age of Exploration (all duly capitalized). This creative minority would inevitably become a governing class, which would soon start to exhibit the ominous symptoms of 'decadence.' There would always be some great shock, whose fatal effects would usually take centuries to become fully apparent. Every civilization would undergo a 'Time of Troubles,' involving foreign wars. There would be several cycles of 'withdrawal and return' as its fortunes ebbed and flowed, and a phase known as the 'Universal State': an empire or dictatorship designed to shore up the whole civilization but destined in its turn to collapse. Somewhere in all this a new creative minority would be working away like yeast, fermenting the next civilization: the rise of Christianity from the ruins of the Roman Empire was the classic example."

mas a “grande provação havia exaurido a humanidade. Uma a uma as cidades morreram e o deserto rolou sobre elas” (CLARKE, 1984, p. 97). E como explicaria o modelo de dinâmica histórica civilizacional, “a batalha de Shalmirane assinalou o fim das conquistas do Homem e o começo de seu longo declínio” (CLARKE, 1984, p. 123).

A falsa utopia de Diaspar seria, portanto, não um exemplo de conquista civilizacional para as ideias expostas na trama, mas sim uma cápsula de sobrevivência luxuosa, fruto de um desenvolvimento somente tecnológico sem o guia da filosofia da história. Como em *The End of Eternity* (1955), de Isaac Asimov, e outras ficções científicas da época, é a representação da vitória da segurança e da contenção da história, contra uma ideia de natureza humana identificada como constituinte de toda a história humana e potencialmente extrapolável para o novo desafio, a conquista do espaço. A ideia de uma estabilidade da cidade que contém toda a civilização e que se voltou para dentro por medo de olhar para as estrelas ressoa fortemente nesse questionamento posto à astronáutica e nas leis da história de Toynbee. O medo da estagnação e posterior decadência expresso por Khedron, por exemplo, seria vazio de significado, pois como tentou demonstrar Clarke no restante do livro, a decadência já tinha alcançado a civilização de Diaspar. A mesma abdicou de qualquer desafio que poderia levá-la a realizações muito maiores do que as que a cidade conseguiu. E, mais importante, e diferentemente de Toynbee, abdicou de uma existência histórica com propósito, que desse vazão ao que Clarke entendia como a natureza humana que Diaspar reprimiu, e que a humanidade não ficcional poderia reprimir em sua época ao ignorar a busca pela conquista do espaço expressa no programa espacial.

O trauma social alardeado durante metade do livro como o grande motivo do enclausuramento dessa civilização nessa cidade, fazendo todos os cidadãos terem não só medo, mas um pavor paralisante do mundo externo, do desconhecido, não se materializou na vida da cidade somente em medo, mas também em uma indiferença pela busca da aventura. Como narrou o autor sobre Khedron, “o desejo de aventura – com exceção das aventuras do espírito – fora eliminado dele, cuidadosa e completamente, como todos os demais cidadãos de Diaspar” (CLARKE, 1984, p. 57). Essa busca pelo desconhecido, a “centelha de curiosidade”, que, como narrou Clarke, havia constituído no passado anterior à cidade “o maior bem do Homem”, ali não existia. Essa centelha, em Diaspar, era esmagada pelo medo do mundo fora da bolha, pelo “medo do espaço aberto”, como tentou explicar Khedron a Alvin comparando a fobia ao medo de altura. Os cidadãos nasciam com isso. Só quem não tinha tal restrição era Alvin, pois vivia sua única vida até então, era único nessa sociedade.

Quando, finalmente, Alvin descobriu como sair de Diaspar, sua frustração se transformou em uma enorme ansiedade e excitação pela possibilidade de desbravar os caminhos secretos que achou para fora da cidade. Essa curiosidade, que para ele era natural, para Khedron, que o acompanhava, era aterrorizante. Clarke vai então desdobrando as camadas desse arquétipo da natureza humana que ele propaga. Ele narrou a situação de Alvin frente à cápsula de transporte para a outra cidade como se ele estivesse prestes a entrar em um navio à procura do novo mundo. “O sangue disparava em suas veias, as maçãs de seu rosto queimavam febricitantes. Alvim olhou em volta do imenso recinto, tentando imaginar como teria sido nos dias remotos” (CLARKE, 1984, p. 81). E, quando a porta da cápsula se abriu, Alvin que poderia se intimidar pela opção de entrar sem ter como voltar, “mal hesitou. Estava com medo de demorar-se, pois aquele momento ansiosamente esperado talvez jamais se repetisse – e, mesmo que isso acontecesse, talvez sua coragem não correspondesse a seu desejo de conhecimento” (CLARKE, 1984, p. 83). E a realização dessa expectativa, dessa potencialidade que só Alvin possuía entre os cidadãos de Diaspar, nas palavras de Clarke era proporcionalmente semelhante às antigas jornadas empreendidas na época em que a humanidade ainda não tinha se privado do desbravamento pelo medo. Sobre a jornada de Alvin para a cidade que ele não tinha certeza que existia, Clarke narrou que:

Houvera um tempo em que, diariamente, milhões de homens realizavam tais jornadas, em máquinas semelhantes àquela, entre seus lares e seus empregos rotineiros. Desde aquela época, o Homem havia explorado o Universo e retornado à Terra; havia fundado um Império e deixara que ele escapasse a seu controle. Agora uma viagem semelhante estava sendo feita mais uma vez, numa máquina em que milhões de homens desconhecidos e sedentários se tinham sentido inteiramente à vontade. E aquela haveria de ser a viagem mais momentosa que qualquer ser humano empreendera em um bilhão de anos. (CLARKE, 1984, p. 84).

Associando essa figura de um Ulisses moderno,¹⁸⁸ que representaria uma essência do que é profundamente humano, a uma concepção de dinâmica histórica baseada nos ciclos de desenvolvimento civilizacional, Clarke vai construindo durante a obra uma parte crucial do que foi a sua filosofia da história. Quando Alvin finalmente chegou à outra única cidade existente nessa Terra futura além de Diaspar, Lyz, a narração do escritor inglês foi na direção da demonstração de um choque cultural de civilizações. Na nova civilização descoberta pelo desbravador estrangeiro, tanto o desenvolvimento civilizacional quanto a relação com o que

¹⁸⁸ Como são quase todos os seus protagonistas e como é diretamente mencionado em vários livros, inclusive na página 149 deste.

foi entendido como a natureza humana eram distintos de Diaspar. Apesar disso, pelo fato de Clarke tender a uma ideia de civilização humana através da unificação das humanidades pelo conceito de espécie, visto sua expectativa de elevação da escala histórica para um nível cósmico, mesmo a nova civilização encontrada também foi descrita dentro dos limites surgidos da decadência gerada pelos invasores. Isto é, por mais que Liz tenha sido narrada de forma quase oposta a Diaspar, ambas fugiram do desafio da conquista do espaço e da consequente vazão da natureza humana associada a isso. Nesse aspecto, Diaspar e Liz representariam a humanidade como um todo, sem distinções significativas. Mas, apesar disso, as distinções existentes entre as duas na trama são importantes o suficiente para a desconstrução final do aspecto utópico de Diaspar.

Liz era um outro modelo de organização social. Não viviam em cidades, mas sim em milhares de vilas de no máximo mil habitantes espalhadas no interior de uma região de florestas. Suas construções não eram materializadas como em Diaspar, apesar dessa sociedade possuir um desenvolvimento tecnológico de mesmo nível. Os prédios eram baixos, diferentes de vila para vila, a comida era plantada. Apesar de terem superado a necessidade de trabalhar, as pessoas praticavam várias atividades simplesmente por prazer, se ocupando o dia todo. Caminhavam, se relacionavam e cuidavam de vários tipos de animais, valorizavam o canto, a culinária e possuíam uma miríade de culturas diferentes distribuídas entre as vilas, incluindo nisso uma variedade étnica, de forma que as feições físicas poderiam mudar muito de pessoa para pessoa, algo que não acontecia em Diaspar devido à manipulação genética. Além disso, possuíam uma habilidade a mais, a telepatia, que ocupou boas páginas do livro. Mas a diferença mais crucial era no aspecto histórico da existência desse povo. Lyz não era uma bolha que protegia seus cidadãos da ação do tempo. Em Lyz, a reprodução era biológica, as pessoas nasciam, viviam no máximo um século em média e morriam idosas. Os ciclos de nascimento e morte não foram encerrados apesar da tecnologia existir. As gerações se acumulavam, se modificavam, transformavam as possibilidades de vida, as culturas. A morte não era algo a se evitar a todo custo e a história ali não tinha sido apagada ou esquecida, pois o passado estava integrado ao presente de Lyz. Inclusive, mais à frente na obra, essa diferença crucial foi verbalizada pela líder de Lyz, trazendo à tona o vocabulário da filosofia da história de Toynbee:

Há muito tempo, Alvin, os homens procuraram a imortalidade e finalmente a conseguiram. Esqueceram-se de que um mundo que havia banido a morte deveria também banir o nascimento. O poder de estender a vida indefinidamente poderia

trazer satisfação para o indivíduo, mas levava a raça à estagnação. Há muito tempo sacrificamos nossa imortalidade, mas Diaspar ainda mantém esse falso sonho. Foi por isso que nossos caminhos se separaram... e é por isso que nunca mais devem encontrar-se novamente. (CLARKE, 1984, p. 145).

A fala dura de Seranis para Alvin reafirmou na narrativa a conjunção existente para Clarke entre uma noção de humanidade que envolve uma ideia de história e o decorrente sucesso ou fracasso civilizacional. Além da busca pelo desconhecido, da procura pela exploração, são essas diferenças entre as cidades que fizeram Alvin gostar tanto de Liz e originalmente buscar fugir de Diaspar. Alvin admitiu suas motivações profundas para Seranis, quando chegou a Lyz, que remetiam também a um tema comum em Clarke: a solidão da humanidade. Aqui, uma solidão limitada a Alvin, mas que apareceu nas ideias de Clarke fora da ficção como uma questão de toda a humanidade frente ao universo. Alvin explicou isso a Seranis: “ainda que não soubesse disso até agora, sentia-me solitário” (CLARKE, 1984, p. 96). E a narração de Clarke sobre a resposta do protagonista é ainda mais interessante. “Quando respondeu, afinal, não era o explorador indômito quem falava, mas a criança nascida num mundo alienígena” (CLARKE, 1984, p. 96).

Essa é Diaspar para Clarke, uma antítese do humano, uma desvirtuação das tendências que alguém não imortal teria, um certo desejo de conhecimento, mas também de se sentir parte de algo maior. Isso, em Clarke, normalmente recaiu no conceito de espécie humana, que era instrumentalizável em seu discurso somente a partir de uma narrativa histórica totalizante e teleológica. A espécie humana, em seus escritos, costumou aparecer como um guarda-chuva conceitual que eximiu o autor de lidar com as nuances da existência histórica da humanidade aparentes em seu contexto social, e ao mesmo tempo o permitiu projetar um futuro conjunto para a espécie sem de fato lidar com os conflitos históricos que impediriam isso.

Quando a ideia de uma natureza humana retornou à história em seu aspecto de desbravamento, Clarke buscou explicar o papel do medo na constituição dessa tendência pela busca do desconhecido. Alvin, tendo vivido frustrado em Diaspar, só experimentou esse sentimento quando saiu da cidade em direção a Lyz e de novo em Lyz, quando presenciou um meteorito cair perto de onde estava com seu guia. Segundo Clarke, pela “segunda vez em sua vida, Alvin conheceu o medo. [...] Talvez fosse mais um temor respeitoso; ele estava contemplando a face do desconhecido, e era como se já houvesse pressentido que para além das montanhas residisse alguma coisa que ele tinha de ver de perto” (CLARKE, 1984, p. 122). Essa sensação que Clarke buscou descrever quando narrou a trajetória de Alvin em Lyz,

quando confrontada com o retorno dele a Diaspar, evidenciou a construção do amadurecimento do personagem que, finalmente em casa, se sentia mais deslocado e alienígena do que nunca. Seus hobbies, que “antes não haviam conseguido satisfazê-lo, agradavam-lhe agora menos ainda, não lhe despertando qualquer orgulho. A pessoa que os havia criado não existia mais; Alvin parecia ter comprimido toda a experiência de uma vida nos poucos dias que passara fora de Diaspar” (CLARKE, 1984, p. 153).

Ele não era mais o jovem faminto pelo desconhecido que deixou a cidade, portanto, “apagou todos esses produtos de sua adolescência” (CLARKE, 1984, p. 153) que agora, tendo vislumbrado o mundo, não tinham significado. Para o novo Alvin, nada ali tinha significado. “Diaspar esquecera-se de muitas coisas, e entre elas estava o verdadeiro significado do amor. [...] Não existiam emoções reais, paixões profundas, na cidade imortal” (CLARKE, 1984, p. 156). Não havia apreço pelos elementos da vida humana que não “podiam durar eternamente”, que talvez só “vicejassem devido à sua própria fugacidade” (CLARKE, 1984, p. 157). Quando, finalmente, Alvin pôde confrontar a escolha civilizacional de Diaspar frente ao conselho da cidade, seu ataque buscou destacar a ideia de covardia. Por “medo de uma coisa que aconteceu nos primórdios da história”, a cidade havia abandonado a própria história em vez de recomeçar o ciclo rumo à ascensão civilizacional que, na obra, como indica o título, sempre apontou para as estrelas. Contudo, como é explicado na parte final do livro, a própria existência de Alvin e dos outros únicos anteriores era o mecanismo central planejado para evitar a decadência completa de Diaspar, conectando de novo a cidade ao mundo e encerrando o isolamento que evitava o renascimento da história (CLARKE, 1984, p. 203).

Depois da cidade, as estrelas

Esse isolamento entre os dois ramos da civilização humana só se encerrou de fato quando Alvin escapou de Diaspar através de uma nave espacial antiga, escondida embaixo da areia na parte de fora da cidade. Contou para isso com a ajuda de um robô que havia encontrado em Lyz e do computador central da cidade que sabia de sua condição de único e estava programado para ajudá-lo. As cidades, após isso, foram forçadas a se reconectarem, pois não conseguiram conter o artífice do fim da estabilidade de ambas. Esse era o início do fim de uma longa decadência da humanidade, patente sobretudo na forma de vida de Diaspar. Clarke fez questão de narrar como muitos cidadãos da cidade tentaram fugir para o futuro através do sono de cem mil anos que tinham acesso, para renascer séculos depois com o novo

problema solucionado. Segundo o tutor de Alvin, “o fato de tantos de seus cidadãos serem incapazes de encarar o primeiro desafio real em milhões de anos -, era a prova de que Diaspar fracassara” (CLARKE, 1984, p. 231). Como o computador central não estava permitindo mais esse longo sono, esses cidadãos ficavam de mãos atadas, sendo obrigados a encarar a história sendo feita. Curiosamente, foi nesse momento que Clarke inseriu o primeiro sinal de política na trama, narrando como, agora, “três escolas de pensamento faziam-se representar no conselho” (CLARKE, 1984, p. 239): os conservadores, os progressistas e o resto do conselho que era maioria no governo de Diaspar.

Toda a abordagem final da obra, nas últimas cem páginas, visou consolidar o processo de fusão dessas sociedades em termos mais explicitamente alusivos à filosofia da história de Toynbee, para então poder direcionar o processo histórico interior da trama para a ideia de que a conquista do espaço seria inevitável e um caminho civilizacional superior para a nova civilização formada. No sonho de Alvin para o futuro dessa nova civilização, “os melhores elementos de ambas as culturas deveriam ser salvos e fundidos numa cultura mais saudável” (CLARKE, 1984, p. 241), condizente com a nova fase da história da terra agora aberta. Essa cultura, que produziu os bancos de memória que permitiam a vida eterna, para Hilvar, amigo que Alvin fez em Lyz, deveria mudar e destruir seus constructos. “Por mais miraculosos que fossem – talvez o supremo triunfo da ciência que os produzira –, eram criações de uma cultura doente, uma cultura que tivera medo de muitas coisas” (CLARKE, 1984, p. 243). Porém, a conclusão sobre o que deveria ser feito a partir disso, ao contrário do que se poderia pensar, não era buscar logo o espaço, mas sim reconstituir a história não só de Diaspar, mas da humanidade. Como narrou Clarke, ambas as culturas “havia nascido de uma mesma raiz – e haviam compartilhado as mesmas ilusões. Ambas seriam mais saudáveis quando voltassem a olhar, com calma e determinação, para o passado que haviam perdido” (CLARKE, 1984, p. 244).

Esse passado perdido a ser resgatado, porém, não seria o passado em todas as suas facetas, mas sim a narrativa histórica da civilização humana frente ao desafio final, a conquista das estrelas. Entretanto, na reviravolta armada por Clarke, o historiador de Lyz chamado Callitrax, ao analisar os conhecimentos de uma forma de vida criada pelo Império galáctico que Alvin encontrou ao ir ao espaço, desconstruiu toda a mitologia aceita até então sobre o que realmente aconteceu à civilização terrestre. Vanamonde, a criatura alienígena encontrada, era uma forma de existência absurda, tinha a idade da Terra e armazenava conhecimento infinitamente, mas, apesar disso, foi descrito como infantil. Como fonte

histórica, porém, era perfeito, se lembrava detalhadamente de praticamente tudo e assim foi utilizado. O primeiro aspecto abordado pelo historiador foi a questão do Império. A humanidade tinha se espalhado no sistema solar e conseguido alcançar outras galáxias somente devido a ajuda de seres alienígenas superiores, que vieram do espaço profundo e cederam tecnologia e conhecimento. Na nova narrativa, foi contado que o nível de desenvolvimento dessas espécies assustou a humanidade. “O choque foi tremendo, mas provou a têmpera da raça” que, mesmo após o obstáculo, aceitou “o desafio e lentamente elaborou um plano que trazia esperanças para o futuro” (CLARKE, 1984, p. 248). O Homem, narrou Clarke, estava desafiado e “a qualquer custo, ele se lançaria aos limites de sua evolução” (CLARKE, 1984, p. 248).

Esse desafio imposto à civilização humana, isto é, superar a distância intelectual para as outras espécies encontradas no espaço,

consumira as energias da raça durante milhões de anos. [...] A empresa dera ao Homem suas maiores vitórias. Ele banira a doença; podia viver para sempre se desejasse, e ao dominar a telepatia subjugara o mais sutil de todos os poderes à sua vontade. Estava preparado para demandar novamente, confiando em seus próprios recursos, os grandes espaços da Galáxia. Encontraria em pé de igualdade as raças dos mundos dos quais fora afugentado no passado. E desempenharia todo seu papel na história do Universo. Tudo isso fez o Homem. (CLARKE, 1984, p. 248).

O mais interessante, contudo, foi a conclusão do trecho, em que Clarke destacou como essa época foi “a mais grandiosa de toda a história” (CLARKE, 1984, p. 248), uma espécie de era de ouro. Afinal, o desafio que não era pequeno foi posto, encarado, lentamente superado e uma evolução civilizacional foi alcançada de uma forma que “podemos orgulhar-nos – continuou Callitrax – do papel que nossos ancestrais representaram nessa história” (CLARKE, 1984, p. 248). Para a civilização terrestre, o auge do Império, que “durara no mínimo um milhão de anos”, tinha sido a conquista de uma posição ativa como civilização em um novo patamar histórico no universo. Na adaptação à nova escala histórica que Clarke sempre apontou em suas obras como meta, o conceito de civilização se transmutou em uma noção de espécie humana, inclusive observando-se uma intercalação no uso dos dois termos a partir de contextos em que a escala histórica já tinha sido ampliada para além da terra. No Império Galáctico, por exemplo, junto a várias outras espécies, foi contado por Callitrax que a humanidade embarcou em um desafio ainda maior, a criação de uma forma de vida desprovida de corpo físico, e essa existência, depois de milhões de anos de esforço conjunto,

foi criada e levou o Império à catástrofe, dando origem à lenda dos invasores que nunca existiram. Após esse ser de “mentalidade pura” ter sido criado e aprisionado, levando ao fracasso da experiência, uma outra criatura parecida e aprimorada foi criada e, dessa vez, com sucesso. Segundo Clarke, essa foi “a maior realização da civilização galáctica, o Homem desempenhou nela papel importante, e talvez predominante” (CLARKE, 1984, p. 251).

A escala histórica no discurso de Callitrax vai se elevando em direção a um patamar de cada vez mais relevância da espécie humana, mas nesse ponto Clarke fez questão de lembrar da Terra somente para pontuar sua posição cósmica. “Não fiz nenhuma referência à Terra propriamente dita porque sua história representa tão-somente um fio minúsculo numa enorme tapeçaria” (CLARKE, 1984, p. 251). A história humana vai sendo separada da Terra na narrativa, as escolhas, dificuldades, questões que perpassaram os humanos terrestres não eram importantes, pois existia um Império Galáctico e a história do universo que agora o “Homem” conseguia fazer parte. Em uma narrativa cada vez mais totalizante em escala cósmica, a proporção de importância da história terrestre era quase nula. Nessa parte do livro, invariavelmente, o leitor retornaria o pensamento a tudo o que leu sobre Diaspar e mesmo Lyz, pensando sobre como os acontecimentos terrestres eram realmente menores, o quanto as conquistas da tecnologia de Diaspar não eram nada frente aos desafios autoimpostos do Império Galáctico.

O discurso histórico de Callitrax não possuiu nenhuma profundidade histórica, até porque abarcou sempre milhões de anos, somente abordando os grandes desafios e as respostas dadas pela espécie humana ou pelo conjunto de espécies que formavam o Império. Trata-se de uma estrutura narrativa comum a filosofias da história, que aqui foi transposta aos parâmetros estratosféricos do universo imaginativo da ficção científica. O início da decadência também foi explicado por esse artifício. Um desafio foi posto, escolher ficar nesse universo ou partir junto às outras espécies que iriam em busca de um objetivo que a fonte de Callitrax não tinha informações do que era. A humanidade fez sua escolha, como “muitas das raças mais velhas, menos aventureiras, recusaram-se a partir”. O desafio era grande demais, assim a civilização entrou em decadência. Mergulharam a partir daí “num barbarismo supersticioso, ainda que científico, durante o qual distorceu a história a fim de afastar da lembrança sua sensação de impotência e fracasso” (CLARKE, 1984, p. 253).

A distopia de Diaspar, portanto, continha seu caráter distópico não nos efeitos da tecnologia, mas sim na função dada a essa tecnologia no processo de decadência histórica, gerada pela incapacidade da humanidade de sustentar uma posição frente ao universo similar

às outras espécies referidas. Na metáfora sempre usada por Clarke, regrediram ao berço, e para garantirem que não se aventurariam para fora dele, usaram a tecnologia para cortar na raiz o que levaria a humanidade ao fim da infância, a natureza humana, que teria sido bloqueada por um medo que “foi imposto artificialmente” (CLARKE, 1984, p. 258). Segundo narrou Clarke, o espírito humano foi redesenhado, “retirando-lhe a ambição e as paixões mais violentas, de modo que se satisfizesse com o mundo que agora possuía” (CLARKE, 1984, p. 258). *A Cidade e as Estrelas*, portanto, foi uma obra construída em cima de três pilares principais, um modelo de como decorrem os processos históricos de uma civilização, uma noção do que é mais ou menos humano e histórico, e uma concepção de natureza humana centrada na ideia de que a tendência da nossa espécie seria a busca pelo desconhecido.

A grande maioria da trama se tratou disso, mostrar como Diaspar era uma civilização decadente, que lidou com sua decadência de uma forma que só poderia acontecer em uma ficção científica, usando uma tecnologia fora da compreensão para estagnar o movimento do processo histórico impedindo a concretização do ciclo das civilizações. Para isso, tudo o que era humano foi descaracterizado pelo artificial congelamento da história através do fim da morte, e sobretudo a natureza humana foi castrada pela compulsão artificialmente incutida nos cidadãos, que se traduzia no medo do desconhecido. Toda a trajetória de Alvin para fora de Diaspar foi construída como um processo de redescobrimto da história e do que era humano, portanto, uma trajetória também de autoconhecimento para Alvin, que desde o início da trama era o único humano de Diaspar no que Clarke entendia como humano. A redescoberta dessa humanidade teve como ponto crucial o que o autor percebia como central à natureza humana, o aspecto da humanidade que atuaria no modelo de entendimento histórico do autor como um dos motores da história, da transformação da marcha das civilizações em direção ao desafio cada vez maior. Isto é, a busca pelo desconhecido, a curiosidade, a ambição, o desejo de conquista, de elevação do status, em última análise, um desejo de poder, de ir além dos limites postos.¹⁸⁹ Quando Alvin se empossou do desbravador dentro de si, ele então movimentou de novo a história da Terra na trama. Ele acabou com a decadência ao reiniciar o ciclo histórico de ambas as civilizações restantes até então acomodadas na estabilidade.

¹⁸⁹ É interessante notar como o cidadão médio de Diaspar pode ser comparado em alguns elementos ao cidadão médio de Mond na distopia disfarçada de utopia de *Admiravel Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley. Em ambos os casos há uma ideia do que deve ser a alma humana e como a busca por felicidade ininterrupta, conforto, segurança completa, pela eliminação dos desafios, da dor, do perigo e de uma série de características consideradas humanas, era um erro. A grande diferença é que no caso de Clarke a solução para a distopia é diferente devido às concepções do autor, assim como os problemas da sociedade de Diaspar tem motivos diversos e dialogam com um contexto social de produção da obra diferente.

Logicamente, esse é um modelo explicativo limitado, até mesmo pelo que é abordável dentro dessa dissertação, a obra não é um panfleto de propagação de uma filosofia da história. Envolveu várias escolhas narrativas que, inclusive, tornaram esse um dos livros mais divertidos e cativantes para leitura que Clarke já escreveu. É cheio de mistérios, reviravoltas, extravagâncias narrativas, descritivas, e enormes exageros na extrapolação tecnológica, sendo uma das obras de Clarke menos comprometidas com a *hard science fiction*. Além disso, o início de sua escrita remonta a muitos anos antes de sua publicação, o que envolveu um longo e diversificado contexto editorial e social que determinou a complexidade narrativa da obra. Contudo, é visível quando comparado a outros escritos mais antigos de Clarke, que suas ideias não eram substancialmente diferentes em 1956, quando publicou esse livro, do que eram no final da década de 1940. O que se infere é que Clarke adicionou ao seu repertório elementos que o permitiram discutir outros aspectos do que era sua filosofia da história de forma ficcional, com a mesma concretude com que ele já abordava o seu *telos*, a conquista do espaço, em outros textos. *A Cidade e as Estrelas* é, afinal, uma construção fascinante e detalhada de uma complexa organização social futura ultra tecnológica cujo ponto central não é a tecnologia, mas sim as consequências históricas desse desenvolvimento tecnológico para uma civilização e para as relações humanas no interior dessa máquina social, mesmo que o desenvolvimento dos personagens além de Alvin não tenha sido uma preocupação de Clarke. Como em quase todas as suas ficções, o direcionamento da trama estava na discussão de um conjunto de ideias.

Essa construção intelectual, mesmo não tendo tido isso como foco, foi finalizada com um direcionamento ao *telos*, pois o fim da distopia de Diaspar significava a abertura do que Clarke considerava o caminho natural de uma civilização: as estrelas. Quando Alvin finalmente acabou com o isolamento de Lyz e Diaspar, subindo em seguida com a nave para a órbita terrestre, Clarke fez questão de colocar em perspectiva a nova situação histórica e a reação da natureza humana frente ao desafio cada vez maior. Nas palavras de Alvin:

Quando saí de Diaspar pela primeira vez – disse ele – não sabia o que poderia encontrar. Antes, Lyz me teria satisfeito... mais do que satisfeito... e, no entanto, agora tudo na Terra parece tão pequeno e sem importância. Cada uma das descobertas que fiz levantou perguntas maiores e horizontes mais largos. Fico pensando onde isso irá terminar... (CLARKE, 1984, p. 258).

Essa insatisfação, essa insuficiência perene no espírito do desbravador, era fundamental na construção não somente do personagem de Alvin, mas de quase todos os protagonistas de Clarke que comumente representam toda a humanidade. Segundo Clarke, há “uma tristeza especial na realização, na percepção de que uma meta há muito buscada foi finalmente atingida e que a vida tem de ser agora encaminhada para outros fins” (CLARKE, 1984, p. 261). O sentido da trajetória humana para Clarke era sempre o recomeço da busca por um novo desconhecido, um novo desafio, mesmo que a meta fosse vaga ou utópica, pois a jornada era muito mais importante nessa lógica. Alvin, assim, não “estava à procura de lugar algum em particular, mas de um estado de espírito, de uma influência, um estilo de vida” (CLARKE, 1984, p. 261). Contudo, ao final da obra, finalmente Clarke humanizou seu desbravador, que percebeu que “quando satisfeitos o poder, a ambição e a curiosidade, restavam ainda os anelos do coração” (CLARKE, 1984, p. 262). Alvin finalmente sucumbiu aos outros aspectos da humanidade que Lyz oferecia. Segundo narrou Clarke, um “dia a humanidade estaria novamente pronta para o espaço”, mas para Alvin, agora, “seu futuro estava ali, na Terra” (CLARKE, 1984, p. 262). O primeiro passo nessa nova fase da história seria a reconstrução da Terra, pois, para o protagonista, não “estamos prontos para sair rumo às estrelas, e muito tempo se passará antes de podermos enfrentar o desafio outra vez” (CLARKE, 1984, p. 263).

Além de constatar o caráter coletivo da busca por essa metahistória para a humanidade, Clarke remeteu novamente ao ritmo do desenvolvimento histórico, até o ponto em que de novo se poderia seguir o caminho natural para as estrelas. O desafio não poderia ser grande demais, pois a resposta seria insuficiente, levando ao recrudescimento civilizacional. Entretanto, não havia pressa, o ciclo histórico já havia recomeçado. Jaserac comentou que o mundo se “encontrava entre duas épocas; em torno de si, podia sentir a pulsação da humanidade acelerar-se outra vez” (CLARKE, 1984, p. 263). Nesse cenário, a função que Clarke guardou para Alvin era de preparar esse futuro. O protagonista mandou a nave no piloto automático ao espaço à procura do que as outras espécies foram atrás quando abandonaram a galáxia, para um dia voltar e comunicar à humanidade. Seu dever agora era com a terra, “fitando um futuro a que ele dera forma, mas que possivelmente nunca veria.” Alvin era então só mais um em um projeto civilizacional que independia de um indivíduo. Ele seria só mais um expoente dessas civilizações que, agora reunidas na nova marcha da história, formavam o protagonista coletivo perfeito da jornada em direção ao universo: a espécie

humana. E foi com a reafirmação da centralidade desse caminho histórico que Clarke encerrou o livro:

Neste universo, a noite caía; as sombras se alongavam em direção a um oriente que não conheceria outro alvorecer. Mas em outro lugar as estrelas ainda eram jovens e a luz da manhã refulgia; e, pelo caminho que já trilhara no passado, o Homem voltaria um dia a caminhar. (CLARKE, 1984, p. 265).

Capítulo IV – O futuro a qualquer custo

Perfil do Futuro

Quando *Profiles of the Future: An Inquiry into the Limits of the Possible* foi lançado em 1962, o mundo já era um lugar muito diferente em comparação ao começo da década de 1950. Clarke, como todo o planeta, tinha acompanhado com ansiedade o lançamento e a passagem do primeiro satélite artificial pelos céus, o *Sputnik 1*, posto em funcionamento em 1957. Tinha testemunhado a primeira forma de vida a ir ao espaço e o primeiro humano com Yuri Gagarin. O futuro que o jovem Clarke ansiava na fazenda enquanto construía seus foguetes tinha chegado talvez rápido demais. A marcha da história fluía em um ritmo alucinado, mas isso não assustava Clarke, o entusiasmava, o desafiava, e o fazia questionar se o mundo estava preparado para essa marcha. Quando, portanto, ele reuniu e unificou com uma introdução e dois capítulos os artigos escritos entre 1959 e 1961, que compõem o livro publicado no Brasil como *Perfil do Futuro*, Clarke o fez como sua contribuição para o que ele imaginava se aproximar, uma desorientação social frente ao renascimento da história que ele julgava já estar em curso. Assim, na dedicatória da obra, homenageou Hugo Gernsback e, não sem motivo, a dedicou aos seus colegas do Instituto de Estudos do Século XXI. Curiosamente, quando publicado no Brasil em 1970 na coleção Presença do Futuro, o livro foi apresentado como um representante da mesma tradição de publicações de figuras como Hermann Kahn que, em um primeiro olhar, não parece se assemelhar a quem Clarke foi como intelectual, sendo um dos grandes expoentes no século XX da “prospectiva, a ciência da previsão do futuro.”

Segundo Rose Marie Muraru, que fez a apresentação do livro na publicação brasileira, apesar “de possuir menos recursos para suas pesquisas que o propalado Hermann Kahn, Clarke possui mais agudeza pois Kahn é incapaz de elevar-se além de um ponto de vista puramente pragmático.” Ainda segundo ela sobre o livro, “para todos aqueles que desejam não permanecer desprevenidos diante da aceleração tecnológica, talvez seja esse o melhor alerta.” Esta preocupação em prever e especular sobre o futuro em um viés científico se fortaleceu na segunda metade dos anos 1950, apesar de ter sido praticada anteriormente. Uma das nomenclaturas pela qual tal prática ficou conhecida foi a de Futurologia. O termo foi criado pelo professor e cientista político alemão Ossip K. Flechtheim, em 1943, juntando a palavra latina *futurus* e a grega *logia*, significando a ciência do futuro. O termo foi, aos

poucos, substituído ou sinonimizado, sendo chamado de estudos futuros nos EUA, prospectiva na França, ou mesmo prognósticos, na Alemanha. Para diferentes autores, esse fenômeno foi perceptível nos EUA no século XX, logo após a Primeira Guerra Mundial, ou mesmo no fim do século XIX. Independente do período, o surgimento dos *think tanks* especializados nesse assunto visava inserir os EUA nas relações internacionais e trazer o método e o pensamento científico para o campo das políticas públicas e da administração governamental (ANDRIONI, 2010, p. 2).

Apesar de Clarke não estar previamente inserido no campo da futurologia em nível profissional, como era o caso de Kahn, trabalhando para o governo dos EUA já nessa época, o escritor inglês se via como um agente importante na construção do futuro na década de 1950 e 1960 de uma forma que ele mesmo explicou no livro. A obra, mesmo sendo parecida com outras obras de divulgação científica, também pode ser inserida na literatura do campo da Futurologia, sendo essa talvez a classificação mais precisa devido a primeira parte do livro produzida em 1962, que a sustenta e singulariza. Diferentemente de várias obras de ficção e não ficção anteriores que tentaram traçar por meio do artifício da extrapolação cenários futuros, este “livro tem uma finalidade mais realista, embora ao mesmo tempo mais ambiciosa. Não procura descrever o futuro, mas definir os limites dentro dos quais devem situar-se os possíveis futuros” (CLARKE, 1970, p. 9). A definição das condições de possibilidade do porvir, portanto, completa o que foi chamado nesta dissertação de filosofia da história de Clarke, pois nesse exercício ele tenta expor as engrenagens internas da dinâmica da história humana desde o passado até o futuro, permitindo assim a construção de uma narrativa histórica alternativa, totalizante e teleológica, adequada às demandas sociais da Era espacial. Além disso, solidifica seu movimento de proposição do tempo futuro como uma realidade abordável cientificamente.

Como forma de resguardo da seriedade de sua proposta, Clarke começou o livro já explicitando na primeira frase que é “impossível predizer o futuro.” Segundo o autor, “se considerarmos as idades que se estendem diante de nós como um país inexplorado e ainda não cartografado, o que estou tentando fazer é examinar suas fronteiras e chegar a obter alguma ideia de sua extensão” (CLARKE, 1970, p. 9). O interior desse futuro seria cognoscível somente ao alcançá-lo. Clarke então fundamentou seu movimento preditivo no único elemento da realidade presente possuidor do que ele chamou de “leis gerais de extrapolação científica”, a ciência e a tecnologia. Pois como determinou Clarke, “a ciência dominará o futuro ainda mais do que já domina o presente” (CLARKE, 1970, p. 9), o que remete

novamente ao caráter cientificista da filosofia da história do autor. As fronteiras que conterão esse futuro para ele serão sempre calcadas no domínio da ciência e da tecnologia, descritas como um elemento estrutural de conformação da realidade futura, seja ela qual for. Algo que, devido a esse fator, seria previsível, podendo revelar vislumbres do que virá. Por isso, ele explica que seu livro não “trata de escalas de tempo, mas somente de metas” (CLARKE, 1970, p. 12), não fala sobre o quando, mas sobre o que. E foi a partir desses pressupostos que Clarke propôs suas famosas três leis de Clarke¹⁹⁰ e tentou explicar seu método preditivo, produzindo no decorrer do livro a efetivação da predição teorizada como possível.

Em uma abordagem interessante, ainda na primeira página, Clarke estabeleceu um diálogo com quem ele supôs ter feito algo similar ao que foi feito em *Perfil do Futuro* e ao mesmo tempo defendeu sua escolha narrativa para a história humana. Segundo Clarke, “é somente neste campo que a predição se torna de todo possível; há algumas leis gerais que governam a extrapolação científica, assim como tais leis não existem (com a devida deferência a Marx) no caso da política e da economia” (CLARKE, 1970, p. 9). Seguindo o movimento já trabalhado nesta dissertação, de legitimação dos marcos científicos como referenciais para a estruturação de uma narrativa total sobre a história humana, Clarke fez questão de já no início atacar, mesmo que de forma incipiente, os elementos que ele considerava centrais para a estruturação das narrativas históricas tradicionais:

Acredito também – e espero – que a política e a economia deixarão de ser no futuro tão importantes como foram no passado. Chegará o tempo em que a maioria das nossas controvérsias atuais sobre estas matérias parecerão tão triviais, ou tão destituídas de sentido, como os debates teológicos nos quais os mais penetrantes espíritos da Idade Média dissiparam suas energias. A política e a economia tratam do poder e da riqueza, coisas que não deveriam ser os interesses primordiais, e ainda menos os exclusivos, de homens inteiramente adultos. (CLARKE, 1970, p. 9-10).

Na véspera do que Clarke ansiava ser o fim do prelúdio da história humana, a política e a economia poderiam ser desprezadas em nome de um império da ciência que se ergueria incontestemente, quando o novo *telos* histórico fosse estabelecido pela Corrida Espacial. Apesar de

¹⁹⁰ São leis relacionadas à ciência:

1ª Lei: Quando um cientista de renome, mas de idade avançada ou idoso (ou seja, mais experiente) estima que algo é possível, ele está quase certamente com razão. Quando ele diz que algo é impossível, ele está muito provavelmente enganado.

2ª Lei: A única maneira de descobrir os limites do possível é se aventurar um pouco além dele, através do impossível.

3ª Lei: Toda tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da mágica.

inicialmente parecer que tais afirmações se originaram de um sonho cientificista, Clarke propôs um método, no mínimo, heterodoxo. A fim de fundamentar tal método, o autor criou uma mini história da ciência, recorrendo a fatos de descobertas científicas ou falhas nas possíveis descobertas para justificar o ato de predizer o futuro técnico-científico. Ele mostrou casos onde cientistas e não cientistas tentaram predizer o porvir, mas falharam de formas divisíveis em duas classes, “o malogro por falta de ousadia e o malogro por falta de imaginação” (CLARKE, 1970, p. 15). Ou seja, o autor tentou expor como se falhou ao longo da história ao se tentar dizer sobre o futuro e o porquê dessas falhas, justamente para poder defender o método e o perfil de um “profeta” possível que dirá dos limites das possibilidades do futuro.

Esse profeta seria alguém que possui a lógica, o conhecimento necessário, mas também fé e imaginação, pois, segundo Clarke, o “modo de descobrir os limites do possível é aventurar-se um pouco além deles, no impossível” (CLARKE, 1970, p. 36). Seria necessário perceber que muitas conquistas científicas dos “últimos 50 anos foram fantásticas, e somente admitindo que continuarão a ser fantásticas é que temos alguma esperança de antecipar o futuro” (CLARKE, 1970, p. 25). Afinal de contas, o “teor de verossimilhança de um prognóstico não se baseia em primeiro lugar naquilo que alguém espera. É possível se esperar também o inverossímil” (KOSELLECK, 2006, p. 313). Mesmo abrindo o livro de forma ousada, Clarke se esforçou para tentar livrar suas previsões da pecha de absurdas ou ficcionais, mostrando que o desenvolvimento científico na história evidencia um padrão, que se repetiria dentro da dinâmica de avanço científico que ocorre para além das condições de conhecimento racional limitadas ao presente. Em outras palavras, não seria possível a ninguém preso às amarras da historicidade estabelecer metas e delinear as fronteiras das possibilidades futuras somente pela lógica, somente pela imaginação ou somente pela fé. Seria preciso a conjunção dessas características para aquele que quiser abordar a realidade futura apropriadamente.

A proposição de que “somente os leitores ou escritores de ficção científica são realmente competentes para discutir as possibilidades do futuro” surge a partir disso (CLARKE, 1970, p. 10). Para o autor, existia na época uma elite intelectual incompreendida, mas pronta para lidar com o desafio histórico que se avizinhava, e sobretudo, direcionar esse futuro dentro de certos limites. Sua escrita na primeira parte deste livro se dividiu entre explicar seu método e através dessa explicação derivar um arquétipo de um intelectual ideal para compreensão do tempo futuro. Ele percorre as primeiras páginas enumerando exemplos

de falta de ousadia mesmo quando sobrava imaginação. Como no caso de Thomas Edison, que foi ridicularizado na época da invenção da lâmpada, mas logo depois, no caso da corrente alternada, agiu da mesma forma, com a “mesma estreiteza de vistas” (CLARKE, 1970, p. 16). No caso da aeronáutica ocorreu o mesmo, não se acreditava que algo mais pesado que o ar poderia voar e quando finalmente voou, não se acreditou que a tecnologia poderia evoluir a partir daí para transportar passageiros, sendo cada um desses malogros por falta de ousadia demonstrados pelo devir histórico. Eminentíssimos cientistas foram todos desmentidos. O passado recente de Clarke, portanto, dava suporte para compreender o fenômeno da astronáutica e da Corrida Espacial nesses termos, pois também se dizia ser impossível escapar da atmosfera terrestre com um foguete tão pesado.

A produção dessa obra estava inscrita dentro da identificação de uma aceleração do tempo histórico, e é esse pressuposto que incentivou Clarke a buscar na ciência o elemento ao mesmo tempo disruptivo da continuidade histórica e potencialmente indicativo do futuro dessa história, isto é, o motor principal da história. Por isso, Clarke expôs suas concepções acerca da metodologia de conhecimento da dinâmica histórica a partir da tecnologia, que seria um elemento catalisador da transformação histórica. Mesmo que se possa considerar que o âmbito técnico-científico se impôs como o fator sobressalente no encadeamento histórico a não tanto tempo, para Clarke, ele seria o fator decisivo na marcha do desenvolvimento humano de um modo geral, desde o início da técnica. Essa dinâmica da história humana, proposta por Clarke a partir de uma inerente prevalência do âmbito técnico-científico sobre a política e a economia no futuro, quando esse se tornaria o fator histórico central, revelaria as condições de possibilidade do desenvolvimento histórico, pois essas condições estariam intrinsecamente conectadas às condições objetivas do desenvolvimento científico. Já que “a ciência dominará o futuro” (CLARKE, 1970, p. 9), eis o seu imperativo, logo o futuro é estruturalmente previsível, pois assim o é a tecnologia e, portanto, assim caminhará a história, definida pela dinâmica de desenvolvimento do âmbito técnico-científico em relação à humanidade. A época em que ele escrevia seria um momento de culminância da marcha secreta da história, que, entremeada em outros fatores, teria dado vazão na modernidade ao fator central da formação do humano e da história, a ciência e a tecnologia, agora elevadas a uma nova potência. A compreensão desse âmbito do devir histórico permitiria para ele traçar os limites dos possíveis futuros, assim como direcionar o conteúdo desses limites em certo nível.

A ciência, assim, apesar de já ter sido abordada com desconfiança por Clarke em alguns momentos, como quando tratou da clássica temática da inteligência artificial, foi em seu pensamento ferramenta, motivo do desenvolvimento histórico da humanidade, mas também consequência desse processo em sua faceta moderna. Clarke ignorou prazos para essa evolução, como foi destacado, mas deixou claro nesse livro que “tudo o que é teoricamente possível será realizado na prática” (CLARKE, 1970, p. 25). E como uma das suas leis diz que “toda tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da mágica”, na prática, os limites do possível seriam amplos, pois a negação de muitas possibilidades, mesmo as fantásticas, seria impossível por uma limitação epistemológica do escopo de conhecimento presente. Há na sentença que atesta a realização do que é teoricamente possível um imperativo do desenvolvimento da ciência, mas também da humanidade na sua dependência crescente da ciência e da tecnologia. Esse desenvolvimento histórico e científico foi tratado por Clarke tanto como uma consequência inescapável, quanto como uma meta fundamental a ser perseguida pela humanidade. A situação dos possíveis futuros frente à ciência e à tecnologia nos textos do autor expressa uma relação de completa dependência, às vezes de imposição do progresso científico sobre a humanidade, mas sempre colocado de forma otimista. Os múltiplos futuros possíveis dentro dos limites do possível postos por Clarke tem nessa relação com a ciência algo em comum, pois, como veremos, sua narrativa histórica é fortemente teleológica.

Com o início do capítulo 2, em que Clarke alertou sobre o malogro por falta de imaginação, o autor iniciou o processo de solidificação dos dois vetores argumentativos da exposição dessa lógica interna ao devir histórico identificada à lógica do progresso científico. De um lado, ele explicou como a historicidade limitaria as possibilidades de projeção do futuro e, do outro, propôs um método para enganar essa dinâmica histórica pela valorização de características intelectuais que, não coincidentemente, eram as dele e de seus pares. Segundo ele:

Todos os fatos básicos da aeronáutica já estavam disponíveis – nos escritos de Cayley, Stringfellow, Chanute e outros – quando Simon Newcomb “provou” que o voo era impossível. Faltou-lhe simplesmente a coragem de enfrentar esses fatos. Todas as equações fundamentais e princípios das viagens espaciais já tinham sido elaborados há anos – às vezes décadas – por Tsiolkovsky, Goddard e Oberth quando ilustres homens de ciência faziam brincadeiras com os supostos astronautas. Ainda aqui o insucesso em apreciar os fatos não eram tanto de ordem intelectual como de ordem moral. Os críticos não tiveram a coragem que suas convicções científicas lhes deveriam ter dado; [...] A segunda espécie de insucesso profético é menos digna de censura e mais interessante. Surge quando todos os fatos disponíveis são apreciados

e ordenados corretamente, mas quando os fatos realmente vitais ainda não estavam descobertos e a possibilidade de sua existência não é admitida. (CLARKE, 1970, p. 27).

Esses fatos vitais não descobertos somente seriam contemplados pela imaginação. Ele começou argumentando a partir de Augusto Comte, que, em 1835, definiu que as estrelas não poderiam ser mais do que pontos celestes de referência, sem interesse intrínseco para o astrônomo. Contudo, meio século depois, o espectroscópio já tinha sido inventado, revelando a estrutura química das estrelas assim como várias outras características. “Comte não pode ser censurado por não ter imaginado o espectroscópio; ninguém o teria imaginado, ou os instrumentos ainda mais complicados que agora se juntaram a ele no arsenal do astrônomo” (CLARKE, 1970, p. 28). Clarke prosseguiu criando a narrativa dos limites imaginativos na história da ciência e da tecnologia. Como ele explicou, por “sua própria natureza estas descobertas nunca podem ser antecipadas; mas permitiram-nos vencer tantos insuperáveis obstáculos no passado que nenhuma imagem do futuro deve esperar ser válida se as ignora” (CLARKE, 1970, p. 28-29). O mesmo caso de Comte se repetiu com Rutherford e a fissão nuclear do átomo. Cinco anos após sua morte, o que ele dizia ser impossível ocorreu:

O exemplo de Lord Rutherford demonstra que não é o homem que melhor conhece um assunto, sendo mestre reconhecido em seu campo de estudo, que pode dar as indicações mais dignas de confiança com relação ao futuro. Uma carga demasiada grande de conhecimentos muitas vezes emperra as rodas da imaginação; tentei corporificar este fato de observação na lei de Clarke que pode ser formulada da seguinte maneira: “Quando um cientista ilustre, mas idoso, declara que alguma coisa é possível quase certamente tem razão. Quando declara que alguma coisa é impossível muito provavelmente está errado.” (CLARKE, 1970, p. 29).

Clarke não desmereceu o conhecimento científico nesse trecho, somente desconectou a capacidade preditiva da produção do conhecimento científico presente, pois os critérios de cientificidade não eram para ele equiparáveis entre presente e futuro. O futuro seria o *locus* do pensamento ficcional, a porção do tempo histórico em que a realidade só se revelaria através da inventividade da estrutura narrativa futurista da ficção científica, que inclusive se assemelha à futurologia. Clarke queria de certa forma reivindicar esse segmento do tempo histórico para um tipo de intelectual heterodoxo, mas necessário a partir das demandas do tempo futuro em uma época de aceleração histórica. Ainda sobre a questão, ele explicou que:

Imaginação demais é muito mais raro do que imaginação de menos; quando ocorre, em geral leva o seu infeliz possuidor a frustrações e insucessos, a não ser que seja bastante sensato para somente escrever sobre suas ideias e não tentar realizá-las. Na primeira categoria encontramos todos os autores de ficção científica, historiadores do futuro, criadores de utopias, os dois Bacons, Rogério e Francisco. Frei Rogério (1214-1292) imaginou instrumentos ópticos, barcos impelidos mecanicamente e máquinas voadoras, aparelhos muito além da tecnologia existente ou mesmo previsível na sua época. (CLARKE, 1970, p. 30).

Após citar um trecho com alguns dos constructos imaginados por Frei Rogério no século XIII, Clarke defendeu que essa capacidade imaginativa seria o “triunfo da imaginação sobre o fato bruto” (CLARKE, 1970, p. 30). Tudo o que foi imaginado por Rogério nesse trecho se realizou, “contudo, na época em que foi escrita era mais um ato de fé do que de lógica. É provável que todas as previsões de longo alcance, se forem exatas, devam ser dessa natureza. O futuro real não é logicamente previsível” (CLARKE, 1970, p. 30). A lógica não reina sobre a imaginação quando se trata do tempo que só existe na expectativa. A revelação desse vir a ser do futuro, mesmo que só em seus limites, esbarraria na barreira da inserção histórica do profeta pautado unicamente pela lógica do conhecimento científico formal. Por isso, não só a imaginação tinha função primordial no método, mas também a fé. Uma crença corajosa, livre da razão, mas fundada em uma intuição calcada na realidade presente. Clarke não se privou de dizer que era necessário extrapolar o que parece razoável por meio da fé, porque para ele nada suficientemente avançado tecnologicamente parecerá razoável dada a marcha que o tempo histórico tomou. Em suas palavras:

Enquanto escrevia essa introdução encontrei casualmente a resenha de um livro russo um tanto prosaico sobre o século XXI. O eminente cientista britânico que escreveu a crítica julgou a obra extremamente razoável e as extrapolações do autor muito convincentes. Espero que esta acusação não me seja feita. Se este livro parecer completamente razoável e todas as minhas extrapolações forem julgadas convincentes, não terei tido sucesso em olhar muito longe para frente; pois o único fato a respeito do futuro sobre o qual podemos estar certos é que ele será completamente fantástico. (CLARKE, 1970, p. 13).

As extrapolações extravagantes que sempre pesaram contra a alcunha de científica no nome ficção científica, para Clarke, não seriam sinal de fantasia em muitos casos, mas sim de projeção do futuro longínquo, pois, o apego completo à verossimilhança em uma extrapolação sobre o futuro seria o mesmo que negar a assumida aceleração do tempo histórico. O fantástico não viria da quebra com a realidade, mas sim da capacidade de identificar os sinais

da marcha do desenvolvimento tecnológico e histórico, que, segundo Clarke, levariam a algo necessariamente fantástico. Pensado a partir da tese de Koselleck (2006, p. 314), de que na era moderna a diferença entre experiência e expectativa aumentaram progressivamente, a ponto de só se poder conceber a modernidade como um tempo novo a partir do período em que as expectativas passaram a afastar-se cada vez mais das experiências feitas até então, pode-se dizer que Clarke tentou pensar como manter viva a capacidade de prognóstico mesmo no extremo do afastamento do espaço de experiência e do horizonte de expectativa. Como colocou Koselleck sobre o surgimento das filosofias da história, a partir da necessidade de se escrever a história como "sistema", e não como "agregado", as "teorias e filosofias da história passaram a brotar do chão como cogumelos", tendo "a missão de fornecer as categorias adequadas para ultrapassar a limitada experiência diária rumo ao seu contexto universal." (2006, p. 292). Clarke, portanto, construiu um método fluido para reconectar o futuro ao todo histórico desconjuntado, um método que permitiria ao profeta olhar por cima do muro da imprevisibilidade. "Só podemos preparar para o imprevisível esforçando-nos por manter um espírito aberto e livre de preconceitos, façanha extremamente difícil de realizar, mesmo com a maior boa vontade do mundo" (CLARKE, 1970, p. 31-32). Entretanto, a abertura completa do espírito como citado seria impossível dentro dos limites da historicidade moderna. Clarke então sugeriu o seguinte:

Na verdade, um espírito completamente aberto seria um espírito vazio, e a ausência de todo preconceito e prejulgamento é um ideal inatingível. Contudo, há uma forma de exercício mental que fornece um bom treinamento básico para pretendentes à profetas: quem quiser enfrentar o futuro deverá viajar para trás em imaginação o período correspondente à duração de uma vida – digamos até 1900 – e perguntar a si mesmo até que ponto a tecnologia de hoje seria, não meramente incrível, mas incompreensível, para os mais argutos cérebros científicos daquele tempo. (CLARKE, 1970, p. 32).

Esse exercício imaginativo era uma extensão de uma das leis de Clarke já propostas. "Toda tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da mágica." Porém, Clarke admitiu que tecnologias suficientemente avançadas ao ponto da incompreensão começaram a surgir a não tanto tempo, quando, de fato, a aceleração teria se acentuado. "O ano de 1900 é uma boa data para ser escolhida porque foi exatamente por essa ocasião que a ciência tomou um impulso infernal. [...] O colapso da ciência clássica realmente começou com a descoberta dos raios X por Rontgen em 1895" (CLARKE, 1970, p. 32). Em seu imaginário de descobertas científicas disruptivas estavam "a radioatividade, a estrutura interna do átomo, a

relatividade, a teoria quântica, o princípio de indeterminação...” (CLARKE, 1970, p. 33). Todas, surgidas em certa época já marcada pela aceleração do tempo histórico, que descolou as expectativas da experiência. Sendo esse processo, segundo ele, decorrente da ciência e da tecnologia. Para o autor:

os dispositivos técnicos do nosso mundo moderno podem ser divididos em duas classes nitidamente definidas. De um lado estão aquelas máquinas cujo funcionamento teria sido completamente entendido por qualquer dos grandes pensadores do passado; de outro lado aquelas que seriam inteiramente desnorteantes para os mais finos espíritos da Antiguidade. E não apenas da Antiguidade; há agora dispositivos, apenas começando a ser postos em uso, que teriam deixado loucos Edison ou Marconi, se tentassem aprofundar-se no seu modo de operar. [...] Mas suponhamos, agora, que se defrontassem com um aparelho de televisão, um computador eletrônico, um reator nuclear, uma instalação de radar. Mesmo deixando de lado a complexidade destes aparelhos, os elementos individuais de que são compostos seriam incompreensíveis para qualquer homem nascido antes deste século. Qualquer que fosse seu grau de cultura ou inteligência, não possuiria o arcabouço mental que pudesse acomodar os feixes de elétrons, os transistores, a fissão atômica, os guias de ondas e os tubos de raios catódicos. (CLARKE, 1970, p. 33).

A exposição dessa limitação imaginativa somente arbitrável pelo protótipo de profeta de Clarke não visou no final dos capítulos iniciais somente recolocar a questão. Esse tipo de argumentação teve a função também de descolar esse ponto extremo da modernidade que Clarke julgava viver da história antecedente. Passar uma sensação sobre a experiência do tempo a partir da chave da incomensurabilidade, ou seja, destacar um ponto da história, que na visão de Clarke seria necessariamente a história do progresso técnico, em que tudo é possível a ação humana. Em que qualquer futuro seria plausível, em suma, um tempo propriamente moderno em que o poder da engenhosidade humana poderia finalmente moldar em um novo nível a história. Sobre a fissão nuclear, por exemplo, ele se perguntou: Como “se explicaria a Arquimedes que o resultado seria uma devastação maior do que a produzida por todas as guerras entre os troianos e os gregos?” (CLARKE, 1970, p. 34). O horizonte da conquista do espaço seria só o ápice de um processo evolutivo no coração da história, em que cada conquista técnica do espírito humano atestaria o processo teleológico rumo à meta capaz de alavancar o devir a um novo patamar de experiência histórica. Um patamar que, ainda nesse livro, se traduzirá na concepção de Renascimento histórico de Clarke. O futuro, portanto, seria sempre o mais importante, pois nada seria comparável ao próximo passo da inventividade humana nessa concepção. Nada no passado, em perspectiva, superaria uma

tecnologia semelhante à magia, ou seria capaz de se comparar ao seu *telos*, o fim da infância, a capacidade humana de escapar de sua prisão terrena através de sua própria agência.

Suponhamos que chegássemos a um cientista do fim do século XIX e lhe disséssemos: Aqui estão dois pedaços de uma substância chamada urânio 235. Se o senhor as mantiver separadas nada acontecerá, mas se as juntar subitamente liberará uma quantidade de energia tão grande como a que se obteria pela combustão de 10.000 toneladas de carvão. Por maior largueza de vistas e imaginação que tivesse o cientista anterior ao século XX teria dito: Que absurdo! Isto é mágica, não ciência. Estas coisas não acontecem no mundo real. Por volta de 1890, quando os alicerces da física e da termodinâmica foram (ao que parecia) estabelecidos com segurança, ele lhe teria dito exatamente por que era absurdo. A energia não pode ser criada a partir do nada, teria dito. (CLARKE, 1970, p. 34).

Os feitos da era moderna, portanto, seriam nessa narrativa surreais em relação ao passado, que nada tinha a oferecer a esse presente e futuro além da referência do quão incomensurável é e será o nível da história humana frente à história precedente. Sobretudo quando a conquista do espaço se efetivasse. Para fortalecer no fim a imagem dessa dinâmica histórica, Clarke chegou a criar um quadro em que a coluna da esquerda mostra desenvolvimentos científicos que surgiram inesperadamente e a coluna da direita expõe conquistas que eram esperadas a muito tempo e ainda não ocorreram. Segundo ele, apresentando o que pretendia fazer no restante do livro:

A lista da direita é deliberadamente sugestiva; inclui tanto pura fantasia quanto especulação científica séria. Mas o único modo de descobrir os limites do possível é aventurar-se um pouco além deles no impossível. Nos capítulos que se seguem, isto é exatamente o que espero fazer; mas tenho muito receio de que, de vez em quando, eu mesmo venha a mostrar falta de imaginação, quando não de ousadia. Porque quando olho para a coluna da esquerda percebo alguns itens que apenas há dez anos atrás eu os teria julgado impossíveis... (CLARKE, 1970, p. 35-36).

O Renascimento histórico

O restante do livro, depois do segundo capítulo, não foi escrito em 1962 quando a publicação se deu, no máximo sofreu modificações em um capítulo ou outro para parecer mais coeso. Esses capítulos eram artigos, textos curtos publicados em diversos meios diferentes, mais ou menos relevantes, cuja coesão entre eles viria do enquadramento como um prognóstico de algum elemento tecno-científico do futuro. A introdução e os capítulos 1 e 2 deveriam explicitar a suposta coesão dos outros capítulos, contudo, o livro não é coerente o

suficiente com sua proposta. Muitos capítulos não são exatamente prognósticos, talvez mais divagações, outros não se sustentam através do método prognóstico proposto, funcionando mais como apostas sobre o futuro. Entretanto, pela situação editorial da publicação desses textos, esses problemas eram esperados, não atrapalhando a proposta de forma geral e nem a análise aqui colocada. Como o método de Clarke supunha a extrapolação para além do possível, o que parecesse ser fantasioso faria parte do processo, mesmo gerando desconfiança. Existem capítulos, portanto, normalmente colocados depois de capítulos mais sérios, que contêm ideias absurdas, mas conscientemente formuladas. A escrita de Clarke opera durante o livro como um pêndulo se movendo constantemente entre a ciência e a ficção. A limitação da metáfora está no fato de que o pêndulo de Clarke balançou muito mais para o lado da ficção, pois é lá que se poderia dizer sobre o futuro.

Nosso objetivo com o restante da obra, porém, não é avaliar esse movimento preditivo de Clarke, do mais verossímil ao menos provável, mas sim aproveitar o exercício profético do autor para expor o núcleo da filosofia da história que subjaz os textos do livro, mesmo se tratando de textos originalmente isolados. Por isso, os capítulos não serão analisados um por um, mas sim evocados na medida em que expressam essa filosofia da história em seus múltiplos níveis e elementos, já que esse livro é a fonte mais completa para a compreensão dessa filosofia da história. Especialmente o aspecto teleológico dessa filosofia, que conforma os possíveis futuros de Clarke que sempre orbitam em torno da ideia da conquista do espaço. Alguns capítulos, assim, ganharam menos atenção, pois são tão experimentais que não negam nem acrescentam a essa filosofia da história. Fazem algum sentido dentro do livro, mas são poucos e díspares demais comparados com a maior parte da obra que trabalharemos. Não teria relevância para essa dissertação, por exemplo, lidar com o capítulo 15 em que Clarke explicou como a diminuição do corpo humano a nível microscópico ou aumento ao nível de gigantes não seria possível. Um tópico que por muitas vezes apareceu na fantasia e na ficção científica e que, por isso, Clarke julgou poder anexar ao livro. Mas que, pela ideia da obra, configura um assunto no máximo ilustrativo, algo complementar na tentativa de desvelar os limites do futuro.

Como a intenção do livro, demarcada em seu início, se originou da prática intelectual que Clarke já cultivava, os capítulos que se seguiram mantiveram o mesmo método de justificação da predição do futuro do começo do livro. Isto é, desenvolver uma extrapolação futura de um aspecto da ciência ou da tecnologia do presente e no decorrer do argumento solicitar ao leitor um passo atrás nos seus critérios de julgamento, para colocar em perspectiva

histórica a proposição potencialmente fantasiosa, a pretexto de uma superação das limitações epistemológicas do conhecimento do futuro que fariam a proposição parecer fantasiosa. Logo no capítulo 3, portanto, em que analisou as múltiplas possibilidades dos transportes futuros e como as cidades poderiam se adequar, Clarke questionou o aspecto físico e psicológico dos habitantes dessas cidades futuras, mas justificou sua predição dizendo como também seria difícil para alguém de 1800 sobreviver a uma cidade atual (CLARKE, 1970, p. 44). A ideia é que, para se conceber “alguma coisa tão nova que nem mesmo tem nome”, seria necessário ter em mente que essa coisa pode “fazer o futuro tão estranho a nós como nosso mundo de superestradas de rodagem e aeroportos gigantes teria sido para um homem de 1890” (CLARKE, 1970, p. 53). O aspecto fantástico da sugestão de carros voadores, como Clarke fez no capítulo 4, seria mais verossímil à medida em que esse método de predição do futuro fosse levado em conta, ou seja, o necessário teor imaginativo de qualquer predição do futuro distante. Pois, se “estas ideias parecem um pouco forçadas, é porque ainda pertencemos à idade da roda e nossos espíritos não se libertaram de sua tirania” (CLARKE, 1970, p. 57).

Sobre a questão da “anti-gravidade”, a ideia foi a mesma. Por mais que essa conquista científica estivesse “além do horizonte atual da ciência”, existiria uma “regra geral que toda vez que existe uma necessidade técnica alguma coisa sempre vem a ser produzida para satisfazê-la ou ultrapassá-la” (CLARKE, 1970, p. 74). Com o tempo necessário, a humanidade para Clarke poderia alcançar tudo teoricamente possível. Além da crença na capacidade humana de criação, a compreensão do tempo histórico que ele apresentou foi quase sempre de longo prazo, pois é esse o tempo das ciências que lidam com a natureza, que Clarke tentou fundir à história. As possíveis contestações sobre as predições esbarrariam sempre nesse tempo longo que permitiria tudo a uma humanidade cientificamente capaz. Em sua argumentação durante o livro, o tempo de longa duração foi constantemente um aliado da expectativa utópica de criação de tudo o que for possível, de controle e conhecimento de todos os níveis da natureza, em suma, de ordenamento do futuro ao sabor da vontade humana. Um ótimo exemplo é o poema de Matthew Arnold,¹⁹¹ que Clarke usou para explicar sua ideia no capítulo 11, *The Future*:

Matthew Arnold descreveu o homem como um peregrino nascido em um navio, arrastado pelo rio do tempo. Ao longo de toda a história, este navio tem andado

¹⁹¹ Matthew Arnold foi um poeta e crítico britânico, um dos críticos literários e de costumes em que a Inglaterra Vitoriana melhor se espelhou. Matthew Arnold foi um poeta prolífico e um intelectual voltado para a democratização do ensino.

desgarrado, sem leme e descontrolado; agora talvez o homem esteja aprendendo a pôr em movimento os motores. Estes nunca serão suficientemente poderosos para vencer a corrente; no máximo retardarão a partida e conseguirão dar melhor visão das terras ao redor e dos portos que deixou para sempre. Ou pode acelerar a marcha do navio e lançar-se rio abaixo mais rapidamente do que a corrente o levaria. (CLARKE, 1970, p. 160).

Para Clarke era como se o período em que vivia fosse uma transição entre o período em que os humanos viviam sob o jugo da sobrevivência, impotentes frente aos desígnios da natureza e também da história, e o momento em que “todo homem, quase literalmente, possuirá qualquer coisa que deseje” (CLARKE, 1970, p. 177). Seu diagnóstico era que mais “de 2 milhões de homens-anos foram gastos nesta batalha ao longo das idades contra a natureza e somente nas últimas quatro ou cinco das 50.000 gerações da humanidade a carga começou a ser aliviada” (CLARKE, 1970, p. 177). O ser humano estava finalmente tomando o controle do navio como sugeriu a metáfora anterior e, para Clarke, o mais racional seria acelerar rio abaixo em vez de tentar voltar contra a corrente em busca do que já passou. Segundo o autor, “chegará o tempo em que um míssil balístico intercontinental não parecerá mais rápido do que o carro de guerra dos Assírios. Os três mil anos que medeiam entre eles são apenas um momento na extensão total da história, passada e futura” (CLARKE, 1970, p. 87). Essas comparações entre passado, presente e o potencial futuro exerciam uma função importante na argumentação do autor e, por isso, se repetiram tanto. Elas recolocavam o tempo do universo na discussão sobre a perspectiva histórica normalmente vista a partir da história humana, atrelavam o desenvolvimento tecnológico à passagem do tempo como um marco do progresso e um símbolo da aceleração desse progresso pela ação humana; e, principalmente, expressavam como a história até então seria uma espécie de pré-história, um esboço, incomparável com o que estaria por vir, caso a humanidade tomasse suas rédeas.

Para tornar esse último ponto evidente, Clarke usou o capítulo 8, um texto pouco preditivo, mas revelador do suporte de ideias que garantiram esse exercício de predição. Como bem observou Poole, as ideias de Clarke comportavam três modelos gerais de mudança histórica: uma “teoria dos estágios da história uma teoria do progresso baseada na tecnologia e um modelo de “salto conceitual” de iluminação” (2012, p. 5).¹⁹² O capítulo 8, denominado “Um Novo Renascimento”, é um exemplo dessa última categoria. Na narrativa histórica que Clarke construiu para sustentar sua filosofia da história, em sua projeção ao futuro, o passado

¹⁹² Tradução minha: “Clarke’s ideas drew on three general models of historical change: stage theories of history, technology-based theories of progress, and ‘conceptual leap’ models of enlightenment.”

não foi delineado como um processo unicamente progressivo, por mais que a imagem mental do progresso ilustre bem a visão de Clarke da história em sua versão panorâmica, quando estendida longamente ao futuro. A imagem criada por Clarke da totalidade histórica é similar a uma escada disforme, que, quando vista a uma longa distância, parece uma linha reta que se torna com o tempo cada vez mais perpendicular ao plano. Mas que, olhada mais de perto, possui degraus de alturas e comprimentos assimétricos, cada vez maiores à medida que se aproximam do presente. Clarke foi um exemplo ideal do que explicou Paolo Rossi sobre a história das concepções sobre o tempo. Segundo ele:

É deveras difícil aceitar como válida ainda hoje a drástica contraposição presente em Karl Lowith ou em Mircea Eliade entre o tempo linear da modernidade e o tempo cíclico dos gregos. As relações entre as duas visões do tempo complicaram-se enormemente: mostraram a presença de um entrelaçamento onde se havia teorizado uma rígida dicotomia. A convivência entre as duas imagens do tempo foi por certo difícil e a incompatibilidade entre elas foi sem dúvida observada por muitos. Mas isso certamente não equivale a eliminar o fato histórico da presença simultânea dessas duas imagens numa mesma cultura ou num mesmo pensador. (1995, p. 42).

Mesmo que na perspectiva ampla a linha do processo histórico de Clarke aponte para cima, quando visado em um escopo temporal um pouco mais reduzido, esse devir histórico seria marcado por renascimentos. Saltos no desenvolvimento histórico gerados ou por ideias científicas ou por invenções que teriam criado pontos de inflexão no processo histórico. Os renascimentos seriam a quebra na continuidade histórica que criaria um novo patamar. Segundo ele, portanto:

Há quatro séculos e meio a civilização europeia começou a expandir-se para o desconhecido, em uma lenta mas irresistível explosão alimentada pelas energias do Renascimento. Depois de amontoarem-se durante mil anos em redor do Mediterrâneo, os homens ocidentais descobriram uma nova fronteira além do mar. Conhecemos o próprio dia em que a encontraram e o dia em que a perderam. A fronteira americana foi aberta em 12 de outubro de 1492; fechou-se em 10 de maio de 1869 quando o último prego foi pregado na Estrada de Ferro Transcontinental. (CLARKE, 1970, p. 101).

O conceito de renascimento histórico no pensamento de Clarke possuía uma conexão profunda com o *telos* que o autor propôs. Esse *telos* de sua filosofia da história, a conquista do espaço, seria a nova fronteira, comparável ao que a “fronteira americana” foi antes, uma meta histórica supostamente global que desencadeou um renascimento que teria direcionado o devir

para um estágio superior da experiência histórica. Dessa concepção se originou o diagnóstico de Clarke sobre sua época, de que ela seria “a primeira idade que não tem fronteiras novas em terra ou em mar”, demarcando ainda que “muitas das nossas dificuldades derivam desse fato” (CLARKE, 1970, p. 101). Como apareceu em outras obras analisadas nesta dissertação, Clarke se via em um momento decisivo da história: o fim de uma era expresso pela sensação de “perda do desconhecido”. Citando o historiador Walter Prescott Webb,¹⁹³ Clarke explicou essa sensação: “O fim de uma época é sempre marcado pela tristeza... Os homens estão esquecendo a fronteira mais do que as palavras podem exprimir. Durante séculos ouviram seu apelo, suas promessas, e apostaram a vida e a fortuna para atravessá-la. Agora não atraindo mais...” (CLARKE, 1970, p. 102). Contudo, como bom profeta, Clarke enxergava além do que historiadores como Webb, ou mesmo Toynbee, podiam ver. O “lamento do professor Webb”, segundo ele, “é alguns milhões de anos prematuro”, pois o “caminho para as estrelas foi descoberto a tempo” (CLARKE, 1970, p. 102). A humanidade poderia dar outro salto antes de ter que se preocupar novamente com a decadência civilizacional. Não só poderia, como deveria. Segundo o escritor inglês:

A civilização não pode existir sem novas fronteiras; precisa delas física e espiritualmente. A necessidade física é evidente: novas terras, novos recursos, novos materiais. A necessidade espiritual é menos aparente, mas a longo prazo é mais importante. Não vivemos só de pão; necessitamos de aventura, variedade, novidade, romance. Como os psicólogos mostraram em experiências de privação dos sentidos, o homem tornar-se-á rapidamente louco se for mantido isolado em um quarto silencioso, escuro, completamente separado do mundo exterior. O que é verdade com relação aos indivíduos é também verdade a respeito das sociedades: também elas tornam-se insanas sem suficiente estímulo. (CLARKE, 1970, p. 102).

A estrutura conceitual de explicação da dinâmica histórica por meio do processo cíclico de desenvolvimento civilizacional, que Clarke pegou emprestado de Toynbee, foi posta aqui a serviço de uma perspectiva histórica fortemente teleológica, diferente do que propôs Toynbee. A decadência, que nas civilizações elencadas por Toynbee sempre chegava em algum momento, em Clarke poderia ser superada por um renascimento provocado pela descoberta e direcionamento civilizacional em prol de uma nova fronteira. Mas como foi explicado, além da linha do processo histórico construído por Clarke se diferenciar por saltos

¹⁹³ Walter Prescott Webb foi um historiador norte americano conhecido por seu trabalho sobre o Oeste americano. Como presidente da *Texas State Historical Association*, ele lançou o projeto que produziu o *Handbook of Texas*. Ele é membro do *Hall of Great Westerners*, que faz parte do *National Cowboy & Western Heritage Museum*.

evolutivos e novos patamares, ela também era exponencial. A nova fronteira, a conquista do espaço, seria comparável à antiga fronteira só em um aspecto formal, pois o efeito dessa possível conquista seria disruptivo em um novo nível em comparação ao efeito das antigas conquistas. O desenvolvimento tecnológico e a aceleração histórica, associados à escolha civilizacional certa, levariam a desdobramentos de um grau incomensurável e em um tempo cada vez mais curto. “A fronteira do espaço é infinita, está além de toda a possibilidade de esgotamento; mas a oportunidade e o desafio que apresentam são ambos totalmente diferentes de tudo o que encontramos em nosso próprio mundo no passado” (CLARKE, 1970, p. 102). O *telos* dessa filosofia da história seria um guia plausível para os esforços da humanidade justamente pela impossibilidade de sua realização completa. A função de uma meta nessa concepção de história era direcionar a trajetória humana presente para um futuro conjunto, que libertasse a história humana do ciclo das civilizações que recai na decadência, uma história futura não fragmentada e potencialmente significativa para a humanidade como um todo:

As descobertas das primeiras explorações, as lutas dos pioneiros para se estabelecerem nos outros mundos, tudo isto pode inspirar um sentimento de finalidade e de realização entre aqueles que permanecerem em casa. Saberão, ao assistir à televisão, que a história com H maiúsculo está começando de novo. O sentido da maravilha que já quase perdemos voltará a vida; e igualmente o espírito de aventura. [...] O mito do Far-West, que nunca existiu, foi criado para preencher o vácuo de nossas vidas modernas, e preenche-o bem. Mais cedo ou mais tarde, contudo, cansamo-nos de mitos (muitos de nós há bastante tempo estamos cansados desse mito), e então é tempo de procurarmos um novo território. (CLARKE, 1970, p. 104).

Essa “história com H maiúsculo” seria para Clarke a única forma de experiência humana capaz de preencher na alma da espécie o espaço que os antigos mitos do progresso teriam preenchido. Em um futuro previsto como livre da religião, como repetidamente propôs Clarke em outros textos, esse projeto de grandeza civilizacional da espécie seria o substituto, o receptáculo dos sonhos, das fantasias, das expectativas e também dos esforços científicos da humanidade. Como aparece acima, e não é novidade, a experiência histórica europeia e norte-americana foi tomada como universal por Clarke. E é justamente como uma resposta à patente falsidade dessa universalidade que já se fazia visível na época de Clarke, que para ele era tão importante frisar esse *telos* e o potencial renascimento da história humana. Uma humanidade culturalmente, politicamente, economicamente e historicamente fragmentada não teria o necessário para iniciar a conquista do espaço, para “aproveitar bem as oportunidades utópicas

apresentadas por uma fronteira espacial” (KILGORE, 2003, p. 112).¹⁹⁴ Clarke chegou a dar um exemplo disso comentando sobre os EUA. Segundo ele, a estrutura da sociedade norte americana era inadequada para “o esforço que a conquista do espaço demanda. Nenhuma nação se pode dar o luxo de desviar seus homens mais capazes para ocupações essencialmente não-criadoras, e ocasionalmente parasitárias, como a advocacia, a publicidade e a atividade bancária” (CLARKE, 1970, p. 114). Pela lógica civilizacional de análise do processo histórico, a efetivação da conquista do espaço dependeria de uma civilização terrestre pujante, ou pelo menos empenhada em prol do desafio que seria essa conquista, direcionada para isso. Clarke acreditava que:

À medida que a exploração do sistema solar continuar, a sociedade humana se tornará cada vez mais penetrada pelas ideias, descobertas e experiências da astronáutica. [...] certamente assistiremos, em uma escala que seu autor nunca imaginou, à prova das leis de Toynbee de desafio e resposta. Neste contexto, vale a pena meditar sobre estas palavras do *Estudo de história condensado*: As civilizações filiais... produzem suas primeiras manifestações mais marcantes em lugares fora da área ocupada pela civilização-mãe. A superioridade da resposta determinada pelo novo terreno é mais sensivelmente ilustrada quando o novo terreno tem de ser atingido pela travessia do mar... Os povos que ocupam posições fronteiriças, expostos a constantes ataques, realizam um progresso mais brilhante do que seus vizinhos situados em posições mais protegidas. Troque-se mar por espaço e a analogia é óbvia; no que se refere ao constante ataque, a natureza o fornece melhor do que quaisquer adversários puramente humanos. (CLARKE, 1970, p. 105).

Essa finalidade histórica, portanto, não seria só um desdobramento lógico da dinâmica da história humana até então, como Clarke também tentou demonstrar. Um aspecto central da conquista do espaço seria sua função histórica de desafio, pois em seu raciocínio o salto a um novo patamar da história humana só poderia ocorrer pela superação de algo que levasse à evolução da espécie. E, para Clarke, só a conquista do espaço teria a força necessária como *telos* histórico para fazer a humanidade operar como uma espécie. Como ele destacou ao falar sobre a URSS, “levará algum tempo antes que alguém o veja, e todos os governos compreendam que o único participante da gloriosa Corrida Espacial é o homem” (CLARKE, 1970, p. 115). A época da tristeza pela perda da possibilidade de desbravar o desconhecido, também poderia ser o início da decadência civilizacional definitiva de uma espécie que se recusasse a enfrentar um novo desafio, buscar uma nova fronteira, enfim, dar sentido à própria existência nesse planeta. Esse futuro, portanto, não estaria determinado pelos mecanismos

¹⁹⁴ Tradução minha: “An obdurate humanity fractured along the lines of race, class, and culture seems harder to move, less likely to use well the Utopian opportunities presented by a space frontier.”

internos do processo histórico, mesmo que Clarke deixasse subentendido a existência de uma tendência. Seria necessária uma escolha civilizacional que unificasse a espécie em torno de um projeto, sem prazo de conclusão, mas com uma meta bem definida, que fornecesse sentido ao processo histórico futuro:

Os exemplos que dei e as possibilidades que esbocei bastariam para provar que há muito mais coisas a fazer para a exploração do espaço do que lançar homens em órbita ou tirar fotografias da face oposta da lua. Estes são apenas preliminares triviais da Idade da Descoberta, que está despontando agora. Embora esta Idade venha fornecer os necessários elementos para um Renascimento, não podemos ter a certeza de que aconteça um outro. A presente situação não tem paralelo exato na história da humanidade; o passado fornece indicações mas nenhuma orientação segura. Para encontrar alguma coisa comparável com as nossas próximas aventuras no espaço, temos de voltar atrás muito além de Colombo, muito além de Ulisses, além na verdade do primeiro macaco-homem. Temos de contemplar o momento, agora irretocavelmente perdido nas brumas do tempo, quando o ancestral de todos nós começou a rastejar saindo do mar. Pois foi aí que a vida começou e onde a maioria das vidas deste planeta permanecem até hoje, estancadas em um ciclo sem sentido de nascimento e morte. Somente as criaturas que ousaram enfrentar a Terra estranha e hostil foram capazes de dar origem à inteligência; agora essa inteligência chegou ao ponto de fazer face a um desafio ainda maior. E talvez mesmo aconteça que esta bela Terra nossa não seja mais do que um breve local de descanso entre o mar de sal onde nascemos e o mar de estrelas no qual temos agora de nos aventurar. (CLARKE, 1970, p. 113).

Essa estratégia discursiva de Clarke de atrelar a história humana à história natural surtia um efeito importante em sua argumentação geral, pois a identificação da conquista do espaço como um *telos* histórico capaz de dar sentido à trajetória humana envolvia uma necessária simplificação do passado humano, até mesmo um esquecimento. O passado resgatado por Clarke nesse tipo de argumento foi aquele capaz de fornecer sustentação à ideia de espécie, ou seja, um passado longínquo. Como em muitas filosofias da história antigas, os acontecimentos em detalhe atrapalhavam a síntese geral e a projeção da narrativa histórica ao futuro. Pode parecer contraditório Clarke ter se apropriado da lógica histórica baseada no ciclo das civilizações que propôs Toynbee, e traçar uma narrativa totalizante que se inicia em um tempo anterior tanto às civilizações quanto aos próprios hominídeos. Mas em uma narrativa histórica cuja construção foi moldada pela proposição de um futuro direcionado pela conquista do espaço como *telos*, o escopo temporal da narrativa não poderia ser unicamente o humano. Clarke seguia Toynbee só até certo ponto.

Ele precisou ampliar a perspectiva para que toda a história entre o início da vida na terra e o grande renascimento que estava em curso não fosse um empecilho na construção do

futuro, podendo, por exemplo, tratar do holocausto somente como um passo atrás na marcha do progresso. Além disso, essa junção da história humana com a história natural era condizente dentro da expectativa de elevação do status humano em relação ao universo, que ele propunha como uma consequência da busca da finalidade histórica. Não seria possível pensar um novo nível de experiência histórica enquanto as pessoas não entendessem que os acontecimentos históricos até então teriam uma importância diminuta frente a essa grande história que contempla desde um passado imemorial até esse futuro fantástico. Essa ideia de um passado que fornece “indicações mas nenhuma orientação”, pois a conquista do espaço seria algo sem “paralelo exato na história da humanidade”, sedimentava uma relação com o tempo histórico voltada ao futuro e, justamente por isso, sustentada em uma versão do passado quase mitológica. O futuro que se aproximava não poderia ser comparado às conquistas de Colombo, de Ulisses, mas somente ao surgimento da vida e da inteligência. É a partir desse tipo de concepção sobre a magnitude da conquista do espaço que Clarke interpretou a história humana como um compilado de vidas “estancadas em um ciclo sem sentido de nascimento e morte.” Para o autor, portanto, somente um propósito coletivo para a espécie libertaria a humanidade de seu ciclo vicioso.

E, mais importante do que a realização dessa finalidade histórica, seria, primeiro, o consenso sobre um sentido e, por conseguinte, a perseguição dessa meta. Clarke tratava a ideia da conquista do espaço mais como um guia do que como algo alcançável. Por mais que esse *telos* passasse a sensação de algo palpável por ter se derivado do vocabulário do contexto histórico da Corrida Espacial, conceitualmente era vago, mais um jargão do que algo específico. A conquista do espaço não era nada em especial, não era algo bem delineado, e por isso podia abarcar tudo. Era o futuro por inteiro, a imaginação de tudo o que a humanidade seria capaz, ressoava em todos os sonhos derivados da ideologia do progresso no século XX, mas em Clarke foi costurada a história. Não exatamente o fim de um processo, a conquista do espaço seria a costura entre o prelúdio da trajetória humana e a “história com H maiúsculo”. Pois, como “conquista”, poder-se-ia considerar desde a vida em outros planetas do nosso sistema solar, até feitos “fantasiosos” como uma federação galáctica ou algo desse nível. Clarke considerava essa questão ao citar que:

o novo palco que se está abrindo para o drama humano nunca se reduzirá como aconteceu com o antigo. Abolimos o espaço aqui na pequena Terra; nunca poderemos abolir o espaço que se abre largamente entre as estrelas. Uma vez mais, como nos dias em que Homero cantava, estamos face a face com a imensidão e

temos de aceitar sua grandeza e terror, suas inspiradoras possibilidades e terríveis restrições. (CLARKE, 1970, p. 134).

O termo conquista refletia uma ideia de controle impraticável para a escala cósmica, mas vigente na imaginação da época, sobretudo nos EUA, onde se associava a conquista do Oeste e o conceito de fronteira à ideia da conquista do espaço e da nova fronteira. Clarke comparou essa conquista à situação das formigas, que, mesmo tendo se espalhado por todo o globo, não o conquistaram (CLARKE, 1970, p. 141). Como um exercício imaginativo, Clarke propôs um futuro em que, com o teletransporte, fosse possível alcançar qualquer distância instantaneamente. Em seguida, ele perguntou: o que restaria? “Restaria tudo o que realmente importa. Pois o universo tem dois aspectos, sua escala e sua complexidade esmagadora, capaz de entorpecer o espírito. Tendo abolido a primeira estamos agora em frente à segunda” (CLARKE, 1970, p. 139). O *telos* da filosofia da história de Clarke, portanto, não significaria o fim da história, mas sim a via de escape possível para a continuidade da história, o salto de patamar rumo a uma odisseia sem fim na maior imensidão possível. Um desafio infinito e por isso inesgotável, um futuro para uma espécie em face à extinção e à construção de uma totalidade histórica em que passado e futuro fizessem parte do mesmo processo.

Esse processo, mesmo não sendo determinista na filosofia da história de Clarke, era cientificista e, por isso, a escolha civilizacional que Clarke julgava possível e necessária em seu contexto histórico não seria uma entre tantas possíveis, mas aquela mais coerente com a tendência humana. A interpretação do devir histórico de maneira cientificista construía no discurso de Clarke uma impressão de naturalidade na escolha pela conquista do espaço como um ponto de inflexão para a trajetória humana na terra. Se a historiografia nessa época já tinha dissecado o problema do entranhamento da ideologia do progresso na interpretação histórica, em Clarke essa discussão não tinha sido absorvida ainda, só aparecendo de forma limitada com a publicação de *Imperial Earth* em 1975.¹⁹⁵ Em *Perfil do Futuro*, a história humana era a história da evolução da ciência e da técnica em paralelo à evolução humana, em um processo comparável ao que a biologia chama de mutualismo. Isto é, uma relação entre indivíduos de espécies diferentes, em que ambos são beneficiados pela interação. Curiosamente, porém, na relação de benefício histórico mútuo narrada por Clarke, quem teria iniciado o processo decorrente seriam as ferramentas e não os hominídeos. Citando o professor Sherwood

¹⁹⁵ Para saber mais sobre isso, ler: KILGORE, De Witt Douglas. *Astrofuturism: Science, Race, and Visions of Utopia in Space*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2003.

Washburn,¹⁹⁶ Clarke defendeu que foi “o sucesso dos mais simples instrumentos que deu origem à tendência total de evolução humana e conduziu às civilizações atuais” (CLARKE, 1970, p. 238). O motor da história seriam esses instrumentos, seriam eles as ferramentas da humanização da espécie nessa visão. “No terceiro planeta do Sol tinham aparecido os instrumentos; e esse planeta nunca mais seria o mesmo” (CLARKE, 1970, p. 238).

Os instrumentos não seriam outra espécie como pode sugerir a ideia de mutualismo, mas na narrativa histórica de Clarke eles assumiram uma vida própria, tendo uma dinâmica tão poderosa para o movimento do processo histórico quanto a ação humana. “A velha ideia de que o homem inventou os instrumentos é portanto uma semiverdade enganadora; seria mais exato dizer que os instrumentos inventaram o homem” (CLARKE, 1970, p. 238). A ideia de forma mais completa era de que os primeiros utilizadores dos instrumentos não eram humanos, mas sim “antropoides pré-humanos”, que devido à “descoberta que fizeram condenaram-se a si mesmos. Pois mesmo o mais primitivo dos instrumentos, uma simples pedra naturalmente pontiaguda que por acaso se adaptava à mão, oferece um tremendo estímulo físico e mental a quem o usa” (CLARKE, 1970, p. 238). O poder desse motor da história deixaria a espécie impulsionada por ele completamente dependente, e cada vez mais incapaz de se autonomizar. A mesma ideia ficcionalmente desenvolvida apareceu em *2001: A Space Odyssey*, seis anos depois da publicação de *Perfil do futuro*. Como demonstrou a estrutura narrativa do filme de Kubrick, roteirizado por Clarke, do começo ao fim da odisseia histórica humana, as ferramentas, a técnica, a ciência e a tecnologia teriam conduzido o processo histórico, mesmo que na disposição ficcional dessa interpretação histórica tenha intervenções alienígenas como suporte aos renascimentos históricos.

Em suma, a grande virtude de *Perfil do Futuro* para essa dissertação é permitir a visualização simultânea dos múltiplos ângulos de compreensão da filosofia da história de Clarke. Tanto por expor variados aspectos da composição dessa filosofia, quanto por mostrar como as diferentes camadas de entendimento sobre o processo histórico variaram e se combinaram em seu pensamento de acordo com a distância temporal levada em conta. Pois Clarke transitava em vários níveis da experiência histórica ao expor suas ideias, adicionando novos detalhes a cada camada. No nível da história humana no escopo temporal convencional,

¹⁹⁶ Sherwood Washburn foi um antropólogo físico americano. Ele foi pioneiro no campo da primatologia, abrindo-o para o estudo de primatas em seus habitats naturais. Sua pesquisa e influência na análise comparativa dos comportamentos dos primatas com as teorias das origens humanas estabeleceram um novo curso de estudo no campo da evolução humana. Ele mudou a área da antropologia de forma marcante com a publicação de seu artigo *The New Physical Anthropology*, em 1951, no qual argumentou, de forma convincente, que a variação humana era contínua e não poderia ser dividida em raças descontínuas.

o processo histórico se pautava em suas ideias pela marcha das civilizações em contato, conflito, e em um regular processo de ascensão e queda de acordo com as leis da história de Toynbee. Em um nível acima, quando o escopo da história humana era esticado para abarcar os hominídeos, a marcha das civilizações era substituída por um foco no que de fato seria o motor da história, o fator tecno-científico que comandaria em um nível ainda mais profundo da dinâmica histórica os movimentos mais cruciais do devir. Do processo de humanização primária dos hominídeos, que posteriormente no argumento se combinaria as leis históricas de Toynbee na expressão de uma natureza humana, derivada da lógica de conquista em termos colonialistas; até a previsão do futuro pela projeção cientificista dessa relação fundamental com os instrumentos que desagua em uma ideia de história como cada vez mais uma criação humana.

Em um nível ainda mais amplo, que combinava a história natural, anterior aos hominídeos, a história humana, Clarke conseguiu destacar em sua filosofia da história a importância da perspectiva de longo alcance para a compreensão da história nos termos necessários para uma relação com o devir apropriada ao que veio a ser chamado de antropoceno.¹⁹⁷ Ele ambicionava, assim, deslocar seu *telos* para um patamar de relevância como acontecimento histórico incomparável a tudo o que é humano, e somente análogo a momentos de ruptura extrema na história total da terra. Conectou-se ao presente, então, um futuro somente acessível pela conjunção dos humanos em um agente histórico total: a espécie. E, em um último nível de ampliação do escopo dessa filosofia da história, estaria situada a história cósmica, que colocava a vida humana em uma perspectiva tão diminuta que os acontecimentos, os períodos, as revoluções e tudo o mais que teria valor na construção de uma narrativa histórica convencional perdia o sentido. Um escopo temporal tão amplo, que tinha ao mesmo tempo o efeito de ridicularizar os esforços humanos no tempo e de elevar a conquista do espaço a um verdadeiro *telos* histórico. Pois, era capaz de dirimir o status insignificante da espécie humana frente à indiferença do universo, através da inserção de um novo tipo de agência histórica coletiva, própria de um inédito patamar de experiência histórica desbloqueável pela conquista do espaço. Esses vários ângulos da mesma filosofia da história criavam na argumentação do autor uma concepção geral sobre a trajetória humana no tempo complexa, mas lacunar o suficiente para que o passo à frente histórico aguardado por Clarke não fosse afetado pelas limitações de horizonte futuro geradas pela aceleração histórica e

¹⁹⁷ Sobre esse assunto, ler: CHAKRABARTY, Dipesh. “O clima da história: quatro teses”. *Sopro*, n. 91, p. 4-22, 2013.

pelas feridas de um passado muito recente, que em escala cósmica, não passariam de um arranhão no edifício do progresso.

Considerações finais

Todo o projeto político e intelectual que propagou Arthur C. Clarke e que, nesse momento, já deve estar suficientemente delineado, mesmo podendo ser esmiuçado, dividido em múltiplos aspectos complementares, relacionável com referências intelectuais diversas e, disposto de forma organizada em uma metanarrativa contínua como foi feito aqui, nunca foi proposto como uma estrutura intelectual inteira. Nunca foi uma intervenção inequívoca e consciente em seu tempo através de uma grande obra fundadora de um pensamento. O caráter fragmentário da expressão dessas ideias por Clarke era condizente com seu contexto, que exigia do autor uma constante adaptação aos novos fatos científicos que limitavam ou ampliavam os limites da razoabilidade de suas ideias. Como observou Edward James, ele estava “muito mais preocupado em manter-se atualizado com os desenvolvimentos científicos atuais do que em completar obsessivamente os capítulos de uma História Futura consistente” (WESTFALL, 2018, p. 43).¹⁹⁸

Além disso, no universo imaginativo que levou Clarke a pensar sobre o futuro, o mundo da ficção científica, a estrutura de construção narrativa comum ao gênero fornecia ao autor um veículo perfeito para sua filosofia da história. Um meio fluido, que abria a possibilidade de transformação das ideias sem questionamentos de incoerência, ficcional o suficiente para não ser posto em cheque por acadêmicos, mas ligado a um tipo de realidade proposta como não ficcional e, por isso, mais propícia ao sucesso da intervenção política no tempo histórico com um viés cientificista. Como explicou Suvin, a ficção científica se estabelece em uma relação de consciência da história e é desenvolvida a partir disso. Suas narrativas são elaboradas de acordo com o pressuposto de uma linha de prosseguimento histórico. Mesmo sendo distantes os futuros imaginados, as tramas criam um momento dentro da história humana para seus acontecimentos. Diferentemente dos contos de fada, da fantasia e dos mitos, que são elaborados em um tempo e espaço paralelos, fora da história, a ficção científica possui uma continuidade, mesmo que hipotética, com a percepção humana do mundo real e seu desenvolvimento temporal (1988, p. 34). As especulações da ficção

¹⁹⁸ Tradução minha: “as Edward James observes, he was “much more concerned to keep up to date with current scientific developments than to complete obsessively the chapters of a consistent Future History.”

científica existem de acordo com “uma linha de grande probabilidade, extrapolando as percepções da realidade atual de acordo com as noções vigentes do que é provável” (SCHOLES, 1975, p. 18).¹⁹⁹

Tudo isso, sustentado em uma relação com a ciência a partir de um caráter de imitação, em que essa literatura não é de fato limitada pelos parâmetros da ciência, mas expõe o interesse de se fazer passar por tal. Porém, mesmo com esse aspecto de imitação, essa ficção não é desconectada da ciência real, de forma que esse discurso ficcional se mantém ancorado em uma plausibilidade coerente à lógica científica, sendo seu imaginário, a partir disso, visto como adequado a “completar as linhas de tendência do mundo real” (ECO, 1988, p. 171). E, ao completar essas linhas de tendência, orientar sobre os caminhos da transformação política. Era um tipo de discurso ficcional que, em expoentes como Clarke, tentava se diferenciar das outras ficções por teoricamente dizer sobre um tipo de real que, por ser futuro e supostamente científico, poderia direcionar a ação humana em direção à transformação do presente à imagem de um futuro imaginado como parte do processo histórico.

As proposições futuras colocadas nesse universo imaginativo por Clarke, portanto, se conectavam a um tipo de realidade histórica que, nessa perspectiva, a ficção convencional não alcançava, por não possuir essa legitimação de plausibilidade do discurso aproximado do método científico e por não ter essa relação estrita com a temporalidade. Nesse tipo de discurso, essa inserção na realidade histórica se atrela a uma “peculiar fronteira entre a criação fantástica e a representação”, que é uma característica fundamental da ficção científica. Isto é, de forma singular em relação à boa parte da literatura moderna, a maioria das narrativas da ficção científica, como no caso de Clarke, não se centra em angústias emocionais e questões existenciais, mas em desafios intelectuais e elaborações conceituais. “Nesse sentido, o gênero se destaca como um fenômeno da prosa que, conscientemente, dá primazia ao intelecto sobre o emocional, acreditando que a ficção pode servir como plataforma para o debate estruturado” (TEIXEIRA, 2010, p. 41). “Como Scholes procura evidenciar, a descuidada continuidade de elementos é substituída por uma trama sistematizada, que intencionalmente busca uma apresentação estruturada, que privilegie o caráter cognitivo da leitura” (TEIXEIRA, 2010, p. 44-45). Por essas características, não faria sentido Clarke sentir necessidade de elaborar um tipo de discurso muito diferente para propor suas ideias, pois o universo ficcional em que ele estava inserido era visto como possuidor de elementos discursivos excepcionais e coerentes às

¹⁹⁹ Tradução minha: “a line of greatest probability, extrapolating from perceptions of current reality according to current notions of what is probable”

necessidades do contexto histórico da era espacial. Esse regime de verdade diferenciado, que se julgava ter essa literatura já na época, a libertaria da associação da ficção à falsidade, que muitos representantes do gênero achavam importante combater, abrindo uma importante via para a atuação intelectual e política no contexto do período. Clarke se arvorava nessa crença:

Recentemente um exemplo ainda mais impressionante foi fornecido pelo Dr. Wernher Von Braun, provavelmente o principal nome da engenharia de foguetes no mundo. O Dr. Von Braun publicou os resultados de sua pesquisa sobre a possibilidade de uma expedição marciana em dois formatos – um livro estritamente técnico e um trabalho de ficção baseado neste. (CLARKE, 1953, p. 199).

Apesar da complexidade, da variedade de camadas da experiência histórica abordadas por Clarke, esse constructo intelectual que o autor propunha como uma “filosofia da astronáutica” foi, no fundo, uma reação genuína ao seu tempo em movimento, transpassando, portanto, muitos anos e múltiplos meios e formatos diferentes, mas sem alterações significativas nas ideias. Seu pensamento era intertextual, mas suficientemente homogêneo para saltar aos olhos como um todo cognoscível devido à repetição dentro e fora da ficção, possuindo em ambos os casos um teor político dissimulado, flexível, historicizado, mas característico desse tipo de discurso na era espacial:

Enquanto a profecia ultrapassava o horizonte da experiência calculável, o prognóstico, por sua vez, está associado à situação política. Essa associação se deu de forma tão íntima, que fazer um prognóstico já significava alterar uma determinada situação. O prognóstico é um momento consciente de ação política. Ele está relacionado a eventos cujo ineditismo ele próprio libera. O tempo passa a derivar, então, do próprio prognóstico, de uma maneira continuada e imprevisivelmente previsível. O prognóstico produz o tempo que o engendra e em direção ao qual ele se projeta, ao passo que a profecia apocalíptica destrói o tempo, de cujo fim ela se alimenta. (KOSELLECK, 2006, p. 32).

Mesmo que o projeto de Clarke fosse apresentado de uma forma diversa do que se viu aqui, a expressão real dele, nas centenas de páginas analisadas nesta dissertação, que percorreram mais de uma década de pensamento, expunha, independente dos temas usados para a construção narrativa, sempre uma profunda relação com o tempo histórico em tom de transformação. Suas ideias eram dispostas a partir de uma sensação de imediatismo, de medo, mas também esperança acerca das possibilidades humanas, de preocupação com a perda das oportunidades históricas, mas também de maravilhamento pelas conquistas até então. Clarke

não era um sonhador ignorante das mazelas de seu tempo, das possibilidades do desastre, das questões políticas, do poder atômico. Ele escolheu seu lado, sabia contra quem se defender, que tipo de ideias afastar, e o que repetir à exaustão até se tornar uma verdade fundadora de algo além do presente. “O senso da limitação, da insuficiência, da inaceitabilidade do presente aparece frequentemente ligado à esperança num futuro melhor ou simplesmente na certeza de que, mais cedo ou mais tarde, isso possa realizar-se” (ROSSI, 1995, p. 52).

E mesmo que a existência de um projeto diferenciasse Clarke de muitos de seus pares escritores, menos preocupados com a parte “maçante” do trabalho nos bastidores da empreitada espacial,²⁰⁰ mesmo que o otimismo de suas ideias suscitasse uma sensação de anacronismo para um momento pós-guerra, os escritos de Clarke ainda assim foram um produto exemplar de seu contexto histórico. Pois, se a ideia do progresso se tornava um fracasso retumbante com a Segunda Guerra Mundial, ela também reflorescia por debaixo das ruínas da mesma guerra. Não há resposta natural a um momento histórico. “Recusando o presente, podemos escolher entre o passado e o futuro: entre o retorno à *Arcádia* e um projeto para *Utopia*” (ROSSI, 1995, p. 52). Não escolher entre um dois não era uma opção para o jovem Clarke, que cresceu no mundo da ficção científica. As sementes da transformação do mundo estavam contidas na forma de elaboração do tempo histórico oriundas de sua formação intelectual:

Quem crê no progresso, todavia, geralmente não se contenta com escolhas efetuadas no reino da imaginação. Não tende à fuga da história. Conta ou julga poder contar com possibilidades reais ou que interpreta como reais. Vê presentes na história algumas possíveis confirmações das suas esperanças, julga que ela procede – nem que seja nos tempos longos – segundo uma e não outra direção. Considera em todo caso que tem sentido operar no mundo com base em projetos regidos pela esperança num futuro desejado, melhor que um presente cujos limites e insuficiências são visíveis. (ROSSI, 1995, p. 52).

Clarke estava dividido entre dois universos culturais nesse período, cindido entre duas temporalidades, mas ciente do que ansiava. Apesar de sua criação na Inglaterra, Clarke foi fortemente influenciado por sua leitura da literatura de ficção científica dos EUA. Como resultado, ele integrou as noções essencialmente norte-americanas de “fronteira” em seu pensamento desde muito jovem. “Embora ele frequentemente usasse ‘fronteira’ em seu senso europeu de limite ou fronteira, em grande parte de seus primeiros trabalhos, ele também

²⁰⁰ Ler sobre isso: SKOGERBOE, D. S. The Godfather of Satellites: Arthur C. Clarke and the Battle for Narrative Space in the Popular Culture of Spaceflight, 1945-1995. 2020. Dissertação de Mestrado.

seguiu o uso americano com sua conotação de desconhecido livre e espaço desocupado” (KILGORE, 2003, p. 119).²⁰¹ Além disso, se “a FC da Era de Ouro norte-americana foi, na maioria das vezes, decidida, dinâmica e aberta ao exterior, a FC do pós-guerra britânico teve, e manteve até certo ponto, um tom um pouco diferente: mais introvertido, mais negativo e pessimista” (ROBERTS, 2018. p. 417). Clarke nasceu em uma “nação que já governara um império abrangendo um quinto da população do globo” e que, após a guerra, sofria a decadência da posição de “império e líder mundial para uma posição mais de acordo com uma pequena ilha nas margens da Europa” (ROBERTS, 2018. p. 418). O universo imaginativo que deu orientação à ficção científica britânica no período concentrava um “sentimento de perda – um sentimento obscuro e enfurecido, já que ‘nós’ tínhamos, afinal, ganhado a guerra, mas ainda assim uma perda palpável – nas esferas global ou cósmica” (ROBERTS, 2018. p. 418). Por isso, como explicou Roberts, não havia futuro na Oceania distópica de Orwell, somente o ininterrupto presente do poder partidário (2018. p. 419):

Diante de uma crise profunda, tendo em vista um presente inaceitável, pode-se reagir com ansiedade, angústia, sentimento de inutilidade das coisas humanas ou de uma inevitável catástrofe. Mas é possível também que a impressão de viver numa época de grandes mudanças dê lugar à esperança. É também possível que as mudanças apareçam como uma inundação capaz de arrastar consigo edifícios putrescentes. (ROSSI, 1995, p. 59).

Mesmo vislumbrando a catástrofe, Clarke escolheu a esperança, e construiu sua carreira lutando pelo que ele achava que ela representava em seu contexto, e convencendo inúmeros leitores e ouvintes da importância dela. Porém, entre os “edifícios putrescentes” que ele queria arrastar, se encontrava não só mazelas específicas da história humana, mas a história como um todo, em sua lógica profunda, que Clarke julgava ter entendido. Como afirma Koselleck:

O que nos importa aqui, antes de tudo, é lembrar que o progresso estava voltado para uma transformação ativa deste mundo, e não do além, por mais numerosas que possam ser, do ponto de vista intelectual, as conexões entre o progresso e uma expectativa cristã do futuro. A novidade era a seguinte: as expectativas para o futuro se desvincularam de tudo quanto as antigas experiências haviam sido capazes de oferecer. E as experiências novas, acrescentadas desde a colonização ultramarina e o

²⁰¹ Tradução minha: “While he often used “frontier” in its European sense of boundary or borderline in much of his early work, he also followed the American usage with its connotation of free wilderness and unoccupied space.”

desenvolvimento da ciência e da técnica, já não eram suficientes para servir de base a novas expectativas para o futuro. A partir de então o espaço de experiência deixou de estar limitado pelo horizonte de expectativa. Os limites de um e de outro se separaram. Afirmar que nenhuma experiência anterior pode servir de objeção contra a natureza diferente do futuro torna-se quase uma lei. O futuro será diferente do passado, vale dizer, melhor. (2006, p. 318).

No pensamento de Clarke a conquista do espaço marcaria o fim da lógica histórica de Spengler e Toynbee, que findam na decadência cíclica inevitável. Mas, o custo da nova experiência histórica da espécie era alto demais, pois implicava em uma planificação do passado decorrente da sua distensão. Isso se dava em nome de um salto de fé ao futuro, que, mesmo inscrito na legitimidade do discurso astrofuturista sobre a transformação do mundo, se chocava com um passado recente que desmascarava a face perversa da ideologia do progresso. Mesmo projetado por Clarke como a salvação coletiva da humanidade, esse futuro estava impregnado demais desse passado que deveria ficar para trás. Não um tipo de passado que serve de mote da discussão crítica sobre o presente e, potencialmente, o futuro, ao modo das distopias. Mas um passado que resistia contaminando uma expectativa de futuro sustentada em uma ilusão, em um esquecimento das feridas putrefatas da história europeia; escondidas em uma filosofia da história que afastava o olhar em direção à longa temporalidade, para justamente não enxergar nada, e que, a pretexto de uma nova forma de vivência no tempo, garantia a continuidade da massacrante roda da história burguesa agora em nível cósmico. A descrição de Paolo Rossi sobre essa forma de pensar, sobre a fé no progresso, é precisa:

Essa fé repousava principalmente sobre três convicções: 1. na história está presente uma lei que tende, através de graus ou etapas, à perfeição e à felicidade do gênero humano; 2. tal processo de aperfeiçoamento é geralmente identificado com o desenvolvimento e com o crescimento do saber científico e da técnica; 3. ciência e técnica são a principal fonte do progresso político e moral, constituindo a confirmação de tal progresso. Essa ideia de progresso que não põe limites às esperanças do homem, que identifica o progresso como um processo necessário, que concebe os obstáculos como sempre provisórios e sempre superáveis, que vê na ciência e na técnica apenas suaves instrumentos, pertence a um mundo que não é mais o nosso. Nesse mundo o “sucesso” parece baseado nas ilimitadas capacidades criativas do homem; a ideia de luta e de conquista se associa ao culto pelo *homo faber* capaz de domesticar a natureza e de civilizar os povos bárbaros; a sensação de aventura no grande jogo da sociedade e na grande competição entre o homem e a natureza acompanha a fé na continuidade e na eternidade do *regnum hominis*. A realidade aparece inteira e sempre controlável por meio de uma série de escolhas responsáveis e construtivas. A natureza se configura como uma entidade integralmente dominável. Em inúmeros filósofos, cientistas e intelectuais, esteve presente, nos “anos de segurança”, a convicção de viver – enquanto herdeiros do Humanismo e da revolução científica – no centro da história do mundo, de encarnar

os valores universais presentes na história, de ser os portadores de modelos de vida universalmente imitáveis. (ROSSI, 1995, p. 96).

O único problema da descrição feita por Rossi da ideia moderna de progresso é que o mundo animado por ela, que supostamente não mais nos pertence, talvez ainda exista em algum estrato da realidade histórica, ou pelo menos existiu até um período em que já deveria estar sepultado. Em suas palavras, a ideia moderna de progresso “encontrou sua expressão clássica nos textos de Condorcet e de Turgot e, depois, no de Saint-Simon e de Comte. Afirmou-se vigorosamente sobre tudo na segunda metade do século XIX. Entrou numa crise profunda nos anos compreendidos entre as duas guerras mundiais” (ROSSI, 1995, p. 94). Mas nessa pesquisa, ela parece ter atravessado o Atlântico e embarcado em um ônibus espacial. Não se trata aqui, porém, de questionar a posição de Rossi, porque seu foco na análise sobre o progresso não foi o século XX. A intenção, na verdade, é concordar com a visão geral que ele propõe sobre a questão, expandindo-a para um contexto histórico que parece ter sido descartado na tentativa de compreensão do problema. “A linha da modernidade passa através de Descartes, Kant, Hegel, Marx, Comte, Carnap ou através de Montaigne, Bacon, Bayle, Hume, Dewey? Parece inteiramente sensato renunciar a usar, nesse caso, a palavra ‘ou’” (ROSSI, 1995, p. 132).

Se, como desconstrói Rossi sobre a era de ouro da ideologia do progresso, conviviam no período a fé no progresso junto a milhares de páginas escritas por filósofos, psiquiatras, antropólogos, sociólogos, jornalistas e romancistas sobre o tema da degeneração (ROSSI, 1995, p. 123), também pode-se dizer algo similar sobre o contexto histórico do que foi chamado de astrofuturismo.

Para todos aqueles que tomam como boa a definição do Larousse e colocam sob aquela etiqueta toda a “época do positivismo” é como se aquelas milhares de páginas jamais tivessem sido escritas. Hyppolite Taine, Bénédicte Augustin Morel, Henry Maudsley, Cesare Lombroso, Émile Zola, Scipio Sighele, Gabriel Tarde, Gustav Le Bon, para não falar de Sigmund Freud, são eliminados da história como presenças incômodas ou insignificantes anomalias. (ROSSI, 1995, p. 123).

“O decurso único do tempo transformou-se em um dinamismo de estratos múltiplos vividos simultaneamente” (KOSELLECK, 2006, p. 320). No processo de substituição da “imagem oitocentista do progresso” pelas “visões apocalípticas de uma natureza não controlável” e pelas “afirmações sobre o inevitável fim da civilização” (ROSSI, 1995, p. 97),

certamente deve-se considerar nessa transição o importante refluxo dessa forma de elaborar o tempo histórico no período da Corrida Espacial. Sobretudo até a década de 1960, em que ainda não se tinha a noção precisa dos limites do processo iniciado ainda na época da imaginação sobre a conquista do espaço. Pois, como notou Walter McDougall sobre a literatura primordial na veiculação dessas ideias, livros e revistas de ficção científica se recuperaram da crise do tempo de guerra “para atingir o dobro de circulação entre 1949-53 do pico pré-guerra e sete vezes a mínima do tempo de guerra. Em 1951, a revista *Life* estimou os leitores de ficção científica nos Estados Unidos como mais de 2 milhões” (KILGORE, 2003, p. 257).²⁰² A escrita astrofuturista era um receptáculo perfeito para as antigas e frustradas expectativas futuras do sonho moderno. A complexidade na temporalidade moderna afirmada por Rossi também existiu no período posterior estudado até aqui, que de forma nenhuma deve ter sua relação com o tempo histórico derivada unicamente das consequências da Segunda Guerra Mundial, que teve efeitos muito diferentes nos EUA e na Europa. “Parece que nunca se insiste o bastante sobre a complexidade e a ambivalência dos termos referentes às grandes épocas históricas, sobre a esterilidade dos modelos baseados nas grandes alternativas, sobre a insuficiência e parcialidade do pensar por dicotomias” (ROSSI, 1995, p. 118).

Na década de 1970, a expectativa que fortalecia a ideologia do progresso por trás da filosofia da história de Clarke e de boa parte da escrita astrofuturista se arrefeceu com o enfraquecimento do programa espacial norte-americano. Especialmente depois do Projeto Apollo, no caso de Clarke (KILGORE, 2003, p. 112). O que uma década antes parecia razoável imaginar, nessa década passou novamente a ser colocado em cheque por escolhas políticas que enfureceram profundamente Clarke, que pensava ter descoberto o caminho para a superação desses “provincianismos da história humana”. Até por isso é tão importante entender com mais detalhes o período da era espacial anterior a diminuição dos investimentos e posterior a Segunda Guerra Mundial nos EUA. Esse foi um período em que as possibilidades de futuro pareciam abertas. É fácil se perder em meio à ideia de que “cada época seja caracteriza por um paradigma dominante” as expectativas frustradas dos estratos do tempo histórico, os sonhos únicos da ignorância intrínseca à experiência histórica fragmentada, e calcada nos limites imaginativos do presente e nas experiências do passado:

²⁰² Tradução minha: “Walter McDougall notes that, “Science fiction books and magazines rebounded from the wartime slump (with its paper shortage) to reach a circulation by 1949-53 double the prewar peak and seven times the wartime trough. In 1951 *Life* magazine estimated the science fiction readers in the United States at over 2 million.”

Não é verdade que, assim como cada homem tem um só rosto, então cada época, então cada época deve ter também sua própria e inconfundível face, sua específica *episteme*. O diálogo crítico entre teorias, tradições, metafísicas, ideologias, imagens da ciência, métodos de pesquisa sempre foi e ainda é contínuo, insistente, real. Até nas épocas que foram polemicamente aplanadas numa única dimensão – da obscuridade e da supersticiosa barbárie – como ocorre com a Idade Média. Não existem épocas nem períodos monoparadigmáticos... Por que afinal considerar as alternativas, os conflitos, os diferentes níveis, a coexistência numa mesma cultura de coisas extremamente distantes entre si como algo patológico, e não como a expressão de uma normal fisiologia das idéias? Não é exatamente isso que caracteriza o que ocorreu nos anos passados, está ocorrendo agora, e ocorrerá nos próximos decênios? (ROSSI, 1995, p. 123).

A escrita ficcional e não ficcional de Clarke, que, recentemente, foi enquadrada no espectro do astrofuturismo, propunha suas ideias como uma novidade cujo caráter de ineditismo se daria pelas conquistas científicas, que fariam o novo renascimento da conquista do espaço ser incomparável. Afinal de contas, a libertação da espécie de sua prisão terrestre seria só formalmente comparável com os antigos renascimentos históricos. Clarke, entretanto, enquanto propunha a libertação humana de seus parâmetros históricos limitados, não conseguia se emancipar de uma visão “progressiva da história imperial. Como escritor e pensador conscientemente liberal, ele tentou vislumbrar um futuro espacial que salvasse o passado recente da civilização ocidental e estendesse seus benefícios à toda a raça humana” (KILGORE, 2003, p. 112).²⁰³ Por mais que, como escritor de ficção científica, ele se julgasse mais digno da alcunha de profeta do futuro, Clarke, mesmo a partir de seu método imaginativo, nunca conseguiu escapar suficientemente de si mesmo na tarefa que se propôs frente a seu tempo. Os limites do possível que Clarke achava poder antecipar levavam sempre, bem no fundo, ao coração do Império Britânico. Ele aceitava alguns dos problemas imbricados no tipo de discurso que propagava, mas não conseguia transmitir algum aprendizado a partir das críticas que recebia. Não percebia o quão questionável era a ideia de que a conquista do espaço iria resolver todos os problemas humanos. E, em sua visão totalizante da história, deixava em segundo plano a relevância de se lidar devidamente com as feridas geradas pelos “nacionalismos” que ele tanto citou como exemplos do que seria superado na nova fase da história. Clarke tinha uma avaliação ambígua sobre o imperialismo e o nacionalismo:

²⁰³ Tradução minha: “Throughout his popular Science and science fiction, Clarke depends upon a progressive view of imperial history. As a self-consciously liberal writer and thinker, he has attempted to envision a space future that salvages the recent past of Western civilization and extends its benefits to the entire human race.”

Como a maioria dos filhos de sua geração, Clarke cresceu com o popular imperialismo do início do século XX. A literatura de aventura dos meninos de sua juventude exaltava descaradamente as glórias do império. Em 1938, quando era um jovem fã de ficção científica, Clarke escreveu sua primeira peça de ciência popular para a revista britânica de fãs de ficção científica "Man's Empire of Tomorrow" combinando uma pesquisa do sistema solar conhecido com um panfleto para oportunidades imperiais. Depois da guerra, Clarke tornou-se menos otimista sobre o império e suas perspectivas futuras. Oito anos depois, em "O Desafio da Nave Espacial", ele condenou o império como "uma forma extrema de nacionalismo" que não pode sobreviver à mudança para a fronteira do espaço. A conquista do espaço forçará uma "evolução" do tribalismo egoísta do império para uma "visão global". No entanto, em resposta às críticas de C. S. Lewis de que o movimento dos voos espaciais representa as ambições de expansão imperial infinita às quais "a destruição ou escravização de outras espécies no Universo, se houver, [seria] um corolário bem-vindo", Clarke respondeu que: "Gostaria de salientar que os impérios - como bombas atômicas - são autoliquidantes ativos. O domínio pela força leva à revolução, que a longo prazo, mesmo que indiretamente, deve ser bem sucedida. O governo humanitário acaba levando à autodeterminação e à igualdade, como o caso clássico do Império Britânico demonstrou e ainda está mostrando. [...] "Os impérios devem sempre conter as sementes de sua própria dissolução". Nessa conjuntura, apesar de seu desconforto com o imperialismo, Clarke é incapaz de descartar completamente suas "benevolentes" manifestações britânicas. [...] A retórica anti-imperial de Clarke está em desacordo com sua suposição de que "conquista e império" são necessários para a evolução e civilização humanas. De fato, sua história progressista que defende a possibilidade de benevolência imperial se fundamenta na visão de que os povos sujeitos ao autogoverno e à igualdade são culturas "avançadas", um avanço que presumivelmente não poderiam ter alcançado se deixados por conta própria. (KILGORE, 2003, p. 118).²⁰⁴

A história parecia se transformar em muitos aspectos em relação à primeira metade do século XX, mas em algumas partes do mundo ela continuava tão velha quanto sempre foi. Os ônibus espaciais decolaram reluzentes sob o sol de Cabo Canaveral, mas as conquistas

²⁰⁴ Tradução minha: "Like most children of his generation, Clarke had grown up with the popular imperialism of the early twentieth century. The boys' adventure literature of his Youth unabashedly extolled the glories of empire.¹³ In 1938, when a young sciencefiction fan, Clarke wrote his first piece of popular science for the British fan magazine *Scientificion*. "Man's Empire of Tomorrow" combined a survey of the known solar system with a pamphlet for imperial opportunities. After the war, Clarke became less sanguine about empire and its future prospects. Eight years later in "The Challenge of the Spaceship," he condemned empire as na "extreme form of nationalism" that cannot survive the move onto the space frontier. The conquest of space will force an "evolution" from the selfish tribalism of empire to a "world outlook."¹⁵ Nevertheless, in response to C. S. Lewis's criticism that the spaceflight movement represents ambitions of infinite imperial expansion to which "the destruction or enslavement of other species in the Universe, if such there are, [would be] a welcome corollary," Clarke replies: "I would point out that Empires—like atomic bombs—are self-liquidating assets. Dominance by force leads to revolution, which in the long run, even if indirectly, must be successful. Humane government leads eventually to selfdetermination and equality, as the classic case of the British Empire has shown and is still showing. Commonwealths alone can be stable and enduring, but Empires must always contain the seeds of their own dissolution" (76). At this juncture, despite his discomfort with imperialism, Clarke is unable to dismiss completely its "benevolent" British manifestations. His primary concern is for the stability and perhaps even the ascendancy of his own nation. He warns that the BIS membership should be vigilant against "the menace of interplanetary imperialism," implying that such a thing might be established by the United States—which at that time controlled nuclear technology—without "world-widetechanical and political agreements well in advance of the actual event". Clarke's anti-imperial rhetoric is at odds with his assumption that "conquest and empire" are necessary for human evolution and civilization. Indeed, his progressive history defends the possibility of imperial benevolence on the grounds that it readies subject peoples for self-government and equality with "advanced" cultures, an advance that presumably they could not have achieved if left to their own devices."

científicas, mesmo colossais, não apagavam magicamente o passado, por mais que Clarke assim ansiasse. “Consequentemente, ideais utópicos de uma sociedade renovada, rica, benigna e igualitária, na fronteira espacial, coexistiram com impulsos racistas e nacionalistas” (KILGORE, 2003, p. 78).²⁰⁵ Esse substrato cultural que contaminava as expectativas de renovação das possibilidades humanas nesse contexto não eram, porém, incoerentes com a ideologia do progresso que alimentava a filosofia da história de Clarke. Por mais que, de fato, esse tipo de pensamento constituinte do âmago da justificação da Corrida Espacial rejeitasse os desdobramentos caricatos da ideologia do progresso, ele ainda carregava o seu núcleo duro, revestido de uma modernidade supostamente melhorada. Nas décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, os homens brancos que representavam esse tipo de pensamento, como Clarke, enfrentaram uma “grande crise para a qual a raça tornou-se o significante mais potente. Em resposta às críticas inspiradas pelo movimento por direitos e pela nova esquerda, as fronteiras espaciais prometiam ampliar o alcance da espécie humana e curar suas feridas históricas” (KILGORE, 2003, p. 8).²⁰⁶

O problema encontrado por essas ambições era que entre a unificação da espécie em torno de uma meta histórica tecno-científica e a superação das feridas históricas, existia um abismo grande demais para se atravessar coletivamente. E Clarke jamais aceitou dar um passo atrás na marcha do progresso para curar o passado antes de tentar o salto ao futuro. No fundo de sua narrativa sempre se deu a prevalência de um sobre o outro. E como a “ficção científica e a ciência popular foram produzidas e consumidas principalmente por homens euro-americanos” (KILGORE, 2003, p. 78),²⁰⁷ ele quase nunca precisou se preocupar em transformar seu pensamento. Não era um problema grande o suficiente para atrasar uma realização histórica da magnitude da conquista do espaço. Até porque, apesar de Clarke, como um liberal, ter trabalhado dentro “das convenções do astrofuturismo para reformar seu subtexto imperial” (KILGORE, 2003, p. 112)²⁰⁸, ele sabia que a estrutura completa de sua metahistória não se sustentaria com uma inversão total dos pressupostos que o faziam elaborar o tempo histórico da forma que ele o fez. Ao ponto de Clarke ter propagado como uma

²⁰⁵ Tradução minha: “Hence Utopian ideals of renewing a wealthy, benign, and egalitarian society on the space frontier cohabit with racist and nationalist impulses.”

²⁰⁶ Tradução minha: “In the decades following the Second World War, the predominantly white and male ranks of astrofuturists confronted a great crisis for which race became the most potent signifier. In response to criticisms inspired by the civil rights movement and the new left, their space frontiers promised to extend the reach of the human species and to heal its historic wounds.”

²⁰⁷ Tradução minha: “Science fiction and popular science have been produced and consumed primarily by Euro-American males.”

²⁰⁸ Tradução minha: “Clarke as a liberal working within the conventions of astrofuturism to reform their imperial subtexto.”

vantagem a ideia de que a conquista do espaço “seria ‘o equivalente moral da guerra’, dando margem ao impulso imperial sem derramar sangue humano; é o imperialismo sem Império” (KILGORE, 2003, p. 119).²⁰⁹

Essa ambivalência presente no substrato da filosofia da história de Clarke, expõe a tensão presente na temporalidade moderna e mais especificamente do contexto histórico e social trabalhado nesta dissertação. Pois, na tentativa de construção de um futuro que retrospectivamente desse sentido ao todo histórico e, principalmente, fornecesse uma superação desse processo anterior, o passado que deveria se unir ao presente e ao novo futuro operava como uma âncora que impedia o salto para o novo patamar do devir histórico. Como explicou Koselleck, uma vez registradas historicamente novas experiências, teoricamente inéditas, passou a ser possível “compreender também o passado como fundamentalmente diferente. Isto levou a que, no horizonte do progresso, as épocas tivessem que ser expressas em sua singularidade. O diagnóstico do novo tempo e a análise das eras passadas se correspondiam mutuamente” (2006, p. 287). A filosofia da história de Clarke, por mais que atrelasse o futuro historicizado que projetava ao restante da história, o fazia em um movimento que retirava do passado seu valor na elaboração da experiência histórica, ao tratá-lo estritamente como um suporte acrílico, uma base imóvel para uma projeção infundada e delusional de um futuro ansiado como novo. Um futuro que, “mesmo não podendo ser deduzido da experiência, trouxe não obstante a certeza de que as invenções e descobertas científicas iriam criar um mundo novo” (KOSELLECK, 2006, p. 321).

Em "História Literária e Modernidade Literária", De Man fixa-se num tipo particular de esquecimento como parte da experiência essencial da modernidade. Ele convida-nos a considerar "a idéia de modernidade" como consistindo num "desejo de apagar tudo o que veio antes, na esperança de atingir finalmente um ponto a que se chamaria presente verdadeiro, um ponto de origem que marcaria um novo começo. Esta combinação entre esquecimento deliberado e uma ação que é também um novo começo capta o essencial da idéia de modernidade". A justificação para este esquecimento fundacionista é automaticamente ligada àquilo que esta nega: isto é, ao historicismo. (CONNERTON, 1999, p. 71).

A filosofia da história de Clarke era um convite ao esquecimento encarnado em uma versão fria de um passado que, encarado dessa forma, funcionava para dissimular o peso da história pairando como uma nuvem escura sobre as expectativas de um futuro conjunto para a

²⁰⁹ Tradução minha: “The conquest of the space frontier, therefore, becomes “the moral equivalent of war,” giving scope to the imperial impulse without spilling human blood; it is imperialism without empire.”

humanidade. Esse futuro era a projeção da extrapolação suprema da ideologia do progresso encarnada na tecnologia da era espacial e o passado, nessa perspectiva, era visto como uma chaga, não sendo, por isso, abordado em sua complexidade, mas sim de forma acrítica para afastar o peso que atrasaria a realização da potencialidade humana. Um passado que não teria nada a acrescentar a essa realização a não ser o questionamento, a desconfiança, isto é, sentimentos avessos a transformação política e histórica esperada por Clarke na era espacial. Como no horizonte de expectativa esboçado pelo Iluminismo tardio, “o futuro não apenas modifica a sociedade, mas também a melhora. Seja porque a esperança escapa à experiência, [...] seja porque a partir de 1789 a mudança da organização social e política realmente parecia ter rompido todas as experiências tradicionais” (KOSELLECK, 2006, p. 321). As bases da realização sonhada por Clarke seriam, portanto, absolutamente impraticáveis aos olhos da história, por isso eram descoladas pela proposição de um ineditismo que inaugurava uma nova história.

Quanto menos cósmica e mais provinciana fosse a história, mais difícil seria o estabelecimento da conquista do espaço como guia do movimento histórico e a emancipação humana da relação com o passado precedente. A espécie ter sido o agente dessa metanarrativa expressou o sintoma da desumanização que produzia esse tipo de pensamento. Mesmo que na narrativa criada por Clarke a conquista do espaço fosse considerada coerente com a tendência da história humana, isso só era assim quando se aceitava a versão instrumental da história que o autor propunha, tão ampla e lacunar que permitia que enormes expectativas se sustentassem em poucas experiências. Uma versão do passado sem conflitos, sem marcos importantes, sem incongruências, sem mistérios, sem personagens, sem sentimentos, sem temporalidades diversas. Um passado frio, congelado na imagem de um processo simples, racional e inteiramente compreensível em seus aspectos relevantes, apto para servir como a antessala da “história com H maiúsculo”. A imagem de uma história que, como o processo da modernidade, sempre supera a si mesma. A filosofia da história de Clarke foi uma reorganização da relação burguesa europeia do século XVIII e XIX com o devir histórico à luz da brecha histórica aberta pela iminência da conquista do espaço.

E mesmo com raízes tão velhas, esse discurso conseguiu se aderir com grande sucesso a um ambiente político e social diferente do que a ideia de progresso até então tinha se atrelado, mas parecido o suficiente em um aspecto central, pois, também se baseava na concepção de que a história é um processo de fabricação infinita do novo. Por mais que o cinismo fosse uma reação comum à expressão das expectativas da espécie se tornar

interplanetária, da grandiosa ideia de o “Homem” alcançar as estrelas, nos EUA, esse discurso ressoava para muita gente como uma esperança concreta sobre o porvir. Thomas Dich tentou elaborar uma explicação sobre isso ao afirmar que a ficção científica pode ser lida como um jogo de trapaça com o real, empreendido entre o autor e o leitor. Essa literatura seria, em sua concepção, um gênero essencialmente norte-americano, porque os EUA seriam um país com forte tendência à mentira: “a ficção científica tem o direito especial de reivindicar ser nossa literatura nacional, como a forma artística melhor adaptada a contar as mentiras que gostamos de ouvir e fingir que acreditamos” (DISCH, 2000, p. 15).²¹⁰ Se de fato os EUA fingiam acreditar nessas ideias, eles fingiam muito bem. Entretanto, entre os muitos motivos do sucesso da filosofia da história de Clarke no período trabalhado nesta dissertação, certamente o mais relevante foi o formato desse discurso na cultura astrofuturista.

Diferentemente de outras vezes na história em que se elaborou o tempo a partir da proposição escrita de uma filosofia da história, no contexto astrofuturista isso se deu com uma força capaz de dissipar a desconfiança no progresso devido a uma característica marcante da literatura desse período, algo conhecido e repetidamente exaltado como o ápice da experiência de leitura da ficção científica, identificável na expressão "sense of wonder."

As duas faces do astrofuturismo, ciência popular e ficção científica, uniram-se fortemente através de sua constante evocação de um "sentimento de admiração". Uma frase escorregadia, "senso de admiração" foi usada pela primeira geração de escritores e críticos de ficção científica para descrever os prazeres únicos da ficção científica. No nível mais óbvio, a frase procura descrever a experiência do sublime, especificamente a admiração que um indivíduo experimenta ao confrontar um universo infinitamente maior do que ele ou ela mesma. Esse confronto é a fonte da quase qualidade mística que muitos comentaristas detectaram em escritores de ficção científica como Arthur C. Clarke e Isaac Asimov. Mas "senso de admiração" também inclui um componente instrumental que o afasta do temperamento individual para uma utilidade prática comum. O termo é usado para definir a humanidade como *homo faber* lutando com um imenso universo, compreendendo aquela natureza maior através da ciência e subjugando-a com a tecnologia. E, finalmente, essa característica é invocada para distinguir a humanidade como evolutivamente superior a outros animais (KILGORE, 2003, p. 83).²¹¹

²¹⁰ tradução minha. “science fiction has a special claim to be our national literature, as the art form best adapted to telling the lies we like to hear and to pretend we believe.”

²¹¹ Tradução minha: “The two faces of astrofuturism, popular science and science fiction, are joined forcefully through their constant evocation of a "sense of wonder." A slippery phrase, "sense of wonder" is used by the first generation of sciencefiction writers and critics to describe the pleasures unique to science fiction. At its most obvious, the phrase seeks to describe the experience of the sublime, specifically the awe an individual experiences upon confronting a universe infinitely larger than him- or herself. That confrontation is the source of the almost mystic quality that many commentators have detected in such hard sciencefiction writers as Arthur C. Clarke and Isaac Asimov. But "sense of wonder" also includes an instrumental component that shifts it away from individual temperament and to a common practical utility. The term is used to define humanity as *homo faber* grappling with an immense universe, comprehending that larger nature through science and subduing it

Percebe-se, então, que esse discurso não encontrava um solo infértil para tentar prosperar, somente acessível de forma dissimulada. Ele engendrava uma sensação fundamental para a elaboração social da relação com o tempo nesse contexto. Essa literatura se atrelava e formava uma gama de imagens ligadas à ciência, incrustadas no imaginário moderno. “Desde foguetes espaciais a robôs, passando por alienígenas ou viagens no tempo, a ficção científica criou um corpo para o futuro, percebido de modo instantâneo e natural” (TEIXEIRA, 2010, p. 57). Como colocou Ballard, a ficção científica “constitui uma forte tradição literária do século XX, sendo possivelmente a sua autêntica literatura” (1997, p. 193).²¹² Uma escrita que para Suvin, por exemplo, se tratou de “um exemplo do moderno folclore urbano” (1988, p. 22).²¹³ E, justamente por ter se organizado como um campo tão sólido, sustentou tão grandes expectativas. O futuro prognosticado por Clarke, assim, “a partir do ponto em que se estabelece na base do gênero” encontrava “a possibilidade de ser naturalizado no imaginário popular – que passará a enxergá-lo, pelo viés da ficção científica, tanto como sonho quanto expectativa real” (TEIXEIRA, 2010, p. 58). A distinção entre ficção e não ficção para o caso de Clarke não importa nesse ponto, na medida em que o pressuposto determinante de seu discurso era sua temporalização voltada ao porvir, que, independentemente do tipo de texto e das temáticas, sempre conteve a lógica da transformação do presente.

Portanto, a filosofia da história de Clarke, apesar da desconfiança enfrentada devido ao seu caráter otimista e cientificista, conseguia se colocar como um discurso capaz de gerar orientação em seu contexto histórico, mesmo que na direção de uma ilusão. O futuro projetado pelo autor, escondendo o passado, se engrandecia como uma alternativa que iludia o suficiente para manter viva a esperança da transformação histórica em um estrato da sociedade. Entre as muitas matrizes de pensamento que sustentaram ideologicamente a Corrida Espacial, essa certamente foi uma das mais poderosas. Essa metanarrativa contrapôs a decepção com o progresso a uma relação com o devir em que a capacidade ilimitada do *homo faber* de construir o futuro ao seu gosto era reavivada como signo de uma relação com a

with technology. And ultimately, this characteristic is invoked to distinguish humanity as evolutionarily superior to other animals.”

²¹² Tradução minha: “far from being a disreputable minor genre, in fact constitutes the strongest literary tradition of the twentieth century, and may well be its authentic literature.”

²¹³ tradução minha. “I am fascinated by SF as an example of modern urbanized folklore”

história em que, mesmo sem a experiência recente a seu favor, parecia possível novamente impor ao porvir o poder de realização dos sonhos da modernidade.

Bibliografia

Fontes primárias

CLARKE, Arthur C. *A Cidade e as Estrelas*. São Paulo: Abril Cultural. 1984.

CLARKE, Arthur C. *A Exploração do Espaço*. Edições Melhoramentos, 1959.

CLARKE, Arthur Charles. *Perfil do futuro*. Petrópolis. 1970.

CLARKE, Arthur Charles. *Prelude to Space*. London, Sidgwick and Jackson. 1953.

Referências bibliográficas

ALLEN, L. David. *No mundo da ficção científica*. São Paulo: Summus, 1976.

ALKON, Paul Kent. *Origins of futuristic fiction*. University of Georgia Press, 1987.

ANDRIONI, S. Fabio. *A arquitetura do destino: A ciência do futuro e a história no livro "O ano 2000" (1967), de Herman Kahn e Anthony J. Wiener*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. 6. ed. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.

AUSTIN, John Langdon. *How to do things with words*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1975.

BALLARD, J. G. *A user's guide to the millennium*. London: Flamingo, 1997.

BARROS, José D.'Assunção. Arnold Toynbee e a história comparada das civilizações. *Biblos*, v. 23, n. 1, p. 219-229, 2009.

BARROS, José D'Assunção. “Teorias da História” e “Filosofias da História”: considerações sobre o contraste entre dois espaços de reflexão sobre o fazer história. *Anos 90*. Porto Alegre: v. 19, n. 36, p. 367-400, dez. 2012.

BODEI, Remo, *A História tem um Sentido?* trad. Reginaldo de Piero. Bauru: EDUSC, 2001.

BOUCHER, David. *Texts in Context: Revisionist Methods for Studying the History of Ideas*. Dordrecht, Martius Nijhoff. 1985.

BOURDIEU, Pierre. *O campo intelectual: um mundo à parte*. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, p. 169-180, 1990.

BOWLER, Peter J. *Science for all: The Popularization of Science in Early Twentieth-Century Britain*. University of Chicago Press, 2009.

CARNEIRO, André. *Introdução ao Estudo da "Science-Fiction"*. Conselho Estadual de Cultura, São Paulo, 1967.

CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CHAKRABARTY, Dipesh. *O clima da história: quatro teses*. Sopro, n. 91, p. 4-22, 2013.

CHENG, John. *Astounding Wonder: Imagining science and science fiction in interwar America*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2012.

CLARESON, D. Thomas. The Cosmic Loneliness of Arthur C. Clarke. In: *Arthur Clarke*, ed. Joseph D. Olander e Martin Harry Greenberg. Nova York: Taplinger Publishing Co. 1977.

CLARKE, Arthur C. 2001: *Uma Odisseia no Espaço*. São Paulo: Aleph, 2013.

CLARKE, Arthur C. *Interplanetary Flight: An Introduction to Astronautics*. Berkley Books, 1985.

CLARKE, Arthur C. *O Fim da Infância*. São Paulo: Aleph, 2010.

CLARKE, Arthur C. Science fiction: preparation for the Age of Space. In: BRETNOR, Reginald (Ed.). *Modern science fiction*. Nova York: Coward-McCann, p. 197-220.1953.

CLARKE, Arthur C. *The Challenge of the Spaceship: Astronautics and its Impact upon Human Society*. Journal of the British Interplanetary Society 6, no. 3: 66–81. 1946.

CLARKE, Arthur C. *The sands of Mars*. Hachette UK, 2012.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum / Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

CONDÉ, Mauro L. *A gramática da história: Wittgenstein, a pragmática da linguagem e o conhecimento histórico*. *Intelligere*, (6), 10. pp. 1-10. 2018.

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Trad. Maria Manuela Rocha. 2ª ed. Lisboa/Oeiras: Celta Editora, 1999.

COUTINHO, A. M. M. A. *Ficção científica: narrativa do mundo contemporâneo*. *Revista de Letras (Taguatinga)*, v. 1, p. 15-26, 2007.

DISCH, Thomas. *The dreams our stuff is made of: how science fiction conquered the world*. Nova York: Touchstone, 2000.

DRAY, William H. *Filosofia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

DUNNETT, Oliver. *Imperialism, Technology and Tropicality in Arthur C Clarke's Geopolitics of Outer Space*. *Geopolitics*. 2019.

DUNNETT, Oliver. *Geopolitical Cultures of Outer Space: The British Interplanetary Society, 1933–1965*. *Geopolitics* 22, no. 2. 452-473. 2017.

ECO, Humberto. Os mundos da ficção científica. In: *Sobre espelhos e outros ensaios*. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FREEDMAN, Carl. *Critical theory and science fiction*. Wesleyan University Press, 2000.

GADDIS, John Lewis. *História da Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

GEPPERT, Alexander C. T. *Imagining Outer Space: European Astroculture in the Twentieth Century*. Nova York: Palgrave Macmillan. 2012.

GONÇALVES, José Henrique Rollo. A Concepção Binocular da História de Arnold Toynbee. In: LOPES, Marcos Antônio (Org.). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, p. 404-412, 2003.

GRAHAM, Keith. *How do Illocutionary Descriptions Explain?* In: J. Tully (ed.), *Meaning and Context: Quentin Skinner and his Critics*. Cambridge, Polity Press. 1988.

GUNN, James. Toward a definition of science fiction. In: CANDELARIA, Matthew; (Ed.). *Speculations on speculation*. Oxford: The Scarecrow Press, p. 5-12. 2005.

HEGEL, Friedrich. *Filosofia da História*. Brasília: UNB, 2008.

HOLLINGER, Veronica. *A History of the Future: Notes for an Archive*. *Science Fiction Studies*, v. 37, n. 1, p. 23-33, 2010.

IACHTECHEN, N. Fabio. *O Argonauta de Cronos: Estratos temporais em H. G. Wells historiador*. 2015. Tese (Doutorado em História) Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

JABLONKA, Ivan. *A história é uma literatura contemporânea: manifesto pelas ciências sociais*. Tradução: Verônica Galíndez. Editora UnB, 2021.

JAMESON, Fredric. *Archaeologies of the future: the desire called utopia and others science fictions*. London, New York: Verso, 2007.

JAMESON, Fredric. *Progress Versus Utopia: or Can We Imagine the Future?* *Science fiction studies*, p. 147-58. SF-TH Inc, 1982.

JAMESON, Fredric. *The Political Unconscious: Narrative as a Socially Symbolic Act*. Londres: Routledge, 1981.

KANT, Immanuel. *Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KERMODE, Frank. *The Sense of an Ending: Studies in the Theory of Fiction*. Nova York: Oxford UP, 1966.

KILGORE, De Witt Douglas. *Astrofuturism: Science, Race, and Visions of Utopia in Space*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2003.

KOSELLECK, Reinhart, *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Contraponto Editora, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira; revisão técnica de César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

KUMAR, Krishan. *The Return of Civilization—and of Arnold Toynbee?*. *Comparative Studies in Society and History*, v. 56, n. 4, p. 815-843, 2014.

LACAPRA, Dominick. *Retórica e história*. Revista Territórios e fronteiras, v. 6, n. 1, p. 97-119, 2013.

LANG, Michael. *Globalization and global history in Toynbee*. Journal of World History, p. 747-783, 2011.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARIGNY, J. *Relações entre a ciência e o irracional na literatura fantástica e na ficção científica anglo-saxônicas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

MCALEER, Neil. *Arthur C. Clarke: The Authorized Biography*. Chicago: Contemporary Books, 1992.

MACAULEY, William R. *Crafting the future: envisioning space exploration in post-war Britain*. History and Technology, v. 28, n. 3, p. 281-309, 2012.

MCCURDY, H.E. *Space and the American imagination*, 2nd ed. Baltimore: John Hopkins University Press. 2011.

MCDUGALL, W.A. *The Heavens and the Earth: A political history of the Space Age*. Baltimore: John Hopkins University Press. 1997.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Astronáutica, do sonho à realidade: história da conquista espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand. 1999.

NATALI, Marcos P. *A literatura em questão*. Diss. Tese (Livre-docência) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NUNES, Diogo Cesar. *Na Trilha do Não-Impossível: utopia, estranhamento e pitíe através da ficção científica*. Todas as Musas (versão impressa), v. 4, p. 77-90, 2012.

PARRINDER, Patrick. *Science fiction: Its Criticism and teaching*. Londres e Nova Yorke: Methuen, 1980.

PEREIRA, Marcel Cesar Julião; QUELUZ, Gilson Leandro. *Os Limites da Fundação de Isaac Asimov: Utopia e antiautoritarismo*. Literatura e Autoritarismo, n. 32, 2018.

PIASSI, L. P. C. *A perspectiva sociocultural da física nos romances de ficção científica de Arthur Clarke*. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 11, p. 205-226, 2011.

PIASSI, L. P. C. *Interfaces entre Fantasia e Ciência: um estudo semiótico do filme “2001: Uma odisséia no espaço” como modelo de interpretação em perspectiva educacional*. Tese de livre docência. Universidade de São Paulo (USP): São Paulo, 2012.

PINTO, G. A. *Divulgação científica como literatura e o ensino de ciências*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

POCOCK, John. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo, Edusp. 2003.

POOLE, Robert. *The Challenge of the Spaceship: Arthur C. Clarke and the History of the Future, 1930–1970*. History and Technology 28, no. 3, p. 255-80, 2012.

PROFETA, Guilherme A. *Elementos narrativos na ficção científica e a aplicabilidade da narração em textos de divulgação: um estudo baseado em 2001: uma odisséia no espaço*. 2017. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas.

RABKIN, E. *The Fantastic in Literature*. New Jersey: Princenton University, 1977.

REID, R. A. *Arthur C. Clarke: A Critical Companion*. Westport: Greenwood Press, 1997.

ROBERTS, Adam. *A verdadeira história da ficção científica: Do preconceito à conquista das massas*. São Paulo, Seoman. 2018.

ROBINSON, A. *Technology: He wrote the future*. Nature 541, 286-287, 2017.

RODRIGUES, H. E. *Luciano de Samósata e a escrita da história*. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 2, n. 3, p. 194–197, 2009.

ROGERS, Ben. *Philosophy for Historians: The Methodological Writings of Quentin Skinner*. History, vol. LXXV, pp. 262-271. 1990.

ROSEBURY, Brian. *Irrecoverable Intention and Literary Interpretation*. British Journal of Aesthetics, vol. 37, pp. 219-230. 1997.

ROSSI, Paolo. *Naufrágios sem espectador: a ideia de progresso*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

SAGE, Daniel. *How outer space made America: Geography, organization and the cosmic sublime*. Farnham: Ashgate. 2014.

SAMUELSON, David. *Childhood's End: A Median Stage of Adolescence?* in: Arthur C. Clarke, ed. Joseph D. Olander and Martin Harry Greenberg, Nova York: Taplinger Publishing Co. 1977.

SCHOLES, Robert. *Structural fabulation: an essay on fiction of the future*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1975.

SEGAL, Howard. *Technological Utopianism in American Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

SIRINELLI, Jean-François. "Os intelectuais." In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história do político*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SILVA, R. O. *Contextualismo linguístico na história do pensamento político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo*. Dados-Revista de Ciências Sociais, 53 (2), 299-335. 2010.

SOUZA, Carlos A. *Carl Sagan: a exploração e colonização de planetas-ficção científica, ciência e divulgação*. 2006. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

SKINNER, Quentin. Quentin Skinner. In: Pallares-Burke, Maria Lúcia. (Org.). *As muitas faces da história*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SKINNER, Quentin. *Hermeneutics and the Role of History*. New Literary History, vol. 8, pp. 209-232. 1975.

SKINNER, Quentin. *Meaning and Context: Quentin Skinner and his Critics*. Cambridge, Polity Press. 1988.

SKOGERBOE, D. S. *The Godfather of Satellites: Arthur C. Clarke and the Battle for Narrative Space in the Popular Culture of Spaceflight, 1945-1995*. 2020. Dissertação de Mestrado.

SUVIN, Darko. *Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre*. New Haven, CT: Yale University Press, 1979.

SUVIN, Darko. *Positions and presuppositions in science fiction*. Hong Kong: The Kent State University Press, 1988.

SWANWICK, Michael. A user's guide to the postmoderns. In: CANDELARIA, Matthew; GUNN, James (Eds.). *Speculations on speculation*. Oxford: The Scarecrow Press, p. 313-333. 2005.

TAVARES, Bráulio. *O que é Ficção Científica*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

TEIXEIRA, M. Marcel. *Leituras especulativas do mundo: ficção científica e discurso teórico-crítico*. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

TOYNBEE, Arnold J. *Um estudo da História*. Brasília: Martins Fontes, UNB. 1987.

TODOROV, Tzvetan. Tipologia do romance policial. In: *Poética da prosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 63-77.

VIEIRA, Carlos Eduardo. *Contextualismo linguístico: contexto histórico, pressupostos teóricos e contribuições para a escrita da história da educação*. Revista Brasileira de História da Educação, v. 17, n. 3 [46], p. 31-55, 2017.

WADE, John. *The Golden Age of Science Fiction: A Journey Into Space with 1950s Radio, Tv, Films, Comics and Books*. Inglaterra: Editora Pen and Sword History, 2019.

WALSH, W. H. *Introdução à Filosofia da História*. Trad. por Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

WESTFAHL, Gary. *Arthur C. Clarke: Modern Masters of Science Fiction*. Urbana: University of Illinois Press, 2018.